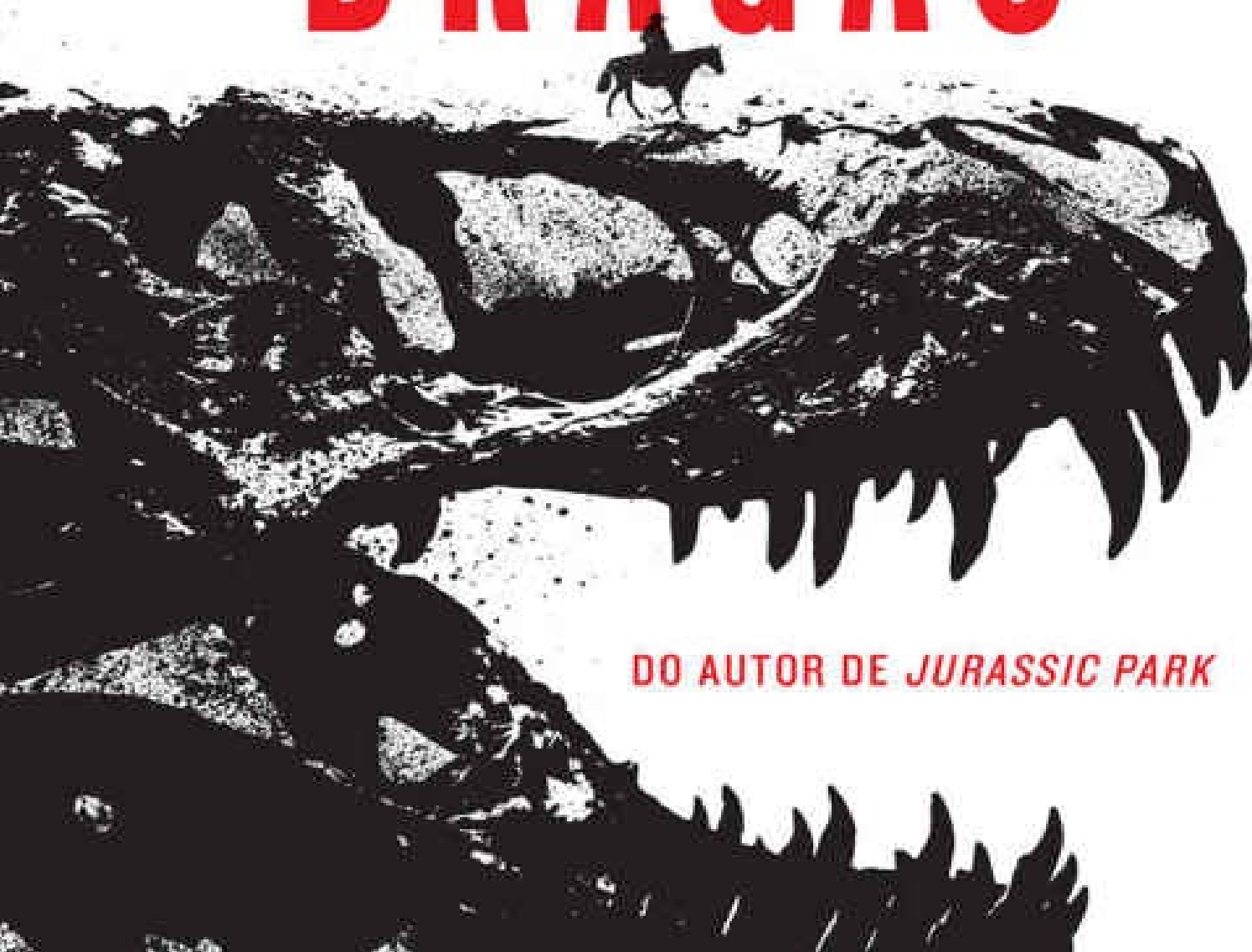


MICHAEL CRICHTON

DENTES DE DRAGÃO



DO AUTOR DE *JURASSIC PARK*



Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

DENTES DE DRAGÃO



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

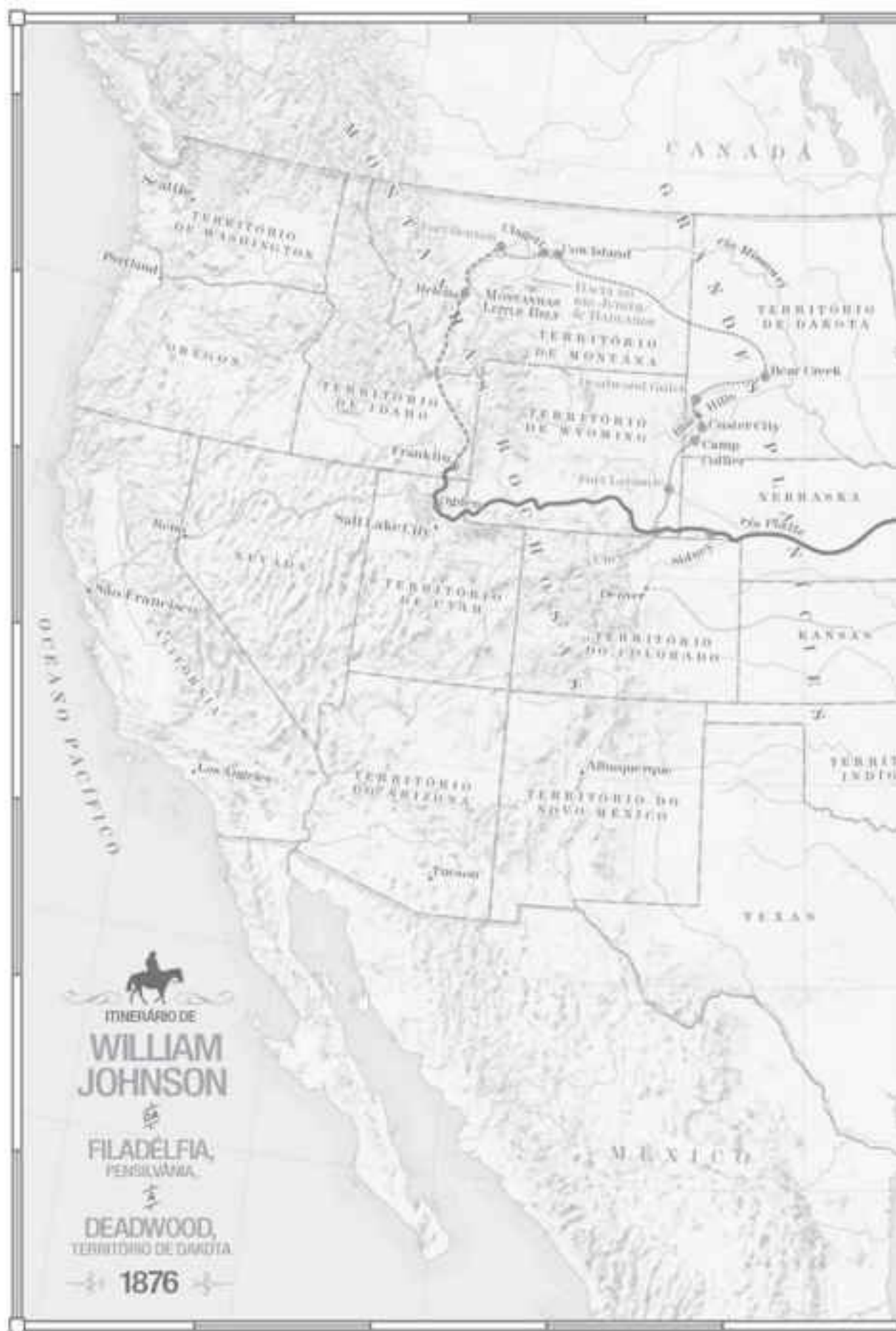
Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

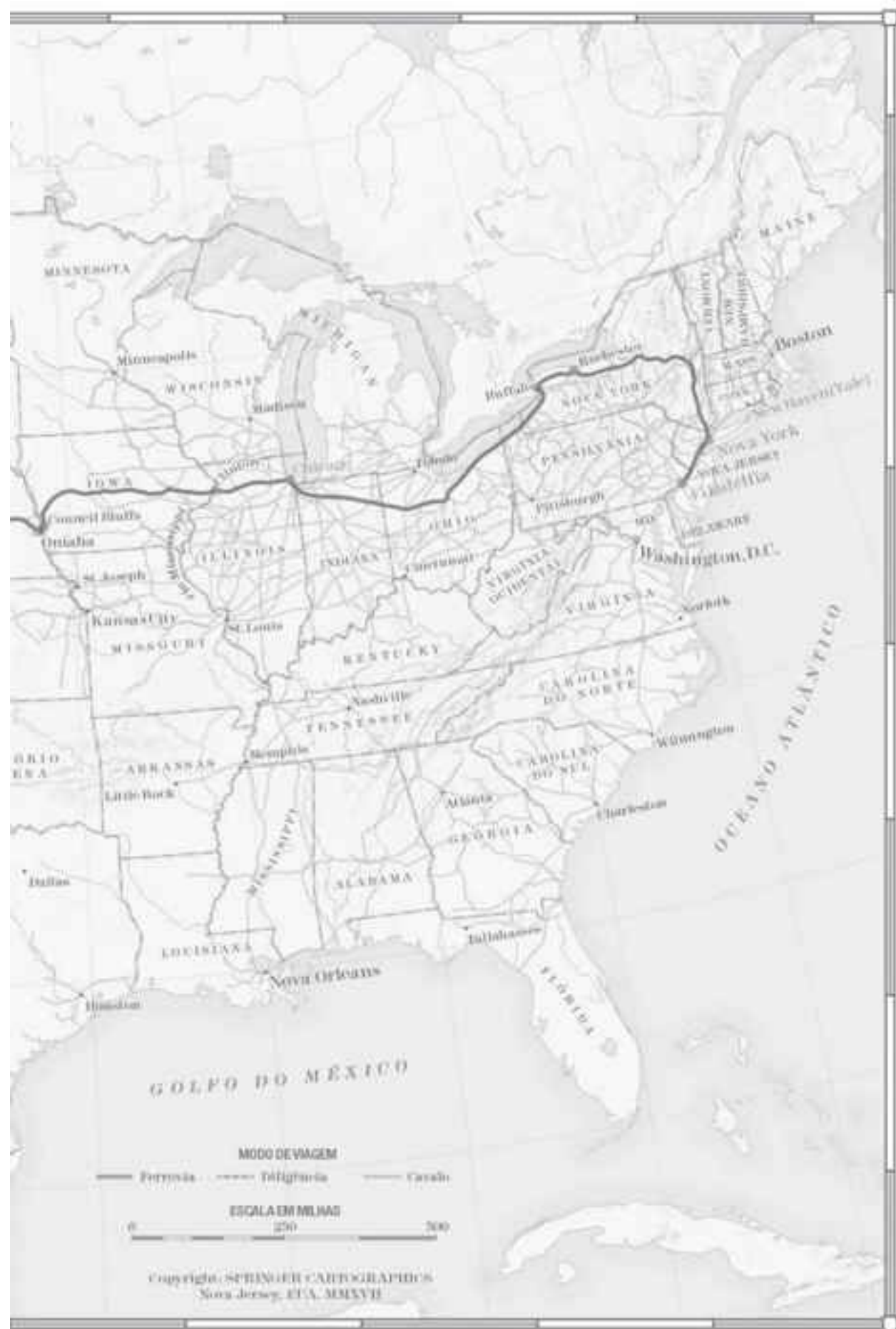
Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

MICHAEL CRICHTON
DENTES DE
DRAGÃO









Título original: *Dragon Teeth*
Copyright © 2017 by Crichton Sun LLC
Copyright da tradução © 2018 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicação feita mediante acordo com o autor. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Marcelo Mendes
preparo de originais: Magda Tebet
revisão: Marina Vargas e Suelen Lopes
diagramação: DTPPhoenix Editorial
capa: Will Staehle / Unusual Corporation
imagens de capa: Shutterstock
adaptação de capa: Gustavo Cardozo
foto do autor: © Jonathan Exle
adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C946d

Crichton, Michael
Dentes de dragão [recurso eletrônico]/ Michael Crichton; tradução de Marcelo Mendes. São Paulo:
Arqueiro, 2018.
recurso digital

Tradução de: Dragon Teeth
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-845-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Mendes, Marcelo. II. Título.

18-48216

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Introdução

Tal como se vê numa fotografia antiga, William Johnson é um rapaz bonito com um sorriso enviesado e pueril. Ele aparece recostado de modo displicente à fachada de um prédio gótico, como se posasse para um estudo sobre as posturas físicas da indiferença. É um sujeito alto, mas o tamanho parece irrelevante para o seu jeito de ser e de se apresentar ao mundo. No verso da foto está escrito: “New Haven, 1875”; aparentemente foi tirada à época em que Johnson deixou a casa dos pais para iniciar seus estudos no Yale College.

Em uma foto posterior (“Cheyenne, Wyoming, 1876”), ele aparece de um modo bem diferente: a boca está emoldurada por um respeitável bigode; o corpo ficou robusto, fortalecido pelo exercício; o queixo firme mostra determinação, assim como os ombros largos e as pernas afastadas – atoladas até as canelas na lama. Vê-se com bastante nitidez uma cicatriz estranha no lábio superior, que anos mais tarde ele afirmaria ser o resultado de um ataque indígena.

A história a seguir conta o que aconteceu entre uma foto e outra.

PELO ACESSO AOS DIÁRIOS e anotações de William Johnson, agradeço ao acervo patrimonial de W. J. T. Johnson e, em particular, a Emily Silliman, sobrinha-neta dele, que autorizou as inúmeras citações que fiz de materiais não publicados. (Muito do conteúdo fático dos relatos de Johnson chegou a ser divulgado no ano de 1890, durante as disputas autorais entre Cope e Marsh, tão ferrenhas que acabaram envolvendo o governo americano. Mas os textos propriamente ditos, ou excertos, nunca foram publicados, pelo menos até agora.)

PARTE I



A EXPEDIÇÃO PARA O OESTE

O jovem Johnson parte numa expedição para o Oeste

William Jason Tertullius Johnson, filho mais velho de Silas Johnson, um armador da Filadélfia, começou seus estudos no Yale College no outono de 1875. Segundo o diretor do seu colégio em Exeter, Johnson era “talentoso, bem-apessoado, atlético e competente”. Mas esse mesmo diretor também dizia que ele era “teimoso, preguiçoso e muito mimado, insensível a tudo que não tenha a ver com a satisfação de seus próprios desejos. A menos que encontre um objetivo na vida, corre o risco de resvalar para a indolência e o vício”.

Essas palavras poderiam ser usadas para descrever milhares de outros rapazes naquele fim de século nos Estados Unidos, jovens com pais dinâmicos e intimidantes, muito dinheiro no bolso e nenhum interesse especial que os ajudasse a passar o tempo.

William Johnson cumpriu fielmente as previsões do seu diretor durante o primeiro ano em Yale. Foi suspenso em novembro, depois de ser pego apostando, e de novo em fevereiro, após um incidente envolvendo muito álcool e a destruição de uma vitrine em New Haven. Silas Johnson pagou a conta. Apesar do comportamento delinquente, Johnson permanecia cortês e até mesmo um pouco tímido com as mulheres da sua idade, ainda que elas, apesar da criação severa, procurassem chamar sua atenção. Em todos os demais aspectos, no entanto, Johnson seguia impenitente. No início daquela primavera, numa tarde ensolarada, chegou a arruinar o iate do seu colega de quarto ao batê-lo num banco de pedra nas águas rasas do estuário de Long Island Sound. O barco afundou em questão de minutos. Por sorte, Johnson foi resgatado por uma traineira que passava por perto e, ao explicar o que acontecera, admitiu para o grupo de pescadores estarecidos que não se dera o trabalho de aprender a navegar porque isso teria

sido “terrivelmente maçante. Afinal de contas, pilotar um iate não pode ser tão difícil assim”. Confrontado pelo colega, reconheceu que não havia pedido permissão para usar o barco porque “não estava com paciência de ir procurá-lo”.

Depois de pagar pelo iate destruído, o pai de Johnson reclamou com os amigos que, naqueles dias, “custear a educação de um filho em Yale poderia levar uma pessoa à ruína”. O homem era o filho ajuizado de um imigrante escocês e fazia o possível para esconder os excessos dos próprios rebentos; nas cartas que escrevia para William, implorava que o jovem se emendasse, que tentasse encontrar um objetivo na vida. Mas William parecia satisfeito com a frivolidade de seus hábitos e, ao informar que pretendia passar o verão seguinte na Europa, ouviu do pai: “A simples perspectiva já me deixa financeiramente apavorado!”

Assim foi com espanto que a família recebeu a notícia de que William Johnson havia decidido, de repente, passar o verão de 1876 no Oeste do país. Johnson não dera nenhuma explicação a eles, mas, em Yale, seus amigos mais próximos sabiam de tudo: ele mudara de planos porque tinha feito uma aposta.

Em suas próprias palavras, tiradas do diário meticuloso que mantinha, ele diz:

É bem provável que cedo ou tarde todo mundo acabe encontrando um arquirrival na vida. Pois foi no primeiro ano de Yale que encontrei o meu. Harold Hannibal Marlin tinha a minha idade: 18 anos. Era bonitão, atlético, articulado, absurdamente rico e vinha de Nova York, que ele considerava superior à Filadélfia em todos os aspectos. Eu o achava insuportável, e ele pensava o mesmo de mim.

Marlin e eu competíamos em todas as arenas possíveis: na sala de aula, nas quadras de esportes, nas peças que pregávamos à noite no campus. Nada era importante se não servisse para alimentar nossa rivalidade. Vivíamos às turras, sempre tomando partidos contrários nas discussões.

Certa noite, durante o jantar, ele disse que o futuro do país estava no desenvolvimento do Oeste. E eu disse que não, que o futuro da nossa grande nação não podia estar numa área basicamente deserta, povoada por tribos de aborígenes selvagens.

Ele retrucou dizendo que eu não sabia do que falava porque nunca tinha estado lá. Esse era o meu ponto fraco: Marlin de fato conhecia o Oeste americano, pelo menos até Kansas City, onde morava seu irmão, e nunca perdia a oportunidade de expressar sua superioridade no que dizia respeito às viagens.

Eu nunca encontrava o que dizer para refutar.

– Ir para o Oeste não é façanha nenhuma. Qualquer palerma pode ir – arrisquei.

– Mas nem todos os palermas foram. Você, pelo menos, não foi.

– Porque nunca quis.

– Vou lhe dizer o que acho – falou Hannibal Marlin, olhando à sua volta para ver se os outros estavam escutando. – Acho que você morre de medo.

– Isso é um absurdo.

– Ah, sim. Viagenzinhas para a Europa são mais do seu feitio.

– Europa? Europa é coisa de velho, de professores babões.

– Aposto que você vai passar o verão na Europa, provavelmente levando um para-sol a tiracolo.

– Pode até ser que sim, mas isso não significa que...

– Ah! Não falei? – disse Marlin, dirigindo-se aos outros em torno da mesa. – Você tem medo! Tem medo! – insistiu, abrindo um sorrisinho de superioridade que me deixou furioso.

Não tive escolha.

– Na realidade – falei com toda a calma –, até já me decidi. É para o Oeste que vou nesse verão.

Foi o que bastou para apagar do seu rosto aquele sorriso irritante.

– Ah, é?

– Exatamente. Vou com o professor Marsh. Todo verão ele leva um grupo de alunos.

Na semana anterior havia circulado um anúncio no jornal da faculdade, do qual eu tinha apenas uma vaga lembrança.

– Com o Marsh? O velho e gorducho Marsh? O professor de ossos?

– Ele mesmo.

– Pelo que sei, é extremamente criterioso ao selecionar quem vai levar nessas viagens e depois trata todo mundo como um carrasco. Isso não faz muito o seu estilo, Johnson. – Desconfiado, ele perguntou:

– Quando vocês partem?

– Ele ainda não marcou a data.

Marlin riu e disse:

– Você não vai viajar com Marsh coisa nenhuma; provavelmente nem conhece o homem.

– Vou, sim.

– Não vai.

– Pode acreditar, já está tudo decidido.

Marlin suspirou daquele seu jeito condescendente.

– Tenho aqui mil dólares dizendo que você não vai.

Com essa declaração, todos que estavam à mesa voltaram os olhos para ele, que tornou a ser o centro das atenções. Mil dólares era muito dinheiro em 1876, mesmo entre os rapazes mais ricos.

– Mil dólares dizendo que você não vai a lugar algum com o professor Marsh neste verão – repetiu.

– O cavalheiro acabou de firmar uma aposta – falei.

E naquele momento me dei conta de que seria obrigado a passar o verão inteiro na companhia de um professor que todos consideravam doido, catando ossos velhos em algum deserto escaldante e horroroso.

Marsh

O gabinete do professor Marsh ficava no prédio do Peabody Museum, no campus de Yale. Sobre o verde da porta pesada, letras brancas informavam: PROF. O. C. MARSH. VISITAS APENAS COM HORA MARCADA.

Johnson bateu uma primeira vez. Não obteve resposta, então tornou a bater.

– Vá embora!

Bateu uma terceira vez.

Uma pequena fresta se abriu e um olho apareceu pela porta entreaberta.

– O que você quer?

– Eu gostaria de falar com o professor Marsh.

– Mas será que ele quer falar com você? – perguntou o olho. – Duvido muito.

– Vim por causa deste anúncio – disse Johnson, erguendo o jornal da semana anterior.

– Sinto muito, chegou tarde demais. As vagas já foram preenchidas.

A fresta foi fechada abruptamente.

Johnson não estava acostumado a ser rejeitado, e isso não ia acontecer justamente agora, quando se tratava de uma viagem estúpida da qual ele nem havia pensado em participar. Furioso, chutou a porta e voltou os olhos para o vaivém dos coches na Whitney Avenue. Mas, com a reputação em jogo, mais os mil dólares, procurou se controlar e com muita educação bateu à porta outra vez.

– Desculpe, professor Marsh, mas preciso ir nesta viagem para o Oeste com o senhor.

– Meu jovem, o que você precisa fazer é ir embora. Vá logo.

– Por favor, professor! Por favor, me deixe participar da sua expedição! – suplicou. Preferiria morrer a ter que se humilhar diante de Marlin. Com a garganta apertada e os olhos

molhados, falou: – Por favor, me escute, senhor. Vou fazer tudo que o senhor mandar. Posso até levar o meu próprio equipamento.

A fresta se abriu novamente, e o olho disse:

– Rapaz, todos levam o próprio equipamento e todos fazem o que eu mando. Menos você, que está se submetendo a este espetáculo nada viril. Agora suma daqui!

– Por favor, professor, o senhor precisa me levar.

– Se queria tanto ir, deveria ter respondido ao anúncio na semana passada, como os demais. Trinta pessoas se apresentaram como candidatas na semana passada, e agora já selecionamos todo mundo, a não ser... Você, por acaso, não é fotógrafo, é?

Johnson viu a oportunidade e tratou de agarrá-la.

– Fotógrafo? Sou, sim, senhor! Por acaso, sou!

– Ótimo! Por que não falou antes? Entre.

A porta se escancarou e só então Johnson pôde colocar os olhos na figura avantajada, impositiva e solene de Othniel C. Marsh, o primeiro professor de paleontologia de Yale. De estatura mediana, o homem parecia gozar de uma adiposa e robusta saúde.

Johnson foi conduzido para o interior poeirento da sala. O sol cortava a penumbra em grandes colunas, como nas catedrais. No espaço cavernoso, homens de jaleco branco debruçavam-se sobre grandes blocos de pedra, trabalhando com muito cuidado enquanto destacavam os ossos com pequenos cinzéis, volta e meia limpando o pó com uma escovinha. Num canto distante, um gigantesco esqueleto estava sendo montado, assomando na direção do teto.

– *Giganthopus marshiensis*, a maior das minhas conquistas – disse Marsh, apontando o queixo para a titânica criatura de ossos. – Bem, pelo menos até agora. Encontrei em 1874, em Wyoming. Não sei por que, mas sempre penso nela como uma fêmea. Qual é o seu nome?

– William Johnson, senhor.

– Seu pai, ele trabalha com quê?

– Construção naval, senhor – respondeu Johnson, tossindo por causa da poeira espessa que pairava à sua volta.

Marsh olhou para ele, desconfiado.

– Está doente, Johnson?

– Não, senhor. Estou muito bem.

– Não posso ter doentes por perto.

– Minha saúde é excelente, senhor.

Marsh não se deu por convencido.

– Quantos anos você tem, Johnson?

– Dezoito, senhor.

– E é fotógrafo desde quando?

– Fotógrafo, eu? Ah, hmm... desde muito cedo, senhor. Meu... Meu pai gostava de tirar fotos, foi com ele que aprendi, senhor.

– Tem o seu próprio equipamento?

– Sim! Quero dizer... não, senhor. Mas posso conseguir. Com o meu pai, senhor.

– Você está nervoso, Johnson. Por que será?

– Estou ansioso para viajar com o senhor, só isso.

– Ansioso – repetiu Marsh, examinando Johnson como se ele fosse mais um dos seus espécimes desconhecidos.

Desconcertado, Johnson arriscou um elogio:

– Já ouvi muitas coisas empolgantes a seu respeito, senhor.

– Ouviu, é? Como o que, por exemplo?

Johnson hesitou. Na realidade, ouvira apenas que Marsh era um homem determinado e obsessivo, que devia sua cátedra não só ao interesse maníaco que tinha por ossos fossilizados, mas também ao tio, o famoso filantropo George Peabody, que financiara a construção do Peabody Museum e também a docência do sobrinho e todas as expedições que ele havia feito até então para o Oeste do país.

– Todos que já tiveram a oportunidade de acompanhá-lo, senhor, dizem que é um grande privilégio e uma grande aventura.

Marsh ficou calado por um tempo, depois disse:

– Não gosto de elogios nem de bajulação. Tampouco gosto de ser chamado de “senhor”. Pode me chamar de “professor”. Quanto ao privilégio e à aventura, o que tenho a oferecer é trabalho duro. Muito trabalho e bastante duro. Mas uma coisa eu garanto: todos os meus alunos sobreviveram. E então... por que quer tanto ir comigo?

– Motivos pessoais, senh... professor.

– Todos os motivos são pessoais, Johnson. Quero saber quais são os seus.

– Bem, professor, sou muito interessado no estudo dos fósseis.

– Interessado? Você disse que é interessado? – Apontando para o espaço à sua volta, Marsh falou: – Meu rapaz, estes fósseis não querem saber apenas de interesse. Querem paixão, compromisso, fervor religioso e curiosidade científica, querem discursos e debates acalorados! Interesse é muito pouco. Muito pouco mesmo, desculpe.

Johnson chegou a temer que tivesse perdido sua oportunidade com a resposta infeliz que dera. No entanto, numa rápida guinada, Marsh sorriu.

– Não importa. Preciso de um fotógrafo, e você pode vir comigo – disse, estendendo a mão. O rapaz a apertou e ele perguntou: – De onde você é, Johnson?

– Filadélfia.

A menção à cidade teve um efeito extraordinário sobre o professor. Soltando a mão de Johnson, ele deu um passo atrás e exclamou:

- Filadélfia! Você... é da Filadélfia?
- Sim, senhor. Algum problema com a Filadélfia?
- Não me chame de “senhor”! E o seu pai é do setor naval?
- Sim.

Marsh ficou roxo, estremeceu de raiva.

- Imagino que você seja um quacre também! Não é? Um quacre da Filadélfia?
- Não. Na realidade, sou metodista.
- Não é mais ou menos a mesma coisa?
- Acredito que não.
- Mas você mora na mesma cidade que ele.
- Ele quem?

Marsh emudeceu, franziu as sobrancelhas e ficou olhando para o chão. Depois, num dos seus repentes, empertigou o corpanzil. Para alguém com uma pança tão grande, era surpreendentemente ágil e atlético.

– Deixe para lá – disse ele, voltando a sorrir. – Apesar do que dizem por aí, não tenho nenhuma rixa com nenhum residente da Filadélfia, a Cidade do Amor Fraternal. Mas imagino que você esteja se perguntando onde vamos caçar nossos fósseis no próximo verão.

Johnson não estava se perguntando coisa alguma, mas, para dar mostras do seu interesse, falou:

- Confesso que estou um pouco curioso, sim.
- Foi o que pensei, foi o que pensei... Acontece que é segredo – sussurrou Marsh, inclinando-se na direção dele. – Está entendendo? É um segredo só meu! E continuará sendo até embarcarmos no trem que nos levará para o outro lado do país. Fui claro? *Fui claro?*

Johnson recuou um passo, assustado com a veemência do homem.

- Foi, professor.
- Ótimo. Se seus pais quiserem saber para onde você está indo, diga que é para o Colorado. O que não é verdade, pois não vamos para o Colorado este ano. Mas não importa, já que você ficará incomunicável e o Colorado é um lugar maravilhoso para onde *não* ir. Entendido?

- Entendido, professor.
- Ótimo. Pois bem: no dia 14 de junho pegaremos o trem no Grand Central Depot de Nova York. No dia 1º de setembro, no mais tardar, retornaremos para a mesma estação. Amanhã, procure o secretário do museu e ele lhe passará a lista das provisões que você deverá levar; no seu caso, a lista de equipamentos fotográficos também. Seu material deverá ser suficiente para cem chapas. Alguma pergunta?

- Não, senhor. Não, professor.
 - Então nos vemos na plataforma no dia 14, Sr. Johnson.
- O jovem apertou a mão úmida e fria que Marsh lhe estendeu.

– Obrigado, professor – disse, virando-se para sair.

– Opa, opa, opa! Aonde pensa que está indo?

– Embora.

– Sozinho?

– Conheço o caminho, já que...

– Ninguém, Johnson, tem permissão para se deslocar neste recinto sem a companhia de um funcionário. Não sou idiota. Sei muito bem dos espões que andam por aí, loucos para dar uma olhada nos meus últimos rascunhos, nos últimos ossos escavados. O Sr. Gall, meu assistente, o acompanhará até a porta.

Ao ouvir seu nome, um sujeito miúdo e magricela, embrulhado num jaleco, deixou de lado o cinzel com o qual trabalhava e se encaminhou com Johnson para a porta.

– Ele é sempre assim? – sussurrou Johnson.

– O dia está lindo – respondeu Gall, abrindo um sorriso. – Até mais ver.

E então William Johnson saiu para a rua.

Aprendendo a fotografar

Johnson só pensava em se ver livre da sua aposta e da iminente expedição. Estava convencido de que Marsh era um grande lunático, talvez até um homem perigoso. Decidiu então marcar outro encontro com Marlin para dar um jeito de escapar da situação.

Mas naquela mesma noite, para seu horror, ficou sabendo que a maldita aposta tinha ficado famosa. Todos no campus sabiam dela. Durante o jantar, as pessoas vinham à sua mesa para falar do assunto, fazendo algum comentário rápido ou uma piada. Recuar agora seria impossível.

Ele se deu conta de que não havia saída.

No dia seguinte, foi até a loja do Sr. Carlton Lewis, um fotógrafo local, e acertou um pacote de vinte aulas pela quantia absurda de cinquenta dólares. O homem ficou encantado com seu novo aluno; geralmente não eram os ricos que se interessavam pela fotografia, mas sim aqueles que, sem capital para investir em negócios de maior prestígio, buscavam algo que os ajudasse a ganhar o pão de cada dia. Até mesmo Mathew Brady, o mais célebre dos fotógrafos do seu tempo, o grande cronista da Guerra Civil, que fotografava presidentes e estadistas, costumava ser tratado como um simples criado pelos figurões que posavam para suas lentes.

Mas Johnson era persistente e em algumas semanas aprendeu as técnicas daquele novo meio de registrar as coisas, um artefato trazido da França quarenta anos antes pelo telegrafista Samuel Morse.

O processo em voga na época era o da “placa úmida”: num quarto ou numa tenda escura, diversos produtos químicos eram misturados para produzir uma emulsão gelatinosa, sensível à

luz; em seguida, placas de vidro eram recobertas com essa emulsão, levadas rapidamente para a câmera e expostas à cena, ainda molhadas. Era necessária certa habilidade para preparar uma cobertura homogênea e usá-la antes da secagem; o processo de revelação era comparativamente mais simples.

Johnson teve dificuldade para aprender. Não conseguia realizar as etapas com a rapidez necessária e com a desenvoltura de seu professor. Suas primeiras emulsões ficavam espessas ou ralas demais, úmidas ou secas demais; as placas tinham bolhas e diferenças de densidade, dando um ar amadorístico ao resultado final. Ele odiava o espaço diminuto e a escuridão da tenda, bem como as substâncias químicas pestilentas que irritavam os olhos, encardiam os dedos e queimavam as roupas. Odiava, acima de tudo, não estar conseguindo dominar a coisa com a facilidade prevista. E odiava também o Sr. Lewis, que tendia a filosofar.

– Você acha que tudo deve ser fácil só porque é rico – disse o fotógrafo certa vez, rindo dos palavrões que seu aluno deixara escapar ao meter os pés pelas mãos. – Mas estas placas não querem saber se você é rico ou pobre. Nem os produtos químicos. Nem a lente. Se quiser aprender alguma coisa, antes de mais nada terá que aprender a ser um pouco mais paciente.

– Não me amole – rebateu Johnson, irritado com o ar de superioridade daquele sujeito que, afinal de contas, não passava de um comerciante de escolaridade precária.

– O problema não sou eu – falou Lewis com serenidade. – O problema é você. Agora pare de resmungar e tente outra vez.

Johnson rangeu os dentes e cuspiu baixinho um palavrão.

Mas com o tempo ele foi melhorando. Lá pelo fim de abril, suas placas já estavam com a densidade uniforme e ele já trabalhava com rapidez suficiente para conseguir boas exposições. Suas fotos estavam límpidas, nítidas. Satisfeito, ele as mostrou ao professor, que disse:

– Está satisfeito com o quê? Estas fotografias estão um lixo.

– Um lixo? Estão perfeitas!

– Tecnicamente perfeitas – reconheceu Lewis, dando de ombros. – Isto significa apenas que você já sabe o bastante para começar a aprender algo sobre fotografia. Aliás, foi para isso que me procurou, não foi?

Então Lewis lhe ensinou os segredos e artimanhas do tempo de exposição, da abertura, da distância focal, da profundidade de campo. Johnson ficou desesperado: era muita coisa para aprender.

– Para os retratos, use a abertura máxima da lente, mas com um tempo curto de exposição, pois isso dá às chapas uma suavidade que cai bem aos retratados. Já no caso das paisagens, prefira as aberturas menores e os tempos de exposição maiores, pois as pessoas gostam de ver uma paisagem igualmente nítida tanto de perto quanto de longe.

Johnson aprendeu a variar os contrastes com mudanças na exposição e no tempo de revelação; aprendeu a posicionar de modo correto os objetos retratados em relação à luz;

aprendeu a alterar a composição das emulsões de acordo com a claridade do dia. Trabalhava com afinco, fazia anotações detalhadas em seu diário. Mas também fazia reclamações: “Não suporto o sujeito.” E por vezes acrescentava: “Porém não vejo a hora de ouvi-lo dizer que finalmente aprendi a arte de fotografar.” No entanto, mesmo nesse tipo de comentário, percebia-se certa mudança na atitude de Johnson: ele não era mais aquela pessoa presunçosa que meses antes achava que não precisava aprender a pilotar um iate.

No início de maio, Lewis ergueu uma das placas do aluno contra a luz, examinou-a com uma lupa, depois virou-se para ele e declarou:

– Esta chapa está quase aceitável. Você fez um bom trabalho.

Johnson ficou exultante. No seu diário, escreveu: “Quase aceitável! Quase aceitável! As palavras mais doces que já adentraram meus ouvidos!”

O comportamento de Johnson de fato estava mudando: aos poucos ele começava a ver com olhos mais generosos a expedição em que se metera.

Ainda encaro estes três meses no Oeste como três meses de frequência obrigatória a uma temporada de ópera alemã. Mas devo admitir que, à medida que vai se aproximando o dia da partida, vou ficando mais empolgado. Já adquiri todos os itens da lista que recebi do secretário do museu, inclusive uma faca Bowie, um revólver Smith & Wesson de seis disparos, uma espingarda calibre .50, um par de botas de montaria e um martelo de geólogo. Meu entusiasmo cresce a cada compra. Dominei razoavelmente bem as técnicas da fotografia; comprei mais de trinta quilos de produtos químicos e equipamentos, além de cem placas de vidro. Em suma, estou pronto para partir.

Tenho apenas um único obstáculo pela frente: minha família. Preciso voltar à Filadélfia e contar a eles.

Filadélfia

A Filadélfia era a cidade mais movimentada do país naquele mês de maio; faltava pouco para que transbordasse com a multidão de visitantes que fora para a Centennial Exposition de 1876. A empolgação que cercava as festividades do centenário da nação era quase palpável. Vagando pelos gigantescos estandes da exposição, Johnson podia ver tudo que vinha maravilhando o resto do mundo: o motor a vapor de George Henry Corliss, as estufas com amostras agrícolas de todos os estados e territórios americanos, as últimas invenções de que todos falavam.

A grande novidade era a possibilidade de usar a eletricidade como fonte de alimentação de máquinas e engenhocas de toda espécie. Havia até quem dissesse que as ruas passariam a ser iluminadas à noite com o uso da luz elétrica: ao que parecia, Edison encontraria uma solução no prazo de um ano. Entre tantas maravilhas previstas com a chegada da eletricidade, a mais curiosa parecia ser aquela que estavam chamando de “telefone”.

Todos na exposição viam a esquisitice, mas poucos achavam que teria alguma utilidade. Entre eles estava Johnson. Numa página de seu diário, escreveu: “Já temos o telégrafo para quem quiser se comunicar. As vantagens adicionais da comunicação vocal à distância ainda não estão muito claras. Talvez no futuro algumas pessoas possam querer ouvir a voz dos outros quando estiverem longe, mas decerto não serão muitas. Quanto a mim, penso que o telefone do Sr. Bell não passa de uma curiosidade inútil, fadada ao insucesso.”

Apesar da grandiosidade da feira e da horda de visitantes, nem tudo ia bem no país. Era ano de eleição, e a política estava presente em todas as conversas. O presidente Ulysses S. Grant fora convidado para cortar a fita inaugural do evento, mas o diminuto general não era mais tão popular quanto antes; escândalos e denúncias de corrupção eram a marca do seu

governo, e os excessos dos especuladores no mercado financeiro haviam afundado o país numa de suas crises mais graves. Milhares de investidores tinham perdido tudo em Wall Street; no Oeste, muitos agricultores se viram arruinados não só pela queda brusca dos preços, mas também pelo rigor dos invernos e pelas pragas de gafanhoto; a retomada das Guerras Indígenas nos territórios de Montana, Dakota e Wyoming dava à situação do país um aspecto ainda mais preocupante, pelo menos aos olhos dos jornais do Leste, e tanto o partido Democrata quanto o Republicano, em suas respectivas campanhas, vinham prometendo reformas.

Mas para um rapaz jovem – e rico – como Johnson, todas essas notícias, tanto as boas quanto as ruins, não passavam de um interessante cenário para a grande aventura que ele estava prestes a empreender. “Gostei muito do que vi nesta maravilhosa exposição”, escreveu, “porém, para falar a verdade, achei tudo civilizado demais, até mesmo cansativo. Eu só tinha olhos para o meu próprio futuro, para as Grandes Planícies que seriam o meu destino no próximo verão. Isto é, se meus pais me deixassem ir.”

OS JOHNSONS HABITAVAM uma das mansões que ficavam em frente à Rittenhouse Square. A única casa em que William morara na vida: decoração elegante e formal, um criado atrás de cada porta. Ele decidiu falar com os pais certa manhã, durante o café. Pensando em retrospecto, achou a reação deles absolutamente previsível.

– Ora, querido! Que motivos teria alguém para ir a um fim de mundo desses? – perguntou a mãe, passando manteiga no pão.

– Acho a ideia fabulosa – disse o pai. – Excelente.

– Mas você acha seguro, William? Há o problema com os índios por lá.

– Melhor ainda – falou Edward, o irmão mais novo, à época com 14 anos. – Quem sabe não escarpelam ele?

Edward sempre dizia coisas assim, mas ninguém lhe dava atenção.

– Não vejo que atrativo isso pode ter – insistiu a mãe, aflita. – Por que escolheu esse lugar, meu filho? Não faz sentido. Por que não a Europa? Ou algum local culturalmente estimulante e... seguro?

– Quanto à segurança dele, você não precisa se preocupar – declarou o pai. – Hoje mesmo o *Inquirer* noticiou um levante dos sioux nas Dakotas. Mandaram Custer em pessoa para subjugar-los. Não vai sobrar ninguém de pé.

– Fico arrepiada só de imaginar você sendo devorado pelos índios... – falou a mãe.

– Escarpelado – corrigiu Edward. – Eles arrancam todo o couro cabeludo da pessoa. Depois de a matarem a pauladas, claro. Mas tem vezes que a pessoa ainda não está morta, então sente a faca cortando o couro cabeludo até as sobrancelhas...

– Agora não, Edward. Estamos à mesa.

– Você é nojento, Edward – disse Eliza, a irmã de 10 anos. – Tenho até vontade de vomitar.

– Eliza!

– Mas é verdade, mamãe! Esse garoto é uma criatura irritante.

– Qual é o destino exato do professor Marsh, filho? – quis saber o pai.

– Colorado.

– Isso não fica perto das Dakotas? – perguntou a mãe.

– Não muito.

– Puxa, mãe, você não sabe de nada, não é? – disse Edward.

– Tem índios no Colorado também?

– Tem índios em todo lugar, mãe.

– Não foi a você que perguntei, Edward.

– Acho que os índios do Colorado não são hostis – interveio o pai. – Dizem que é um lugar muito bonito. E árido.

– Dizem que é um deserto – emendou a mãe. – E terrivelmente inóspito. Em que tipo de hotel vocês vão ficar?

– Na maior parte do tempo, vamos acampar.

– Ótimo – falou o pai. – Ar fresco e exercício. Revigorante.

– Vocês pretendem dormir no chão, no meio das cobras, dos insetos e dos animais selvagens? – perguntou a mãe. – Isso é horrível!

– Pelo contrário – replicou o pai. – Um verão a céu aberto pode ser muito bom nesta idade. Por acaso você nunca ouviu falar dos garotos de hoje que ficam doentes e são despachados para um “tratamento de *camping*”?

– Acho que sim, mas... Acontece que o nosso filho não está doente. Por que você quer ir, William?

– Acho que já é tempo de tomar um rumo na vida – respondeu ele, surpreso com a própria sinceridade.

– Muito bem, filho – disse o pai, batendo com o punho na mesa.

No fim das contas, por mais preocupada que estivesse, a mãe acabou concordando. Johnson via os medos dela apenas como tolices de uma mãe zelosa, e com isso se sentia ainda mais orgulhoso da própria valentia, ainda mais animado com a viagem.

Pensaria de outra forma se soubesse que, no fim daquele verão, ela seria informada da morte do seu primogênito.

“Pronto para escavar em nome de Yale?”

O trem partiria das dependências cavernosas do Grand Central Depot de Nova York às oito horas da noite. A caminho da plataforma, Johnson passou por diversas moças bonitas acompanhadas das famílias, mas não se sentiu motivado a retribuir o olhar curioso que elas lançavam em sua direção. Precisava encontrar o grupo da expedição: os doze alunos de Yale mais os dois assistentes do professor Marsh – o Sr. Gall e o Sr. Bellows.

Marsh chegara cedo e agora andava próximo aos vagões, lançando a todos o mesmo cumprimento:

– Então, pronto para escavar em nome de Yale?

Em geral, era um homem taciturno e desconfiado, mas ali se mostrava bem mais expansivo e simpático. Selecionara alunos que vinham de famílias importantes e ricas, e muitas delas estavam presentes para se despedir dos seus rebentos queridos.

Marsh tinha plena consciência de que estava atuando como guia turístico para os filhos daquele bando de endinheirados que, mais tarde, talvez ficassem gratos por sua contribuição na transformação dos moleques em homens de verdade. Sabia também que, diante da oposição de muitos clérigos e teólogos à natureza pagã da paleontologia, todo o dinheiro investido em pesquisas nessa área vinha de patrocinadores da sociedade laica, entre eles o seu tio milionário George Peabody. Em Nova York, o novo Museu de História Natural do Central Park acabara de ser apadrinhado por outros self-made men, gente como Andrew Carnegie, J. Pierpont Morgan e Marshall Field.

Os religiosos procuravam desacreditar a doutrina da evolução com a mesma veemência com a qual os empresários ricos procuravam defendê-la. No princípio da “sobrevivência do mais forte”, eles viam uma justificativa nova e com respaldo científico para o próprio sucesso,

bem como para o seu modo de vida muitas vezes inescrupuloso. Afinal de contas, era o grande Charles Lyell, amigo e precursor de Charles Darwin, quem vivia dizendo: “Na luta universal pela existência, cedo ou tarde prevalece o direito dos mais fortes.”

Pois eram os filhos destes homens que cercavam Marsh naquela plataforma. O professor costumava dizer a Bellows que as tais despedidas em Nova York eram “a parte mais produtiva” das suas expedições, e decerto era nisso que ele pensava quando recebeu Johnson com o usual “Então, pronto para escavar em nome de Yale?”.

Diversos carregadores se apresentaram para levar e acomodar as grandes caixas com equipamento fotográfico de Johnson. Marsh olhou à sua volta e perguntou:

– Onde está sua família?

– Na Filadélfia, senh... professor.

– Seu pai não veio se despedir?

Marsh lembrou que o pai do rapaz era do setor naval. Não sabia muita coisa a respeito do assunto, mas podia apostar que se tratava de uma atividade bastante lucrativa e de muitos ardis. Fortunas eram construídas todos os dias neste ramo.

– Papai se despediu de mim na Filadélfia.

– É mesmo? De modo geral as famílias gostam de me conhecer pessoalmente, para ter uma ideia melhor da expedição...

– Imagino que sim. É que... Bem, eles acharam que vir aqui seria uma... uma angústia para minha mãe. Ela ainda não aprova por completo.

– Sua mãe não aprova? – Marsh não conseguiu disfarçar a inquietação no tom de voz. – Não aprova o quê? Espero que não seja o chefe da expedição.

– Não, claro que não. O problema dela é com os índios, professor. Não queria que eu fosse para o Oeste porque morre de medo dos índios.

Marsh bufou e disse:

– Pelo visto ela não sabe nada a meu respeito. Sou muito respeitado justamente pela relação cordial que tenho com os peles-vermelhas. Não vamos ter problemas com os índios. Fique tranquilo.

Mas a situação não era de todo satisfatória para Marsh, que em seguida procurou Bellows e cochichou no ouvido dele, dizendo que Johnson parecia “mais velho que os outros”, suspeitando até que ele não fosse aluno da universidade.

– E o pai é do setor naval – acrescentou. – Acho que não preciso dizer mais nada.

Por fim a locomotiva apitou, fizeram-se as últimas despedidas e o trem partiu da estação.

MARSH HAVIA PROVIDENCIADO para que eles viajassem num vagão privativo, patrocinado por ninguém menos do que Cornelius Vanderbilt, o Comodoro, já com os cabelos brancos e a

pouca saúde de um senhor de 82 anos. Esse era apenas um dos muitos confortos que o professor arranjava para a viagem, graças aos inúmeros contatos que tinha com militares, políticos e grandes industriais como Vanderbilt.

No seu auge, o Comodoro bronco e grandalhão, famoso pelos casacos de pele que usava tanto no inverno quanto no verão, era admirado por toda Nova York. Com sua ambição feroz e inconsequente, e a língua sem freios, este filho de camponeses holandeses, que aos 11 anos abandonara a escola para trabalhar com o pai nas balsas da sua Staten Island natal, acabara controlando todas as linhas da marinha mercante, desde Nova York até São Francisco; a certa altura, passara a se interessar pelas linhas ferroviárias também, expandindo as rotas da sua poderosa companhia, a New York Central, até o coração da florescente Chicago. Fazia a festa dos jornais, mesmo nos momentos de derrota; ao perder para Jay Gould o controle da Erie Railroad, anunciou: “Esta guerra pela Erie me ensinou uma coisa: não vale a pena chutar um gambá.” E entraria para a história por conta de uma reclamação feita certa vez aos seus advogados: “Que me importa a lei? Tenho poder, não tenho?”

Com o passar dos anos, Vanderbilt foi ficando cada vez mais excêntrico, buscando a companhia de videntes, aconselhando-se com os mortos quando se via em algum apuro profissional, perseguindo mocinhas apesar do apoio que dava às feministas, inclusive à aguerrida Victoria Woodhull.

Dias antes, os jornais de Nova York haviam estampado a manchete “VANDERBILT À BEIRA DA MORTE!”, obrigando o velho a se levantar da cama para berrar com os repórteres: “Não estou morrendo! E, mesmo que estivesse, ainda teria força suficiente para fazer cada um de vocês engolir essa mentira indecente!” Pelo menos foi isso que contaram os jornalistas, embora todos soubessem que o vocabulário do Comodoro era bem menos apropriado.

Os vagões de Vanderbilt eram a última palavra em termos de elegância e modernidade, com suas luminárias Tiffany, seus serviços de porcelana e cristal e, sobretudo, seus vagões-dormitórios, a grande novidade criada pelo brilhante George Pullman. Àquela altura, Johnson já havia sido apresentado aos outros alunos, sobre os quais escrevera em seu diário: “Um bando de moleques mimados e maçantes, mas sedentos por aventura. Se temos algo em comum é isto: o medo que sentimos do professor Marsh.”

Diante da desenvoltura com que Marsh se movia pelo vagão, ora se esparramando num dos sofás de plush para fumar seu charuto, ora estalando os dedos para que lhe trouxessem um drinque gelado, via-se que ele se comportava como se estivesse perfeitamente habituado a todo esse luxo. E, de fato, por vezes os jornais se referiam a ele como o “Barão dos Ossos”, assim como Andrew Carnegie era o Barão do Aço e John Rockefeller, o Barão do Petróleo.

Assim como estes últimos, Marsh era um self-made man. Filho de um fazendeiro de Nova York, desde cedo ele havia demonstrado interesse pelos fósseis e pelo mundo do conhecimento. Alheio à zombaria dos familiares, matriculou-se na Phillips Academy, em

Andover, formando-se aos 29 anos com todas as distinções e o apelido de “Papai Marsh”. De lá foi para Yale, e de Yale para a Inglaterra, pleitear o apoio do tio filantropo George Peabody. Admirador do conhecimento em todas as suas formas, Peabody ficou feliz ao ver que um dos seus pretendia seguir a carreira acadêmica, por isso deu a Othniel Marsh a quantia necessária para a fundação do Peabody Museum em Yale. A única condição que impôs foi que o sobrinho não se opusesse à doação de mesmo valor que ele pretendia fazer para a fundação de outro Peabody Museum em Harvard. O problema era que Marsh defendia o darwinismo, mas George Peabody não via com bons olhos a natureza sacrílega daquelas ideias. E em Harvard estava Louis Agassiz, um eminente professor de zoologia que também se opunha a Darwin e fazia da sua universidade um importante bastião do antievolucionismo. Na opinião de Peabody, cabia a Harvard fazer o contrapeso necessário aos excessos do seu sobrinho. Tudo isso fora cochichado para Johnson naquela sua primeira noite no leito sacolejante de um vagão de trem, antes que o sono vencesse a agitação dos companheiros.

Pela manhã, eles alcançaram Rochester; ao meio-dia, Buffalo, onde esperavam ver pela janela as Cataratas do Niágara. Não viram muita coisa quando atravessaram a ponte, mas a decepção logo se dissipou quando eles foram convocados para uma reunião imediata com o professor Marsh em sua cabine privativa.

MARSH ESQUADRINHOU os dois lados do corredor, depois trancou a porta. Apesar do calor da tarde, fechou todas as janelas também. Só então dirigiu a palavra aos doze alunos que o aguardavam.

– Imagino que estejam curiosos para saber aonde estamos indo – disse. – Mas ainda é cedo. Só vou contar depois que passarmos de Chicago. Até lá, sugiro que evitem qualquer tipo de contato com desconhecidos. Ninguém pode saber dos nossos planos. Ele tem espiões por toda parte.

Timidamente, alguém perguntou:

– Ele quem?

– Cope, ora! – explodiu o professor.

Os alunos se entreolharam, confusos. Nenhum deles sabia de quem se tratava. Mas Marsh nem sequer notou, afobado que estava para seguir com sua preleção.

– Senhores, nunca é demais alertá-los contra este sujeito, o professor Edward Drinker Cope. Ele diz por aí que é cientista, mas na realidade não passa de um ladrãozinho barato. Nunca apresentou nenhum fruto honesto do próprio esforço, sempre achou mais fácil roubar o trabalho alheio. O homem é um mentiroso desprezível. Fiquem atentos. – Ele agora arfava como se tivesse feito algum exercício físico. Correu os olhos à sua volta e disse: – Alguma pergunta?

Não, nenhuma.

– Ótimo. Eu só queria deixar tudo bem claro. Voltaremos a nos reunir depois de Chicago. Enquanto isso, bico calado.

Pasmos, os alunos foram saindo do compartimento.

UM DOS RAPAZES, Winslow, já tinha ouvido falar de Cope.

– É um professor de paleontologia também, creio que do Haverford College, na Pensilvânia. Ele e Marsh já foram amigos, mas agora são inimigos mortais. Segundo ouvi, Cope tentou assumir o crédito de Marsh numa de suas primeiras descobertas de fósseis. Desde então, os dois não se bicam. Como se não bastasse, parece que Cope andou cortejando a mulher com quem o outro pretendia se casar, tirando-a do páreo, ou pelo menos manchando a reputação dela. Dizem que o pai de Cope era um comerciante rico, um quacre, que deixou para o filho uma herança de muitos milhões, então ele só faz o que bem entende. Parece que é mesmo um trapaceiro, um charlatão. Não mede esforços para roubar de Marsh tudo que é dele por direito. Por isso o professor anda sempre desconfiado, com os olhos sempre bem abertos, procurando por Cope e seus espiões.

– Eu não sabia de nada disso – confessou Johnson.

– Pois agora sabe – disse Winslow, olhando para os vastos milharais do outro lado da janela. O trem, que já atravessara os estados de Nova York e Pensilvânia, estava em Ohio. – Olhe, até agora não entendi por que você se meteu nesta expedição. Eu jamais teria vindo se minha família não tivesse me obrigado. Papai acha que uma temporada no Oeste vai “colocar cabelos no meu peito”. – Ele balançou a cabeça, desconsolado. – Caramba, é só nisto que consigo pensar: três meses de comida ruim, água ruim, insetos ruins. Nada de mulher. Nenhuma diversão. Meu Deus...

AINDA CURIOSO A RESPEITO de Cope, Johnson foi se informar melhor com Bellows, um sujeito de rosto chupado, professor de zoologia e assistente de Marsh. Bellows ficou desconfiado.

– Por que está querendo saber?

– Curiosidade, só isso.

– Mas por que essa curiosidade toda? Nenhum outro aluno veio me procurar para perguntar o que quer que fosse.

– Talvez os outros não estejam interessados.

– Talvez não tenham motivo para estar interessados.

– O que dá no mesmo – afirmou Johnson.

– Será? – questionou Bellows, semicerrando os olhos.

– Bem, acho que sim – falou Johnson –, mas não tenho certeza, porque esta conversa ficou tão confusa...

– Não seja arrogante, rapaz – disse Bellows. – Decerto acha que sou um tonto... Decerto acha que somos *todos* tontos, mas... está enganado.

Em seguida se afastou, deixando Johnson ainda mais curioso do que antes.

UMA PASSAGEM do diário de Marsh:

Bellows informa que o aluno W. J. andou perguntando sobre Cope! Que desaforo, que atrevimento! Deve achar que somos todos imbecis! Estou furioso! Furioso! Furioso!!!

Nossas suspeitas sobre W. J. obviamente foram confirmadas. Filadélfia... Construção naval... Mais claro, impossível. Amanhã vou falar com o rapaz e preparar o terreno para os desdobramentos futuros. Não vou permitir que ele nos cause problemas.

AS PLANTAÇÕES DE INDIANA desfilaram pela janela por muitos e muitos quilômetros, por muitas e muitas horas, deixando Johnson num estado de letargia. Com a cabeça apoiada na mão, ele já estava quase cochilando quando Marsh disse:

– O que exatamente você quer saber sobre Cope?

Johnson se ergueu com rapidez.

– Nada, professor.

– Bem, vou lhe contar algumas coisas que talvez você não saiba. Cope matou o próprio pai só para botar as mãos na herança. Sabia disso?

– Não, professor.

– Não faz nem seis meses, matou o homem. E trai a mulher, uma inválida que nunca lhe fez mal algum... pelo contrário, a pobrezinha tem veneração pelo marido, o que dá uma boa medida da desordem das suas faculdades mentais.

– Pelo visto ele é um verdadeiro criminoso.

Marsh o fuzilou com o olhar.

– Está duvidando de mim?

– Não, professor.

– Além disso, a higiene pessoal não é o seu forte. O homem fede terrivelmente, chega a ser insalubre. Mas não quero entrar em sua vida pessoal.

– Claro que não.

– O fato é que o sujeito não tem escrúpulos, não é confiável. Envolveu-se em um escândalo num episódio de apropriação de terras e direitos de mineração. Por isso, foi expulso da Geological Survey.

- Ele foi *expulso* da Geological Survey?
- Há alguns anos. Está duvidando?
- Não, professor.
- Não é o que parece.
- Eu acredito, professor – insistiu Johnson. – É claro que acredito.

Seguiu-se um silêncio, o trem chacoalhando sem parar. Dali a pouco, Marsh pigarreou e perguntou:

- Por acaso você conhece o professor Cope pessoalmente?
- Não, não conheço.
- Pensei que talvez conhecesse.
- Não, professor.
- Mas caso conheça... Eu ficaria mais aliviado se admitisse agora mesmo – pediu Marsh. –

Em vez de deixar para depois.

- Se eu conhecesse, admitiria, professor. Mas não conheço.
- Muito bem – disse Marsh, esquadrinhando o rapaz.

MAIS TARDE NAQUELE DIA, Johnson puxou conversa com um passageiro escocês, assustadoramente magro, chamado Louis Stevenson. Encontrou-o fazendo anotações numa caderneta com capa de couro.

- Até que parada você vai? – perguntou.
- Até a última – respondeu o escocês, acendendo mais um cigarro. – Califórnia.

Tinha dedos compridos e delicados, mas encardidos de tanto fumar. Tossia muito e não apresentava aquele aspecto em geral robusto de quem se aventura numa viagem para o Oeste. Intrigado com isso, Johnson perguntou o que ele pretendia fazer por lá.

– Estou apaixonado. Ela está na Califórnia – respondeu o homem, e prosseguiu com suas anotações, como se Johnson não estivesse ali.

Aborrecido, Johnson saiu à procura de companhia mais afável, e acabou trombando com Marsh.

- Aquele sujeito... – apontou o professor com o queixo.
- O que tem ele?
- Vocês estavam conversando.
- O nome dele é Stevenson.

– Não confio em ninguém que ande por aí fazendo anotações – declarou Marsh. – Sobre o que vocês conversaram?

- Ele é da Escócia e está indo ao encontro da amada na Califórnia.
- Muito romântico. Por acaso ele perguntou qual era o seu destino?
- Não. Aliás, não estava nem um pouco interessado em mim.

Marsh estreitou os olhos, desconfiado.

– Isso é o que você pensa.

MAIS TARDE, DIANTE DO GRUPO de alunos, Marsh anunciou:

– Andei me informando melhor sobre esse tal de Stevenson. É escocês e está a caminho da Califórnia, onde é esperado por uma mulher. Sua saúde não é lá grande coisa. Ao que parece, ele acredita ser escritor, por isso vive fazendo anotações.

Johnson não falou nada.

– Pensei que vocês gostariam de saber – disse Marsh. – Pessoalmente, acho que ele fuma demais. – Olhando pela janela, observou: – Ah, o lago. Daqui a pouco chegaremos a Chicago.

Chicago

Chicago era a cidade que mais crescia no mundo, tanto em população quanto em importância comercial. Os quatro mil habitantes do vilarejo de 1840 tinham dado lugar ao meio milhão da metrópole de 1876, e os números vinham duplicando a cada cinco anos. Inicialmente conhecida como a “Roça das Lajes” ou o “Lamaçal das Pradarias”, a cidade agora se espalhava por pouco mais de oito mil hectares nas imediações do lago Michigan e contava com ruas pavimentadas e calçadas para pedestres, além de amplas avenidas com linhas de bonde, mansões elegantes, lojas chiques, hotéis, teatros e galerias de arte. Tudo isso apesar do incêndio terrível que apenas cinco anos antes quase riscara a cidade do mapa.

O sucesso de Chicago não se devia à sua geografia nem às condições climáticas. As margens do lago Michigan eram pantanosas, e as construções iniciais vinham afundando na lama, pelo menos até a chegada de George Pullman, o brilhante engenheiro local que encontrou uma solução para renivelar as fundações. A poluição era tanta que os visitantes muitas vezes encontravam peixinhos na água que bebiam (e até, por mais incrível que pareça, no leite). Sem falar no clima horrível: escaldante no verão, cruelmente gélido no inverno, ventoso o ano todo.

O sucesso de Chicago devia-se à sua localização no coração do país, às suas malhas ferroviária e hidroviária e, sobretudo, à sua importância estratégica na comercialização e industrialização de muitas toneladas de carne bovina e suína.

“Gosto de transformar em dinheiro tudo aquilo que bois e porcos têm a oferecer: tripas, couro, sangue, testículos, pele, tudo”, dizia Philip Armour, um dos responsáveis pelo agrupamento dos abatedouros numa única e gigantesca área da cidade, conhecida como

Chicago Stockyards. Junto com Gustavus Swift, outro magnata do setor, Armour imperava numa indústria que comercializava um milhão de cabeças de gado e quatro milhões de porcos por ano, empregando um sexto da população da cidade. Com a centralização da distribuição, a mecanização do abate e a refrigeração dos vagões ferroviários, os barões de Chicago estavam dando início a toda uma nova indústria: a do processamento de alimentos.

Os abatedouros de Chicago eram os maiores do mundo e sempre recebiam muitos visitantes. Um dos integrantes da expedição de Yale era sobrinho de Swift e, mais tarde, levaria os companheiros para conhecer o lugar, que Johnson considerava uma atração turística de valor bastante duvidoso.

Marsh, por sua vez, não havia parado em Chicago para fazer turismo. Tinha negócios a tratar. Deixando para trás a maravilhosa estação de Lake Shore, levou seu grupo para um dos maiores e mais elegantes hotéis do mundo: o Grand Pacific Hotel. Seus alunos ficaram pasmos. Como de hábito, havia providenciado acomodações especiais.

E, como de hábito, jornalistas esperavam para entrevistá-lo. Othniel Marsh era sempre manchete. No ano anterior, 1875, ele denunciara um esquema escandaloso no Indian Bureau, em que fundos destinados à compra de comida para as reservas indígenas eram desviados para os bolsos de um pequeno grupo de dirigentes da instituição enquanto os índios passavam fome. Marsh havia sido informado disso pelo próprio Nuvem Vermelha, o famoso chefe dos sioux. E, com as provas debaixo do braço, fora até Washington para tornar público o embuste e colocar o governo de Ulysses S. Grant na berlinda do establishment liberal da Costa Leste. Marsh era muito amigo de Nuvem Vermelha, de forma que os repórteres estavam ávidos para interrogá-lo a respeito da guerra em andamento com os sioux.

– É um conflito terrível – explicou o professor –, mas não há soluções fáceis para a questão indígena.

Além disso, os jornais de Chicago nunca se cansavam de repetir a façanha de Marsh no caso do gigante de Cardiff.

Em 1869, o esqueleto fossilizado de um gigante de 3 metros foi desenterrado em Cardiff, Nova York, e rapidamente se tornou um fenômeno nacional. Acreditava-se que o gigante pertencia a um dos povos aniquilados pelo dilúvio de Noé. Gordon Bennett, do *New York Herald*, havia atestado a legitimidade da história, junto com inúmeros acadêmicos. Na qualidade de novo professor de paleontologia de Yale, Marsh foi visitar o fóssil.

– Impressionante – disse ele na ocasião, alto o bastante para que um repórter ouvisse.

– Posso citar o senhor? – perguntou o sujeito.

– Pode – concordou Marsh. – Pode escrever que eu falei: “Uma impressionante falsificação.”

Mais tarde descobriu-se que o tal gigante tinha sido moldado secretamente em Chicago, a partir de um bloco de gesso. O incidente colocou Marsh em evidência, e desde então ele era

assediado pelos repórteres.

– E o que traz o senhor a Chicago dessa vez? – perguntou um dos jornalistas que o esperavam no hotel.

– Estou a caminho do Oeste, à procura de mais ossos – respondeu Marsh.

– Nenhum esqueleto para visitar em Chicago?

Marsh riu e disse:

– Não. Em Chicago pretendo visitar o general Sheridan e pedir a ele o apoio do Exército.

MARSH LEVOU JOHNSON com ele, pois queria ser fotografado com o general.

Phil Sheridan era um homem enérgico e ríspido, um baixote de 45 anos com um gosto especial pelo fumo de mascar. Coubera a ele arregimentar as tropas que, sob o comando dos generais Crook, Terry e Custer, estavam combatendo os sioux do outro lado do país. Sheridan tinha um apreço particular por Armstrong Custer, a ponto de afrontar o presidente Grant ao mandá-lo de volta, com Crook e Terry, para as guerras indígenas.

– Não é uma campanha fácil – disse ele a Marsh. – Precisamos de alguém com o vigor de Custer. Não importa como você enxergue a questão, a verdade é que os índios estão sendo expulsos de suas terras e, portanto, vão se defender com unhas e dentes. Ainda mais com os rifles de excelente qualidade que comprou dos agentes do Bureau of Indian Affairs. As principais zonas de conflito provavelmente serão em Montana e Wyoming.

– Wyoming. Hum... O senhor acha que nosso grupo pode ter problemas? – perguntou Marsh.

Johnson notou que ele não parecia nem um pouco preocupado.

– Não vejo por quê – respondeu Sheridan, escarrando com espantosa precisão dentro de um cesto metálico que ficava do outro lado da sala. – Desde que você fique longe dos dois territórios, não terá problema nenhum.

Marsh posou para a foto, postando-se rigidamente ao lado do homem. Em seguida, recebeu dele as cartas de apresentação que pretendia entregar aos três generais, ou aos comandantes dos fortes de Laramie e Cheyenne. Duas horas depois, ele e Johnson já estavam de volta à estação de trem, prontos para seguir viagem.

NA PLATAFORMA DE EMBARQUE, um sujeito muito alto e mal-encarado, com uma cicatriz que lhe cortava uma das faces, perguntou a Johnson:

– Para onde você está indo?

– Wyoming.

Johnson imediatamente percebeu sua indiscrição. Deveria ter respondido Colorado.

– Wyoming? Então boa sorte – disse o homem, e foi embora.

Marsh se aproximou logo em seguida.

– Quem era aquele?

– Não faço ideia.

– O que ele queria?

– Perguntou para onde eu estava indo.

– Ah, é? E o que você respondeu?

– Wyoming.

Marsh franziu a testa.

– Ele acreditou em você?

– Sei lá.

– Pareceu acreditar?

– Acho que sim, professor.

– Você *acha*?

– Tenho quase certeza, professor.

Marsh voltou os olhos apreensivos na direção do desconhecido que se afastava. O movimento ainda era grande na estação e uma algazarra ecoava no recinto, junto com os apitos dos trens que partiam.

– Já lhe disse para não falar com estranhos – repreendeu ele. – O homem que o abordou é Navy Joe Benedict, o capanga preferido de Cope. Um sujeito perigoso e violento. Mas, se você disse que estamos indo para o Wyoming, tudo bem.

– Quer dizer que não estamos indo para lá?

– Não – afirmou Marsh. – Estamos indo para o Colorado.

– Colorado!

– Claro. É onde se encontra a maior quantidade de ossos em todo o Oeste. Mas é lógico que um palerma feito Cope não tem como saber disso.

A caminho do Oeste

Seguindo pela linha Chicago & North Western, eles cruzaram o Mississippi em Clinton, Iowa. Para os alunos, foi um grande deleite atravessar as águas caudalosas e turvas do maior rio do país, mas, tão logo deixaram para trás os doze vãos e os quase 2 quilômetros da ponte metálica, voltaram à letargia de antes. A paisagem de Iowa se resumia a uma imensidão de terras cultivadas, com poucos atrativos ou marcos históricos. Um vento quente e seco entrava pelas janelas do trem, ora trazendo um mosquito, ora uma borboleta. Os rapazes suavam em bicas, lutando contra o tédio.

Johnson ficava atento, esperando avistar algum índio, mas era em vão. Lá pelas tantas, o passageiro a seu lado riu e disse:

– Faz quarenta anos que não há índios por aqui. Desde a guerra com Águia Negra, o chefe dos sauks. Se quiser ver índios, vai ter que ir para o Oeste.

– Ué, mas aqui não é o Oeste? – perguntou Johnson.

– Ainda não. Só depois de atravessarmos o Missouri.

– E quanto falta para atravessarmos o Missouri?

– Mais ou menos um dia e meio de viagem. Fica do outro lado de Cedar Rapids.

O amplo descampado das pradarias e a travessia do Mississippi, porém, já começavam a produzir certo efeito sobre os passageiros: a cada parada do trem, alguns desciam para a plataforma apenas para sacar suas armas e atirar contra os roedores e aves que viam pela frente. Os roedores corriam para o buraco mais próximo, as aves fugiam numa barulhenta revoada, mas ninguém acertava nada.

– Pois é – disse um dos passageiros. – É assim que as pessoas ficam quando chegam nestes confins.

JOHNSON TAMBÉM estava achando os tais confins terrivelmente enfadonhos. Os demais alunos tentavam se distrair com o baralho ou o dominó, mas logo desanimavam. Até determinado ponto da viagem, eles desciam para as plataformas junto com os outros para caminhar um pouco; depois de algum tempo, porém, começaram a achar todas as estações parecidas e sem graça, preferindo nem descer.

Em Cedar Rapids, o trem parou por duas horas e Johnson decidiu esticar as pernas. Ao virar à esquerda, num canto da pequenina estação que ficava à beira de uma plantação de trigo, avistou Marsh falando baixinho com o homem da cicatriz no rosto: Navy Joe Benedict, o capanga de Cope. Pareciam ter certa intimidade. Em dado momento, Marsh tirou algo do bolso e entregou ao homem. Johnson pensou ter visto o sol refletir numa superfície dourada. Antes que o vissem ali, recuou e voltou correndo para o trem.

RETOMADA A VIAGEM, Johnson ficou ainda mais perplexo quando Marsh foi imediatamente sentar-se a seu lado.

– Fico me perguntando para onde Cope irá neste verão – disse ele, como se pensasse alto.

Johnson não falou nada.

– Para onde será que ele vai? – insistiu Marsh.

– Boa pergunta – observou Johnson.

– Duvido muito que esteja indo para o Colorado, como nós.

– Não tenho como saber.

Johnson começava a se irritar com o jogo do professor, então se permitiu encará-lo, sustentando seu olhar.

– Pois é, você não tem como saber – disse Marsh. – Claro que não.

ATRAVESSARAM o rio Missouri no começo da noite em Council Bluffs, o ponto final da Chicago & North Western. Do outro lado da ponte, já em Omaha, a Union Pacific assumia o comando e continuava até São Francisco. A estação ali não passava de um grande barracão aberto que abrigava uma variada fauna de passageiros: homens de aspecto bronco, mulheres da vida, trambiqueiros da fronteira, batedores de carteira, bandoleiros, pistoleiros, soldados, velhos, crianças, bebês chorando, cachorros latindo, gente vendendo comida – enfim, uma confusão humana tomada pela febre da especulação.

– É o pessoal que está indo para Black Hills – explicou Marsh. – Eles se abastecem aqui antes de seguir para Cheyenne e Fort Laramie, de onde partem rumo ao Norte, para a região de Black Hills, na esperança de encontrar ouro.

Ansiosos para ter um gostinho do “verdadeiro Oeste”, os alunos ficaram maravilhados com o que estavam vendo, imaginando-se, eles próprios, um pouco mais reais. Mas apesar de toda a

empolgação, Johnson achou aquilo tudo meio triste. Em seu diário, escreveu: “Como é fácil as pessoas se deixarem enganar pelos sonhos de riqueza e fama, ou até mesmo pela esperança de um mínimo de conforto material! Apenas pequena parte delas encontrará o que procura. As outras estão fadadas à decepção, à doença, às privações de toda espécie, talvez até à morte, pela mão da fome, dos índios ou dos bandidos que se alimentam da carniça dos esperançosos e dos aventureiros.” Em tom de ironia, acrescentou a seguinte observação: “Ainda bem que não estamos indo para as perigosas e traiçoeiras Black Hills.”

O Oeste

O verdadeiro Oeste começava em Omaha. No trem, todos estavam animados outra vez, apesar dos alertas que recebiam dos viajantes mais calejados. Não, eles não veriam búfalos: naqueles sete anos, desde a inauguração das linhas transcontinentais, os búfalos haviam desaparecido das imediações dos trilhos, e talvez nem existissem mais os famosos rebanhos de que tanto se falava.

Todos se assustaram quando alguém gritou:

– Índios!

Correram imediatamente para as janelas, pressionando o rosto contra o vidro. Ao longe, viram três cabanas indígenas, cercadas por meia dúzia de cavalos e alguns vultos humanos de pé, vendo o trem passar. Então de repente os índios fugiram, sumindo atrás de uma colina.

– De que tribo eles eram? – quis saber Johnson, sentado ao lado de Gall, um dos assistentes de Marsh.

– Pawnee, talvez – respondeu o outro, indiferente.

– São hostis?

– Podem ser.

Johnson lembrou-se da mãe.

– Veremos mais índios?

– Claro – disse Gall. – No lugar para onde estamos indo tem um monte deles.

– É mesmo?

– Sim, e acho que dos brabos. Os sioux estão em pé de guerra por causa das terras das Black Hills.

Em 1868, o governo federal havia assinado um tratado com os sioux de Dakota, cedendo a eles direitos exclusivos sobre as Black Hills, uma região sagrada para a tribo.

– Aquele tratado foi desnecessariamente favorável aos índios. O governo se comprometeu até a tirar de lá todos os fortes e entrepostos do Exército.

E a área demarcada era realmente enorme, pois, em 1868, os territórios de Wyoming, Montana e Dakota ainda eram distantes e inacessíveis.

Ninguém em Washington poderia ter previsto a rapidez com que se abririam as portas para o Oeste selvagem: um ano após a assinatura do tal tratado, as linhas ferroviárias transcontinentais já haviam entrado em operação, permitindo que se chegasse numa questão de dias às mesmas paragens aonde antes se chegava depois de muitas semanas de uma viagem lenta e difícil.

Mesmo assim, as terras dos sioux teriam permanecido intatas se o general Custer não tivesse descoberto ouro ali durante uma inspeção de rotina em 1874. Quem resistiria à tentação de correr para as Black Hills num ano de recessão nacional?

– Ainda que não houvesse recessão, seria muito difícil manter os aventureiros longe do ouro – disse Gall. – Isso é fato.

Apesar de todas as proibições, lá se foram os garimpeiros para as terras sagradas do povo sioux. O Exército organizou expedições em 1874 e 1875 para retirá-los do local, e os índios matavam todos que encontravam pela frente. Mas nada disso serviu para desencorajá-los; pelo contrário, eles chegavam em número cada vez maior.

Acreditando que o tratado havia perdido a validade, os sioux partiram para a guerra. Em maio de 1876, o governo enviou tropas para enfrentar os insurgentes.

– Quer dizer então que os índios é que têm razão... – observou Johnson.

Gall deu de ombros e falou:

– Não dá para impedir o progresso. Isso é fato.

– Vamos ficar perto das Black Hills?

– Perto o suficiente.

Os conhecimentos geográficos de Johnson, nem sempre confiáveis, acionaram sua imaginação. Ao observar a imensidão das planícies do outro lado da janela, ele subitamente as achou ainda mais ermas e inóspitas.

– Com que frequência os índios atacam os brancos?

– Bem, eles são imprevisíveis – disse Gall. – São como os animais: nunca sabemos direito o que vão fazer. Afinal de contas, são selvagens.

A OESTE DA CIDADE DE OMAHA, o trem começou a subir de forma quase imperceptível, adentrando no planalto que o levaria até as Montanhas Rochosas. Agora se viam mais animais

do lado de fora: marmotas, um ou outro antílope, lobos trotando ao longe no crepúsculo. As cidades eram menores e mais isoladas: Fremont, Kearney Junction, Alkali, Ogallala, Julesburg e, por fim, a infame Sidney, onde os passageiros foram aconselhados a não descer, caso tivessem “algum apreço pela vida”.

Claro que todos desceram para dar uma espiada.

E o que viram foi apenas uma rua ladeada de construções de madeira, uma cidade composta quase inteiramente de “empórios, estábulos e tabernas”, escreveu Johnson em seu diário, “nos quais circulava muito dinheiro. Sidney era a cidade mais próxima da região das Black Hills, repleta de imigrantes que, em sua maioria, achavam tudo muito caro por ali. Não tivemos a oportunidade de confirmar a má fama do lugar no que diz respeito a crimes e matanças, pois não ficamos mais que uma hora por lá”.

No entanto, não demoraria muito para que ele e os demais alunos pudessem saciar sua curiosidade mórbida, pois o trem já estava a caminho de outro antro ainda mais famoso pela violência dos seus costumes: Cheyenne, no território de Wyoming.

OS PASSAGEIROS COLOCARAM munição em suas armas antes mesmo da chegada a Cheyenne. E o condutor puxou Marsh de lado para recomendar que ele e seu grupo, como medida de segurança, contratassem uma escolta para acompanhá-los na cidade.

“Tais preparativos”, escreveu Johnson, “nos causavam um agradável nervosismo, pois imagináramos um lugar selvagem e sem lei que, no fim das contas, se revelou justamente isto: um produto da nossa imaginação.”

Cheyenne era um povoado organizado e desenvolvido, com inúmeras construções de alvenaria em meio a outras tantas de madeira, mas não era um lugar pacato. Podia se orgulhar de ter uma escola, dois teatros, cinco igrejas e vinte salões de jogos. Nas palavras de um observador contemporâneo, “jogar em Cheyenne, muito antes de ser uma atividade meramente recreativa, tem a dignidade e a legitimidade de uma ocupação profissional à qual aspira noventa por cento da população, tanto a permanente quanto a transitória”.

Os salões de jogos ficavam abertos 24 horas por dia e constituíam a maior fonte de renda da cidade. Para se ter uma boa medida do volume de negócios, basta dizer que os proprietários pagavam à cidade uma taxa anual de 600 dólares por mesa, e em cada salão havia de seis a doze mesas de feltro verde funcionando simultaneamente.

A vocação local para a jogatina não passou despercebida pelos alunos quando eles se registraram no Inter-Ocean Hotel, com o qual Marsh havia negociado previamente um pacote com desconto. Embora fosse o melhor hotel da cidade, tratava-se, como escreveu Johnson, de “uma espelunca infestada de baratas, onde a qualquer hora do dia se escuta o corre-corre dos

ratos do outro lado das paredes”. De qualquer modo, os alunos foram colocados em quartos individuais e, depois de um banho quente, estavam prontos para uma noite na cidade.

Uma noite em Cheyenne

Eles saíram à rua timidamente, doze jovens recém-chegados do Leste ainda com seus chapéus-coco na cabeça e suas camisas de colarinho alto. Enquanto pulavam de salão em salão, procuravam aparentar a maior naturalidade possível, pois a cidade, tão enganosamente civilizada durante o dia, tinha à noite uma atmosfera bem mais sinistra.

Os caubóis, pistoleiros, jogadores e bandidos da fauna noturna de Cheyenne olhavam para o grupo com curiosidade e achavam graça no que viam.

– Não se deixem enganar pelo sorriso dessa gente – falou um dos alunos mais dramáticos.
– É com esse mesmo sorriso que eles sacam seus revólveres e matam quem bem entendem.

Desacostumados ao peso da Smith & Wesson que agora levavam consigo, os alunos apalpam suas armas, colocando-as numa posição mais confortável. Um dos habitantes da cidade se aproximou imediatamente para alertá-los.

– Vocês parecem bons sujeitos – disse o homem. – Então ouçam o conselho do amigo aqui: em Cheyenne, você não toca em sua arma a menos que tenha a intenção de usá-la. Por estas bandas, as pessoas não olham para a sua cara, só para as suas mãos. E à noite são poucos os que não estão com a cabeça encharcada de álcool.

Mas na rua eles não viram apenas pistoleiros. Também passaram por diversas *nymphes du pavé*, mulheres de maquiagem pesada que, paradas à porta, acenavam e chamavam por eles. De modo geral, estavam adorando aquela sua primeira experiência no Oeste verdadeiro, o Oeste perigoso de que tanto falavam. Entraram em várias tabernas, tomaram bebidas fortes, jogaram algumas mãos de Keno e de 21.

Um dos rapazes tirou o relógio do bolso e conferiu as horas.

– Quase dez e ainda não vimos nenhum tiroteio – disse, desapontado.

Passados alguns minutos, ouviram um tiro.

– Puxa, foi rápido – observou Johnson.

E anotou:

De início, era apenas uma acalorada troca de insultos, depois cadeiras foram arrastadas e muitos dos presentes se abaixaram quando os dois antagonistas começaram a berrar um com o outro, embora estivessem frente a frente. Ambos eram jogadores aguerridos. “Anda, estou esperando sua cartada”, disse um deles. E, ao ver o outro levar a mão à pistola, foi mais rápido e atirou, atingindo seu abdômen. Formou-se uma grande nuvem de pólvora, e o ferido, movido pela força do impacto, foi cambaleando de costas até o outro lado do salão, as roupas chamuscadas pelo fogo do disparo tão próximo. Sangrava muito, resmungando coisas incompreensíveis. Caiu no chão, estrebuchou por alguns segundos, depois ficou imóvel, mortinho da silva. O atirador foi arrastado para a rua e alguém saiu para chamar o xerife. Quando o homem enfim chegou, muitos já estavam de volta às suas mesas, seguindo com o jogo interrompido havia pouco.

Foi um espetáculo horrível, e os alunos, sem dúvida em estado de choque, ficaram aliviados quando uma música começou a tocar no teatro vizinho. Vários jogadores abandonaram as mesas para assistir ao show, e os rapazes os seguiram, ávidos por essa nova atração.

E foi ali que, inesperadamente, William Johnson se apaixonou.

O TEATRO PRIDE DE PAREE (“Orgulho de Paris” no dialeto local) era uma construção triangular de dois andares, o palco na parte mais larga, mesas na plateia e camarotes nas paredes convergentes. Os assentos dos camarotes eram os mais caros, apesar de mais distantes do palco, e foi neles que os alunos decidiram se sentar.

O show, observou Johnson, consistia em “canto, dança e anáguas de fora, uma revista das mais vulgares, mas os locais aplaudiam com tamanho entusiasmo que nos deixamos influenciar por eles, esquecendo o nosso gosto um pouco mais exigente”.

Não demorou para que eles compreendessem o motivo do preço mais caro dos camarotes: do alto do teatro pendiam trapézios nos quais se balançavam moças de muita beleza e pouquíssima roupa, as pernas cobertas apenas por meias. Enquanto elas voavam de um lado para outro, os homens nos camarotes esticavam o braço para enfiar cédulas de um dólar nas dobras das fantasias que elas usavam. E a impressão que se tinha era a de que as moças conheciam muitos dos clientes, pois brincavam com eles, gritando coisas como “Olha essa mão boba aí, Sr. Fred!”, “Que charutão é esse aí no seu bolso, hein, Clem?” e outros gracejos do tipo.

Um dos alunos torceu o nariz e disse:

– Não passam de vagabundas.

Mas os outros estavam se divertindo com o espetáculo, berrando e distribuindo dinheiro como os locais, e as moças, vendo aquela gente desconhecida e claramente forasteira, volta e meia manobravam seus trapézios para se aproximar do camarote onde eles estavam. Tudo muito divertido.

Logo um novo grupo de moças surgiu lá no alto, assumindo o lugar do primeiro, e o trapézio de uma delas parou diante de Johnson. Rindo, ele já ia tirando mais uma cédula da carteira quando seus olhos encontraram os olhos da moça, e no mesmo instante a algazarra do teatro se dissipou, o tempo parou e Johnson não tinha consciência de mais nada que não fosse a intensidade daquele olhar, o desgoverno do seu próprio coração.

ELA SE CHAMAVA LUCIENNE.

– É francês – explicou, secando um pouco o suor dos ombros.

Os dois agora estavam sentados a uma das mesas da plateia, onde as moças tinham permissão para bebericar algo com os clientes entre uma apresentação e outra. Os alunos já haviam retornado ao hotel, mas Johnson permanecera no teatro, na esperança de reencontrar sua beldade. E reencontrou.

Ela veio diretamente para sua mesa e perguntou:

– Posso pedir um drinque?

– O que quiser – respondeu Johnson.

Ela pediu uísque, ele também. E, após alguns instantes, ela disse seu nome.

– Lucienne... Lucienne... – repetiu Johnson. – Um nome adorável.

– Em Paris há muitas Luciennes – observou ela, ainda se enxugando. – E você, como se chama?

– William. William Johnson.

Ele estava maravilhado com o tom róseo daquela pele, a negritude dos cabelos, a inquietação dos olhos também escuros.

– Você parece ser de boa família – declarou ela, sorrindo e estreitando os lábios, o que lhe conferia um ar misterioso e autossuficiente. – De onde você é?

– New Haven – disse Johnson. – Bem, moro em New Haven, mas nasci e fui criado na Filadélfia.

– Costa Leste... Logo vi que você era diferente. Pelas roupas.

Johnson não soube o que dizer, convicto de que não estava agradando.

– Deixou alguma namoradinha para trás? – indagou Lucienne, sem segundas intenções, apenas para não permitir que a conversa morresse.

– Na verdade, eu... – Johnson se calou de repente, mas achou melhor dizer a verdade. – Eu era louco por uma garota na Filadélfia, mas não fui correspondido. – Fitando a moça, acrescentou: – Mas isso... foi muito tempo atrás.

Lucienne baixou os olhos, riu discretamente, e ele se viu na obrigação de dizer algo.

– E você, de onde é? – perguntou. – Não tem sotaque francês.

Talvez tivesse vindo da França ainda menina.

– Sou de St. Louis. Lucienne é o meu nome artístico. É que... É que o Sr. Barlow – explicou, animada – exige que todas as dançarinas tenham um nome francês, entende? Por causa do nome do teatro. É um homem bom, o Sr. Barlow.

– Você está há muito tempo em Cheyenne?

– Não, não – disse ela. – Antes de vir pra cá eu trabalhava num teatro de Virginia City, onde eles montavam peças de verdade, autores ingleses, esse tipo de coisa. Mas no último inverno tiveram que fechar a casa por causa da febre tifoide. Eu queria voltar para minha terra e rever minha mãe, entende? Mas o dinheiro só deu para chegar até aqui.

Ela riu, e só então Johnson reparou que um de seus dentes da frente era ligeiramente lascado, uma pequena imperfeição que a deixava ainda mais sedutora. Estava claro que a moça era independente, dona do próprio nariz.

– Mas e você? – prosseguiu ela. – Também está indo para Black Hills? À procura de ouro?

Johnson sorriu e respondeu:

– Não. Faço parte de uma expedição científica que está à procura de fósseis. – Vendo surgir a dúvida nos olhos da dançarina, explicou: – Fósseis são... ossos antigos.

– E isso dá muito dinheiro?

– Não, não. Nosso interesse é apenas científico.

Lucienne pousou a mão quente no braço dele, provocando-lhe arrepios.

– Sei que vocês garimpeiros têm lá seus segredos – observou. – Pode confiar em mim, não vou contar nada a ninguém.

– É sério. Não estamos atrás de ouro. Apenas de fósseis.

Ela riu de novo e não se incomodou de deixar o assunto de lado.

– E quanto tempo pretendem ficar em Cheyenne?

– Infelizmente só esta noite. Amanhã retomamos nosso caminho para o Oeste.

Johnson ficou triste ao se dar conta da partida iminente, mas a moça não deu nenhum sinal de que se importava. Com seu jeito direto de falar, anunciou:

– Tenho outra apresentação para fazer daqui a uma hora, em seguida preciso de mais uma horinha para dar atenção aos clientes. Depois disso, estou livre.

– Vou esperar – declarou Johnson. – A noite toda, se necessário.

Inclinando-se, Lucienne deu um beijo rápido no rosto dele.

– Até lá, então – disse, e foi embora, atravessando o salão para fazer companhia a outros homens que esperavam por ela.

O RESTO DA NOITE TRANSCORREU com a leveza de um sonho. Johnson não sentiu cansaço e não se importou de ficar esperando até que a dançarina encerrasse o seu trabalho. Reencontrou-a fora do teatro e tomou o braço dela. Lucienne agora vestia um comportado vestido de algodão escuro.

Ao passar por eles no breu da rua, um homem disse:

– Nos vemos mais tarde, Lucy?

– Hoje não, Ben – respondeu ela, rindo. E, vendo a fúria com que Johnson encarava o sujeito, explicou: – É meu tio. É ele quem cuida de mim. Onde você está hospedado?

– No Inter-Ocean.

– Não podemos ir para lá. Eles são muito rígidos com os quartos.

– Vou acompanhá-la até sua casa – disse Johnson.

Ela o fitou surpresa, depois sorriu e disse:

– Tudo bem. Muito gentil da sua parte.

Seguindo adiante, ela pousou a cabeça no ombro dele.

– Cansada?

– Um pouco.

A noite estava quente, mas agradável. Johnson se sentia envolto em uma paz maravilhosa.

– Vou ficar com saudades – confessou.

– Ah, eu também.

– Mas vou voltar.

– Quando?

– Lá pelo fim de agosto.

– Agosto... – repetiu ela baixinho.

– É muito tempo, eu sei...

– Não é tanto tempo assim...

– Aí vou poder me demorar um pouco mais. Posso me desligar da expedição só para ficar com você. O que acha?

– Acho ótimo. – Lucienne deitou novamente a cabeça no ombro dele. Permaneceu calada por um tempo e então disse: – Você é um bom sujeito, William. Tem um bom coração.

Em seguida, postou-se diante dele e, com a maior naturalidade do mundo, beijou sua boca, bem ali, na escuridão quente das ruas de Cheyenne, um beijo intenso como ele nunca havia experimentado.

Johnson achou que poderia morrer naquele instante, tamanho foi o prazer que sentiu.

– Eu amo você, Lucienne – disse.

As palavras saíram assim, espontâneas, inesperadas. Mas sinceras também: Johnson sentia no corpo inteiro aquele novo amor.

– Você é um bom garoto – falou Lucienne, acariciando seu rosto.

Johnson não saberia dizer quanto tempo eles permaneceram assim, olhando um para o outro na escuridão. Beijou-a uma segunda vez, depois uma terceira. Mal conseguia respirar.

– Vamos? – disse afinal.

Ela balançou a cabeça, dizendo:

– Vá você. Volte para o seu hotel.

– Prefiro deixá-la em casa.

– Não precisa. Amanhã você tem que pegar o trem. Melhor dormir mais cedo.

Johnson correu os olhos pela rua.

– Tem certeza de que vai ficar bem?

– Vou ficar bem.

– Promete?

– Prometo – assegurou ela, sorrindo.

Johnson deu alguns passos na direção do hotel, parou e então olhou para trás.

– Não se preocupe comigo! – gritou ela, e soprou um beijinho no ar.

Ele soprou outro de volta e seguiu em frente. Antes de dobrar a esquina, olhou para trás, mas Lucienne não estava mais lá.

No hotel, o sonolento recepcionista entregou-lhe a chave do quarto, depois perguntou:

– Teve uma boa noite, senhor?

– Maravilhosa – respondeu Johnson. – Absolutamente maravilhosa.

Manhã em Cheyenne

Johnson acordou às oito, revigorado, cheio de empolgação. Olhando pela janela, deparou com a paisagem ampla e plana de Cheyenne, salpicada de casas e prédios. Dificilmente alguém veria alguma beleza naquilo, mas Johnson via. Além do mais, o dia estava lindo e quente, com aquelas nuvens altas e parecidas com algodão tão típicas do Oeste.

Johnson sabia que não tornaria a ver sua Lucienne tão cedo, mas isso apenas acrescentava uma deliciosa pontinha de angústia à alegria do seu estado de espírito, e foi com um sorriso largo que ele desceu para o refeitório do hotel, onde o grupo de Marsh havia sido instruído a se reunir às nove para o café da manhã.

Mas o refeitório estava vazio.

Ainda se via a mesa grande que haviam preparado para o grupo, mas a louça suja já fora recolhida pelo garçom.

– Onde está todo mundo? – perguntou Johnson.

– De quem o senhor está falando?

– Do professor Marsh e seus alunos.

– Não estão mais aqui – informou o garçom.

– E onde então?

– Faz mais de uma hora que partiram.

Johnson demorou alguns segundos para digerir aquelas palavras.

– Eles... *partiram*?

– Iam pegar o trem das nove.

– Que trem das nove?

Irritado, o garçom encarou-o e disse:

– Desculpe, senhor, tenho mais o que fazer.
Então virou as costas e voltou ao trabalho.

AS MALAS E OS EQUIPAMENTOS da expedição haviam sido guardados num cômodo grande à entrada do hotel, atrás da recepção. O mensageiro destrancou a porta: o lugar estava vazio, a não ser pelas caixas que continham o equipamento fotográfico de Johnson.

– Sumiram!

– Está dando falta de alguma coisa, senhor? – perguntou o mensageiro.

– Não de alguma coisa, mas... Eles foram embora!

– Acabei de pegar no serviço – desculpou-se o garoto, que não devia ter mais de 16 anos. – Talvez seja melhor o senhor se informar na recepção.

– AH, SIM, SR. JOHNSON – falou o recepcionista. – O professor Marsh pediu que não o acordássemos quando eles partiram. Disse que o senhor estava se desligando da expedição aqui em Cheyenne.

– Disse *o quê*?

– Que o senhor estava se desligando da expedição.

Johnson entrou em pânico.

– Por que diabo ele diria uma coisa dessas?

– Realmente não sei, senhor.

– E agora, o que eu faço? – perguntou Johnson a si mesmo, mas em voz alta.

Em seu rosto devia estar estampado o desespero que sentia no peito, pois o recepcionista o fitou com um olhar de genuína compaixão.

– O café da manhã ainda está sendo servido no salão – sugeriu ele.

JOHNSON NÃO ESTAVA com apetite, mas voltou ao refeitório e se acomodou numa das mesas junto à parede. O garçom ainda limpava a mesa deixada pelo grupo. Johnson ficou observando de longe, imaginando a excitação do professor e dos alunos, todos falando ao mesmo tempo, animados com a retomada da viagem. Por que teriam feito aquilo? Que motivo teriam para deixá-lo para trás?

O mensageiro se aproximou dele.

– O senhor está na expedição de Marsh?

– Estou.

– O professor pergunta se pode tomar o café da manhã com o senhor.

Johnson logo se deu conta de que tudo não passara de um grande equívoco, que Marsh não tinha ido a lugar nenhum, que os funcionários do hotel haviam se enganado, que tudo ficaria

bem. Imensamente aliviado, falou:

– Claro que pode!

E logo ouviu uma voz límpida, e um tanto aguda, dizer:

– Sr. Johnson?

Erguendo o rosto, Johnson deparou com um homem que nunca vira antes. Ele era alto e rijo, com cabelos claros, bigode e cavanhaque. De pé a seu lado, aparentava ter 30 e tantos anos e se vestia de um jeito formal, com camisa de colarinho alto e sobrecasaca. E, embora suas roupas fossem elegantes, o homem dava a impressão de não se importar muito com elas, parecia até mesmo um pouco desleixado. Tinha os olhos brilhantes e espertos de uma pessoa enérgica.

– Posso me sentar? – perguntou.

– Quem é você?

– Não me conhece? – disse o outro, parecendo divertir-se. Estendeu a mão e se apresentou:
– Sou o professor Cope.

Johnson não deixou de notar as manchas de tinta na mão firme e impositiva que apertou a sua. Encarou o homem por alguns segundos, depois se levantou de um pulo. Cope! Cope em pessoa! Bem ali, em Cheyenne!

Cope sinalizou para que ele voltasse a se sentar e pediu um café ao garçom.

– Não se assuste – falou. – Não sou o monstro que dizem por aí. Esse monstro existe apenas na imaginação doentia do Sr. Marsh. Mais um engano dele ao descrever o que vê. Você já deve ter percebido que o sujeito é tão paranoico quanto gordo, sempre imaginando o pior das pessoas. Mais café?

Aturdido, Johnson fez que sim com a cabeça. Cope serviu-lhe café.

– Se você ainda não fez o pedido, recomendo o porco. É o que sempre peço. Um prato simples, mas o cozinheiro tem uma mão especialmente boa.

Johnson assentiu e resmungou seu pedido para o garçom, que se afastou. Cope abriu um sorriso. “Realmente não parece um monstro”, pensou Johnson. Esperto, enérgico, até mesmo nervoso, mas não um monstro. Pelo contrário, demonstrava um entusiasmo juvenil, mas também um ar de determinação e competência. Dava a impressão de ser um realizador.

– Quais são os seus planos agora? – perguntou Cope, animado, misturando uma colherada de melado ao café.

– Não tenho permissão para conversar com o senhor.

– Não vejo motivo para permissões agora que o bode velho o deixou para trás. Então, quais são os seus planos?

– Não sei. Não tenho planos. – Johnson correu os olhos pelo refeitório quase vazio. – Eu me desencontrei do meu grupo.

– Desencontrou-se? O homem o abandonou!

– Por que faria isso? – quis saber Johnson.

– Pensou que você fosse um espião, claro.

– Mas não sou um espião.

– Eu sei, Sr. Johnson – disse Cope sorrindo –, e você também sabe. Todo mundo sabe, menos o Sr. Marsh. E este é apenas mais um dos milhares de coisas que ele não sabe, mas finge saber.

Johnson ficou visivelmente confuso.

– O que foi que ele inventou dessa vez? – prosseguiu Cope, com a mesma jovialidade de antes. – Falou que sou um ladrão? Um devasso? Um espancador de mulheres? Um facínora?

Parecia divertir-se com aquilo.

– Marsh não tem o senhor em alta conta, digamos assim.

Cope fez um gesto de pouco caso.

– Marsh é um herege que perdeu, faz tempo, a conexão com a realidade. Tem uma mente fantasiosa, doentia. Eu o conheço bem. Na realidade, já fomos amigos. Ambos estudamos na Alemanha durante a Guerra Civil. Mais tarde, escavamos juntos em Nova Jersey. Mas isso foi há muitos anos.

A comida chegou. Só então Johnson percebeu que estava com fome.

– Ótimo – disse Cope, vendo-o comer. – Pois bem. Soube que você é fotógrafo. Acho que tenho lugar para um fotógrafo na minha equipe. Estou a caminho do extremo Oeste, com um grupo de alunos da Universidade da Pensilvânia. Vamos procurar ossos de dinossauro.

– Exatamente como o professor Marsh – observou Johnson.

– Não exatamente como o professor Marsh – corrigiu Cope. – Não viajamos por aí com favores do governo e descontos especiais. Tampouco meus alunos são escolhidos pelo dinheiro ou pelos contatos que têm. São escolhidos pelo interesse que demonstram pela ciência. Nossa expedição não é um golpe publicitário autopromocional, mas uma iniciativa séria. – Ele fez uma pausa e ficou estudando Johnson, que parecia ouvir com atenção. – Somos um grupo pequeno e não será fácil para nós, mas, se você estiver interessado, será bem-vindo.

E foi assim que, por volta do meio-dia, William Johnson se viu na plataforma da estação ferroviária de Cheyenne, arrastando seu equipamento fotográfico e esperando pelo trem que o levaria para o Oeste americano com o grupo de Edward Drinker Cope.

A expedição de Cope

Logo ficou claro para Johnson que a expedição de Cope não tinha o rigor militar que caracterizava todos os empreendimentos de Marsh. Os integrantes do grupo foram chegando aos poucos na estação, um ou dois de cada vez. Cope e sua mulher, Annie, foram os primeiros. Muito simpática, Annie cumprimentou-o com entusiasmo e se recusou a falar qualquer coisa contra Marsh, por mais que o marido a incitasse.

Depois foi a vez de um homem parrudo de 26 anos chamado Charles H. Sternberg, um caçador de fósseis oriundo do Kansas que havia participado da expedição anterior de Cope. Sternberg era manco, resultado de um acidente na infância, tinha crises ocasionais de malária e não podia apertar a mão das pessoas por causa de uma lesão na palma da sua; apesar disso, parecia ser um indivíduo prático e competente, de um humor inteligente e ferino.

Em seguida chegou J. C. Isaac (“J. C. é de Jesus Cristo”, brincou ele). Aparentava ter a mesma idade de Sternberg e tinha pavor de índios: seis semanas antes, ele e alguns amigos haviam sido surpreendidos por um ataque indígena. Todos foram assassinados ou escalpelados, só Isaac conseguiu sair ileso – apesar do trauma e do tique nervoso nos olhos que passou a ostentar.

Os universitários eram apenas três. Leander Davis, um gorducho que sofria de asma e tinha, sob as lentes dos óculos, olhos esbugalhados que talvez explicassem o apelido de “Sapo”; ele cultivava um interesse especial pela cultura indígena e parecia saber muito sobre o assunto. George Morton, aluno caladão e pálido de Yale que vivia desenhando; pensava em ser artista ou pastor como o pai, ainda não se decidira. Johnson não simpatizou muito com o sujeito, achou-o meio soturno e arredio. Harold Chapman, o terceiro deles, vinha da Pensilvânia; muito falante e agitado, devia ser fanático por ossos, pois, mal cumprimentou

Johnson, foi correndo bisbilhotar os ossos de búfalo que viu empilhados nas imediações da estação.

De todas as pessoas do grupo, Johnson gostou particularmente da Sra. Cope, que não tinha nada da inválida delirante pintada por Marsh. Ela os acompanharia apenas até Utah. Depois disso, os seis homens (sete com Johnson) seguiriam para a bacia do rio Judith, ao norte do território de Montana, onde procurariam por fósseis do período Cretáceo.

– Montana! – disse Johnson, lembrando-se da sugestão do general Sheridan de que ficassem longe dos territórios de Montana e Wyoming. – Tem certeza de que é para lá que você quer ir?

– Claro que sim! – exclamou Cope, a empolgação visível tanto nos olhos quanto nos gestos. – Aquilo deve ser um paraíso! Ninguém voltou a pisar na região depois que Ferdinand Hayden a descobriu, nos idos de 1855. Foi ele mesmo quem disse que o lugar está repleto de fósseis!

– E o que aconteceu com Hayden?

– Ah, fugiu correndo de lá – riu Cope. – Escorraçado pelos Blackfeet, os pés negros.

E riu mais ainda.

No Oeste com Cope

Johnson acordou na mais completa escuridão, ouvindo o ronco do trem. Tateou os bolsos até encontrar o relógio, que marcava dez horas. Num momento de confusão mental, achou que fossem dez da noite, mas logo viu o breu ser interrompido por um feixe de luz, depois outro, e mais outro, numa sucessão regular de clarões que iluminavam todo o interior do vagão-leito que ele ocupava. Só então se deu conta de que o comboio atravessava os longos abrigos de neve que pontilhavam o caminho pelas Montanhas Rochosas. Espantou-se ao ver tantos trechos nevados em pleno mês de junho, tão brancos que os olhos chegavam a doer.

Dez horas! Ele se vestiu rápido e saiu correndo ao encontro de Cope, que, impaciente, tamborilava os dedos manchados na moldura da sua janela.

– Peço desculpas por ter dormido tanto – justificou-se Johnson. – Se alguém tivesse batido à minha porta, eu...

– Desculpas por quê? – indagou o professor. – Que diferença faz a hora que você acordou ou deixou de acordar?

– Bem, é que... já é tão tarde e...

– Ainda faltam duas horas para chegarmos a Salt Lake City. Você dormiu porque estava cansado, o que é um ótimo motivo para dormir. – Cope abriu um sorriso em seguida perguntou: – Achou que eu fosse abandoná-lo também?

Confuso, Johnson não disse nada. Cope continuou sorrindo, até que pegou a caneta e começou a desenhar no bloco pousado em seu colo. Sem erguer os olhos, falou:

– Imagino que a Sra. Cope já tenha providenciado um bule de café.

Naquela noite, Johnson escreveu em seu diário:

Cope passou a manhã inteira desenhando, o que faz com grande rapidez e talento. Descobri muitas coisas a seu respeito. Foi uma criança prodígio que aos 6 anos escreveu seu primeiro ensaio científico; agora está com 36, acho, e já publicou mais de mil. Dizem que antes de se casar ele teve um caso amoroso que não deu muito certo. Depois disso, talvez por desespero, foi para a Europa, onde acabou conhecendo muitos dos grandes naturalistas da época. Em Berlim, conheceu Marsh, com quem trocava cartas, manuscritos e fotografias. Também é considerado um especialista em cobras, répteis e anfíbios em geral, sem falar nos peixes. Sternberg e os alunos (exceto Morton) são loucos por ele. Cope é quacre, pacifista até a medula. Usa uma dentadura de madeira bastante natural; eu nem teria notado a diferença. Nesse aspecto, e em quase todos os outros, é muito diferente de Marsh. No que Marsh é empenhado, Cope é brilhante; no que Marsh é ardiloso, Cope é honesto; no que Marsh é obscuro, Cope é transparente. De modo geral, o professor Cope se revela uma pessoa muito mais generosa e humana que seu antagonista, que não passa de um fanático, um desesperado que inferniza a própria vida tanto quanto atormenta a dos que estão sob seu comando. Cope, por sua vez, é um sujeito comedido, equilibrado, além de muito simpático.

Não demoraria muito para que Johnson tivesse uma visão bem diferente de Cope.

O TREM DESCEU AS MONTANHAS ROCHOSAS e chegou a Salt Lake City, no território de Utah.

Fundado trinta anos antes, Salt Lake City era um povoado de ruas meticulosamente perpendiculares e construções de madeira e alvenaria entre as quais se destacava o Tabernáculo Mórmon, com sua ampla fachada branca, “um edifício que poucos no país poderiam superar em feiura”, escreveu Johnson. Quanto a isso parecia haver um consenso: mais ou menos à mesma época, o jornalista Charles Nordhoff descreveu o templo como “um prédio muito bem construído, porém muito feio”, concluindo que “o viajante que busca prazer não precisa passar mais que um dia em Salt Lake”.

Embora para Washington se tratasse do território de Utah, portanto parte dos Estados Unidos, a região crescera como uma teocracia mórmon, como demonstrava a quantidade e a suntuosidade das igrejas. O grupo de Cope visitou o Tabernáculo, as instalações comunitárias da Casa do Dízimo, bem como a famosa Lion House, onde Brigham Young, o presidente da comunidade mórmon, morava com suas múltiplas esposas.

Cope chegou a ter uma audiência com Young e levou sua própria mulher para conhecer o velho patriarca. Mais tarde, Johnson quis saber o que ele havia achado do homem.

– Um sujeito educado, gentil e calculista. Por quarenta anos os mórmons foram brutalmente perseguidos em todos os estados da nação; agora que têm seu próprio estado, perseguem as outras denominações com a mesma brutalidade. – Cope balançou a cabeça. – O

mais natural seria achar que as vítimas da injustiça pensariam duas vezes antes de repetir a mesma injustiça com alguém; mas elas o fazem sem nenhum pudor. De vítimas passam a algozes, levadas por uma certeza moral que chega a provocar arrepios. Essa é a natureza do fanatismo: atrair e incitar extremismos. E é por isso que, qualquer que seja a linha do fanatismo, todos os fanáticos são iguais.

– Você está dizendo que os mórmons são fanáticos? – perguntou Morton, o filho do pastor.

– Estou dizendo que a religião deles se organizou num estado que não coíbe a injustiça, ao contrário, a institucionaliza. Sentem-se superiores a qualquer um que tenha uma crença diferente, se acham donos do único caminho possível.

– Não sei de onde você tirou a ideia de que... – começou Morton.

Mas os outros intervieram de imediato. Ele e Cope viviam brigando quando o assunto era religião, e o grupo já havia perdido a paciência com os dois.

– Por que afinal você foi falar com Brigham Young? – perguntou Sternberg.

– Não temos notícia de nenhum depósito de fósseis em Utah – disse Cope, dando de ombros –, porém correm fortes boatos sobre a presença de ossos nas imediações da fronteira com o Colorado. Não vejo mal em cultivar uma amizade que pode me render dividendos no futuro. – E acrescentou: – Marsh esteve com ele no ano passado.

No dia seguinte, a Sra. Cope tomou um trem de volta para casa, enquanto o resto do grupo seguiu na direção norte pela ferrovia de bitola estreita que levava a Franklin, no Idaho. “Uma área desértica”, escreveu Johnson, “que um dia foi o leito de um lago, mas que agora não possui outro atrativo a não ser as diligências de aluguel e as linhas férreas que nos possibilitam sair de lá o mais rápido possível.”

Em Franklin, enquanto comprava as passagens do grupo no guichê das diligências, Cope foi abordado pelo xerife local, um grandalhão de olhos pequenos.

– O senhor está preso – disse a Cope, segurando-o pelo braço. – Por homicídio.

– E quem teria sido a minha vítima, posso saber? – perguntou Cope, perplexo.

– Seu pai – respondeu o xerife. – Lá no Leste.

– Isso é ridículo! Meu pai morreu do coração no ano passado! – Embora fosse quacre, Cope era conhecido por ter pavio curto, e Johnson podia ver o esforço que ele estava fazendo para não perder as estribeiras. – Eu amava meu pai, um homem generoso e sábio que sempre apoiou a loucura das minhas aventuras acadêmicas! – disse, tomado pela raiva.

O desabafo súbito pegou todos de surpresa. Guardando uma distância prudente, os homens seguiram Cope e o xerife até a cadeia. Descobriu-se então que uma ordem de prisão havia sido emitida no território de Idaho e que o meirinho, o funcionário da justiça, estava em outro distrito e não voltaria a Franklin antes de setembro. Até lá, Cope teria que, nas palavras do xerife, “acalmar os ânimos” na prisão.

Cope protestou, dizendo que era Edward Drinker Cope, renomado professor de paleontologia de uma das mais prestigiosas universidades do país. E então o xerife mostrou a ele o telegrama que recebera, informando que o “Prof. E. D. Cope, paleontólogo” estava sendo procurado por homicídio.

– Sei muito bem quem está por trás disso – rosnou Cope, já vermelho de raiva.

– Professor, por favor, não... – começou Sternberg.

– Não se preocupe comigo – interrompeu Cope. Virando-se para o xerife, disse: – Eu me disponho a pagar todos os custos de telégrafo para que o senhor possa confirmar o absurdo desta acusação.

– Muito justo – falou o grandalhão, cuspidando o tabaco que mascava. – Você pede a seu pai para me mandar um telegrama e tudo se resolve.

– Impossível.

– Impossível por quê?

– Já disse, meu pai está morto.

– Você acha que sou idiota? – perguntou o xerife, agarrando Cope pelo colarinho com a intenção de arrastá-lo para a cela.

Mas Cope reagiu imediatamente, desferindo uma saraivada de socos que jogaram o homem no chão. Ele começou a cobrir o infeliz de chutes, obrigando-o a rolar pelo piso empoeirado, enquanto Sternberg e Isaac suplicavam:

– Chega, professor! Chega!

– Calma, professor, lembre-se de quem o senhor é!

Por sorte, Isaac conseguiu imobilizá-lo. Sternberg ajudou o xerife a se levantar, limpou a poeira das roupas dele e disse:

– Desculpe, xerife, mas o professor é assim mesmo, meio esquentado.

– Esquentado? Ele é perigoso, isso sim!

– Bem, é que... ele sabe que foi o professor Marsh quem mandou o telegrama, junto com certa soma de dinheiro, para que o senhor o prendesse. Portanto... foi a injustiça de tudo isso que o fez perder a cabeça.

– Não sei do que você está falando – resmungou o xerife, sem convicção.

– Bem, por onde passa – prosseguiu Sternberg –, o professor encontra uma armadilha desse tipo, deixada por Marsh. A rivalidade entre eles já vem de muitos anos, e ambos são capazes de sentir de longe o cheiro um do outro.

– Quero vocês todos fora daqui! – berrou o xerife. – Fora desta cidade, estão me ouvindo?

– Será um prazer – disse Sternberg.

E eles tomaram a primeira diligência que partiu da estação.

DEPOIS DE SAIR DE FRANKLIN, eles teriam que enfrentar uma viagem de quase mil quilômetros a bordo de uma diligência Concord até chegarem a Fort Benton, no território de Montana. Johnson, que ainda não tinha experimentado nada mais rudimentar do que uma viagem de trem, estava animado com a perspectiva romântica de uma viagem de diligência. Mais calejados, Sternberg e os outros sabiam que não era bem assim.

E, de fato, a viagem foi horrível: 20 quilômetros por hora, dia e noite, nenhum conforto, nenhuma parada a não ser para as refeições, sem falar no preço absurdo das passagens, que era de um dólar por cabeça. Nas estações, as pessoas não falavam de outra coisa que não fossem os problemas com os índios e o medo de serem escalpeladas, de modo que, por mais que Johnson se dispusesse a enfrentar o bacon mofado, a manteiga rançosa e o pão velho que colocavam à sua frente, não tinha apetite para comê-los.

A paisagem era de uma uniformidade tediosa; a poeira, insuportavelmente alcalina. A qualquer hora do dia ou da noite sempre havia uma escarpa mais íngreme a ser escalada e, com o constante sacolejar, era impossível dormir. Como se isso não bastasse, lá pelas tantas os produtos químicos que iam no bagageiro começaram a vaziar. Sobre isso, Johnson escreveu: “Fomos submetidos a um chuveiro de ácido clorídrico, as gotas fazendo sair fumaça do feltro dos nossos chapéus e impropérios furiosos de nossas bocas. A diligência parou e, sob as vaias dos passageiros, o cocheiro precisou deixar sua boleia para dar um jeito no problema. Só então pudemos continuar.”

Entre os passageiros, apenas a Sra. Peterson não pertencia ao grupo de Cope. Tratava-se da esposa de um capitão baseado em Helena, no território de Montana. Ainda jovem, não parecia empolgada com a perspectiva de rever o marido. Pelo contrário, volta e meia abria uma carta, a lia e começava a chorar; em seguida secava os olhos e guardava o papel de volta na bolsa. Na última parada antes de Helena, ateou fogo à carta. Na estação de Helena, foi oficialmente recebida por quatro capitães do Exército, todos muito sisudos, e partiu sob a escolta deles, a cabeça ereta, o tronco empertigado.

Todos ficaram observando de longe.

– Ele deve ter morrido – declarou Davis, o Sapo. – Foi isso que aconteceu. O marido morreu.

Logo foram informados de que o capitão Peterson fora morto pelos índios, e corriam boatos de que uma tropa de cavalaria havia sido derrotada pelos nativos. Alguns diziam que o general Terry morreria às margens do rio Powder; outros diziam que o general Crook escapara por pouco da morte à beira do Yellowstone, e que ele ainda sofria com o veneno das flechas que o acertaram.

Todos em Helena aconselharam Cope a voltar dali mesmo com seu grupo, mas o professor nem sequer considerou tal possibilidade.

– Bobagem – disse. – Essa gente fala demais. Vamos seguir adiante.

E embarcaram novamente na diligência para a longa viagem até Fort Benton.

LOCALIZADA ÀS MARGENS do rio Missouri, a região de Fort Benton havia sido um reduto de caçadores de peles nos primórdios do território de Montana, à época em que John Jacob Astor, por medo de ver falir o comércio de couro com o qual ele tanto lucrava, tentara influenciar o Congresso americano a obstruir qualquer legislação que protegesse os búfalos selvagens. Do norte de Montana também vinha o couro de outros animais, como o dos castores e lobos. Mas agora o setor coureiro estava em declínio, e as cidades que mais progrediam ficavam no sul do território, nas regiões mineiras de Butte e Helena, onde havia ouro e cobre. Fort Benton já tinha visto dias melhores, e isso era impossível esconder.

Ao chegarem lá, no dia 4 de julho de 1876, eles encontraram portões fechados e uma tensão generalizada pairando no ar. Os soldados estavam sérios, soturnos, e a bandeira nacional tremulava a meio mastro. Cope foi falar com o comandante do forte, o capitão Charles Ransom.

– O que houve? – perguntou. – Por que a bandeira está a meio mastro?

– Por causa do Sétimo Regimento de Cavalaria, senhor.

– O que tem o Sétimo Regimento?

– Toda a cavalaria sob o comando do general Custer foi massacrada na semana passada, perto do rio Little Bighorn. Mais de 300 baixas, nenhum sobrevivente.

Fort Benton

George Armstrong Custer foi um homem polêmico na vida e na morte. Ol' Curly, como era chamado, sempre fora problemático. Formara-se em último lugar na Academia Militar de West Point, acumulando 97 deméritos ao longo do último semestre, três a menos do que o necessário para ser expulso. Ainda cadete, já angariava inimigos que iriam persegui-lo pelo resto da vida.

Mas o cadete insubordinado acabara se revelando um líder brilhante, o garoto prodígio na Batalha de Appomattox. Bem-apessoado, sedutor e inconsequente, aos poucos foi conquistando, não sem alguma controvérsia, a reputação de ser uma força importante na luta contra os índios no Oeste. Caçador inveterado, não viajava sem a companhia dos seus perdigueiros e, de acordo com os boatos, tinha mais apreço por eles do que por seus soldados. Em 1867, ordenou que seus homens atirassem em todos que haviam desertado de seu batalhão. Cinco acabaram feridos e Custer proibiu que recebessem qualquer cuidado médico. Um deles não resistiu e morreu.

Mesmo para os padrões do Exército, isso constituía um abuso. Em julho de 1867, Custer foi detido, julgado pelas cortes marciais e suspenso por um ano. Mas era o favorito dos generais e, passados dez meses, por insistência de Phil Sheridan, ele já estava de volta, agora combatendo índios ao longo do rio Washita, em Oklahoma.

Foi ele quem comandou o Sétimo Regimento de Cavalaria contra Chaleira Preta. Suas instruções haviam sido bastante claras: matar o maior número possível de nativos. O próprio Sheridan dissera: “Quanto mais conseguirmos matar neste ano, menos teremos que matar no ano que vem, pois quanto mais deles eu vejo pela frente, maior a minha convicção de que precisam ser exterminados ou reduzidos à miséria.”

Foi uma guerra especialmente cruel. Os índios vinham sequestrando mulheres e crianças para depois arrancar dinheiro dos colonos; se eram atacados pelos brancos, matavam todos os reféns sem piedade. Para Custer, esse tipo de coisa justificava os arroubos de violência que de qualquer modo já eram sua marca.

Submetendo sua tropa a jornadas cada vez mais longas, sem descanso ou comida, ele acabou cercando os cheyennes, matando o seu líder, Chaleira Preta, e destruindo todo o povoado. Só então percebeu que os índios dos povoados vizinhos estavam organizando um grande contra-ataque e que dera um passo maior que as próprias pernas, colocando em risco todo o seu regimento. Conseguiu debandar, mas deixou para trás um destacamento de quinze homens, achando que já estivessem mortos.

Mais tarde, a batalha como um todo foi alvo de grande controvérsia. Os jornais do Leste criticaram a brutalidade de Custer contra os cheyennes, dizendo que Chaleira Preta não era um inimigo importante, mas apenas um bode expiatório para as frustrações do Exército. O que quase certamente não era verdade. O Exército, por sua vez, criticou Custer pela imprudência do ataque e pela pressa com que ele abandonara o destacamento de quinze homens. Custer não encontrou uma explicação satisfatória para o seu comportamento na crise, mas achava, não sem razão, que havia feito apenas o que o próprio Exército esperava dele, isto é, matar índios com seu ímpeto e sua valentia habituais.

Seu estilo pessoal – os cabelos compridos e encaracolados, o casaco de couro com franjas, os perdigueiros, a arrogância – ficaria tão célebre quanto os artigos que ele vez ou outra escrevia para os jornais do Leste. Custer tinha uma singular afinidade com seus inimigos e muitas vezes escrevia com admiração sobre os índios; talvez viessem daí os boatos de que ele tivera um filho com uma linda nativa depois da Batalha de Washita.

Mas a controvérsia continuou. Em 1874, foi Custer quem liderou uma expedição às sagradas Black Hills e descobriu o ouro que precipitaria a guerra com os sioux. Na primavera de 1876, ele foi a Washington testemunhar contra o secretário da Guerra William Belknap, que embolsava comissões na compra de suprimentos para todos os entrepostos militares do país; seu depoimento serviu para fortalecer as moções em prol do afastamento de Belknap, mas também o colocou em maus lençóis com o governo de Ulysses S. Grant, que o proibiu de deixar a capital e mandou prendê-lo quando ele descumpriu a ordem no mês de março do ano seguinte.

Custer agora estava morto, vítima de uma derrota que já estava sendo classificada como uma das mais espantosas e humilhantes da história militar do país.

– Quem o matou? – perguntou Cope.

– Touro Sentado – respondeu Ransom. – Custer invadiu a tribo sem mandar batedores à frente. Touro Sentado tinha um contingente de 3 mil homens; Custer tinha apenas 300. – O capitão balançou a cabeça. – Mas não se iluda: ele acabaria morrendo de qualquer jeito. Era

um sujeito vaidoso, duro com seus homens. Nem sei como não levou “acidentalmente” um tiro na nuca a caminho de uma de suas batalhas, como em geral acontece com esse tipo de comandante. Eu também estava em Washita quando ele invadiu um povoado e depois não conseguiu sair; foram a sorte e o blefe que salvaram o dia, mas não há sorte que dure para sempre. Posso apostar que foi ele quem cavou a própria cova. Além disso, os sioux o odiavam, queriam vê-lo morto. Mas agora vai haver muito sangue. Toda a região está em pé de guerra.

– Bem – disse Cope –, nossa intenção é procurar por ossos fossilizados nas Badlands do Judith.

Ransom arregalou os olhos, pasmo.

– Eu não faria isso – advertiu.

– Problemas por lá também?

– Não. Pelo menos, não que saibamos.

– Então... por que não deveríamos ir?

– Veja bem: quase todas as tribos indígenas estão prontas para a guerra. Touro Sentado tem 3 mil guerreiros em algum lugar do sul, ninguém sabe exatamente onde, mas suspeitamos que ainda antes do inverno subirão para o Canadá em busca de asilo, e isso significa que atravessarão a bacia do Judith.

– Perfeito – disse Cope. – Pelos motivos que o senhor mesmo acabou de expor, teremos algumas semanas de paz durante o verão. Touro Sentado não está lá.

– Senhor – insistiu Ransom –, o rio Judith é uma região de caça compartilhada pelos sioux e pelos crows. De modo geral, os crows não causam problemas, mas, no pé em que as coisas estão, vão matar qualquer um que ouse olhar para eles, já que depois vão poder colocar a culpa nos sioux.

– Acho pouco provável – declarou Cope. – Nossa expedição continua de pé.

– Não recebi ordens para impedi-los de ir – reconheceu Ransom. – Estou certo de que ninguém em Washington imaginou que poderiam querer se aventurar nessa região. Dirigir-se para o Judith é um ato suicida, senhor. Eu mesmo não o faria com menos de 500 soldados treinados da cavalaria ao meu lado.

– Agradeço sua preocupação, capitão. Era sua obrigação me informar. Mas deixei a Filadélfia com a intenção de chegar ao Judith, e não pretendo dar meia-volta quando estou a menos de 200 quilômetros do meu destino final. O senhor teria algum guia para me recomendar?

– Claro, senhor.

No entanto, ao longo das 24 horas seguintes, todos os guias foram ficando misteriosamente indisponíveis, assim como os cavalos, as provisões e tudo aquilo que Cope esperara obter em Fort Benton. Mas ele não se deixou abater. Ofereceu mais dinheiro – cada vez mais dinheiro – e, aos poucos, conseguiu o que queria.

Naquele momento, os novatos da expedição tiveram uma primeira prova da célebre obstinação do professor. Não havia nada nem ninguém capaz de detê-lo. Pediram 180 dólares, uma quantia absurda, por uma carroça quebrada; ele pagou. Pediram ainda mais pelos quatro cavalos de tração e outros quatro de montaria, “um bando de pangarés”, na avaliação de Sternberg; ele pagou. Quanto à comida, não quiseram vender mais do que alguns sacos de arroz e feijão e algumas garrafas de uísque vagabundo; ele comprou. Ao todo, desembolsou 900 dólares, mas não reclamou de nada. A única coisa que importava era seu objetivo final: encontrar fósseis na bacia do rio Judith.

No dia 6 de julho, Cope foi convocado para uma conversa com Ransom. A caminho do gabinete do capitão, não pôde deixar de notar a grande movimentação no interior do forte. Encontrou Ransom com um telegrama na mão, com ordens que ele acabara de receber do Departamento da Guerra em Washington, proibindo quaisquer civis de “circular pelas zonas de conflito indígena nos territórios de Montana, Wyoming e Dakota”.

– Sinto muito ter que abortar os seus planos, professor – disse o homem, deixando o telegrama de lado.

– Ordens são ordens, capitão, eu entendo – assentiu Cope com a mesma civilidade, e voltou para junto do seu grupo.

Eles já sabiam da novidade.

– Parece que vamos ter que voltar – disse Sternberg.

– Ainda não – falou Cope, animado. – Sabe de uma coisa? Gosto deste lugar.

– Você gosta de... Fort Benton?

– Gosto. É um lugar simpático, agradável... Gosto sobretudo da movimentação que estou vendo por aí – respondeu ele, abrindo um sorriso.

EM 8 DE JULHO, a cavalaria de Fort Benton partiu para enfrentar os sioux, a coluna seguindo adiante enquanto a fanfarra tocava “The Girl I Left Behind Me”. Mais tarde naquele dia, um grupo bem diverso partiu sorrateiramente do mesmo local; “uma singular mistura de aventureiros”, escreveu Johnson.

À frente da coluna, cavalgava Edward Drinker Cope, paleontólogo americano e milionário. À sua esquerda, estava Charlie Sternberg, volta e meia curvando-se na sela para massagear a perna rígida. À direita, Vento Brando, o chochone que eles haviam contratado como guia e batedor; o índio cavalgava com um porte altivo, e tinha assegurado a Cope que conhecia a região do rio Judith tão bem quanto o rosto do próprio pai.

Atrás dos três, ia J. C. Isaac, sempre atento a Vento Brando. Com ele estavam os alunos Leander Davis, Harold Chapman, George Morton e Johnson.

E na retaguarda ia a carroça puxada pelos quatro pangarés teimosos, conduzida pelo “Sargento” Russell T. Hill, cocheiro e cozinheiro do grupo. Hill era um homem castigado pelo tempo e muito gordo, o que para Cope era uma prova de que de fato sabia cozinhar. Distinguia-se não só pelo tamanho, mas também pela boca suja, traço aparentemente comum na sua profissão, e pela quantidade de apelidos que possuía. Era um homem de poucas palavras e não se cansava de repeti-las. Quando alguém lhe perguntava o porquê deste ou daquele apelido, por exemplo, ele sempre respondia com um: “Logo, logo você vai ver.” E, quando confrontado com algum obstáculo, por menor que fosse, costumava dizer: “Não vai dar, não vai dar...”

Por fim, atrelada à carroça do cozinheiro ia Bessie, a mula que carregava todo o equipamento fotográfico de Johnson. Responsável por ela, Johnson passaria a odiá-la no decorrer da expedição.

Após uma hora de viagem, eles já estavam longe de Fort Benton, sozinhos no vazio e na vastidão das Grandes Planícies.

PARTE II



O MUNDO PERDIDO

Noite nas planícies

Na primeira noite, eles acamparam num lugar chamado Clagett, à margem do rio Judith. Ali havia um entreposto, cercado de paliçadas, que aparentava ter sido abandonado recentemente.

Hill cozinhou seu primeiro jantar, que eles acharam pesado, mas aceitável. Acendera o fogo com nacos secos de estrume de búfalo, o que explicava um de seus apelidos: Fedorento. Terminado o jantar, guardou todos os mantimentos no alto de uma árvore, e Johnson quis saber por quê.

– Por causa dos ursos – respondeu. E ordenou: – Agora vá dormir.

Em seguida, pisoteou o chão e só depois estendeu a manta sobre a qual dormiria.

– Por que você fez isso? – perguntou Johnson.

– Para tapar os buracos de cobra, para que as peçonhentas não venham nos visitar durante a noite.

– Você está zombando de mim, não está?

– Que nada. Pode perguntar a qualquer um. A temperatura cai à noite, e elas não gostam do frio, então sobem pelas cobertas e se enroscam na perna da gente.

Johnson se aproximou de Sternberg, que também estendia sua manta.

– Você não vai pisotear o chão antes?

– Não – respondeu o homem. – O terreno aqui já é bastante plano, me parece bem confortável.

– Mas... e as cobras que se enroscam na perna da gente durante a noite?

– Acontece, mas é raro.

– *Acontece?* – rebateu Johnson, assustado.

– Não precisa se preocupar – falou Sternberg. – Basta você tomar cuidado quando acordar, vendo se não tem companhia na cama. De modo geral, as cobras fogem com a luz da manhã.

Johnson estremeceu.

Durante toda a viagem eles não haviam encontrado viva-álma, mas Isaac tinha plena convicção de que os índios eram um risco constante.

– Com essa gente é assim – disse ele. – Quando pensamos que estamos seguros, é aí que estamos em perigo.

E então sugeriu que se alternassem como sentinelas durante a noite; os outros, ainda que a contragosto, concordaram. Isaac se ofereceu para ficar com o último turno, antes do amanhecer.

Essa seria a primeira vez de Johnson num acampamento a céu aberto, sua primeira noite sob o dossel estrelado das pradarias, portanto ele dificilmente conseguiria dormir. A proximidade de ursos e cobras bastaria para roubar o sono de qualquer um, mas também havia outros bichos, como os lobos que uivavam com o vento, as corujas que arrulhavam na escuridão. Johnson nem sequer piscava, atento a todos os ruídos à sua volta.

Acordado durante todas as trocas de sentinela, ele viu quando Isaac assumiu o lugar de Sternberg às quatro da madrugada. Mas, depois disso, vencido pelo cansaço, caiu num sono profundo e só acordou quando ouviu uma assustadora sequência de tiros. Era Isaac, disparando seu revólver enquanto gritava:

– Parado aí! Eu disse parado!

Todos acordaram sobressaltados. Isaac apontava na direção leste.

– Tem alguém ali! Estão vendo? Tem alguém ali!

Eles olharam, porém não viram ninguém.

– Estou dizendo! Tem um homem ali, um homem sozinho!

– Onde?

– Ali! Ali!

Mais uma vez eles esquadrinharam o horizonte, mais uma vez não viram ninguém.

O cozinheiro desfiou um rosário de palavrões e falou:

– Esse aí morre de medo de índio. Vai enxergar índio atrás de cada moita enquanto estiver vigiando. Não vai dar sossego para ninguém.

Demonstrando grande calma, Cope se ofereceu para tomar o lugar de seu assistente e mandou que todos voltassem a dormir.

Semanas se passariam até que eles se dessem conta de que Isaac estava certo.

SE O TALENTO DE FEDORENTO como cozinheiro e o de Isaac como sentinela deixavam a desejar, o de Vento Brando como guia também não era lá grande coisa. Duas horas depois de

deixarem o acampamento, avistaram bosta de cavalo ainda fresca no chão.

– Índios – apavorou-se Isaac.

Irritado, Hill soltou uma risada irônica e disse:

– Quer saber o que é isso? É a bosta dos nossos próprios cavalos!

– Impossível.

– Acha mesmo? Está vendo aquelas marcas de roda ali no chão? – O cozinheiro apontou. – Aposto que são da nossa carroça. Vou colocar a carroça em cima delas para você ver. Estamos perdidos, essa é a verdade.

Cope aproximou seu cavalo do de Vento Brando.

– Estamos mesmo perdidos? – perguntou.

– Não – respondeu o guia.

– Você achou que ele ia dizer o quê? – indagou o cozinheiro. – Já viu algum índio admitir que se perdeu?

– Nunca ouvi falar de índio perdido – observou Sternberg.

– Bem, aí está um, e custou os olhos da cara – resmungou Hill. – Pode escrever o que digo: esse sujeito nunca andou por estas bandas, por mais que jure o contrário. E está perdido, por mais que jure o contrário.

Ouvindo a conversa, Johnson se viu tomado por um pavor estranho. Eles estavam cavalgando desde cedo sob a imensidão daquele céu azul, sobre a uniformidade daquela grande planície, e ele não via coisa alguma que pudesse servir de ponto de referência, exceto uma ou outra árvore no meio do nada, uma fileira de choupos à beira de um córrego. Aquilo realmente era um “oceano de mato”, tão amplo e traiçoeiro quanto qualquer outro oceano. Só agora Johnson compreendia por que todos no Oeste falavam com tanta familiaridade de certos marcos: Pompey’s Pillar, Twin Peaks, Yellow Cliffs. Essas poucas formações mais reconhecíveis eram como ilhas naquele mar de pradarias, e saber localizá-las era essencial para a sobrevivência dos viajantes.

Johnson se aproximou de Leander Davis.

– Acha que realmente estamos perdidos? – perguntou.

– Os índios nasceram aqui. São capazes de ler os sinais de sua terra de um modo que a gente nem imagina – respondeu Sapo, balançando a cabeça. – Não, não estamos perdidos.

– Bem, estamos indo para o sul – disse Hill, olhando para o sol. – Por que diabo estamos indo para o sul quando todo mundo aqui sabe que a bacia do Judith fica a leste? Alguém pode me explicar?

As duas horas seguintes foram tensas, até que eles encontraram uma velha trilha de caravana que seguia na direção leste. Vento Brando apontou e disse:

– Estrada de carroça para rio Judith.

– Então era esse o problema – disse Sapo. – Ele não está acostumado a viajar com carroças, mas precisava encontrar um caminho para a nossa.

– O problema não é esse – disparou Hill. – O problema é que ele não conhece a região.

– Claro que conhece – disse Sternberg. – Estas terras já estão dentro da região de caça deles.

Num silêncio solene, eles enfim seguiram viagem.

Incidentes nas planícies

Lá pelo meio da tarde ainda quente, Johnson seguia ao lado de Cope, conversando tranquilamente com ele, quando sentiu o chapéu saltar de sua cabeça, embora não estivesse ventando. E, logo em seguida, todos ouviram o disparo estrondoso de uma espingarda.

Depois outro. E mais outro.

Alguém estava atirando neles.

– Protejam-se! – gritou Cope. – Protejam-se!

Todos apearam rápido e correram para debaixo da carroça, de onde podiam ver uma nuvem de poeira avermelhada rodopiando ao longe.

– Essa não... – choramingou Isaac. – Índios.

A nuvem de poeira foi aumentando até deixar entrever o vulto indistinto de muitos cavaleiros. As balas ainda zuniam no ar, rasgando o pano da carroça, derrubando potes e painéis. Bessie, a mula, zurrava de pavor.

– Pronto, é o nosso fim – sussurrou Morton.

– Em breve ouviremos o zunido das flechas – disse Isaac. – E, quando eles chegarem mais perto, aposto que vão sacar as machadinhas.

– Silêncio! – ordenou Cope, que até então não tirara os olhos da nuvem. – Não são índios!

– Não acredito. Você é ainda mais doido do que eu imaginava! Quem mais poderia estar...?

Isaac se calou de repente. A nuvem já estava próxima o bastante para que eles conseguissem distinguir melhor os cavaleiros de farda azul que cavalgavam dentro dela.

– Ainda acho que podem ser índios – afirmou Isaac. – Usando as fardas que pegaram de Custer, para fazer um ataque surpresa.

– O que não seria surpresa alguma.

Vento Brando estreitou os olhos para enxergar melhor.

– Não é índio. Índio não monta com sela.

– O Exército! – exclamou Hill, aliviado. – Os meus camaradas de azul!

Sem pensar duas vezes, abandonou a barricada e começou a gritar e agitar os braços, acenando para os cavaleiros. Mas imediatamente correu de volta, acuado por mais uma saraivada de chumbo.

Os cavaleiros do Exército cercaram a carroça e, à maneira dos índios, seguiram cavalgando em círculo, atirando para o alto. Então pararam, e um jovem capitão se aproximou da carroça com seu cavalo resfolegante, o revólver apontado para o grupo escondido debaixo dela.

– Saiam daí, bando de vermes! Depressa! Antes que eu perca a cabeça e reduza a pó os miolos de cada um!

Cope foi o primeiro a obedecer. Estava roxo de raiva, as mãos cerradas junto à lateral das pernas.

– Exijo uma boa explicação para este ultraje! – foi logo dizendo.

– Vá buscar sua explicação no quinto dos infernos, patife! – devolveu o capitão, junto com dois disparos de seu revólver.

Não fosse um recuo súbito do cavalo, teria acertado seu alvo.

– Espere, capitão! – gritou um dos soldados. – Acho que não são contrabandistas.

A essa altura, todos do grupo de Cope já haviam saído de debaixo da carroça e esperavam enfileirados ao lado das rodas.

– É claro que são – disse o capitão. Estava claramente embriagado: enrolava a língua e mal conseguia se equilibrar na sela. – Quem seria doido de andar por estas bandas num momento como esse? Só essa raça de tratantes! Trazendo armas para os índios quando não faz nem uma semana que 600 dos nossos companheiros mais queridos foram mortos pelos selvagens! São vermes como vocês que...

Cope deu um passo à frente.

– Estamos numa expedição científica – explicou. – Empreendida com total conhecimento e aprovação do capitão Ransom, de Fort Benton.

– Mentira! – exclamou o homem, dando um tiro para o alto para enfatizar sua declaração.

– Sou Edward Cope, da Filadélfia, paleontólogo e professor da...

– Professorzinho de merda, isto é o que você é!

Não se contendo mais, Cope partiu para cima do homem, mas foi logo imobilizado por Sternberg e Isaac.

– Calma, professor! – gritou o primeiro. – Não perca a cabeça! Procure se controlar!

Cope não lhe deu ouvidos. Debatendo-se, gritou de volta:

– Vou dar uma lição neste aí!

Na confusão que se seguiu, o capitão do Exército disparou mais três tiros. Deu a volta com o cavalo e disse:

– Fogo neles, pessoal! Fogo neles!

– Mas capitão...

– Se eu disse fogo... – mais tiros –, então é fogo!

Outros dispararam, e Sapo caiu.

– Eles me acertaram! Eles me acertam! – urrou, a mão jorrando sangue.

Os companheiros correram para socorrê-lo. Ao mesmo tempo, um dos cavaleiros se aproximou com uma tocha em punho e ateou fogo na lona da carroça. E, por mais que o pessoal de Cope tentasse apagá-las, não demorou para que as labaredas tomassem conta de tudo.

– Quem vai ensinar uma lição aqui sou eu! – berrou o capitão. – Quero ver o fogo queimando! É o fogo do inferno!

Então eles deram meia-volta e se foram, ainda disparando para o alto.

Em seu diário, Cope foi sucinto:

Hoje passamos por um primeiro confronto com a cavalaria do Exército americano. Fogo apagado sem maiores prejuízos do que duas cabanas queimadas, mais a lona traseira da carroça. Um dos cavalos atingido no tiroteio. Um dos alunos ferido na mão. Nenhum ferimento mais grave, graças a Deus.

À noite, começou a chover. E veio uma tempestade que não dava sinal de trégua. Apertados debaixo da carroça, trêmulos de frio, eles tentaram dormir, apesar dos raios que espocavam de quando em quando, os clarões iluminando o cansaço e o desânimo no rosto de cada um.

No dia seguinte, mais chuva. E, àquela altura, a trilha já havia se transformado num grande lamaçal, deixando a viagem ainda mais lenta. O grupo não conseguiu avançar mais que penosos 3 quilômetros.

No meio da tarde o sol enfim apareceu e o dia esquentou. Todos passaram a se sentir mais bem dispostos, principalmente quando transpuseram uma pequena elevação e depararam com uma das mais belas imagens do Oeste: uma manada de búfalos. Uma quantidade tão imensa deles que mal se via o mato amarelado sob os corpos peludos. Os bichos pareciam inofensivos, apesar dos ocasionais bramidos e bufadas. No cálculo de Cope, devia haver ali mais ou menos dois milhões de cabeças.

– Considerem-se sortudos por poder ver esta cena – disse ele. – Daqui a um ou dois anos, rebanhos deste tamanho vão ser apenas uma lembrança.

– Onde há búfalos, há índios – observou Isaac, nervoso, sugerindo que naquela noite acampassem num terreno mais elevado.

Johnson ficou impressionado com a indiferença dos animais à presença humana. Eles não reagiram nem mesmo ao tiro de Sternberg, que caçara um antílope para o jantar. Mas Johnson depois lembraria a conversa do cozinheiro com Cope.

– Devo desatrelar a carroça esta noite? – perguntou Hill.

Cope olhou para o céu, pensativo.

– Melhor não – respondeu por fim.

Àquela altura o antílope já havia sido abatido, mas a carne estava infestada de pequenos parasitas. Embora o cozinheiro tivesse dito que já havia comido coisa muito pior, eles acharam por bem ficar apenas com a ração habitual de feijão e pão. Johnson escreveu: “Não aguento mais este maldito feijão, o mesmo que nos espera por mais seis semanas.”

Mas nem tudo era ruim. Empoleirados no alto de um rochedo próximo ao acampamento, eles comiam enquanto admiravam a manada se avermelhar com as cores do poente às suas costas. E ali ficaram até o nascer da lua, hipnotizados com as silhuetas peludas que mugiam ao longe. “Um espetáculo majestoso se estendendo placidamente aos nossos pés”, descreveu Johnson. “Era nele que eu ainda pensava quando me recolhi para um merecido e necessário descanso.”

UM RELÂMPAGO CLAREOU o céu à meia-noite e a chuva voltou a cair. Resmungando e xingando muito, os alunos pegaram suas cobertas e mais uma vez buscaram refúgio debaixo da carroça. A chuva foi rápida, mas eles continuaram onde estavam, tentando dormir.

– Caramba! – exclamou Morton, farejando o ar. – Que cheiro é esse?

– Você deitou em cima de um monte de bosta – disse Sapo.

– Droga, é verdade!

Eles ainda riam da situação quando, em meio ao rugir constante dos trovões, Cope surgiu ao lado da carroça e começou a circundá-la, chutando todo mundo.

– De pé, de pé! – berrava ele. – Saiam já daí!

Erguendo a cabeça, Johnson deparou com uma grande confusão: Hill e Vento Brando gritavam um com o outro enquanto Isaac e Sternberg recolhiam apressadamente toda a tralha do acampamento para jogar na carroça, que aos poucos começou a deslizar para a frente. Se não tivessem saído a tempo, os rapazes teriam sido degolados pelas rodas.

Nuvens carregadas passavam diante da lua. Com os olhos arregalados de susto, e os cabelos ainda molhados de chuva, Johnson correu para junto de Cope e, gritando mais alto que o trovões, perguntou:

– O que aconteceu? Por que estamos levantando acampamento?

Cope o afastou com um empurrão e gritou:

– Proteja-se, rápido! Use a face do rochedo como escudo! Ande, corra!

Isaac já havia puxado a carroça para junto do rochedo próximo, mas o cozinheiro ainda pelejava com os cavalos, que refugavam, agitados com a barulheira. Os alunos se entreolhavam sem entender nada.

E, de repente, Johnson entendeu. Aquilo que eles estavam ouvindo não eram trovões. Eram búfalos.

ATERORIZADA COM OS RELÂMPAGOS, a manada havia estourado na planície, e agora os búfalos corriam na direção do grupo numa massa compacta de músculos e chifres, desviando do rochedo por ambos os flancos, jogando lama para todos os lados. Não demorou para que os homens ficassem imundos. Perplexo, Johnson registraria mais tarde em seu diário: “Os respingos foram cobrindo nossas roupas, nossos rostos, nossos cabelos, e de repente estávamos apenas com os olhos à vista, quase vergados pelo peso de tanta lama.”

Algum tempo depois, eles não viam mais nada, apenas ouviam o tropel e os mugidos aflitos dos bichos que passavam por eles, fugindo em disparada. A impressão era de que aquilo não terminaria nunca.

Na realidade, o estouro da manada prosseguiria por mais duas horas ininterruptas.

JOHNSON ACORDOU com o corpo rígido, dolorido. Só conseguiu abrir os olhos depois que retirou a lama seca que havia colado suas pálpebras.

“Quando enfim pude enxergar alguma coisa”, lembraria ele mais tarde, “fiquei horrorizado com o que vi: era como se tivéssemos sido atingidos por um furacão. Até onde os olhos alcançavam, não se via outra coisa que não fossem lama e os pobres coitados do nosso grupo, que chapinhavam nela. Salvava-se apenas aquilo que tínhamos arrastado a tempo para junto do rochedo; todo o resto havia sido destruído. Duas barracas haviam sido tão pisoteadas que acabaram sumindo no lamaçal. Diversas panelas de ferro racharam sob o peso de tantos cascos. De um lado, trapos de uma camisa amarela; de outro, pedaços do que um dia fora uma espingarda.”

O desânimo era grande; principalmente o de George Morton, que parecia em estado de choque. Hill sugeriu que eles dessem meia-volta, mas Cope, como sempre, não se deixou convencer.

– Não vim até aqui para revolver a lama à procura de objetos sem importância – declarou –, mas para escavar ossos pré-históricos na bacia do Judith.

– Sim – disse o cozinheiro –, se conseguirmos chegar lá.

– Vamos chegar – assegurou Cope, mandando que eles se preparassem para seguir viagem.

Vento Brando estava muito sério. Cochichou algo para Cope, depois saiu cavalcando na direção norte.

– Para onde ele está indo? – quis saber George Morton, preocupado.

– Ele não acredita que o estouro aconteceu por causa dos raios – disse Cope. – Os búfalos não costumam agir assim.

– Parece que já houve um caso em Wyoming – disse Isaac. – Búfalos são bichos imprevisíveis, burros.

– Mas... o que mais poderia ser? – perguntou Morton, ainda aflito. – O que ele acha que foi?

– Vento Brando tem a impressão de que ouviu tiros pouco antes do estouro. E foi lá conferir.

– Foi falar com os amigos dele, os peles-vermelhas – acusou Isaac. – Dizer onde eles podem encontrar um bom estoque de brancos para escarpelar.

– Estou começando a achar tudo isso muito ridículo – disse Morton, insolente. – Acho que devíamos desistir e abrir mão da sandice dessa caçada.

“O estouro da manada abalou o desenhista”, pensou Johnson, observando de longe enquanto o outro tateava a lama à procura do seu bloco de rascunhos.

Vento Brando voltou uma hora depois, galopando em seu cavalo.

– Acampamento – informou, apontando para o norte. – Dois homens, dois ou três cavalos. Fogueira. Nenhuma barraca. Muitos cartuchos.

Abrindo a mão, deixou cair uma cascata de cápsulas de cobre.

– Pelo amor de Deus... – falou Sternberg.

– São homens de Marsh – afirmou Cope, sério.

– Você chegou a ver os tais homens? – perguntou Morton.

– Não – disse o índio. – Foram embora faz tempo.

– Em que direção?

Vento Brando apontou para o leste. A mesma direção para onde eles estavam indo.

– Então vamos nos encontrar outra vez – disse Cope, cerrando as mãos em punho. – O que será um grande prazer.

AS BADLANDS

O rio Judith, afluente do Missouri, descia das montanhas Little Belt e desaguava num grande emaranhado de riachos relativamente largos.

– Tem muita truta, e das boas, nestas águas – disse Hill. – Não que a gente tenha vindo para pescar...

A bacia do rio, também conhecida como Badlands, consistia numa grande extensão de terra erodida, com uma ampla variedade de formações rochosas cujos contornos lembravam criaturas misteriosas, como dragões ou demônios. Ou gárgulas, segundo Sapo.

O braço do rapaz agora estava inchado e vermelho, e ele reclamava de muita dor. Na opinião de Sternberg, o melhor seria mandá-lo de volta para Fort Benton, onde o médico do Exército poderia amputar o braço ferido com uma serra cirúrgica e uma boa quantidade de uísque como sedativo. Mas nem Sternberg nem os outros falavam sobre o assunto com Sapo.

As dimensões das formações geológicas eram espantosas. Em certos lugares, os “afloramentos”, como Cope as denominava, pareciam ter mais de 300 metros de altura. Além disso, as faixas de sedimento tinham cores diferentes, ora rosadas, ora negras, o que deixava a paisagem ainda mais bela. Mas a região em si era inóspita: a pouca água disponível muitas vezes era salobra ou alcalina, imprópria para beber.

– Difícil acreditar que um dia isto aqui foi um grande lago cercado de pântanos – disse Cope, admirando as esculturas de arenito.

A impressão era de que o professor sempre enxergava mais do que os outros. Sternberg também: o caçador de fósseis, além de ríspido e prático, tinha o olhar treinado de um explorador das planícies e costumava saber onde encontrar animais selvagens para caçar e água boa para beber.

– Vamos ter água suficiente por aqui – previu ele. – Nosso maior problema não será a água, e sim a poeira.

E, de fato, o ar ali tinha um quê de alcalino, terroso. Mas os outros não pareciam muito incomodados com isso. Para eles, o problema mais imediato era encontrar um lugar adequado para acampar e começar a escavar, o que não era uma tarefa fácil: a ausência de trilhas tornava complicado, e por vezes perigoso, transitar com a carroça no terreno irregular.

Havia ainda a preocupação com os índios, pois volta e meia se viam no chão as marcas que eles deixavam para trás: pegadas de cavalo, restos de fogueira, a carcaça de um antílope. Algumas das fogueiras pareciam recentes, mas Sternberg não dava a isso nenhuma importância: sabia que nem mesmo os sioux seriam doidos de permanecer por muito tempo naquela região.

– Só mesmo um branco maluco para passar o verão nestas bandas – declarou, rindo. E, com um tapa nas costas de Johnson, prosseguiu: – E só um branco mais maluco ainda, e muito rico, para escolher passar as férias aqui em vez de ir para a Europa.

Empurrando a carroça nas subidas, refreando-a nas descidas, eles viajaram por mais dois dias até que finalmente Cope encontrou um lugar que a seu ver prometia ossos. Disse que poderiam acampar ali por perto mesmo, mas Sternberg sugeriu o topo de uma colina próxima. E, lá foram eles, empurrando a carroça uma última vez, tossindo com a poeira levantada pelas rodas. Sapo, incapaz de ajudar por causa do braço ferido, disse:

– Estão sentindo cheiro de fogo?

Não, ninguém estava.

Do alto da tal colina o grupo podia ver as planícies e o curso sinuoso do rio com os choupos nas margens. E muito ao longe era possível ver também um sem-número de barracas indígenas, todas brancas, com uma coluna de fumaça saindo de cada uma.

– Santo Deus! – exclamou Sternberg, fazendo seus cálculos.

– Quantas você acha que são? – perguntou Isaac.

– Mais de mil, eu acho – respondeu. E repetiu: – Santo Deus!

– ESTAMOS MORTOS – disse Isaac. – Isso é o que eu acho.

– Também acho – concordou o cozinheiro Hill, cuspiendo no chão.

Sternberg não tinha tanta certeza assim. A questão crucial era: de que tribo seriam aqueles índios? Se fossem sioux, então Isaac estava certo: eles podiam se considerar mortos. Mas, pelo que lhes disseram em Fort Benton, os sioux deveriam estar mais para o sul.

– Que diferença faz onde eles deveriam ou não estar? – perguntou o cozinheiro. – Estão aqui, e nós também. E foi esse safado do Vento Brando que trouxe a gente, então...

– Chega de conversa – interrompeu Cope. – Temos muito o que fazer. Montem o acampamento e procurem agir com naturalidade.

– O senhor primeiro, professor – disse Hill.

Era difícil agir com naturalidade depois de ver mil tendas indígenas – mais cavalos, fogueiras e pessoas – espalhadas pela planície vizinha. Alguns dos índios apontavam e gesticulavam. Já os tinham avistado, claro.

Não havia mais nada para tirar da carroça quando um grupo de cavaleiros atravessou o rio e veio cavalgando na direção do acampamento.

– Lá vêm eles, pessoal – sussurrou Hill.

Johnson contou doze homens. Quanto mais se aproximavam, mais seu coração retumbava dentro do peito. Eram exímios cavaleiros, galopando em disparada e deixando atrás de si um rastro de poeira. Uivavam e gritavam de um modo feroz.

“Aqueles foram os primeiros índios que vi na vida”, lembraria Johnson mais tarde, “e fiquei curioso na mesma medida em que fiquei apavorado. Confesso que os gritos selvagens e a nuvem de poeira empurravam o fiel da balança na direção do pavor e, pela milésima vez naquela viagem, lamentei a aposta precipitada que tinha feito.”

Os índios agora cavalgavam ao redor da carroça, uivando com entusiasmo. Sabiam do medo que impunham aos brancos, divertiam-se com isso. Por fim se aproximaram, e o chefe, grunhindo, repetiu diversas vezes:

– *Howah, howah.*

– O que ele disse? – perguntou Johnson ao ouvido de Sternberg.

– Disse *how*.

– E o que isso significa?

– Significa “eu concordo, tudo está bem, viemos em paz”.

Johnson agora podia ver melhor o semblante dos índios. Como todos os novatos, espantou-se com a beleza deles: “Eram altos, fortes, com traços de aspecto agradável, um porte digno e altivo, uma surpreendente limpeza tanto no corpo quanto nas roupas de couro.”

Eles não sorriam, mas pareciam bem-intencionados. Todos do grupo responderam *Howah* enquanto corriam os olhos pelo acampamento. Seguiu-se um silêncio constrangedor. Isaac, que tinha algum conhecimento da língua indígena, arriscou algumas palavras de boas-vindas.

Eles imediatamente fecharam a cara, deram meia-volta com os cavalos e foram embora, levantando mais uma nuvem de poeira.

– Seu imbecil, o que falou para eles? – indagou Sternberg.

– Falei: “Sejam bem-vindos; desejamos sucesso e felicidade na jornada de suas vidas.”

– Em que língua?

– Em mandan.

– Não acredito... Mandan é a língua dos sioux, seu idiota. Esses aí são crows!

Até mesmo Johnson, com sua pouca experiência nas planícies, sabia da tradicional inimizade entre os sioux e os crows. As duas tribos nutriam entre si um ódio profundo e implacável que só fizera aumentar após a recente aliança dos crows com os brancos na luta contra os sioux.

– Bem, o mandan é a única língua que eu sei – protestou Isaac –, então foi nela que falei.

– É muito burro... – rosnou Sternberg. – Se antes estávamos em maus lençóis, agora estamos perdidos.

– Pensei que os crows nunca matassem brancos – disse Morton, mordendo os lábios.

– Isso é o que os crows dizem – explicou Sternberg –, mas eles tendem a exagerar. Não se iludam, rapazes, estamos com um grande problema nas mãos.

– Bem, então vamos até lá resolver o problema – declarou Cope, com sua habitual concisão.

– Depois da nossa “última ceia”? – ironizou Hill.

– Não – disse Cope. – Agora.

O povoado indígena

Os povos aborígenes caçavam naquelas planícies havia mais de dez mil anos. Presenciaram o aquecimento da Terra e o recuo dos glaciares, assim como testemunharam (ou aceleraram) a extinção local dos grandes mastodontes, dos hipopótamos e dos medonhos tigres dentes-de-sabre. Já caçavam nas densas florestas do passado e continuavam caçando nas gramíneas do presente. Vinham subsistindo, ao longo dos milênios e das muitas mudanças climáticas, como caçadores nômades na vastidão daquelas paragens.

Os índios do Oeste americano eram uma gente colorida, dramática, mística e aguerrida. Despertavam o interesse de quem quer que os visse e, pelo menos na imaginação popular, eram um símbolo de todos os demais povos ameríndios. Os rituais antiquíssimos, a singularidade do seu modo de vida, tudo isso despertava uma grande admiração por parte dos pensadores liberais.

Mas, na realidade, a sociedade indígena das planícies americanas não era muito mais antiga do que a nação branca que agora ameaçava sua existência. Eram caçadores nômades de uma sociedade organizada em torno do cavalo, assim como os mongóis da Ásia. No entanto, não fazia mais de 300 anos que os cavalos tinham chegado às Américas pela mão dos espanhóis, mudando radicalmente a cultura local.

E até mesmo as estruturas tribais tradicionais, e suas rivalidades, eram menos antigas do que se imaginava. Muitos acreditavam que os índios crow já haviam sido parte da nação sioux, vivendo no que hoje é o estado de Iowa. Eles haviam migrado na direção de Montana e evoluído aos poucos como um povo independente até se tornarem os grandes inimigos de sua família de origem. Um especialista escreveu: “Os sioux e os crows são quase idênticos no

modo de vestir, nos hábitos, nos costumes, na língua, nos valores e no aspecto físico. Em princípio, esse grande número de semelhanças propiciaria uma relação de amizade entre os dois povos, mas são justamente essas características que acirram o seu antagonismo.”

Pois eram esses mesmos crows que eles iam visitar agora.

EM GERAL, AS PRIMEIRAS impressões que se tinha de um povoado indígena eram contraditórias. Henry Morton Stanley, o célebre explorador e jornalista galês que em 1871 encontrou na África o desaparecido David Livingstone, escreveu o seguinte depois de visitar com Custer a aldeia de Chaleira Preta, o chefe dos cheyenne: “Uma imundice que desafia qualquer tentativa de descrição.” Espantou-se, em especial, com os bichos que vira nas roupas jogadas pelo chão e com o cheiro de fezes que sentira no ar. Também havia quem estranhasse os cachorros que eles assavam na fogueira ou a carne de búfalo que comiam crua.

As primeiras impressões de Johnson ao pisar no acampamento dos crows, porém, talvez revelassem mais de si mesmo que dos índios.

Quem pensa que os índios nômades vivem uma vida de liberdade e desregramento levará um susto quando tiver a oportunidade de visitá-los. Pelo menos nas planícies do Oeste, os acampamentos indígenas têm o mesmo rigor dos guerreiros que ali habitam.

Há regras para tudo: para a disposição das barracas de couro de alce, para a distribuição dos objetos dentro delas (tapetes, esteiras que fazem as vezes de cadeiras, potes para o armazenamento do couro não curtido), para a estampa das roupas e das barracas, para a construção das fogueiras e para o modo de cozinhar. Também há regras de comportamento para todos os momentos da vida: na guerra, na paz, para os momentos que antecedem a caça e os da caça em si.

E, em vista da seriedade e da disciplina com que essas regras são obedecidas, dificilmente haverá forasteiro que se esqueça que está diante de uma raça de guerreiros.

Eles amarraram os cavalos nas imediações do acampamento e seguiram caminhando devagar, sob o olhar curioso de todos que os cercavam, as crianças parando de rir para observar em silêncio a passagem dos brancos recém-chegados. O ar recendia à carne de veado que assava na fogueira e aos cortes de couro pendurados para secar. A certa altura, um guerreiro mais jovem foi ao encontro deles e gesticulou de um modo elaborado.

– O que ele está fazendo? – sussurrou Johnson.

– Língua de sinais – disse Sapo, apertando contra si o braço ferido.

– Você entende?

– Não.

Mas Vento Brando, sim. E foi ele quem conversou com o guerreiro na língua dos crows.

Em seguida, foram conduzidos para uma barraca maior, onde cinco outros guerreiros, mais velhos que o primeiro, estavam sentados em semicírculo em torno de uma fogueira.

– São os chefes – sussurrou Sapo.

Ao sinal de um deles, Cope sentou-se com seu grupo no chão, completando o círculo ao redor do fogo.

Então tiveram início as negociações mais demoradas que já tive a oportunidade de presenciar. Os índios adoram falar, não têm pressa nenhuma. A curiosidade natural do seu povo, a formalidade dos protocolos cerimoniais, a indiferença com relação ao tempo, tudo isso levava a crer que aquela primeira reunião de apresentações não acabaria tão cedo. Tudo precisou ser explicado: quem éramos (incluindo nossos nomes e o significado deles); de onde vínhamos (as cidades, o significado do nome das cidades, o itinerário que tínhamos escolhido, os motivos dessa escolha, os incidentes que tínhamos enfrentado pelo caminho); os objetivos de nossa viagem (o porquê de nosso interesse por ossos, como pretendíamos escavá-los, o que faríamos com eles depois); o que vestíamos (o porquê de cada peça de vestuário, o significado dos anéis, botões e fivelas); e assim por diante. Ad infinitum et ad nauseam.

Se o interrogatório parecia interminável, isso se devia, pelo menos em parte, à tensão dos próprios brancos. Sternberg observara que os índios “não pareciam muito interessados em nossas respostas”. Logo ficou claro que eles já sabiam sobre Cope e haviam sido informados de que o professor, além de não gostar dos índios, assassinara o próprio pai. Por isso, tinham sido aconselhados a matá-lo.

Cope ficou furioso, mas procurou se controlar. Sempre sorrindo, disse aos companheiros:

– Estão vendo o que aquele cachorro sarnento é capaz de fazer? Quem será o vilão dessa história, hein? Eu ou Marsh? Sou eu quem fica o tempo todo tentando sabotá-lo? Sou eu o invejoso?

Os chefes podiam ver que ele estava irritado, e Vento Brando foi logo dizendo que tudo não passava de uma grande inverdade.

Mas os índios bateram pé, insistindo que não havia qualquer inverdade.

Então Vento Brando quis saber quem havia dito aquelas coisas todas.

Um agente de Nuvem Vermelha.

Nuvem Vermelha era um chefe sioux, não era?

Era.

Os sioux eram inimigos dos crows, não eram?

Eram.

Que motivo eles teriam, portanto, para acreditar na palavra de um inimigo?

E assim prosseguiu a conversa, prolongando-se noite adentro. Lá pelas tantas, talvez para se acalmar, Cope começou a desenhar. Esboçou o perfil de um dos cinco chefes, e a

semelhança despertou grande interesse no homem, que pediu para ficar com o desenho. Cope entregou-lhe o papel e o chefe pediu para ficar com a caneta também. Cope recusou.

– Professor – alertou Sternberg –, acho melhor o senhor entregar a caneta.

– De jeito nenhum.

– Professor...

– Está bem, está bem – disse Cope por fim, e entregou a caneta.

Faltava pouco para amanhecer quando o tema da conversa passou de Cope para Sapo. Os chefes convocaram a presença de um sujeito muito magro e muito pálido, com um brilho amalucado no olhar. Chamava-se Veado Branco e aparentemente fazia pouco que havia sido elevado à condição de chefe. Ele olhou para Sapo, resmungou algo e saiu.

Em seguida, os índios informaram que queriam que Sapo permanecesse no acampamento e que os outros fossem embora.

Cope recusou.

– Não tem problema – declarou Sapo. – Posso ficar como uma espécie de refém.

– É possível que matem você.

– Se fizerem isso – observou o rapaz –, o mais provável é que também matem vocês logo depois.

No fim das contas, Sapo ficou e os outros partiram.

DE VOLTA AO ACAMPAMENTO, já com o dia claro, eles ficaram observando de longe o que os índios estavam fazendo. Os guerreiros cavalgavam em círculo enquanto outros construíam uma fogueira grande.

– Coitado de Sapo – disse Isaac. – Vão torturá-lo, com certeza...

Cope acompanhava tudo com seu binóculo, mas a fumaça da fogueira não permitia que ele visse muita coisa. Os índios agora cantavam algo; seguiram cantando até as nove da manhã, então pararam abruptamente.

Um destacamento de guerreiros chegou logo depois com Sapo, a quem tinham dado um cavalo. Cope limpava sua dentadura numa tigelinha metálica e, ao verem isso, os índios ficaram fascinados. Antes mesmo de deixarem Sapo apear, pediram ao professor que demonstrasse o uso do estranho objeto. Cope colocou e tirou a dentadura repetidas vezes, sorrindo ora com os dentes perfeitos, ora com a boca banguela, para deleite de sua plateia.

Sapo finalmente desceu do cavalo e, meio aturdido, esperou que os guerreiros se afastassem para em seguida contar:

– Aquele chefe magricela, o Veado Branco... Ele fez um feitiço pra curar meu braço.

– E doeu?

– Nem um pouco. Ele apenas agitou umas penas sobre o ferimento enquanto dizia uma oração lá na língua dele. Mas me deu uma coisa horrível para comer.

– O quê?

– Sei lá. Só sei que era horrível – disse Sapo. – E que estou muito cansado.

E então ele se deitou ao lado da carroça e dormiu por doze horas seguidas.

NA MANHÃ SEGUINTE, seu braço já estava bem melhor; em três dias estava curado. E diariamente aparecia alguém da tribo para ver Cope, ou Dente Falso, lavar sua dentadura. Muitas vezes iam até lá apenas para ver o trabalho dos brancos, depois iam embora sem nada pedir ou levar. Estavam muito interessados. Nunca tinham visto alguém caçar aquilo antes: ossos.

A terra dos ossos

Após resolver aqueles problemas iniciais, Cope estava impaciente para começar a trabalhar. Os alunos o encontraram de pé no frio e na tênue luz do amanhecer, olhando para o alto de um penhasco vizinho ao acampamento. De repente, virou-se para eles e disse:

– Venham comigo. Rápido, rápido! Essa é a hora em que tudo fica mais nítido.

– Tudo o quê?

– Daqui a pouco vocês vão ver – respondeu. Conduziu-os até a face mais próxima do tal penhasco e perguntou: – Então, estão vendo alguma coisa?

Correndo os olhos pelo paredão, os alunos não enxergaram nada além da superfície nua de uma formação esculpida pelo tempo, basicamente cinza, com apenas algumas estrias em tons de rosa e preto.

– Nada de ossos? – insistiu Cope.

Encorajados pela dica, eles observaram com mais atenção, estreitando os olhos para enxergar melhor na penumbra da madrugada. A certa altura, Sapo apontou e disse:

– É aquilo ali no alto?

– Não. Aquilo são apenas algumas pedras embutidas no arenito.

– Ali? Próximo ao cume? – quis saber Morton.

Cope balançou a cabeça, dizendo:

– Alto demais. Não é lá que vocês devem procurar.

– Ali? – arriscou Johnson.

Cope riu e disse:

– Não. São arbustos secos de artemísia. Parece que vocês conseguem enxergar tudo, menos ossos. É para o centro do penhasco que devem olhar. Numa formação alta como esta, a zona cretácea estará mais para o meio; noutra mais baixa, estará junto do cume. Mas nesta, não. Aqui ela está pouco abaixo daquela faixa rosada ali no meio, estão vendo? Então façam o seguinte: deixem o olhar percorrer essa faixa até encontrar uma área oval mais rugosa. Estão vendo ali? Acharam? Pois bem, aquilo são ossos.

Só então eles viram: os ossos refletiam de um modo bem diferente a luz do sol que incidia sobre a face do penhasco; além disso, eram mais arredondados do que as pedras incrustadas, bem mais angulosas, e tinham uma cor ligeiramente diferente. Diante desse primeiro exemplo, os alunos não demoraram para encontrar outros no mesmo rochedo.

Johnson escreveu:

Logo constatamos que o penhasco estava apinhado de ossos. Antes invisíveis aos nossos olhos, agora eram tão reais e concretos quanto nosso próprio nariz. Mas, como diz o professor Cope, precisamos aprender a reconhecer a concretude do nosso nariz. Ele vive repetindo: “Nada é óbvio.”

ERAM OSSOS DE DINOSSAURO.

Em 1876, o aval científico para a existência dos dinossauros naquela região ainda era bastante recente, e na virada do século ainda haveria quem achasse que tudo não passava de uma grande fantasia, embora as provas estivessem ali para quem quisesse ver.

Voltando um pouco no tempo, em julho de 1806, William Clark, da Expedição Lewis & Clark, havia explorado a margem sul do rio Yellowstone, região que mais tarde viria a ser o território de Montana, e encontrara um fóssil “assimentado [sic] na face da rocha”. Em suas descrições, o osso tinha 8 centímetros de diâmetro e 90 de comprimento e devia ser a costela de um peixe. No entanto, o mais provável era que fosse um osso de dinossauro.

Mais ossos de dinossauro foram encontrados em 1818, em Connecticut, porém para muitos tratava-se dos restos mortais de algum ser humano. Pegadas de dinossauro, descobertas na mesma região, supostamente seriam as marcas deixadas pelo “corvo de Noé”.

Foi em 1824, na Inglaterra, que alguém reconheceu o verdadeiro significado desses fósseis. William Buckland, um excêntrico ministro da Igreja Anglicana, escreveu sobre “o *Megalosaurus*, ou o Grande Lagarto Fossilizado de Stonesfield”. Na sua imaginação, a criatura tinha mais de 12 metros de comprimento e “um volume correspondente ao de um elefante de 2 metros de altura”. Mas esse réptil notável era considerado um espécime isolado.

No ano seguinte, o médico inglês Gideon Mantell escreveu sobre o “*Iguanodon*, um réptil fossilizado recém-encontrado”. Sua descrição baseava-se sobretudo em alguns dentes grandes achados numa pedreira na Inglaterra. Num primeiro momento, os dentes foram submetidos à

análise do francês Georges Cuvier, o maior anatomista da época; na opinião dele, tratava-se dos incisivos de um rinoceronte. Não satisfeito, Mantell permaneceu convicto de que havia descoberto “os dentes de um réptil herbívoro desconhecido”, e depois de um tempo demonstrou que eles eram bastante parecidos com os de uma iguana encontrada na América do Norte.

Cuvier admitiu seu erro, mas cogitou: “Será que não temos aqui um novo animal, um réptil herbívoro... de tempos passados?” Outros répteis fossilizados foram sendo encontrados numa sequência relativamente rápida: *Hylaeosaurus*, em 1832; *Macrodontophion*, em 1834; *Thecodontosaurus* e *Paleosaurus*, em 1836; e *Plateosaurus*, em 1837. Cada nova descoberta parecia corroborar a tese de que os ossos representavam um grupo inteiro de répteis havia muito extinto da face da Terra.

Por fim, em 1841, Richard Owen, outro médico e anatomista, propôs que esse grupo fosse chamado de *Dinosauria*, ou “lagartos medonhos”. A tese teve aceitação tão grande que, em 1854, réplicas em tamanho natural foram expostas no Palácio de Cristal de Sydenham, Londres, com grande sucesso de público. (Owen, nomeado cavaleiro pela rainha Vitória, acabaria tornando-se um grande opositor da doutrina evolucionista de Darwin.)

Por volta de 1870, o foco da caça aos dinossauros passou da Europa para a América do Norte. Sabia-se desde 1850 que havia um grande número de fósseis no Oeste americano, mas a recuperação dos ossos gigantes só foi possível depois da inauguração da ferrovia transcontinental, em 1869.

E foi no ano seguinte que teve início a rivalidade furiosa entre Cope e Marsh, ambos querendo para si a primazia na exploração dos novos sítios, ambos dominados pela ambição despudorada de um Andrew Carnegie ou de um John D. Rockefeller. Essa agressividade, incomum no meio científico, não só era um reflexo dos valores vigentes na época, como também dava provas de que os dinossauros já não eram um mistério. Cope e Marsh sabiam exatamente aonde queriam chegar: descobrir uma série completa de répteis desaparecidos e, de quebra, entrar para a história.

Mas ambos sabiam que as glórias recairiam principalmente sobre aquele que descobrisse o maior número de espécimes.

O DESAFIO TORNOU-SE, para os dois homens, uma ideia fixa. “A caça aos ossos”, escreveu Johnson, “exerce um singular fascínio sobre os caçadores: eles nunca sabem o que vão encontrar, mas a *possibilidade* de encontrar é combustível suficiente para que continuem procurando.”

E havia, de fato, muito o que encontrar. Enquanto os alunos escavavam a face do rochedo, Cope trabalhava no chão, desenhando, fazendo anotações, classificando ossos. Exigia que os

rapazes fossem meticolosos e registrassem, com exatidão, que ossos haviam sido encontrados perto de quais outros. Pás e picaretas eram usadas para desprender os blocos de pedra, mas depois davam lugar a ferramentas menores e aparentemente fáceis de manipular: martelos, cinzéis, pincéis e escovas. No entanto, apesar da iniciativa dos alunos, havia uma grande quantidade de procedimentos técnicos a serem aprendidos, sobretudo os critérios na hora de escolher entre os três martelos de cabeças e pesos diferentes, entre os quatro cinzéis de espessuras diferentes (importados da Alemanha, explicou Cope, pela qualidade superior do aço), entre os dois instrumentos para a raspagem das pedras e entre a múltipla variedade de escovas para a limpeza do pó, da sujeira e do cascalho.

– Chegamos longe demais para não fazer a coisa do jeito certo – disse Cope. – E os fósseis nem sempre se deixam tirar com facilidade.

Não bastava ir martelando uma pedra até soltar o osso fossilizado, explicou aos alunos. Era preciso avaliar a posição do fóssil, cinzelar a pedra onde necessário, martelá-la apenas muito raramente. Para saber o que era pedra e o que era fóssil, era preciso observar com atenção as diferenças de cor.

– Às vezes é preciso cuspir na pedra. A umidade realça o contraste – acrescentou.

– Não vai demorar muito para que eu morra de sede – reclamou George Morton.

– E não basta apenas olhar para o que vocês estão fazendo – prosseguiu Cope. – É preciso ouvir também. Ouvir o barulho dos golpes de cinzel contra a pedra. Quanto mais agudos, mais dura ela é.

Ele também demonstrou a posição correta para a extração dos fósseis de acordo com a inclinação da rocha: ora de braços ou de joelhos, ora agachados ou até de pé. Quando a face da rocha era muito íngreme, era preciso martelar um esporão e se prender com uma corda. Era importante saber como o sol, no ângulo correto, podia iluminar não apenas a face da rocha como também as fissuras e sulcos inesperados.

A certa altura, Johnson se lembrou das aulas de fotografia e da dificuldade que encontrara; mas agora ele via que extrair um fóssil das garras de uma pedra, sem danificá-lo, era infinitamente mais complexo.

Cope demonstrou ainda a maneira mais eficiente de dispor as ferramentas ao lado da mão que as usaria, pois ao longo do dia eles teriam de alternar, centenas de vezes, entre martelo, cinzel, pincel e escova. Os canhotos deveriam manter o cinzel à direita, as escovas à esquerda.

– O trabalho é bem mais cansativo do que vocês imaginam – advertiu ele.

E realmente era. Depois dos primeiros dias, George Morton disse:

– Meus dedos estão doendo, os punhos estão doendo, os ombros estão doendo, os joelhos estão doendo, os pés estão doendo.

– Antes você do que eu – disse Hill.

Assim que os ossos eram levados para o acampamento, Cope os espalhava sobre uma manta de lã preta para obter mais contraste, depois passava um bom tempo olhando para as peças individualmente, tentando descobrir a relação entre elas. Lá pelo fim de julho, identificou um *Hadrosaurus* bico de pato e, uma semana depois, um réptil voador; em agosto, identificou um *Titanosaurus* e os dentes de um *Champsosaurus*.

– Estamos encontrando coisas maravilhosas! – exclamou ele. – Dinossauros maravilhosos!

O TRABALHO ERA EXTENUANTE, fisicamente cruel e, por vezes, perigoso. Entre outras coisas, tanto ali quanto em todo o resto do Oeste, as dimensões das formações podiam ser enganosas: o que parecia ser um pequeno penhasco revelava-se, ao ser escalado, um paredão de mais de 150 metros. Subir até a parte central não era fácil, pois a rocha esfacelava-se com facilidade, e manter o equilíbrio lá em cima era bastante cansativo. Aquele era um mundo estranho: muitas vezes, trabalhando em paredões enormes, eles ficavam tão distantes uns dos outros que mal se enxergavam, mas, em razão do silêncio à sua volta e da curvatura da rocha (que funcionava como um funil), nem sequer precisavam gritar para conversar entre si, mesmo com o constante martelar dos cinzéis.

Outras vezes, o silêncio geral e o isolamento tornavam-se opressivos, em especial agora que os crows haviam partido.

E STERNBERG TINHA RAZÃO: no fim das contas, a poeira era o que havia de pior naquelas bandas. Nuvens terrivelmente alcalinas eram levantadas a cada golpe de pá ou picareta, irritando os olhos de todos, queimando as narinas, secando a boca, provocando acessos de tosse, fazendo arder os cortes não cicatrizados, invadindo as roupas até provocar assaduras nas axilas, cotovelos e joelhos, entrando nos sacos de dormir, misturando-se à comida e ao café. Carregada pelo vento, a poeira tornava-se uma força constante, símbolo daquele lugar desafiador e pouco convidativo.

As mãos dos rapazes, necessárias em todos os passos da escavação, não demoraram a sucumbir a arranhões e calos, ardendo terrivelmente com a poeira. Tal como Cope instruíra, precisavam ser lavadas ao fim de cada dia e esfregadas com o emoliente amarelado que ele levava na bagagem.

– O cheiro é péssimo – disse Johnson ao usar o produto pela primeira vez. – O que é isso?

– Gordura de urso clarificada.

Mas a poeira estava por toda parte. Eles recorriam aos mais diversos expedientes, porém nada dava resultado. Lenços na testa ou no rosto não ajudavam, pois os olhos ficavam de fora. Uma barraca fora improvisada para proteger a comida preparada pelo cozinheiro, mas pegou fogo dois dias depois. De início, eles reclamavam muito; no entanto, ao cabo de duas semanas,

nem se davam mais a esse trabalho. Era como se tivessem firmado um pacto de silêncio: ninguém falaria mais de poeira.

UMA VEZ TIRADOS DA ROCHA, os blocos fossilizados eram baixados até o chão por meio de cordas num processo longo e difícil. Bastava um pequeno erro de cálculo para que eles escorregassem do cordame e rolassem paredão abaixo até se espatifar no chão, perdendo todo o seu valor.

Quando isso acontecia, Cope espumava de raiva, lembrando aos rapazes que aqueles fósseis tinham ficado ali “por milhões de anos, na santa paz de Deus e perfeitamente preservados, esperando, apenas para cair das mãos de um bando de idiotas! De *idiotas!*”.

Quanto maior a bronca, mais os alunos rezavam pelo dia em que pudessem dar o troco diante de uma falha do próprio professor. Mas esse dia nunca chegava, e Sternberg por fim os advertiu: “Podem ir tirando o cavalinho da chuva, porque o homem, fora o pavio curto, é perfeito.”

MAS A ROCHA DOS PAREDÕES era frágil e não era raro que os fósseis quebrassem, por maior que fosse o cuidado. O mais frustrante era quando eles quebravam dias ou semanas depois de descidos para o chão.

Sternberg foi o primeiro a propor uma solução.

Eles haviam trazido de Fort Benton uma quantidade enorme de sacos de arroz, muito mais do que teriam a oportunidade de comer (“ou vontade”, disse Isaac, alfinetando Hill). Então ocorreu a Sternberg que, em vez de jogá-lo fora, poderiam cozinhar o arroz até se tornar uma papa gelatinosa e em seguida jogá-lo sobre os fósseis para preservá-los melhor. A camada de arroz dava a impressão de que havia nevado sobre os blocos, ou, segundo observou o próprio Sternberg, de que alguém havia fritado um “gigantesco bolinho”.

A nova técnica se revelou um enorme sucesso: nenhum fóssil se quebrou dali em diante.

Em torno do fogo

Diariamente, quando a luz do anoitecer dava um aspecto mais brando à paisagem, Cope se reunia com seu grupo para repassar os resultados do dia e falar um pouco sobre o mundo perdido em que tinham vivido aqueles animais gigantes, donos de tantos ossos.

Sobre o professor, Sternberg escreveria mais tarde: “Quando queria, Cope podia ser um grande orador. Falava tão bem que, em uma noite, pedras cinzentas davam lugar a uma floresta densa e verdejante; córregos se transformavam em lagos enormes, sufocados pelo excesso de vegetação; céus que nunca despejavam chuva ficavam carregados de nuvens escuras; em suma, toda a paisagem árida se transformava num grande pântano primitivo. Era de arrepiar.”

Parte desses arrepios se devia também ao sabor herético de toda a história. Ao contrário de Marsh, Cope não era um darwinista, mas parecia acreditar na evolução e na existência de tempos imemoriais. Morton, que pretendia ser pastor como o pai, perguntou a Cope, que era “um homem da ciência”, qual era a idade do mundo.

Cope disse que não fazia a menor ideia. Sua resposta foi mansa, modo que ele adotava sempre que queria esconder algo; a voz ficava calma e tranquila, o oposto de seu habitual pavio curto. Era assim que ele ficava toda vez que a conversa resvalava para áreas que, a seu ver, beiravam a religião. Quacre convicto (apesar do temperamento de pugilista), tinha dificuldade de pisar nos calos religiosos de outras pessoas.

– Será verdade – insistiu Morton – que o mundo tem apenas 6 mil anos, como afirma o arcebispo Ussher?

Muitas pessoas sérias e instruídas ainda acreditavam nisso, apesar de todo o barulho que vinham fazendo Darwin e os novos cientistas chamados de “geólogos”. O problema, diziam,

era que os cientistas viviam se contradizendo: o que valia hoje era uma coisa, o que valia um ano depois era outra. As teses científicas mudavam com a mesma frequência da moda feminina, ao passo que a data de 4004 a.C. era bem mais palatável para aqueles que buscavam uma verdade mais permanente.

– Não – disse Cope. – Não acho que o mundo seja tão recente.

– Que idade terá então? – perguntou Morton. – Dez mil anos? Vinte mil?

– Não – respondeu Cope, ainda calmo.

– Quantos afinal?

– Penso que é um milhão de vezes mais antigo do que isso – respondeu Cope, a voz tão quimérica quanto antes.

– O senhor só pode estar brincando! – exclamou Morton. – Bilhões de anos? Isso é um total absurdo!

– Não conheço ninguém que estivesse presente à época – acrescentou o professor calmamente.

– Mas... e a idade do sol, qual seria? – perguntou Morton, com um ligeiro ar de superioridade.

EM 1871, LORDE KELVIN, o físico mais eminente de seu tempo, fez uma séria objeção à teoria de Darwin que permaneceria sem resposta por muitos anos, tanto da parte do próprio Darwin quanto da comunidade científica em geral.

A despeito do que se pensasse dela, a teoria evolucionista pressupunha um período de tempo relativamente grande (pelo menos algumas centenas de milhares de anos) para que os efeitos da evolução pudessem se dar sobre a face da Terra. À época dos escritos de Darwin, as estimativas para a idade do planeta não passavam de 10 mil anos, mas ele próprio achava que seriam necessários pelo menos 300 mil anos para que as coisas pudessem acontecer. As evidências fornecidas pelos novos estudos geológicos eram confusas e contraditórias, mas parecia no mínimo concebível que a Terra tivesse várias centenas de milhares de anos.

Lorde Kelvin abordou a questão por outro ângulo: perguntou-se há quanto tempo o Sol vinha queimando. Àquela altura, a massa solar já era um dado bem estabelecido. Não havia dúvida de que o astro queimava mediante o mesmo processo de combustão encontrado na Terra, portanto era possível calcular o tempo que levaria para que fosse inteiramente consumido pelo fogo. Segundo Kelvin, isso aconteceria em 20 mil anos.

A bem da verdade, o fato de Lorde Kelvin ser um homem muito religioso, portanto contrário à teoria evolucionista, em nada influenciara sua tese. Examinando a questão sob o prisma impessoal da matemática e da física, ele chegara à conclusão irrefutável de que não havia tempo suficiente para que os processos evolutivos acontecessem.

Dados comprobatórios podiam ser encontrados na temperatura da Terra. A partir do estudo de áreas de mineração e de outros tipos de escavação, sabia-se que a temperatura da Terra aumentava em um grau a cada mil pés de profundidade. Disso se deduzia que o centro da Terra ainda era muito quente. Mas, se o planeta tivesse sido formado havia centenas de milhares de anos, já teria esfriado. Isso era um desdobramento claro da segunda lei da termodinâmica, não havia o que contestar.

Para esses dilemas físicos existia apenas uma saída, e Cope ecoava Darwin toda vez que a repetia:

– Talvez ainda não saibamos tudo a respeito das fontes de energia do Sol e da Terra.

– O senhor acha que pode haver uma nova forma de energia que a ciência ainda não descobriu? – perguntou Morton. – Os físicos afirmam que isso é impossível, que todas as regras que governam o universo já são totalmente conhecidas e compreendidas por eles.

– Talvez os físicos estejam errados – sugeriu Cope.

– Com certeza *alguém* está errado.

– É verdade – disse o professor, com tranquilidade.

O respeito que Cope tinha pelas crenças de Morton era o mesmo que ele tinha pelas de Vento Brando, o guia que contratara para a expedição. Logo no início das escavações, o indígena havia objetado com veemência, dizendo que aquilo resultaria na morte de todos.

– E quem vai nos matar? – perguntou Sternberg.

– O Grande Espírito, com raio.

– Mas por quê? – disse Sternberg.

– Porque branco cava em cemitério.

Vento Brando explicou que aqueles ossos pertenciam às serpentes gigantes que haviam habitado a Terra num passado muito remoto, antes de serem caçadas e extintas pelos raios que o Grande Espírito lançara a fim de tornar o lugar habitável para os índios. Desenterrá-los era um grande desrespeito pelo qual eles certamente seriam punidos.

Sternberg, que já não tinha muita simpatia pelo índio, procurou Cope e relatou tudo que ouvira.

– Talvez ele tenha razão – disse Cope.

– São superstições desses selvagens, só isso – rebateu Sternberg.

– Superstições? O que exatamente você está chamando de superstições?

– Tudo, ora. A ideia em si.

– Os índios acham que esses fósseis são ossos de serpentes, e serpentes são répteis. Nós também achamos que são ossos de répteis. Os índios acham que esses répteis eram gigantes. Nós também. Os índios acham que eles remontam a um passado muito distante. Nós também. Os índios acham que eles foram mortos pelo Grande Espírito. Nós ainda não

sabemos por que eles desapareceram, mas, se ainda não encontramos nenhuma explicação para dar, que direito temos de descartar a explicação deles como uma simples superstição?

Sternberg se afastou, balançando a cabeça.

Água ruim

Cope escolhia o local dos seus acampamentos levando em conta um único critério: a proximidade com os fósseis. No primeiro acampamento, uma das dificuldades era a escassez de água. O córrego mais próximo, Bear Creek, era tão poluído que, após uma noite de cólicas e disenteria, eles o deixaram de lado. E a água dos demais, nas palavras de Sternberg, não passava de uma “densa solução de sulfato de magnésio”.

Assim, toda a água do grupo precisava ser trazida de alguma fonte da região. Vento Brando detectou que a mais próxima ficava a mais de 3 quilômetros do acampamento. Como Johnson tinha especial interesse na questão da água, essencial para o processamento de suas fotografias, cabia a ele buscá-la diariamente na tal fonte.

Alguém sempre o acompanhava. Eles não tiveram problemas com os crows, e os sioux ainda deviam estar no sul do território, mas aquela era uma região de caça para os nativos, e havia o risco de que encontrassem pelo caminho algum grupo de caçadores mais hostis. Andar sozinho por ali era perigoso.

Para Johnson, no entanto, aquela era a melhor parte do dia: atravessar a vastidão de planícies sob o céu de um azul infinito era uma experiência quase mística.

Em geral, era Vento Brando quem o acompanhava. O índio também gostava de sair do acampamento, mas por motivos diferentes. Quanto mais o tempo passava, e mais ossos iam sendo encontrados, maior era o medo que ele sentia da retaliação do Grande Espírito ou, como ele às vezes dizia, do Espírito do Tudo, o espírito que existia em todas as coisas e em todos os lugares do mundo.

Eles costumavam chegar à fonte por volta das três da tarde, quando o dia já estava bem mais fresco e o céu começava a exibir um tom amarelo. Enchiam os alforjes de água, ajeitavam

tudo no lombo dos cavalos, saciavam a própria sede na fonte e só então cavalgavam de volta.

Certa vez, chegando à fonte, Vento Brando gesticulou para que Johnson ficasse esperando a certa distância, depois apeou e inspecionou o terreno em volta.

– O que foi? – perguntou Johnson.

Vento Brando se arrastava rapidamente em torno da fonte com o nariz a poucos centímetros do chão. Aqui e ali, arrancava um naco de terra, cheirava, depois jogava fora.

Sempre que via o índio fazer essas coisas, Johnson sentia um misto de admiração e raiva: admirava o outro por ser capaz de ler a terra com tanta facilidade quanto ele próprio lia um livro; irritava-se porque jamais conseguiria aprender a fazer igual e suspeitava que Vento Brando, ciente disso, acrescentava uma pontinha de teatralidade aos seus procedimentos.

– O que foi? – perguntou novamente, ríspido.

– Cavalos – respondeu o guia. – Dois cavalos, dois homens. Hoje de manhã.

– Índios? – quis saber Johnson, mais nervoso do que gostaria de admitir.

Vento Brando fez que não com a cabeça, depois explicou:

– Cavalos têm sapato. Homens têm bota.

Fazia quase um mês que eles não viam outro branco além dos que compunham seu próprio grupo. Não havia muito que um branco pudesse fazer naquela região.

– Caçadores? – sugeriu Johnson.

– Caçar o quê? Moço vê algum castor aqui? Algum lince? – disse o guia, apontando à sua volta.

– Caçadores de búfalo?

Ainda havia um mercado para o couro de búfalo, usado na confecção de casacos para vender nas cidades.

Vento Brando mais uma vez negou com a cabeça.

– Branco não caça búfalo em terra de sioux.

“É verdade”, pensou Johnson. Invadir a terra dos sioux em busca de ouro talvez valesse a pena, mas os caçadores de búfalo jamais correriam tamanho risco.

– Então de quem são as pegadas?

– Dos mesmos homens.

– Que homens?

– Os de Dog Creek.

Johnson desceu do cavalo.

– Aqueles cujo acampamento você encontrou lá em Dog Creek? Como sabe disso?

Vento Brando apontou para a lama.

– Essa bota... salto quebrado. Mesmo salto. Mesmo homem.

– Caramba... Estamos sendo seguidos.

– Sim.

– Bem, então vamos pegar logo a água e voltar para o acampamento. Quando Cope souber disso, talvez queira tomar alguma providência.

– Hoje não – declarou o índio. – Água ruim.

– Ruim por quê?

Vento Brando apontou para os cavalos, que esperavam junto da fonte.

– Cavalo não bebe – disse.

Sempre que chegavam à fonte, deixavam os animais saciarem sua sede primeiro e só depois enchiam os alforjes. Mas Vento Brando estava certo: naquele dia, os cavalos não haviam bebido nada.

– Essa não... – falou Johnson.

– Água não boa – anunciou o guia, farejando a superfície da fonte.

De repente, mergulhou um braço na água, até a altura do ombro, e do fundo arrancou tufos de um mato esverdeado. Repetiu o movimento várias vezes, arrancando outros tantos punhados do mesmo mato, e logo o curso d'água começou a fluir mais livremente.

Vento Brando disse a Johnson o nome da erva e explicou que ela infestava a água, intoxicando quem a bebesse. Falou muito rápido, e Johnson não entendeu tudo que ele disse, apenas que a tal erva causava febre e vômito, e que as pessoas, quando não morriam, começavam a agir como se estivessem loucas.

– Muito perigoso – completou o índio. – Amanhã, água boa de novo.

Vendo que o guia já corria os olhos pela vastidão das planícies, Johnson perguntou:

– Então, vamos atrás dos brancos?

– Eu vou – informou o índio.

– Eu também – disse Johnson.

ELES SAÍRAM GALOPANDO à luz do entardecer; uma hora depois já estavam longe do acampamento, para onde dificilmente conseguiriam voltar antes do cair da noite.

De quando em quando, Vento Brando apeava do cavalo, examinava o chão e montava outra vez.

– Quanto tempo ainda falta? – perguntou Johnson.

– Pouco.

Eles seguiram cavalgando.

O sol já se punha do outro lado das Rochosas, mas eles seguiram adiante. Johnson começou a ficar preocupado. Até então nunca havia cavalgado à noite nas planícies, e Cope não se cansava de dizer que deviam voltar para o acampamento antes de escurecer.

– Quanto falta?

– Pouco.

Eles galoparam por mais uns quinze minutos e pararam novamente. Johnson teve a impressão de que Vento Brando estava parando com mais frequência, talvez porque fosse mais difícil examinar as pegadas na escuridão.

– Quanto falta?

– Moço quer voltar?

– Eu? Não, perguntei por perguntar.

– Moço tem medo do escuro – falou Vento Brando, rindo.

– Não seja ridículo. Eu só queria saber: você acha que eles ainda estão muito longe?

– Não – respondeu o guia, e apontou: – Ali.

Do outro lado de uma serra, via-se o fiapo cinzento de uma fumaça subindo em direção ao céu: uma fogueira.

– Cavalos ficam – disse Vento Brando, desmontando.

Em seguida, arrancou um punhado de mato, jogou para o alto e viu que o vento soprava na direção sul. Disse então que eles deveriam prosseguir contra o vento, de modo que os cavalos dos dois homens não sentissem o cheiro deles.

Dali a pouco, arrastando-se pelo chão, transpuseram a serra e esquadrinharam o vale à sua frente.

SOB UM CÉU CADA VEZ mais escuro, viam-se dois homens, uma barraca, uma fogueira e seis cavalos presos num cercado. Os homens, um baixote e outro mais alto, assavam no fogo o antílope que haviam caçado. Não dava para ver muito bem o rosto deles.

Johnson estranhou a presença de ambos naquele lugar, no meio do nada, e se perguntou o que estariam fazendo ali.

– Querem osso – disse Vento Brando, como se tivesse lido os pensamentos dele.

Quando o mais alto se levantou para ajeitar a carne no espeto, Johnson pôde discernir melhor seus traços e percebeu que o conhecia. Era o sujeito mal-encarado com quem conversara na estação ferroviária, o mesmo com quem Marsh falara mais tarde, nas imediações da plantação de trigo. Navy Joe Benedict.

De repente ouviram uma voz distante e viram sair da barraca um homem pesadão, já meio calvo, esfregando os óculos para limpá-los. Ele disse mais alguma coisa e, por mais longe que estivesse, Johnson reconheceu aquele jeito formal de falar e a perna que coxeava.

Era Marsh.

COPE CHEGOU A APLAUDIR a novidade. Rindo muito, disse:

– Quer dizer então que o nosso emérito professor de Copeologia nos seguiu até aqui! Querem prova maior do que eu venho dizendo? O homem não é um cientista, é apenas um

sabotador. Não corre atrás das próprias descobertas porque acha mais fácil espionar as minhas. Não tenho tempo nem disposição para espionar quem quer que seja. Mas o Papai Marsh se deu o trabalho de vir de Yale até o território de Montana só para bisbilhotar o que estou fazendo! – Ele balançou a cabeça. – Aquele lá ainda vai parar no hospício.

– O senhor parece estar se divertindo com tudo isso, professor – falou Johnson.

– Claro que estou! A presença deste homem aqui não só confirma minha tese de que ele é um doente, como também me tranquiliza: enquanto estiver me perseguindo, não encontrará um fóssil por conta própria!

– Acho que não é bem assim – observou Sternberg. – Se tem uma coisa que não falta a Marsh é dinheiro, e os alunos não estavam com ele. É bem provável que esteja pagando homens para escavar em três ou quatro sítios diferentes.

Sternberg trabalhara para Marsh muitos anos antes, no Kansas. Provavelmente estava certo, e Cope parou de sorrir.

– Falando em escavar – disse Hill –, como foi que ele descobriu a gente aqui?

– Vento Brando disse que os dois homens que estavam com ele eram os mesmos que estavam seguindo a gente lá em Dog Creek.

Isaac se levantou de um pulo.

– Estão vendo? Eu não disse que estávamos sendo seguidos?

– Sente aí, J. C. – ordenou Cope, sério, já sem o bom humor de antes.

– Afinal de contas, o que eles fazem aqui? – perguntou o cozinheiro. – Boa coisa não é. Vão matar a gente e ficar com os ossos.

– Não vão matar ninguém – disse Cope.

– Então vão roubar os ossos, só pode ser.

– Não ousariam fazer uma coisa dessas. Nem mesmo Marsh.

Mas, na escuridão da noite, ele não parecia muito convicto. Seguiu-se um momento de silêncio, e todos ficaram ouvindo os gemidos do vento.

– Eles envenenaram a água – informou Johnson por fim.

– Pois é – disse Cope.

– Não são exatamente bons vizinhos – declarou Hill.

– É verdade...

– O senhor fez algumas descobertas importantes, professor. Descobertas que qualquer cientista daria um braço para dizer que são dele.

– É verdade.

Mais um longo silêncio.

– Estamos aqui neste fim de mundo, a não sei quantos quilômetros de casa – observou Isaac. – Se alguma coisa nos acontecer, ninguém vai saber. Se não aparecermos de volta em Fort Benton, vão colocar a culpa nos índios e deixar por isso mesmo.

- Branco sempre bota culpa em índio – disse Vento Brando.
- Isso mesmo.
- Acho melhor tomarmos algum tipo de providência com relação a essa gente – sugeriu Isaac.
- Tem razão, precisamos fazer algo – concordou Cope, olhando fixamente para a fogueira.
- Vamos convidá-los para jantar amanhã.

O jantar de Cope e Marsh

No dia seguinte, eles deixaram de lado a caça aos fósseis para se dedicar aos preparativos para o encontro com Marsh. Deram uma boa limpeza no acampamento, lavaram as roupas e a si mesmos. Sternberg caçou um veado para o jantar e Hill o assou.

Cope também fez seus preparativos. Examinando os muitos fósseis que havia encontrado, escolheu alguns e separou-os num canto. Johnson se ofereceu para ajudar, mas ele recusou.

- Isto não é um trabalho para principiantes.
- Esses fósseis reservados... são para mostrar a Marsh?
- De certa maneira, sim. Estou construindo uma nova criatura: *Dinosaurus mashiensis vulgaris*.

No fim do dia, ele já havia reunido fragmentos suficientes para montar um crânio bastante convincente, com duas presas que se projetavam em curva das pontas dos maxilares. Isaac disse que aquilo parecia um javali.

– Exatamente! – exclamou Cope, empolgado. – Um gigantesco suíno pré-histórico. Um dinossauro com cara de porco! Um porco para outro porco!

– Está muito bem-feito – admitiu Sternberg –, mas não o bastante para enganar alguém como Marsh.

– Não será necessário.

Cope pediu aos homens que erguessem o crânio já devidamente colado, depois pediu que o aproximassem do fogo, que o afastassem, que o aproximassem de novo, que o afastassem ainda mais, que o virassem de um lado, que o virassem do outro. Junto da fogueira, Cope examinou-o e pediu que o deslocassem mais uma vez.

– Parece uma mulher decorando a casa, mandando a gente arrastar os móveis de cá para lá – disse o cozinheiro, ofegante.

A tarde já ia longe quando Cope enfim se deu por satisfeito com a posição do crânio. Todos foram se arrumar. Vento Brando saiu cavalgando para fazer o convite no outro acampamento, mas retornou logo depois, dizendo que os três homens já estavam a caminho.

Cope deu um sorriso azedo e disse:

– Eu devia ter imaginado que ele apareceria sem ser convidado.

“OS DOIS TINHAM um jeito teatral de se comportar”, escreveria Sternberg, que já havia trabalhado para ambos, “mas que se manifestava de forma diferente. O professor Marsh falava de modo ponderado, solene, entrecortado de pausas reflexivas. Não tinha pressa, mas nunca perdia a atenção dos ouvintes, que esperavam ansiosos pelo que ele tinha a dizer. Já o professor Cope era o contrário: as palavras saíam da sua boca num turbilhão, os movimentos eram rápidos e nervosos, e ele conquistava a atenção das pessoas à maneira de um beija-flor, tão brilhantemente rápido que ninguém queria perder nada. Nesse encontro cara a cara, o único que tive a oportunidade de presenciar, via-se com clareza a animosidade entre os dois, por mais que eles tentassem apagar as faíscas com a formalidade e a frieza da etiqueta urbana.”

– A que devemos a honra, professor Marsh? – perguntou Cope assim que os três homens apareceram dos cavalos.

– Uma visitinha social, professor Cope – respondeu Marsh. – Estávamos na vizinhança, então...

– Uma coincidência extraordinária – observou Cope –, especialmente se levarmos em conta o tamanho da vizinhança.

– Interesses semelhantes, professor Cope, levam a caminhos semelhantes.

– Acho espantoso até mesmo que vocês soubessem que estávamos aqui.

– Não sabíamos – disse Marsh. – Mas avistamos a fogueira do seu cozinheiro e viemos investigar.

– Sua atenção nos deixa muito honrados – declarou Cope. – Vocês são nossos convidados para o jantar, claro.

– Não queremos causar nenhum incômodo – falou Marsh, os olhos percorrendo o acampamento.

– Bem, também não queremos detê-lo no seu caminho para...

– Mas, já que o professor insiste, será um prazer jantar com o seu grupo. Ficamos muito gratos pelo convite.

O uísque servido por Hill até que não era dos piores. Enquanto bebia, Marsh seguia observando o acampamento com discrição, espiando os fósseis, um aqui, outro ali. Mas

arregalou os olhos assim que avistou o crânio com as duas presas curvas.

– Vejo que está interessado nos... – começou Cope.

– Não, não...

– Imagino que esteja achando nossa expedição um tanto modesta em comparação com a grandeza habitual das suas.

– Seu aparato me parece eficiente, compacto.

– Tivemos a sorte de fazer uma ou duas descobertas importantes.

– Como era de se esperar – enfatizou Marsh, e deu um gole nervoso no seu uísque, secando a boca com a mão.

– O colega, como bom cientista que é, talvez queira fazer um pequeno tour pelo nosso acampamento.

Marsh ficou visivelmente empolgado, mas disse apenas:

– Não gostaria de ser indiscreto.

– Não se sente nem um pouco tentado?

– Não quero que depois me acusem de alguma impropriedade – completou Marsh, sorrindo.

– Pensando bem – disse Cope –, o professor tem toda razão. Como sempre. Então, deixemos de lado esse tour e vamos direto ao jantar.

Marsh fitou-o com um olhar tão virulento que Johnson sentiu um frio na barriga.

– Mais uísque? – ofereceu Cope.

– Só mais um pouquinho, por favor – aceitou Marsh, estendendo o copo.

O JANTAR FOI UMA GRANDE encenação regida pela diplomacia. Marsh lembrou a Cope os pormenores da amizade inicial entre eles, que havia começado, claro, em Berlim, justo em Berlim, quando ambos ainda eram muito jovens e a Guerra Civil incendiava os Estados Unidos. Com a mesma cordialidade e o mesmo saudosismo, Cope se apressou em contar seus casos também, e logo os dois tentavam superar um ao outro na efusividade de suas declarações de admiração.

– Decerto o professor Cope já contou a vocês que fui eu quem lhe arrumou o primeiro emprego – disse Marsh.

Todos balançaram a cabeça de forma educada: não, ele não contara.

– Bem, não exatamente o primeiro – prosseguiu Marsh. – O professor havia abandonado sua posição como professor de zoologia em Haverford de modo um tanto abrupto, se bem me lembro, e em 1868 já cogitava vir para o Oeste. Não é verdade, professor Cope?

– Verdade, professor Marsh.

– Então levei-o até Washington para apresentá-lo a Ferdinand Hayden, que vinha planejando a expedição da Geological Survey. Ele e Hayden simpatizaram um com o outro, e o professor foi contratado como o paleontólogo da expedição.

– Isso mesmo.

– Mas não chegou a viajar, creio eu.

– Não, não viajei – disse Cope. – Minha filhinha adoeceu e eu também não estava muito bem de saúde, então fiquei trabalhando na Filadélfia, catalogando os ossos que a expedição enviava.

– Pois é, você tem essa capacidade extraordinária de concluir coisas a partir de um osso que não escavou com as próprias mãos e que não viu em seu sítio de origem – declarou Marsh, dando sua alfinetada na forma de um elogio.

– Não seja modesto – replicou Cope –, pois o professor tem a mesmíssima capacidade. Aliás, muitas vezes chego a invejar a abundância de recursos de que dispõe, os patrocínios que custeiam essa sua rede tão numerosa de caçadores de fósseis. Imagino que não seja fácil manter em dia o trabalho com a quantidade de ossos que o professor recebe em New Haven e com os ensaios que está sempre escrevendo a respeito deles.

– Um problema que decerto aflige o professor também. É espantoso que esteja atrasado em não mais de um ano nos seus escritos. Imagino que muitas vezes se veja obrigado a escrever com muita pressa.

– Com muita rapidez, sem dúvida.

– Você sempre teve essa facilidade – disse Marsh, lembrando as semanas que, na juventude, eles haviam passado juntos em Haddonfield, Nova Jersey, procurando fósseis. – Bons tempos aqueles... – acrescentou, radiante.

– Ainda éramos muito jovens; não sabíamos nada do que sabemos hoje.

– Mas já naquela época eu ficava muito impressionado com o fato de que, sempre que encontrávamos um fóssil, eu passava dias tentando descobrir o que era aquilo, enquanto você... Bem, você dava uma rápida olhadela na coisa, estalava os dedos e pronto, já identificava o espécime, dando provas de uma espantosa erudição. Apesar dos ocasionais equívocos.

– Não me lembro de equívoco algum – declarou Cope –, embora, desde então, o professor tenha tido a gentileza de correr atrás de todos os meus erros para depois apontá-los para mim.

– A ciência é uma consorte exigente, professor. Faz questão da verdade acima de todas as coisas.

– Quanto a mim, sempre achei que a verdade é subproduto do caráter de um homem. Um homem honesto busca a verdade a cada passo que dá; o desonesto busca um jeito de deturpá-la. Mais uísque?

– Um copo d'água, se não for incômodo – pediu Marsh, mas se corrigiu a tempo, alertado por Navy Joe Benedict, sentado a seu lado. – Pensando melhor, acho que vou ficar com o

uísque.

– Não quer um pouco de água também?

– A água destas paragens não me faz muito bem.

– É por isso que pegamos a nossa diretamente numa fonte. Bem, creio que o professor Marsh estava falando alguma coisa sobre honestidade...

– Não, não. Creio que era o professor Cope quem estava falando de honestidade.

JOHNSON ANOTARIA em seu diário:

Com o avançar da noite, aos poucos foi se dissipando o nosso fascínio por aquele enfrentamento entre os dois gigantes da paleontologia. De qualquer modo, foi interessante saber que eles já se conheciam havia tanto tempo e tinham histórias tão parecidas. Ambos haviam perdido a mãe na infância e tinham sido criados por pais muito severos. Ambos ainda eram crianças quando começaram a se interessar por fósseis, para grande desgosto dos pais. Ambos eram figuras difíceis e quase sempre arredias: Marsh porque crescera numa fazenda; Cope porque fora uma criança prodígio que aos 6 anos já fazia suas anotações de anatomia. Ambos haviam seguido a mesma carreira, encontrando-se na Europa e estudando os ossos descobertos no continente. Nessa época eram amigos; agora eram inimigos implacáveis.

Mas aos poucos fomos perdendo o interesse na conversa dos dois. Após um dia longo e exaustivo, estávamos prontos para dormir. Os capangas de Marsh também pareciam cansados. Indiferentes a tudo, Marsh e Cope seguiram conversando noite adentro, alfinetando-se mutuamente, trocando farpas disfarçadas de elogios.

Lá pelas tantas, não se aguentando mais, Sapo adormeceu ao lado da fogueira e começou a roncar alto, prova irrefutável de que os dois gigantes já haviam perdido seu público. E, uma vez sem público para o veneno que destilavam, eles também acabaram perdendo o interesse um pelo outro.

A noite se arrastou para um final pacífico, sem gritaria, sem tiros, apenas com muito uísque sendo consumido. No entanto, quando Marsh e Cope se despediram com um aperto de mãos, notei que um deles segurava a mão do outro sem querer largá-la, ambos trocando olhares de ódio sob a débil luz da fogueira. Difícil dizer qual dos dois era o dono da mão que detinha a outra, mas via-se perfeitamente a jura de inimizade eterna que faziam sem dizer uma palavra. De repente, quase com violência, o aperto de mãos se desfez, e Marsh foi embora com seus homens.

“Durmam armados esta noite, rapazes!”

Os três cavaleiros já haviam ultrapassado a serra quando Cope, que ainda não pregara os olhos, berrou:

– Durmam armados esta noite, rapazes!

– Como assim? Por quê?

– Vamos ter visitas daqui a pouco, podem apostar – disse ele, cerrando as mãos com seu jeito de pugilista. – O peçonhento vai voltar, arrastando a pança no chão feito uma serpente, só para ver de perto o meu crânio de porco.

– Você não pretende atirar neles, pretende? – perguntou Isaac, horrorizado.

– Claro que sim – respondeu Cope. – Essa gente tem feito de tudo para nos prejudicar: colocaram o Exército atrás de nós, envenenaram nossa água, nos insultaram... e agora vão tentar roubar nossas descobertas. Claro que vou atirar!

O grupo achou aquela medida extrema, um grande desatino, mas Cope espumava de raiva: não daria ouvidos a ninguém.

Passada uma hora, quase todos já estavam ferrados no sono, mas Cope se mexia sem parar, e Johnson, deitado a seu lado, não conseguia dormir com tamanha agitação. Por isso, foram eles que avistaram um vulto que se esgueirava na escuridão da noite.

Depois um segundo, e então um terceiro.

Cope bufou baixinho, pegando a espingarda.

Os três vultos agora iam na direção da falsa cabeça de porco.

Cope ergueu a espingarda para atirar. Por um segundo de pânico, Johnson achou que ele, que era um exímio atirador, realmente pretendia matar seu rival.

– Professor, o senhor não...

– Johnson – sussurrou o outro –, o peçonhento está na minha mira. Tenho todo o direito de atirar contra um ladrão, um invasor de acampamentos. Você nunca se esquecerá desta noite. – Apontou a espingarda para o céu e atirou duas vezes, gritando: – Índios! Índios!

Todos se levantaram com um salto, atirando também. As balas voavam por toda parte e a pólvora formava uma grande nuvem de fumaça, empestando o ar com seu cheiro forte. Não demorou para que eles avistassem as três silhuetas correndo em disparada rumo à serra.

– Safados! – gritou um deles na escuridão.

– Desgraçados! – berrou outro.

– Eu já devia ter imaginado! – disse um terceiro, que só podia ser Marsh. – Mais uma de suas fraudes, Cope! Eu já devia ter imaginado! Uma falsificação!

O tiroteio parou assim que os três sumiram de vista.

– Desconfio que Othy Marsh não voltará a nos importunar – declarou Cope.

Rindo, virou-se de lado e enfim dormiu.

Levantando acampamento

No início de agosto, eles receberam a visita de um destacamento de soldados que atravessava a região a caminho do rio Missouri. Os barcos a vapor subiam até Cow Island, onde o Exército mantinha um pequeno quartel. Os soldados haviam sido convocados para reforçar o contingente local.

Eram jovens irlandeses e alemães, não muito mais velhos que os universitários da expedição, e pareceram surpresos ao encontrar brancos vivos por ali.

– Eu não ficaria nem mais um dia neste lugar – alertou um deles.

Traziam notícias da guerra, e elas não eram nada boas: a derrota de Custer ainda não havia sido vingada; o general Crook comandara suas tropas numa batalha de resultado inconclusivo em Wyoming, às margens do rio Powder, mas desde então não encontrara mais índios; o general Terry também não havia deparado com nenhum grupo mais expressivo de sioux. Contrariando todas as previsões dos jornais do Leste, a campanha dava sinais de que se arrastaria indefinidamente. Alguns generais diziam que as coisas não se resolveriam em menos de um ano, talvez nem mesmo antes do final da década.

– O problema com os índios – explicou um dos soldados – é o seguinte: quando eles querem encontrar você, cedo ou tarde acabam encontrando; mas, quando eles não querem ser encontrados, não há santo que os encontre. – Refletiu um instante e falou: – Afinal de contas, estão na terra deles. Mas eu não disse isso.

Outro soldado, vendo os caixotes da expedição, perguntou:

– Vieram atrás de ouro?

– Não – respondeu Johnson. – Estas caixas contêm ossos fossilizados. Foi para isso que viemos.

– Claro que sim – ironizou um terceiro, rindo alto e oferecendo a Johnson um gole do seu cantil, que continha uísque em vez de água. Riu de novo ao vê-lo engasgar com a bebida, depois disse: – Isto aí deixa a viagem bem mais curta, acredite.

Eles ficaram ali por mais ou menos uma hora, enquanto os cavalos pastavam. Antes de partir, o comandante do grupo, um certo capitão Lawson, avisou:

– Sugiro que não se demorem muito por aqui. Pelo que sabemos, Touro Sentado, Cavalo Louco e todo o povo sioux vão subir para o Canadá antes do inverno, o que significa que passarão por aqui qualquer dia desses. Não vão poupar nenhum de vocês, se os virem pela frente.

E, dado o aviso, eles partiram.

(Muito mais tarde, Johnson ouviria dizer que, ao migrar para o Norte, Touro Sentado havia matado todos os brancos que encontrara pelo caminho, inclusive os soldados baseados em Cow Island, entre eles o capitão Lawson.)

– Acho melhor sairmos logo daqui – falou Isaac, coçando o queixo.

– Ainda não – disse Cope.

– Já encontramos fósseis suficientes.

– Também acho – concordou Hill. – Mais do que suficientes.

– Ainda não – repetiu Cope, firme o bastante para dar fim à conversa.

Tal como Sternberg observaria mais tarde no seu relato sobre a expedição: “Já sabíamos que era inútil discutir com Cope depois que ele decidia alguma coisa. Sua vontade era lei, não havia quem conseguisse mudá-la.”

Mas Cope achou melhor levantar acampamento e ir para outro lugar. Ao longo das três semanas anteriores, eles haviam permanecido ao pé daqueles rochedos de arenito de 300 metros de altura. Explorando a região, Cope acabara descobrindo, a cerca de 5 quilômetros dali, outro local mais promissor para a extração de fósseis.

– Onde? – perguntou Sternberg.

– Mais adiante, naquela direção – disse Cope, apontando.

– Você quer dizer... naquele platô?

– Exatamente.

– Mas, professor... vamos levar no mínimo três dias para sair daqui e encontrar uma rota viável até lá – protestou Isaac.

– Que nada.

– Não podemos escalar todas aquelas encostas.

– Claro que podemos.

– Se para um homem é difícil, para um cavalo é mais ainda. E para uma carroça é impossível, professor.

– Claro que é possível, você vai ver.

Por insistência de Cope, eles terminaram os preparativos às pressas e seguiram cavalgando por cerca de 3 quilômetros para leste, onde, orgulhoso de si mesmo, Cope apontou para uma encosta de xisto.

A tal encosta era bem menos íngreme que as outras ao redor, mas íngreme o suficiente para dificultar qualquer tentativa de escalada. Embora tivesse alguns trechos mais planos, era perigosamente escorregadia.

Hill, que conduzia a carroça, examinou o caminho proposto por Cope, cuspiu seu tabaco e disse:

– Não vai dar, não vai dar...

– Claro que vai – insistiu Cope.

O GRUPO LEVOU 14 HORAS para escalar 300 metros, numa empreitada não apenas cansativa, mas sobretudo perigosa. Usando pás e picaretas, eles abriram uma trilha na encosta, depois descarregaram a carroça, acomodaram toda a tralha no lombo dos animais e subiram com eles.

Agora faltava apenas a carroça. No comando das rédeas, Hill subiu com ela somente até determinado ponto, pois o caminho era tão estreito que uma das rodas pairava no ar. Ele se recusou a seguir adiante.

Furioso, Cope berrou:

– Não sei o que é pior: a sua comida ou a sua capacidade como carroceiro! Eu mesmo vou guiar isto aí!

Os outros logo intercederam, e foi Isaac quem assumiu o comando da carroça. Antes de retomar a escalada, eles desatrelaram os dois cavalos da frente e ficaram apenas com os de trás.

Mais tarde, em *The Life of a Fossil Hunter* (A vida de um caçador de fósseis), Sternberg escreveria:

Isaac não havia subido mais do que 10 metros quando o inevitável aconteceu. A carroça foi tombando devagarinho para o lado, até que, vencendo o esforço dos cavalos, rolou encosta abaixo, os animais dando cambalhotas.

Meu coração veio à boca, por medo de que Isaac acabasse morrendo ou de que a carroça seguisse rolando até o pé da encosta, mas, após três cambalhotas completas, ela parou num platô de arenito, com cavalos e rodas de pé, como se nada tivesse acontecido.

Em seguida, eles usaram cordas para içar a carroça e os cavalos. Dessa vez foram bem-sucedidos. E, mais tarde, naquele mesmo dia, levantaram seu novo acampamento na grande planície.

– É melhor você caprichar no jantar de hoje, está me ouvindo? – disse Cope, cutucando o cozinheiro.

– Espere só pra ver – replicou o outro.

E logo depois serviu as habituais porções de pão seco com bacon e feijão.

APESAR DE TODA A CELEUMA, o novo acampamento era decididamente melhor que o primeiro. Era bem mais fresco, graças à brisa que circulava pelo descampado, e, nas palavras de Johnson, “tinha uma deslumbrante vista panorâmica: a oeste, o relevo anguloso das Montanhas Rochosas, com seus cumes nevados; ao sul, leste e norte, o rio Judith, os picos de Medicine Bow e Bearpaw, a serra de Sweet Grass. Sob a luz cristalina do amanhecer, quando se viam rebanhos inteiros de veados, alces e antílopes, a paisagem era de uma beleza que não se encontraria igual em toda a criação”.

Mas, passado algum tempo, os tais rebanhos migraram para o norte e a neve das Rochosas, antes só nos cumes, começou a tomar também as encostas. Ao acordarem certa manhã, eles depararam com a neve fininha cobrindo o chão feito um grande tapete e, embora lá pelo meio-dia ela já tivesse derretido, não havia como ignorar os fatos: o outono chegara; e com ele, os sioux.

– Acho que já é hora de sairmos daqui, professor.

– Não – disse Cope. – Ainda não.

Os dentes

Certa tarde, Johnson escavava a parte central de uma encosta de xisto, onde pensava haver um bom depósito de fósseis, quando deparou com pedras especialmente duras, não muito maiores que um punho, mas que dificultavam seu trabalho. Começou então a tirá-las com a picareta, deixando que rolassem encosta abaixo, e elas quase atingiram Cope, que esboçava o fêmur recém-descoberto de um *Allosaurus*. O professor, experiente, ouviu o barulho da avalanche e saltou a tempo para o lado.

– Ei, você! – berrou para Johnson.

– Desculpe, professor – disse ele, envergonhado.

Uma ou duas pedras ainda rolaram do alto e Cope precisou saltar outra vez. Limpando a poeira das roupas, esbravejou:

– Mais cuidado aí em cima, rapaz!

– Sim! Desculpe, professor! – repetiu Johnson, voltando ao trabalho com redobrada atenção.

Segundos depois, ouviu:

– Pare!

Olhando para baixo, viu que Cope escalava a encosta feito um desvairado, trazendo consigo duas das pedras que haviam rolado morro abaixo.

– Pare! Pare imediatamente, rapaz!

– Estou tomando cuidado, professor! – afirmou Johnson. – Pode confiar em...

– Espere, não se mexa! – disse Cope, e escorregou alguns metros pela face da rocha, sumindo na poeira que levantou.

Johnson esperou. Após alguns instantes, viu o professor emergir da nuvem avermelhada e retomar a escalada ainda mais freneticamente do que antes. Achou que ele não estava raciocinando direito por causa da raiva. Todos sabiam que era impossível escalar em linha reta uma superfície tão friável: era preciso subir em zigue-zague. O que também não era lá muito fácil; em geral eles preferiam fazer um longo desvio para encontrar um acesso menos penoso até o topo e de lá escorregar para o local desejado.

No entanto, lá estava Cope, tentando subir em linha reta como se a própria vida dependesse disso.

– Espere! Espere!

– Estou esperando, professor!

Todo coberto de poeira, mal conseguindo respirar, ele finalmente alcançou Johnson. Mas não hesitou: limpou o rosto com a manga da camisa e examinou a escavação.

– Onde está sua câmera? – perguntou. – Por que não subiu com ela? Quero uma fotografia *in situ*.

– Uma fotografia destas pedras? – perguntou Johnson, surpreso.

– Pedras? Você acha que são pedras? Pois está muito enganado.

– Então são o quê?

– São dentes! – exclamou Cope, correndo os dedos pela superfície rugosa de um dos fósseis que trouxera consigo.

Colocou-os no chão, depois recolheu um terceiro aos pés de Johnson e o acomodou ao lado dos outros. Todos tinham mais ou menos o mesmo tamanho e formato. Certamente formavam um conjunto.

– São dentes! – repetiu o professor. – Dentes de dinossauro!

– Mas são enormes! Esse dinossauro devia ser gigantesco!

Por alguns minutos eles permaneceram calados, apenas imaginando o tamanho descomunal da criatura – as mandíbulas que seriam necessárias para acomodar dentes tão grandes, o crânio que seria necessário para acomodar mandíbulas tão grandes, o pescoço que precisaria ter a espessura de um tronco de carvalho para sustentar e mover uma cabeça tão grande, a espinha dorsal que precisaria ter dimensões no mínimo proporcionais às do pescoço enorme, as vértebras que teriam o tamanho de uma roda de carroça, as quatro pernas suficientemente fortes e espessas para amortecer tanto peso.

Cope olhava para o horizonte, absorto na própria imaginação e nos conhecimentos de paleontologia, a firmeza habitual dando lugar à mudez e ao espanto.

– Esta criatura dever ser pelo menos duas vezes maior do que qualquer outra já catalogada – declarou, quase para si mesmo.

Eles já haviam descoberto inúmeros dinossauros grandes, incluindo três exemplares do gênero *Monoclonius*, um animal que lembrava um gigantesco rinoceronte, por causa do chifre

que possuía na frente. Na estimativa de Cope, um dos espécimes, *Monoclonius sphenocerus*, teria uma altura de cerca de 2 metros na articulação das pernas traseiras e um comprimento total de quase 8 metros, incluindo a cauda.

Mas o dono daqueles dentes teria que ser muito maior do que isso. Cope mediu-os com um paquímetro, rabiscou alguns cálculos no seu bloco de desenho, depois balançou a cabeça num gesto de incredulidade.

– Não é possível... – disse, medindo-os outra vez. E então correu os olhos pela paisagem árida como se esperasse avistar a qualquer momento o dinossauro gigante aproximando-se devagar, fazendo tremer o chão a cada passo. – Um achado desses – falou para Johnson – significa que mal arranhamos a superfície daquilo que é possível descobrir. Você e eu somos as duas primeiras pessoas na história oficial a deitar olhos sobre estes dentes que mudarão tudo que pensamos saber sobre estes animais. E, por mais que me custe dizer tal coisa, nós, seres humanos, ficamos ainda menores diante destas criaturas maravilhosas que nos precederam.

Só então Johnson se deu conta de algo: tudo que vinha sendo feito na expedição de Cope, inclusive pelo próprio Johnson, serviria de base para inúmeras e importantes descobertas no futuro.

– Mas... e a sua câmera? – perguntou Cope. – Precisamos registrar este momento e este lugar!

Johnson escalou a metade superior da encosta, pegou o equipamento e escorregou de volta, tomando cuidado para não despencar. Cope ainda balançava a cabeça, dizendo:

– Claro, não podemos afirmar nada a partir destes dentes apenas. Fatores alométricos podem ser bastante enganosos.

– Mas, em sua opinião, qual seria o tamanho dele? – quis saber Johnson, olhando de relance para o bloco do professor, já quase inteiramente tomado de cálculos e rabiscos.

– De 23 a 30 metros de comprimento, uns 10 da cabeça ao chão – avaliou o professor. E deu ali mesmo um nome ao animal: – *Brontosaurus*, ou “lagarto trovão”, porque ele com certeza trovejava ao caminhar. O mais correto talvez fosse *Apatosaurus*, ou “lagarto irreal”, porque é difícil acreditar que algo assim tenha existido...

Johnson tirou várias fotos, tanto de perto quanto de longe. Depois, os dois voltaram correndo para o acampamento, deram a notícia aos companheiros e, sob a luz dourada do entardecer, demonstraram em passos o tamanho do recém-nomeado *Brontosaurus* – uma criatura tão comprida quanto três carroças puxadas por cavalos enfileiradas, tão alto quanto um prédio de quatro andares. Um colosso sem precedentes. Algo para incendiar a imaginação de qualquer um.

– Este achado, sozinho, já seria suficiente para justificar todo o tempo que passamos no Oeste – declarou Cope. – Estes dentes foram uma descoberta de proporções épicas. São os dentes de um dragão!

Nenhum deles, naquele momento, poderia imaginar os problemas que aqueles dentes trariam.

Em torno da fogueira

Sempre que descobria algo mais importante, Cope gostava de reunir seu grupo à noite e filosofar em torno da fogueira. Daquela vez, ele passou de mão em mão um exemplar dos dentes fossilizados para que todos o examinassem de perto, para que sentissem na palma da mão o seu peso e na ponta dos dedos a rugosidade de sua superfície. A descoberta do gigantesco *Brontosaurus* provocou uma enxurrada de especulações.

– Na natureza há muitas coisas das quais nem suspeitamos – disse Cope. – À época deste *Brontosaurus*, os glaciares já haviam retrocedido e o planeta inteiro era uma grande área tropical: figueiras na Groenlândia, palmeiras no Alasca etc. As grandes planícies da América do Norte eram lagos enormes, e este lugar onde estamos sentados era o fundo de um deles. Os animais que encontramos foram preservados porque afundaram ao morrer, depois foram engolidos pelo lodo e, com o passar dos anos, estes sedimentos foram se solidificando até virarem pedra. Mas quem poderia imaginar uma coisa dessas se não tivéssemos estas provas nas mãos?

Ninguém disse nada. Todos olhavam fixamente para o fogo.

– Hoje estou com 36 anos – prosseguiu Cope –, no entanto, no ano do meu nascimento, ninguém sabia ainda da existência dos dinossauros. Todas as gerações anteriores viveram e morreram sem nem ao menos imaginar que, muito antes disto que hoje chamamos de humanidade, a vida em nosso planeta era dominada por uma raça de répteis gigantesco que por aqui surgiu e permaneceu durante muitos milhões de anos.

George Morton tossiu e disse:

– Se é assim, como é que fica o homem?

Seguiu-se um silêncio tenso. A maioria das discussões a respeito da evolução passava ao largo da questão do homem. O próprio Darwin só viria a abordá-la 10 anos depois da publicação de seu livro.

– Já ouviram falar das descobertas que os alemães fizeram no vale de Neander? – perguntou Cope. – Não? Bem, em 1856 eles encontraram um crânio em perfeito estado de conservação, uma cabeça de ossos pesados e traços mais abrutalhados na região da fronte. As análises estratigráficas ainda são controversas, mas não há dúvida de que é um exemplar muito antigo. Eu mesmo tive a oportunidade de vê-lo quando estive na Europa em 1863.

– Ouvi dizer que o crânio de Neander era de um primata, ou uma degeneração – falou Sternberg.

– Acho pouco provável – declarou Cope. – O professor Venn, de Düsseldorf, concebeu um novo método para estimar o tamanho do cérebro a partir de um crânio oco. É muito simples: ele preenche a cavidade cerebral com sementes de mostarda, depois verte essas sementes num recipiente de medição. De acordo com suas pesquisas, o crânio de Neander continha um cérebro muito maior do que o que possuímos hoje.

– O senhor está dizendo que o crânio de Neander é um crânio humano? – quis saber Morton.

– Não sei – respondeu Cope. – Mas, se acreditamos que os dinossauros evoluíram, que os répteis evoluíram, que os mamíferos como o cavalo evoluíram, não vejo motivo para acreditar que o homem tenha surgido assim, de uma hora para outra, sem nenhum ancestral e já perfeitamente formado.

– Mas o professor não é quacre?

As ideias de Cope ainda eram inaceitáveis para a maioria das igrejas, inclusive para a Sociedade Religiosa dos Amigos, como os quacres eram conhecidos.

– Talvez não – respondeu Cope. – A religião explica aquilo que o homem não é capaz de explicar. Porém, quando vejo algo bem diante dos meus olhos e minha religião me diz que estou equivocado, que o que vejo é uma miragem... Bem, é possível que, no fim das contas, eu não seja mais um quacre.

Saindo das Badlands

A manhã de 26 de agosto estava especialmente fria quando eles partiram para Cow Island, numa viagem que consumiria o dia todo. O lugar ficava em uma das poucas travessias naturais ao longo de um trecho de 300 quilômetros do rio Missouri, cercado pelo relevo acidentado dos Missouri Breaks, que formava uma espécie de barreira em ambas as margens. A ilha também servia como desembarcadouro, e era lá que Cope pretendia encontrar o vapor que vinha de St. Louis. Todos ansiavam por sair dali, pois estavam preocupados com a chegada dos sioux, mas o problema era o número excessivo de fósseis que eles tinham para transportar, uma quantidade muito maior do que cabia numa simples carroça. A única solução seria fazer duas viagens. Discretamente, Cope marcou com um X a lateral da sua caixa mais preciosa, a que levava os dentes de *Brontosaurus*.

– Esta vai na segunda viagem – disse ele.

Johnson estranhou a decisão.

– Por que não levá-la logo de uma vez? – perguntou.

– As chances de sofrermos um ataque na primeira etapa da viagem são maiores do que a possibilidade de que alguém encontre esta carga que vamos deixar para trás. Além disso, acho que vamos conseguir contratar mais alguns homens em Cow Island, para ajudar na proteção durante a segunda viagem.

Pois a primeira transcorreu sem grandes sobressaltos: eles chegaram a Cow Island ainda com o dia claro e jantaram na companhia dos militares baseados ali. Marsh havia descido o Missouri com seus homens no último vapor, mas não sem antes alertar os locais da chegada dos “meliantes arruaceiros de Edward Cope”.

Lembrando-se disso, o capitão Lawson riu e falou:

– Acho que o Sr. Marsh não tem muita simpatia pelo seu grupo.

– Imagino que não – disse Cope.

O vapor de St. Louis chegaria dali a dois dias, mas as previsões nunca eram confiáveis, em especial naquela época do ano. Portanto, era necessário que eles voltassem ao acampamento já no dia seguinte para buscar o resto da carga. Cope ficaria na ilha para reembalar os fósseis para a viagem de barco e Sternberg partiria ao nascer do sol com a carroça, acompanhado apenas de Vento Brando e Hill.

No entanto, Sternberg amanheceu com febre alta e tremores no corpo, uma recorrência da malária. O problema era que Vento Brando e o cozinheiro não poderiam seguir sozinhos: não tinham discernimento suficiente para tanto, precisariam de outro supervisor. Isaac não poderia ir, pois tinha pavor dos índios. Não havia dúvida quanto ao candidato mais indicado.

– Eu vou – ofereceu-se Johnson.

Essa era a oportunidade pela qual ele vinha esperando. Sentia-se bem mais calejado depois daquele verão nas planícies, mas ainda não havia saído da sombra do professor ou dos companheiros de expedição, mais velhos e mais experientes do que ele. Não via a hora de testar a si mesmo, de sentir o gostinho da independência, e essa pequena viagem lhe parecia o desfecho perfeito para as aventuras das férias.

Sapo se sentia da mesma forma e imediatamente disse:

– Também vou.

– Vocês dois não podem ir sozinhos – disse Cope. – Não consegui ninguém na ilha para nos ajudar. Os soldados não estão disponíveis.

– Não iremos sozinhos. Estaremos com Vento Brando e Hill.

Cope refletiu um instante, a testa franzida, tamborilando nervoso sobre o bloco de desenho.

– Por favor, professor. É importante que o senhor fique para embalar os fósseis. Não se preocupe, daremos conta do recado. E não podemos ficar conversando aqui o dia todo, já estamos muito atrasados.

– Tudo bem – concordou Cope por fim. – Sei que estou contrariando o bom senso, mas... tudo bem.

Exultantes, Johnson e Sapo partiram às sete da manhã com o cozinheiro e o guia nas rédeas da carroça.

COM A AJUDA DE MORTON, Cope começou a organizar os caixotes de fósseis, reforçando a embalagem daqueles que temia perder para o descaso e a brutalidade dos estivadores. Isaac permanecera ao lado de Sternberg, que já começava a delirar; a certa altura, preparou um chá de casca de salgueiro, que, segundo ele, era bom para baixar a febre.

Em Cow Island, outros seis ou sete passageiros aguardavam a chegada do vapor. Entre eles estava um fazendeiro mórmon chamado Travis, junto com o filhinho. Fora para Montana com a missão de levar o evangelho para os colonos, mas não obteve muito sucesso. Agora voltava insatisfeito.

– O que vocês estão levando nestes caixotes? – perguntou o homem.

Cope ergueu a cabeça.

– Ossos fossilizados – respondeu.

– Para que servem?

– Para serem estudados.

– Por que estudar ossos se você pode estudar animais vivos? – questionou Travis, rindo.

– São ossos de animais extintos.

– Não pode ser.

– Por que não? – perguntou Cope.

– O senhor é temente a Deus?

– Sou.

– Acredita que Deus é perfeito?

– Acredito.

Travis riu outra vez.

– Bem, então há de convir que animais extintos não podem existir! Perfeito que é, o bom Senhor jamais permitiria que uma linhagem inteira de suas criaturas desaparecesse da face da Terra.

– Por que não?

– Pelo que acabei de dizer – rebateu Travis, irritado.

– O que o senhor acabou de dizer é apenas a sua opinião sobre como Deus realiza seu trabalho de Criador. Mas... e se este mesmo Deus buscar a perfeição aos poucos, descartando criaturas para colocar outras melhores no lugar?

– Isso é o que fazem os homens, porque são imperfeitos. Deus não. Deus é perfeito. E para o Criador perfeito há apenas uma Criação, igualmente perfeita. Ou o senhor acha que Deus cometeu algum erro ao criar o mundo?

– Fez o homem, não fez? O senhor não acabou de dizer que o homem é imperfeito?

Travis não gostou do que ouviu.

– O senhor deve ser um desses professores... – resmungou. – Um desses tolos que trocaram a verdade da Palavra pela blasfêmia da Academia.

– Antes um tolo na Academia do que um tolo fora dela – provocou Cope, nem um pouco disposto a levar adiante aquela disputa teológica.

– O senhor está a serviço do Diabo! – exclamou Travis, chutando uma das caixas de fósseis.

– Faça isso de novo – ameaçou Cope – e eu quebro a sua cara.

Sem hesitar, Travis chutou outra caixa.

Numa carta à sua mulher, Cope escreveu:

Sinto-me profundamente envergonhado pelo que aconteceu em seguida, e não tenho outra explicação a não ser o suor que me havia custado a coleta de todos aqueles fósseis, o valor incalculável deles e o meu próprio cansaço após um verão inteiro de calor, poeira e mosquitos. Ser interpelado por um fanático ignorante foi demais para mim. E perdi a paciência.

Sobre o mesmo episódio, Morton escreveria depois:

Sem nenhum preâmbulo ou advertência, Cope partiu para cima do tal Travis e esmurrou-o até deixar o homem inconsciente. Não precisou de mais que um minuto, pois tinha a força e a agilidade de um pugilista. Entre um golpe e outro, ele berrava coisas como “Como você ousa chutar os meus fósseis?” ou “Este é em nome da religião!”. A luta terminou quando os soldados o afastaram do pobre mórmon, que não tinha feito mais do que repetir aquilo que muita gente acreditava ser uma verdade irrefutável.

Uma verdade ainda plenamente vigente em 1876. No começo do século, Thomas Jefferson havia sido prudente o bastante para manter em segredo sua convicção de que os fósseis representavam animais extintos. À época, endossar a ideia de extinção em público constituía uma heresia. Desde então muita coisa havia mudado em relação a isso, mas não em todos os lugares: a evolução ainda era um tema delicado em muitas partes dos Estados Unidos.

Pouco depois do embate de Cope com o mórmon, o vapor *Lizzie B.* despontou na curva do rio, apitando e anunciando sua chegada iminente. Todos os olhos se voltaram para o barco, menos os de um soldado que, atento ao que se passava nas planícies além da ilha, gritou:

– Olhem ali! Cavalos!

De fato, dois animais desgovernados vinham galopando na direção deles.

“Senti um frio na barriga”, escreveu Cope em seu diário, “só de imaginar o que podia ser aquilo.”

Rapidamente eles montaram em seus próprios cavalos e saíram para ver o que havia acontecido. Ao se aproximar, viram Hill debruçado na sela, praticamente morto e todo ensanguentado, perfurado por meia dúzia de flechas indígenas. O outro cavalo pertencia a Johnson: havia muito sangue e flechas fincadas no couro da sela.

Os soldados do Exército desceram o cozinheiro do cavalo e o deitaram no chão. Os lábios dele estavam inchados e muito secos. Só conseguiu falar depois de bebericar a água de um cantil.

– O que aconteceu? – perguntou Cope.

– Índios – respondeu ele. – Os malditos índios... Não tinha nada que a gente pudesse...

Engasgando com um acesso de tosse, retorceu-se de dor, cuspiu sangue e, num último espasmo, morreu.

– PRECISAMOS VOLTAR para resgatar os sobreviventes – disse Cope. – E os meus ossos.

O capitão Lawson balançou a cabeça. Arrancou uma das flechas da sela, examinou-a por alguns segundos e declarou:

– É dos sioux.

– E daí?

Lawson ergueu o queixo na direção das planícies.

– O professor não vai achar nada por lá. Sinto muito, mas, se encontrar algum dos seus amigos, o que acho difícil, ele já estará escalpelado, mutilado e largado para apodrecer nas planícies.

– Tem que haver algo que possamos fazer!

– Enterrar este aqui... rezar pelos outros... E só.

Na manhã seguinte, entristecidos, eles acomodaram os fósseis no *Lizzie B.* e desceram o rio Missouri. O telégrafo mais próximo ficava em Bismarck, no território de Dakota, situado cerca de 800 quilômetros a leste. Lá chegando, Cope enviou o seguinte telegrama para os pais de Johnson na Filadélfia:

É COM PROFUNDO PESAR QUE INFORMO O FALECIMENTO DO VOSSO FILHO WILLIAM, JUNTO COM TRÊS OUTROS HOMENS, ONTEM, DIA 27 DE AGOSTO, NA BACIA DO RIO JUDITH, TERRITÓRIO DE MONTANA, DURANTE UM FERÓZ ATAQUE DE ÍNDIOS SIOUX. MEUS SINCEROS PÊSAMES.

EDWARD DRINKER COPE, PALEONTÓLOGO

PARTE III



DENTES DE DRAGÃO

Nas planícies

Do diário de William Johnson:

Nosso entusiasmo não poderia ser maior, na manhã de 27 de agosto, quando saímos para buscar o restante dos fósseis. Éramos quatro no grupo, sempre atentos ao terreno à nossa frente: Vento Brando, o guia crow; eu e Sapo, cavalgando um pouco atrás dele; e o cozinheiro Hill, que, ao conduzir a carroça, tocava os animais com muitas chicotadas e gritava palavras de baixo calão. Nós percorreríamos 20 quilômetros até o acampamento e outros 20 de volta. Íamos o mais rapidamente possível, pois queríamos chegar a Cow Island pouco antes do anoitecer.

O dia estava bonito e fresco, apenas alguns fiapos de nuvem riscando o azul do céu como se fossem plumas. À nossa frente estavam as Rochosas, com as faces já pintadas pelo branco ofuscante da neve. A vegetação das planícies assobiava baixinho, curvada pela brisa suave. Antílopes pardos saltitavam no horizonte.

Eu e Sapo nos sentíamos como dois grandes desbravadores, liderando nossa expedição naquelas terras bravias, repletas de surpresas e perigos que seriam enfrentados com entusiasmo e valentia. Para dois universitários da Costa Leste, ambos com 18 anos, aquilo tudo era uma enorme aventura. Cavalgávamos com o tronco ereto, estreitando os olhos para esquadrihar melhor o horizonte, a mão na coronha do revólver, a cabeça no trabalho que nos fora confiado.

Ao longo da manhã, avistamos uma quantidade imensa de animais de caça, não só antílopes, mas também alces e bisões, rebanhos muito mais numerosos do que os que tínhamos visto nas semanas anteriores, tal como Sapo também observou.

Ainda não estávamos nem na metade do caminho (percorrêramos cerca de 9 quilômetros) quando Hill gritou às nossas costas, pedindo que fizéssemos uma parada.

– Nada de paradas até chegarmos ao acampamento – falei.

– Se estou mandando parar, pirralho, então vamos parar – repreendeu ele.

Virando para trás, vi que ele apontava a arma em nossa direção, o que lhe conferia uma inquestionável autoridade. Então paramos.

– O que significa isso? – berrei de volta.

– Calado aí, fulaninho – ordenou o cozinheiro, descendo da carroça. – Os dois. No chão.

Olhei para Vento Brando, que evitou meu olhar.

– Depressa! Desçam dos cavalos! – esbravejou Hill.

Então obedecemos.

– O que significa este absurdo? – perguntou Sapo, piscando freneticamente.

– Fim de linha, rapazes – declarou o cozinheiro. – É aqui que eu fico.

– Fica onde?

– Não tenho culpa se os dois são tão burros que não conseguem enxergar o que está diante do próprio nariz. Não viram aqueles rebanhos?

– Sim, o que tem eles?

– Não se perguntaram como vieram parar aqui? Estão sendo tocados para o norte, isso sim. Olhem lá – falou, apontando para o sul.

Olhamos. Ao longe, colunas de fumaça subiam em direção ao céu.

– Aquilo é um acampamento sioux, seus imbecis. É Touro Sentado vindo aí.

O cozinheiro já montava num dos cavalos quando tornei a olhar na direção que ele indicara. As fogueiras, se é que eram mesmo fogueiras, estavam muito, muito distantes.

– Mas eles devem estar a pelo menos um dia de viagem! – protestei. – Temos tempo suficiente para chegar ao acampamento, pegar nossas coisas e voltar a Cow Island antes que eles nos alcancem.

– Então vão vocês – disse ele, montado no cavalo de Sapo e puxando o meu.

Olhei para Vento Brando e mais uma vez ele desviou o olhar. Depois balançou a cabeça, dizendo:

– Hoje dia ruim. Muito guerreiro sioux com Touro Sentado. Matam tudo que é crow. Tudo que é branco.

– Vocês ouviram o índio – insistiu Hill. – Tenho muito apreço pelo meu couro cabeludo, não fico aqui nem mais um minuto. Até breve, rapazes. Vento Brando, venha comigo! – chamou e saiu galopando.

Vento Brando deu a volta com seu cavalo e foi atrás dele. Sapo e eu ficamos ali, junto da carroça, vendo os dois se afastarem.

– Eles planejam isso – declarou meu companheiro, de punho cerrado, furioso com os desertores que já sumiam no horizonte. – Salafrários! Salafrários! – gritou.

Quanto a mim, nada sobrara do entusiasmo de antes. De repente me dei conta da enrascada em que estávamos: dois garotos sozinhos naquela vastidão das planícies do Oeste.

– O que vamos fazer agora?

Sapo ainda espumava.

– Certamente eles já tinham sido pagos por Cope – disse. – Caso contrário, não teriam fugido.

– Eu sei. Mas, e agora, o que vamos fazer?

– Você acha mesmo que eles estão a um dia de distância? – perguntou ele, olhando mais uma vez para a fumaça que riscava o horizonte ao sul.

– Como vou saber? Falei aquilo só para que eles não fossem embora.

– Porque com os índios é assim: quando levantam um acampamento grande, como em geral são os de Touro Sentado, eles passam um bom tempo caçando e atacando viajantes nos arredores.

– Até onde vão esses arredores? – perguntei.

– Incluem tudo que estiver a um ou dois dias de viagem.

Também olhei para o sul. Sapo refletiu um instante e falou:

– Estou vendo umas seis ou sete fogueiras. Não deve ser o acampamento principal deles. Costuma haver centenas de fogueiras num acampamento principal.

Foi aí que tomei uma decisão: eu não voltaria para Cow Island sem os fósseis do professor. Não teria coragem de encará-lo.

– Precisamos pegar aqueles ossos.

– Certo – concordou Sapo.

Subimos na carroça e tocamos para oeste. Eu nunca havia conduzido uma carroça, mas até que me saí bem. Ele assobiava nervosamente ao meu lado. A certa altura sugeriu:

– Que tal cantarmos alguma coisa?

– Melhor não – falei.

Então seguimos calados, ambos com o coração na boca.

ACREDITANDO QUE SERIA FÁCIL seguir o rastro que a carroça deixara na véspera, os dois jovens esperavam alcançar o acampamento antes do meio-dia. Mas, como acabaram se perdendo na vastidão das planícies, só conseguiram localizá-lo no fim da tarde.

Lá, carregaram a carroça com dez caixas de fósseis, num total de 400 quilos, mais o equipamento fotográfico de Johnson e alguns suprimentos que haviam ficado para trás. Johnson deu graças a Deus por ter voltado, pois entre as caixas, marcada com um X, estava aquela em que o professor guardara os preciosos dentes de *Brontosaurus*.

– Não poderíamos retornar sem isto – disse.

Mas já começava a anoitecer quando eles enfim se viram prontos para partir. E seria impossível encontrar, no escuro, o caminho de volta para Cow Island. Isso significava que eles

teriam que pernoitar nas planícies e correr o risco de topar com os sioux no dia seguinte.

Eles ainda discutiam o que fazer quando ouviram os gritos dos índios, selvagens o bastante para congelar o sangue de qualquer um.

– Santo Deus... – disse Sapo.

Uma nuvem de poeira, levantada pelos muitos cavaleiros, surgiu no horizonte a leste, movendo-se na direção deles. Ambos subiram às pressas na carroça. Sem hesitar, Sapo começou a carregar duas espingardas.

– Quanto temos de munição? – perguntou Johnson.

– Menos do que eu gostaria – respondeu o outro, as mãos trêmulas deixando cair algumas balas.

A algazarra dos índios foi ficando mais próxima. Johnson e o companheiro agora conseguiam ver que eles perseguiam um cavaleiro isolado, caído sobre a sela. Mas não ouviam nenhum tiro.

– Talvez não tenham armas de fogo – aventou o esperançoso Sapo, ouvindo em seguida o zunido de uma primeira flecha. – Vamos dar o fora daqui!

– Em que direção? – quis saber Johnson.

– Qualquer uma na qual não haja índios!

Johnson chicoteou os cavalos, e eles responderam com um inusitado entusiasmo. A carroça disparou, sacolejando e sacudindo a carga numa velocidade de dar medo. Quanto mais caía a noite, mais eles avançavam para oeste, para longe do rio Missouri, para longe de Cow Island, para longe de Cope, para longe da tão sonhada segurança.

Os índios vinham logo atrás, e rapidamente o cavaleiro perseguido alcançou a carroça. Só então eles viram que era Vento Brando, tão ensopado de suor quanto o animal que montava. Com uma agilidade circense, o crow saltou para dentro da carroça e afugentou o cavalo com um tapa nas ancas, fazendo com que ele galopasse para o norte.

Vários índios desviaram para persegui-lo, mas a maior parte continuou no encalço da carroça.

– Malditos sioux! Malditos, malditos! – berrou Vento Brando, pegando uma das espingardas.

Flechas cortavam o ar enquanto o guia e Sapo atiravam contra os perseguidores. Virando-se para trás, Johnson calculou que eles deviam ser mais de dez, talvez vinte. Não demoraram para ladear a carroça. Vento Brando e Sapo seguiram atirando, e ambos acertaram o mesmo índio, derrubando-o do cavalo. Outro já se aproximava, mas Sapo disparou a tempo contra o guerreiro sioux, que pressionou os olhos com a mão e foi caindo do cavalo em câmara lenta.

Um dos índios conseguiu pular para dentro da carroça e, quando ergueu a machadinha contra Johnson, levou uma bala na boca, disparada pelo guia crow. Ensanguentado, chegou a

cortar o lábio superior de Johnson com a lâmina, mas logo caiu e despencou da carroça, sumindo na poeira que ela levantava.

Johnson levou a mão à boca ferida, mas não havia tempo para lamúrias. Vento Brando virou-se para ele e gritou:

– Onde pensa que vai? Vá sul!

– No sul estão as Badlands!

Àquela altura já estava bastante escuro; seria um desatino suicida enfrentar, à noite, aquele labirinto de penhascos e vales.

– Vá sul! – repetiu o índio.

– Vamos morrer se formos para o sul!

– Nós morrer de qualquer jeito! Vá sul!

Só então Johnson entendeu o que o guia estava querendo dizer: a única esperança que eles ainda tinham, por mais remota que fosse, era buscar refúgio em algum lugar onde não fossem seguidos pelos índios. Ele açoitou os cavalos e guinou em disparada para o sul, rumo ao labirinto de arenito e xisto: as Badlands do rio Judith.

À FRENTE DELES AGORA havia apenas alguns poucos quilômetros de pradaria, e os índios novamente os cercaram, uivando e gritando. Uma flecha acertou a perna de Johnson, prendendo o tecido da calça à madeira do banco, mas ele seguiu adiante, tocando a carroça. A noite ficava cada vez mais escura, pontilhada pelos clarões dos tiros de espingarda. Os índios, percebendo o plano deles, acirraram ainda mais a perseguição.

Passados alguns instantes, Johnson avistou o relevo dos rochedos e, notando que a planície parecia prestes a desaparecer na escuridão, chegou a temer a velocidade com que os animais avançavam.

– Calma, rapazes! – berrou para os cavalos, mas não se deu o trabalho de puxar as rédeas.

E, numa questão de segundos, a carroça também atravessou o breu, sumindo com a pradaria.

NAS BADLANDS

Sob a lua minguante, apenas silêncio. Johnson despertou quando sentiu a água cair sobre sua boca e escorrer queixo abaixo. Abrindo os olhos, deparou com o rosto de Vento Brando. Ergueu a cabeça, olhou à sua volta. A carroça estava de pé; os cavalos bufavam baixinho. Eles estavam no sopé de um penhasco muito alto e escuro.

Só então ele sentiu uma fisgada na perna. Tentou se mexer.

– Quietos – disse Vento Brando, ríspido.

– Alguma coisa errada com a minha...?

– Quietos – repetiu o guia, trocando o primeiro cantil por outro. – Bebe.

Johnson deu um gole no uísque, cuspiu-o e tossiu. A bebida queimara sua garganta para depois queimar o corte no lábio superior.

– Bebe mais – disse Vento Brando, já cortando com uma faca o tecido da calça de Johnson. Ele tentou espiar.

– Não olha – ordenou o índio, tarde demais.

A flecha havia atravessado a panturrilha direita do rapaz, prendendo-a ao banco. A carne em torno da ferida estava inchada, roxa, horrível.

Johnson ficou tonto, sentiu-se enjoado. Percebendo que ele estava prestes a desmaiar, Vento Brando sacudiu-o e disse:

– Espera. Bebe mais.

Johnson deu um gole demorado. Sentiu-se tonto outra vez.

– Índio conserta – falou Vento Brando, debruçando-se sobre a perna dele. – Não olha.

Johnson ergueu os olhos para o céu, observando as nuvens finas. Já começava a sentir os efeitos do uísque.

– E Sapo? – perguntou.

– Quietos. Não olha.

– Sapo está bem?

– Não preocupa.

– Onde ele está? Quero falar com ele!

– Agora você machucado – disse Vento Brando e, retesando o corpo, arrancou a flecha com um único puxão.

Johnson chegou a ouvir o barulho da carne se rasgando. E o berro de dor que deu ainda ecoava quando ele sentiu uma dor muito pior que a primeira: teve a impressão de que a perna ardia em chamas. Mas nem sequer gritou, pois mal conseguia respirar.

Vento Brando ergueu a flecha ensanguentada contra a pouca luz do luar.

– Pronto, acabou – declarou. E, vendo que Johnson ameaçava levantar, empurrou-o de volta para o banco, entregou-lhe a flecha e disse: – Fica com isto.

Em seguida tirou a bandana da cabeça, rasgou um trapo e improvisou um torniquete para estancar o sangue que jorrava da perna do estudante. – Pronto, pronto. Agora bom.

Apoiando-se no banco, Johnson aos poucos ficou de pé. Sentia-se bem melhor; a dor agora era mais suportável.

– Onde está Sapo?

Vento Brando simplesmente balançou a cabeça.

Leander Davis, Sapo, estava estirado na traseira da carroça com o pescoço atravessado por uma flecha e o peito perfurado por mais duas. Tinha os olhos esbugalhados e a boca escancarada, como se ainda estivesse surpreso com a própria morte.

Johnson nunca vira um cadáver antes. Sentiu-se estranho quando fechou os olhos do companheiro e voltou para a boleia. Não que estivesse triste, mas custava a acreditar que estava naquele deserto esquecido por Deus, sozinho com um guia indígena, talvez muito próximo da morte. Precisava fazer algo para distrair a mente.

– Bem, acho que temos que enterrá-lo.

– Não! – exclamou Vento Brando, horrorizado.

– Por que não?

– Sioux encontra ele.

– Não se estiver enterrado, ora.

– Sioux encontra lugar, tira morto pra fora, leva couro cabeludo, leva dedo. Depois as mulheres vêm, levam outras coisas também – explicou o guia, apontando para a própria virilha.

Johnson estremeceu e disse:

– Onde eles estão agora? Os sioux?

Vento Brando apontou para o platô no alto do penhasco.

– Vão embora ou vão ficar?

– Ficar. Vêm de manhã. Talvez com mais guerreiro.

Johnson foi tomado por um súbito cansaço. A perna latejava.

– Vamos sair daqui assim que amanhecer.

– Não. Sair agora.

Johnson olhou para o alto. As nuvens estavam mais espessas, um anel ligeiramente azulado cercava a lua.

– Daqui a pouco não vamos ter nem luar nem estrelas. Um breu total.

– Embora agora – insistiu Vento Brando.

– É um milagre que tenhamos chegado aqui vivos, mas não podemos atravessar este labirinto na escuridão.

– Embora agora – repetiu o índio.

– Mas vamos morrer!

– Morrer de qualquer jeito. Embora agora.

ELES PARTIRAM na mais completa escuridão.

Vento Brando ia no chão, alguns passos à frente da carroça guiada por Johnson. Levava consigo uma vara comprida e algumas pedras. Quando não enxergava o caminho, arremessava um pedregulho e espreitava o barulho. Por vezes as pedras demoravam para aterrissar e, quando o faziam, o baque era curto, distante, seguido de ecos. Nesses casos, Vento Brando prosseguia com cautela redobrada, tateando o chão com a vara, feito um cego, até encontrar a borda do precipício. Depois conduzia a carroça em outra direção.

A viagem se arrastava com uma exaustiva lentidão. Johnson tinha a impressão de que eles não avançavam mais do que algumas centenas de metros no espaço de uma hora. Não via muito sentido naquilo. Assim que o sol despontasse no horizonte, os índios irromperiam ali e não levariam mais do que alguns minutos para localizar o rastro deles.

– De que adianta isso? – perguntava ele, sobretudo quando a perna ficava especialmente dolorida.

– Olha pra céu – disse Vento Brando, numa dessas vezes.

– Estou olhando. Está preto. O céu está preto.

Vento Brando ficou em silêncio.

– O que tem o maldito céu, caramba? – explodiu Johnson.

Mas o índio não deu qualquer explicação.

POUCO ANTES DO amanhecer, começou a nevar.

Eles haviam alcançado Bear Creek, um riacho nos limites das Badlands, e pararam um instante para dar de beber aos cavalos.

– Neve é bom – falou Vento Brando afinal. – Guerreiro hunkpapa vê neve, sabe que pode seguir rastro com facilidade. Então acha melhor esperar, esquentar junto do fogo por uma hora, duas.

– Enquanto isso a gente se escafede daqui.

– Escafede – repetiu o guia.

De Bear Creek eles seguiram para oeste através das pradarias, tão rápido quanto os cavalos permitiam. Quando mais a carroça sacolejava, maior era a dor que Johnson sentia na perna.

– Para onde estamos indo? Fort Benton?

– Não. Tudo que é branco vai pra Fort Benton.

– Os sioux esperam que a gente vá para lá? É isso que você está dizendo?

– Isso.

– Então... para onde vamos?

– Montanhas Sagradas.

– Que montanhas sagradas? – perguntou Johnson, assustado.

– Montanhas Trovão do Grande Espírito.

– Por que estamos indo para lá?

Vento Brando não respondeu.

– A que distância ficam essas montanhas sagradas? O que vamos fazer ao chegar lá?

– Viagem de quatro dias. Você espera pra ver – disse Vento Brando. – Vai encontrar muito branco.

– Mas por que estamos indo para lá?

Só então Johnson notou a mancha vermelha que crescia no couro da camisa do índio.

– Vento Brando... você está ferido?

Num tom muito agudo, Vento Branco começou a entoar um canto de seu povo crow. Não diria mais nada depois disso.

Eles rumaram para o sul através das planícies.

VENTO BRANDO MORREU silenciosamente na terceira noite.

Johnson acordou de madrugada e encontrou-o estirado ao lado da fogueira, o rosto coberto de neve, o corpo rígido e frio. À custa de muita dor, e com o auxílio da espingarda, arrastou-o para a carroça, içou-o para a traseira e o acomodou ao lado de Davis. Depois subiu para a boleia e continuou a viagem. Estava faminto, febril, por vezes até delirava. Sabia que estava perdido, mas não se importava. Deu-se conta de que precisava empertigar o tronco e lutar contra a mente toda vez que ela ameaçava escapar para outro lugar, fugindo daquele calvário,

criando visões confusas e perturbadoras. A certa altura, achou que havia chegado à Rittenhouse Square, na Filadélfia, e tentava, sem sucesso, encontrar a mansão dos pais.

Na manhã do quarto dia, deparou com o rastro de uma carroça. Viu que era recente e seguia para leste, rumo a colinas arroxeadas e baixas. Foi para lá que seguiu.

Ao longo do caminho, foi encontrando árvores com iniciais talhadas no tronco e galhos cortados para serem usados como lenha, sinais claros da passagem de brancos. O dia estava muito frio, e a neve já caía bem mais grossa quando ele subiu uma última colina e de lá avistou um povoado no pequeno vale que se estendia do outro lado: apenas uma avenida enlameada, com barracões de madeira em ambos os lados, todos mais ou menos quadrados, nenhum com aspecto residencial. Ele chicoteou os cavalos e desceu pela outra face da colina.

E foi assim que, em 31 de agosto de 1876, William Johnson, quase morto de fome, sede, cansaço e de tanto sangue que havia perdido, adentrou com sua carroça apinhada de ossos, mais os corpos de um universitário branco e um guia índio, na cidadezinha de Deadwood Gulch.

Deadwood

Deadwood não era exatamente um lugar acolhedor: construções toscas, de madeira aparente, ladeavam a única rua do lugar e, ao que parecia, todas as árvores das colinas vizinhas já haviam sido cortadas para abastecer de lenha os habitantes. Uma fina camada de neve suja cobria tudo. Mas, apesar do aspecto inóspito, Deadwood tinha toda a agitação de uma cidade próspera. O comércio local não era lá muito diferente do que se via em outros povoados nascidos do garimpo e da mineração: uma ferraria, uma carpintaria, três empórios, quatro estábulos, seis armazéns, uma verdadeira Chinatown com quatro lavanderias chinesas e incontáveis tabernas. E, no meio disso tudo, ostentando com orgulho uma varanda no segundo andar, ficava o Grand Central Hotel.

Johnson cambaleou na direção do hotel e, quando se deu conta, já estava dentro dele, deitado num banco acolchoado e ladeado pelo proprietário, um velho senhor de óculos de lentes grossas e cabelos ralos e oleosos.

– Meu jovem – brincou o homem –, já vi outras pessoas em estado bem pior que o seu, mas em geral estavam mortas.

– Comida...? – balbuciou Johnson.

– Comida é o que não falta por aqui. Venha, eu ajudo você. Vamos para o restaurante, colocar um pouco de saúde neste estômago. Tem algum dinheiro?

UMA HORA DEPOIS, sentindo-se bem mais revigorado, Johnson ergueu os olhos do prato vazio e perguntou à moça que limpava a mesa:

– Isto aqui estava muito bom. O que era?

– Língua de búfalo – respondeu ela.

O proprietário do lugar, que se chamava Sam Perkins, espiou pela porta. Levando-se em conta a rusticidade que o cercava, até que era muito bem-educado.

– Imagino que o rapaz vá precisar de um quarto – anunciou ele.

Johnson fez que sim com a cabeça.

– Quatro dólares, pagamento adiantado. Se fizer questão de banho, temos um banheiro público na cidade.

– Muito obrigado – falou Johnson.

– Este corte aí na sua boca... vai acabar cicatrizando sozinho. Mas essa perna precisa de cuidados.

– Concordo – conseguiu dizer Johnson, exausto.

Perkins perguntou de onde era seu mais novo hóspede. Ao saber que vinha de tão longe, fitou-o por alguns segundos, boquiaberto com o que tinha acabado de ouvir. Levantando-se, Johnson indagou se havia algum lugar onde ele pudesse guardar as caixas que trouxera na carroça. Perkins informou que havia um quartinho nos fundos para uso dos hóspedes, e que só ele possuía a chave.

– O que tem dentro dessas caixas? – perguntou o homem.

– Ossos – respondeu Johnson, dando-se conta da súbita energia que a comida quente tinha lhe dado.

– Ossos de... animais?

– Isso.

– Para fazer sopa?

Johnson não gostou da piada.

– São muito valiosos para mim – disse.

– Fique tranquilo. Não creio que alguém aqui em Deadwood vá querer roubar ossos.

Johnson disse que havia passado por maus momentos para conseguir aqueles ossos, ali estavam os dois cadáveres que não o deixavam mentir. Portanto, não queria correr nenhum tipo de risco.

– Posso guardá-los no tal quartinho? – pediu.

– Vai precisar de muito espaço? O lugar não é exatamente um celeiro.

– São dez caixas de ossos e mais alguns suprimentos.

– Bem, vamos ver essas caixas.

Perkins saiu com Johnson para a rua, examinou a bagagem da carroça e assentiu. Depois, enquanto Johnson descia as caixas, limpou a neve que cobria o rosto dos dois cadáveres e, surpreso, exclamou:

– Este aqui é um índio!

– É.

Estreitando os olhos, Perkins perguntou:

- Há quanto tempo você está com eles nesta carroça?
- O índio morreu ontem, mas o outro está aí faz quase uma semana.
- Está pensando em enterrar seu amigo? – quis saber Perkins, coçando o queixo.
- Agora que estamos a salvo dos sioux, acho que sim.
- Tem um cemitério na parte norte da cidade. E o índio, o que pretende fazer com ele?
- Enterrá-lo também.
- Não no cemitério.
- Ele é um snake.
- Bom para ele – disse Perkins. – Não temos nenhum problema com os snakes que estão vivos, mas você não pode enterrar um índio no cemitério.
- Por que não?
- O pessoal da cidade não vai aceitar.

Johnson correu os olhos pelas fachadas das casas. Teve a impressão de que aquela cidade não estava ali havia tempo suficiente para que as pessoas tivessem elaborado um código a respeito do que quer que fosse. Então repetiu:

- Por que não?
- Porque ele não foi batizado.
- É um índio, e não o enterrei pelo mesmo motivo que não enterrei meu amigo branco. Se os sioux encontrassem as covas, desenterrariam os corpos para depois mutilá-los. Devo a vida a este índio. Quero dar a ele um enterro decente.
- Faça como quiser – falou Perkins –, desde que não o enterre no cemitério. Sugiro que você não cause problemas. Não aqui, em Deadwood.

Johnson não estava disposto a discutir. Levou as caixas para o quartinho, empilhou-as para economizar espaço e pediu a Perkins que trancasse a porta assim que saísse. Pediu também que providenciasse seu banho, depois saiu para enterrar os corpos.

Não foi fácil cavar a cova de Sapo no cemitério da cidade. Johnson precisou quebrar as pedras do chão com uma picareta antes de passar à pá. Pegou o corpo na carroça e o deitou no buraco, que não parecia nada confortável, nem mesmo para um morto.

- Desculpe, amigo – disse em voz alta. – Assim que puder, aviso sua família.
- Tão logo jogou a primeira pá de terra, pensou: “Não sou mais a pessoa que era antes.” E terminou o serviço.

Depois voltou à carroça e, seguindo por uma estradinha secundária, levou o corpo do índio para fora da cidade. Cavou sua cova à sombra de um pinheiro alto que avistou na encosta de uma colina, onde o solo era bem mais maleável, fácil de escavar: era ali que a cidade deveria ter instalado seu cemitério. Com o guia devidamente enterrado, subiu para o alto da colina e deparou com a paisagem erma do norte, um grande vazio sem nenhum sinal de habitação ou gente. Sentou-se no chão, chorou e por ali ficou até não aguentar mais o frio.

Só então voltou para a cidade: tomou seu banho, limpou com cuidado o ferimento da perna, fez um novo curativo, depois vestiu as mesmas roupas imundas e ensanguentadas de antes. No quarto do hotel havia um espelho acima da bacia d'água e, pela primeira vez, ele pôde examinar com tranquilidade o corte no lábio, cujas bordas já começavam a desinchar, embora continuasse aberto. Em breve teria uma bela cicatriz.

A cama se resumia a um colchãozinho de palha sobre um catre de madeira; apesar disso, Johnson dormiu 30 horas seguidas.

NO DIÁRIO DELE:

Quando desci para comer no restaurante do hotel, dois dias depois, constatei que havia me tornado a pessoa mais famosa de Deadwood. Ao mesmo tempo que devoravam seus bifes de antílope, os outros cinco hóspedes (garimpeiros de aspecto bem rústico) iam despejando uísque no meu copo, junto com uma avalanche de perguntas sobre minhas atividades recentes. Assim como o dono do hotel, comportavam-se com inusitada educação, sempre mantendo as mãos sobre a mesa enquanto comiam. Mas logo percebi que, educados ou não, nenhum deles acreditava na minha história.

Demorei para descobrir o motivo. Ao que parecia, era imediatamente tido como mentiroso todo aquele que afirmasse ter atravessado o território de Montana para Dakota, visto que, até então, todos os que haviam tentado a façanha tinham morrido nas mãos dos sioux. Mas a verdade era a seguinte: eu não havia encontrado nenhum índio antes do ataque à nossa carroça; os sioux de Touro Sentado com certeza se encontravam mais ao norte quando fizemos nossa travessia.

Em Deadwood, porém, não havia quem acreditasse nisso, e logo as pessoas começaram a se interessar pelos “ossos” que eu guardara no hotel. Uma delas era um hóspede chamado Jack McCall, também conhecido como Nariz Quebrado, apelido certamente recebido após uma briga de taberna. Nariz Quebrado tinha os olhos muito azuis, e um deles parecia estar sempre voltado para a esquerda, o que lhe dava o aspecto de uma ave de rapina. Por causa disso, ou por outra razão qualquer, o homem chegava a dar medo. Mas não tanto quanto o companheiro dele, Black Dick Curry, que possuía uma serpente tatuada no antebraço esquerdo e era conhecido como “o melhor amigo dos garimpeiros”. Quando perguntei a Perkins o motivo disso, o dono do hotel disse apenas que se tratava de uma brincadeira.

– Como assim, uma brincadeira?

– Não temos prova de nada – respondeu –, mas muita gente acredita que Dick Curry e seus irmãos Clem e Bill são os ladrões que assaltam as diligências que levam as cargas de ouro de Deadwood para Laramie e Cheyenne.

– Cheyenne fica perto daqui? – perguntei, empolgado, mais uma vez lamentando a pobreza dos meus conhecimentos de geografia.

– Nem mais perto nem mais longe do que qualquer outro lugar.

- Pois é para lá que quero ir! – falei.
- Ninguém está prendendo você aqui, está?

ANIMADÍSSIMO, PENSANDO em Lucienne, Johnson subiu ao quarto para arrumar seus pertences. Mas assim que destrancou a porta, viu que tinha sido roubado: o lugar estava todo revirado e suas coisas jogadas por toda parte. Menos a carteira de dinheiro.

Ele desceu correndo para falar com Perkins.

– Fui roubado!

– Não pode ser! – retrucou o homem, acompanhando-o de volta ao quarto. E, correndo os olhos calmamente pelo cômodo, sentenciou: – Deve ter sido um dos rapazes que, não se aguentando de curiosidade, veio conferir sua história. Não levaram nada, levaram?

– Sim! Levaram minha carteira!

– Mas como?

– Ela estava aqui no quarto.

– Você saiu e deixou a carteira no quarto?

– Desci apenas para jantar.

– Meu caro Johnson – disse o homem –, você está em Deadwood. Não pode deixar seu dinheiro desacompanhado nem por um segundo.

– Bem, mas... foi o que fiz.

– O que constitui um problema.

– É melhor o senhor chamar o xerife e dar parte do roubo.

– Sr. Johnson, não temos xerife em Deadwood.

– Não há um xerife aqui?

– Um ano atrás não havia nem cidade. Ainda não tivemos tempo de providenciar um xerife. De qualquer modo, não creio que os rapazes baixariam a crista diante de um reles xerife. Não pensariam duas vezes antes de matá-lo. Não faz duas semanas que Bill Hickok foi morto aqui.

– O famoso Wild Bill Hickok?

– Ele mesmo.

Perkins contou que Hickok estava numa mesa de carteado numa das tabernas da cidade, um lugar chamado Nuttal and Mann's Saloon, quando Jack McCall entrou e atirou na nuca do homem. A bala atravessou a cabeça dele e se alojou no braço do jogador sentado à sua frente. Hickok morreu antes que pudesse sacar a arma.

– Esse mesmo Jack McCall com quem acabei de jantar?

– Exatamente. Muitos acreditam que Jack foi contratado por alguém para apagar o homem. Alguém que não queria ver Wild Bill contratado como xerife local. Depois disso, duvido muito

que alguém queira se candidatar ao posto.

– Nesse caso... quem defende a lei por aqui?

– Por aqui não existe lei, Sr. Johnson – explicou Perkins. – Estamos em Deadwood – repetiu lentamente, como se falasse com uma criança. – O juiz Harlan comanda os inquéritos, quando está sóbrio o suficiente, mas fora isso não há lei neste lugar, e é assim que as pessoas gostam. Afinal de contas, todas as tabernas da cidade estão, a rigor, infringindo a lei. Isto aqui é território indígena, Sr. Johnson. Ninguém pode vender bebidas alcoólicas em território indígena.

– Muito bem – disse Johnson. – Onde fica o telégrafo mais próximo? Vou pedir a meu pai que faça uma transferência bancária para o senhor. Depois disso, vou dar o fora daqui.

Perkins balançou a cabeça.

– O que foi? Também não há telégrafo na cidade?

– Não em Deadwood, Sr. Johnson. Pelo menos... ainda não.

– Então... o que vou fazer com relação ao dinheiro que me roubaram?

– Isto é um problema – concordou Perkins. – Faz três dias que está hospedado aqui. Já deve seis dólares, mais o jantar de hoje, que é mais um dólar. E os seus cavalos? Estão com o coronel Ramsay, não estão?

– Sim, no estábulo dele, aqui perto.

– Bem, ele cobrará uma diária de dois dólares, o que somará mais seis ou oito dólares à sua dívida total. Imagino que você possa pagar o coronel com a carroça e os cavalos.

– Se eu vender a carroça e os cavalos, como vou sair daqui com meus ossos?

– Isto é um problema – disse Perkins. – Seguramente é um problema.

Johnson não se conteve.

– Sei muito bem que é um problema! – gritou.

– Por favor, Sr. Johnson, não se exalte – falou, tranquilo, o dono do hotel. – Ainda tem a intenção de ir para Laramie e Cheyenne?

– Sim.

– Então aquela carroça não lhe será de nenhuma serventia.

– Por que não?

– Sr. Johnson, por que não desce e toma algo em minha companhia? Acho que precisa ficar sabendo de uma ou duas coisinhas.

AS COISINHAS eram estas:

Apenas duas estradas levavam a Deadwood, uma pelo norte, outra pelo sul.

Johnson só chegara sem aborrecimentos à cidade porque tinha vindo do norte. Ninguém esperava que forasteiros viessem de lá, pois a estrada era ruim e índios bravos transitavam pela

região. Portanto, os bandidos e assaltantes não tinham muito o que fazer nessa primeira estrada.

Mas a outra, que levava a Laramie e Cheyenne, descia para o sul e era, esta sim, infestada de bandoleiros. Por vezes, eles davam preferência aos forasteiros que surgiam por ali em busca de uma vida melhor, porém, de modo geral, atacavam qualquer coisa que saísse de Deadwood em direção ao sul.

Também havia as quadrilhas de saqueadores indígenas, que costumavam ser lideradas por bandidos brancos como o célebre “Persimmons Bill”, que diziam ter comandado os selvagens responsáveis pelo massacre da família Metz em Red Canyon, no começo daquele mesmo ano.

A linha de diligências começara a operar naquela primavera com apenas uma pessoa armada, um guarda, também chamado de “mensageiro”, que viajava na boleia ao lado do cocheiro. Mas logo aumentara para dois mensageiros, depois três. Ultimamente não saía com menos de quatro. E quando o Gold Stage fazia sua viagem semanal para levar ouro para o sul, era protegido por um comboio inteiro de guardas armados até os dentes. Mesmo assim, havia vezes em que eram obrigados a voltar às pressas para Deadwood, outras em que pessoas morriam e o ouro era roubado.

– Você está dizendo que... os bandidos matam os guardas?

– Guardas e passageiros também – disse Perkins. – São uns facínoras, matam tudo que veem pela frente. É assim que exercem seu negócio.

– Isso é execrável!

– Pois é. E muito ruim também.

– Como vou sair daqui?

– Bem, é isso que estou tentando explicar – disse Perkins, pacientemente. – É muito mais fácil chegar a esta cidade do que sair dela.

– O que posso fazer?

– Bem, as coisas devem melhorar na próxima primavera. Ouvi dizer que a Wells Fargo vai inaugurar sua própria linha de diligências, e eles têm uma grande experiência na questão de... na questão da luta contra a bandidagem. Aí, sim, você poderá viajar com segurança.

– Na primavera? Mas ainda estamos em setembro!

– É o que parece – concordou Perkins.

– Quer dizer então que estou preso aqui em Deadwood *até a primavera*?

– É o que parece – repetiu o homem, e serviu mais uma dose a seu hóspede.

A vida em Deadwood

Johnson mal conseguiu dormir depois do tiroteio que ouviu já tarde da noite. Na manhã seguinte, acordou com uma bela enxaqueca, tomou o café forte que Perkins lhe deu e saiu para ver o que podia fazer para levantar algum dinheiro.

A neve havia derretido durante a noite, e a rua agora era um grande lamaçal. A madeira das casas estava úmida, bolorenta. Deadwood era um buraco inóspito e, para Johnson, a possibilidade de ficar ali por mais seis ou sete meses era no mínimo indigesta. Seu humor não melhorou muito quando ele avistou um cadáver na lama, cercado de moscas. Três ou quatro curiosos falavam do morto enquanto fumavam os charutos que tinham roubado dele, mas ninguém se dava o trabalho de tirar o corpo dali. As carroças e cavalos simplesmente desviavam.

- O que aconteceu? – perguntou Johnson.
- Este é Willy Jackson. Se meteu numa altercação ontem à noite.
- Altercação?
- Um bate-boca com Black Dick Curry. Acertaram as contas aqui na rua.
- Willy sempre bebeu além da conta – disse outro homem.
- Então foi Dick quem o matou?
- Não é a primeira vez que faz isso. Gosta da coisa. Sempre que pode, passa fogo em alguém.
- Mas ninguém vai tirar o corpo daí?
- Não sei – respondeu um dos homens. – Não conheço ninguém que se interesse em fazer isso.

– O infeliz não deixou nenhum parente para dar pela falta dele. Tinha um irmão, mas ele morreu de disenteria dois meses atrás. Os dois tinham um garimpo não muito longe daqui.

– E esse garimpo? – questionou outro, batendo as cinzas do charuto. – Deu em alguma coisa?

– Acho que não.

– Nunca tiveram muita sorte.

– Pois é. Willy sempre foi meio azarado mesmo.

– Quer dizer então que... o corpo vai ficar no meio da rua? – perguntou Johnson.

Um dos homens apontou para a loja às suas costas. A placa dizia: KIM SING – LAVAMOS E PASSAMOS.

– Bem, o morto tombou na frente da lavanderia do Sing. Daqui a pouco ele deve aparecer para levar o defunto embora. Antes que o fedor comece a espantar a freguesia.

– Ele ou o filho.

– Parece pesado demais para o moleque. Acho que só tem uns 11 anos.

– Que nada. O diabinho é mais forte do que você imagina.

– Não o bastante.

– Ele levou o corpo do Jake depois do atropelamento, lembra?

– É verdade, foi ele que levou o Jake.

Johnson se afastou dos homens e seguiu na direção do estábulo do coronel Ramsay. Ao chegar lá, propôs vender a carroça e os cavalos que Cope havia comprado em Fort Benton pela pequena fortuna de 180 dólares. Talvez conseguisse uns 40 ou 50 por eles. Ramsay ofereceu 10 e ainda lembrou dos 6 que ele devia em diárias. Johnson regateou o quanto pôde, mas acabou cedendo.

– Isso é um assalto! – exclamou. E já ia embolsando as quatro moedas de ouro deixadas sobre o balcão quando o coronel se adiantou e recolheu uma delas. – Por conta do quê? – perguntou Johnson, perplexo.

– Do insulto – respondeu o coronel. – Então, vai repetir a dose?

Ramsay era um homem forte e devia ter uns 2 metros de altura. Em cada lado da cintura carregava um revólver Colt de cano longo e seis disparos.

Johnson pegou suas três moedas e lhe deu as costas.

– Você tem uma língua atrevida, moleque – observou Ramsay. – No seu lugar, eu procuraria deixá-la dentro da boca.

– Obrigado pelo conselho – falou Johnson com serenidade, começando a entender por que todos em Deadwood eram tão educados, quase absurdamente calmos.

Em seguida, rumou para o guichê de passagens do Black Hills Overland and Mail Express, na ponta norte da rua. Lá foi informado de que a viagem para Cheyenne custava 8 dólares no serviço normal e 30 no expresso.

– Qual a diferença entre um e outro? – perguntou. – Por que o serviço expresso é tão mais caro?

– No expresso, as diligências são puxadas por três parelhas – explicou o agente. – No comum, apenas por uma. A viagem é bem mais lenta.

– Só isso, mais nada?

– Bem, ultimamente as diligências mais lentas não têm conseguido chegar ao seu destino final.

– Ah...

Johnson informou ainda que tinha uma carga a transportar. O agente assentiu, dizendo:

– A maioria das pessoas tem. Se for ouro, cobramos uma taxa adicional de 1,5% sobre o valor estimado.

– Não é ouro.

– Então o preço é o de tabela: dez centavos por quilo. Quanto pesa a sua carga?

– Uns 500 quilos.

– *Quinhentos quilos?* Que diabo de carga é essa que pesa tanto assim?

– Ossos – respondeu Johnson.

– Acho que nunca transportamos ossos antes – disse o agente. – Não sei se poderemos atendê-lo. – Ele rabiscou alguns cálculos numa folha de papel. – Estes... ossos... poderiam viajar no bagageiro de cima?

– Imagino que sim, se forem bem amarrados – afirmou Johnson, mentalmente fazendo suas contas também: 500 quilos, a dez centavos por quilo, sairiam por 50 dólares.

– Então serão 80 dólares, mais uma taxa de 5 para a estiva.

Mais do que ele esperava. Então se deu conta:

– Ah, 50 pela carga e 30 pelo serviço expresso. Mais a taxa. Oitenta e cinco no total?

– Correto. Quer reservar sua passagem?

– Agora não, obrigado.

– Quando quiser, sabe onde nos encontrar – disse o agente, se afastando.

Johnson já estava à porta da loja quando lhe ocorreu perguntar:

– As diligências do serviço expresso... Com que frequência costumam chegar ao destino final?

– Quase sempre – informou o agente. – Não tenha dúvida: esta é sua melhor opção.

– Sim, mas... com que frequência?

– Eu diria três em cada cinco viagens. Às vezes perdem a carga no meio do caminho, mas quase sempre chegam ao destino final – respondeu o homem, dando de ombros.

– Obrigado – agradeceu Johnson.

– Disponha – disse o agente. – Tem certeza de que esses ossos não são de ouro?

O AGENTE NÃO ERA o único que ouvira falar das caixas de ossos. Todos em Deadwood especulavam muito sobre o assunto. Comentava-se, por exemplo, que Johnson chegara à cidade com um índio morto. Ora, os peles-vermelhas sabiam mais do que qualquer branco onde havia ouro em suas sagradas Black Hills. Portanto, o mais provável era que Johnson tivesse usado o tal índio para encontrar o ouro antes de matá-lo. E em seguida tivesse matado também o companheiro, para poder fugir com seu tesouro disfarçado em “caixas de ossos”.

Mas havia aqueles que podiam jurar que as caixas não continham ouro nenhum, pois Johnson não passara pelo avaliador do outro lado da rua, o que qualquer garimpeiro sensato teria feito de imediato.

De qualquer forma, era possível que elas contivessem coisas de grande valor, como joias ou até mesmo dinheiro em espécie. Mas, se fosse assim, por que não teriam sido guardadas no banco de Deadwood? Bem, talvez elas contivessem algum tesouro roubado, algo que os funcionários do banco poderiam reconhecer. Difícil dizer de que tesouro se tratava, mas não se falava de outra coisa na cidade.

– Sugiro que você leve esses ossos para outro lugar – disse Sam Perkins. – As pessoas estão comentando. Cedo ou tarde alguém vai tentar roubá-los, e não poderei fazer nada para evitar que isso aconteça.

– Posso carregar as caixas para o meu quarto?

– Ninguém vai ajudá-lo, se é o que está querendo saber.

– Não foi o que perguntei.

– Faça como quiser. Se não se incomoda de dormir no mesmo espaço que um monte de ossos de animais, ninguém tem nada a ver com isso.

E foi o que Johnson fez: dez caixas escada acima, empilhadas contra a parede do quarto, bloqueando quase toda a luz que entrava pela janela.

– Naturalmente, todos sabem que você está carregando as caixas para o quarto – disse Perkins, acompanhando de perto a trabalhadora. – O que faz com que pareçam ainda mais valiosas.

– Também pensei nisso.

– A madeira da porta até que é boa, mas nada que impeça alguém de arrombá-la com um chute mais forte.

– Eu poderia colocar uma tora de madeira atravessada na porta para reforçá-la.

Perkins assentiu e ressaltou:

– Isso resolve o problema quando você estiver dentro do quarto. Mas... e quando não estiver?

– Furo dois buracos: um na porta, outro na parede. Depois passo uma corrente com um cadeado.

– Você tem um bom cadeado?

– Não.

– Eu tenho. É seu por 10 dólares. Caiu de um vagão de carga da Sioux City and Pacific. É mais pesado do que parece.

– Eu ficaria muito agradecido.

– Não é só agradecimento que eu espero, que fique bem claro.

– Certo.

– Então... imagino que vá procurar um emprego – declarou Perkins. – Você precisa levantar mais de 100 dólares, sem contar o que deve a mim. É muito dinheiro para se conseguir honestamente.

Johnson não precisava ser lembrado disso.

– Acha que pode fazer alguma coisa? Algo de útil? – perguntou o hoteleiro.

– Passei o verão inteiro escavando.

– Todo mundo aqui sabe escavar. Aliás, é só pra isso que as pessoas vêm para esta região das Black Hills: escavar em busca de ouro. Não. O que perguntei é se você sabe fazer algo como cozinhar, ferrar cavalos, trabalhar com madeira, essas coisas. Um ofício.

– Não. Sou universitário.

Johnson olhou para as caixas de fósseis. Pousou a mão numa delas, acariciando-a. Poderia deixá-las ali, pegar uma diligência de Deadwood para Laramie e, de lá, enviar um telegrama para os pais, pedindo dinheiro. Diria a Cope (se ele ainda estivesse vivo) que os fósseis estavam perdidos. Inventaria uma história; diria que eles haviam sido cercados por bandidos, a carroça capotara e rolara penhasco abaixo, levando os fósseis embora. E afirmaria que sentira muito não ter conseguido fazer nada para evitar tal desfecho.

Afinal, raciocinou ele, aqueles fósseis nem eram tão importantes assim, já que todo o Oeste americano estava repleto deles. Bastava cavoucar numa encosta qualquer para encontrar um osso velho dentro dela. Decerto existiam mais fósseis do que ouro naquela região. E, na velocidade em que Cope e Marsh vinham colecionando ossos, em um ano ou dois ninguém se lembraria dos que se encontravam ali em Deadwood.

De repente lhe ocorreu outra possibilidade: deixar os ossos em Deadwood, ir até Laramie, esperar pela transferência bancária dos pais, retornar a Deadwood para buscar os fósseis e partir com eles de lá. Mas a verdade era que, se ele conseguisse sair vivo de Deadwood, dificilmente voltaria à cidade. Nem para buscar fósseis nem para o que quer que fosse. Ou partiria com eles ou mandaria tudo às favas e fugiria sem levar nada.

– Dentes de dragão... – falou baixinho, tocando a caixa, relembando o momento em que os descobrira.

– O quê? – perguntou Perkins.

– Nada – respondeu Johnson.

No entanto, por mais que tentasse, o universitário não conseguia tirar da cabeça a importância daqueles fósseis. Não apenas porque os escavara com as próprias mãos, com o próprio suor. Não apenas porque homens – seus amigos e companheiros – haviam morrido por causa deles. Mas principalmente porque não conseguia esquecer o que Cope dissera.

Aqueles fósseis eram os restos mortais das maiores criaturas que já haviam circulado pelo planeta, criaturas de que a ciência nem sequer suspeitava, de que a humanidade nunca tinha ouvido falar, e que assim permaneceriam se eles não os tivessem retirado das entranhas da terra, das Badlands de Montana.

Em seu diário, Johnson escreveu:

Não vejo a hora de deixar para trás esta maldita cidade, este maldito fim de mundo, estas malditas pedras. Não vejo a hora de voltar para minha casa na Filadélfia e nunca mais ter que pensar em Cope ou Marsh, em estratos geológicos, em tipos de dinossauros, em nenhuma dessas coisas áridas e maçantes. Mas, para meu horror, constato que não posso. Preciso levar esses ossos comigo ou sentar em cima deles feito uma galinha sobre seus ovos. Uma questão de princípios. Os malditos princípios.

Enquanto Johnson examinava os fósseis, Perkins apontou para um grande volume sob uma lona.

– O que é tudo isso? – perguntou.

– Equipamento fotográfico – respondeu Johnson, sem lhe dar muita atenção.

– Você sabe fotografar?

– Claro.

– Então pronto! É o fim dos seus problemas!

– Como assim?

– Havia por aqui um sujeito que fazia fotografias. Na última primavera, ele pegou seu equipamento e saiu cavalcando sozinho pela estrada, na direção sul, para fotografar a região. Não sei pra quê. Não tem nada por estas bandas que mereça ser fotografado. Quando a primeira diligência passou pela estrada, o cocheiro avistou o homem caído no chão, já cercado de urubus, a câmera reduzida a pó.

– E o que aconteceu com os produtos químicos e as placas de vidro?

– Estão guardados em algum lugar, mas ninguém sabe o que fazer com eles.

Black Hills Art Gallery

Das páginas de Johnson:

É espantoso como, de uma hora para outra, o ônus pode se transformar em bônus! Com a abertura do meu estúdio, que chamei de Black Hills Art Gallery, todas as minhas falhas de caráter passaram a ser percebidas sob uma nova luz. Antes, meus hábitos da Costa Leste eram vistos como pouco viris; agora, são provas de sensibilidade artística. Antes, meu desinteresse pelo garimpo era visto com desconfiança; agora, com alívio. Antes eu não possuía nada que alguém pudesse querer comprar; agora, posso oferecer algo pelo qual as pessoas se dispõem a pagar um bom dinheiro: um retrato.

A Black Hills Art Gallery ficava numa loja alugada atrás da lavanderia de Kim Sing, na parte sul da cidade, onde a luz incidia por mais tempo durante o dia.

Os negócios iam de vento em popa. No início, Johnson cobrava 2 dólares por retrato, mas, com o aumento da demanda, passou a cobrar 3. “Os broncos deste lugar tosco e deprimente não fazem questão de muita coisa: posam com a dureza de um cadáver, depois saem com seu retrato debaixo do braço.”

A vida de garimpeiro não era fácil. Aquelas pessoas tinham ido para o meio do nada e enfrentado toda sorte de perigos apenas para trabalhar de sol a sol na esperança de encontrar algum ouro e fazer fortuna com ele. E estava claro, no entanto, que poucos conseguiriam. As fotografias representavam uma realidade tangível para aqueles homens já tão saudosos de casa, receosos do futuro e cansados de guerra. Um retrato era prova de algum sucesso, algo que eles poderiam enviar às amadas ou aos parentes que haviam deixado para trás, uma recordação, um jeito simples de fixar um momento num mundo de tantas mudanças e incertezas.

Mas Johnson não fazia apenas retratos. Nos dias de sol, ia para as minas fora da cidade e fotografava os homens trabalhando em suas concessões, pelo que cobrava 10 dólares. Além disso, a maioria dos comerciantes da cidade o contratara para fotografar suas respectivas atividades. Por vezes exultava com pequenos triunfos, como um anotado de forma sucinta no dia 4 de setembro:

Retrato do coronel Ramsay Stabery. Cobrei 25 dólares em razão do “tamanho grande” exigido. Cliente odiou pagar! F11, 22seg., dia cinzento.

Johnson parecia satisfeito com sua nova condição de morador da cidade. Pouco a pouco, foi se tornando uma figura conhecida em Deadwood, chamado por alguns de “Foggy” Johnson (uma abreviação de “fotógrafo?”).

Mas ele também tinha lá suas dificuldades, não muito diferentes daquelas por que passavam quase todos os fotógrafos comerciais. No dia 9 de setembro, escreveu:

Jack “Nariz Quebrado” McCall, conhecido matador da cidade, voltou para reclamar da fotografia que eu havia feito dele na véspera. Mostrara-a para sua innamorata Sarah, que não gostou nem um pouco do resultado final, dizendo que o retrato não fazia jus ao retratado, e o homem agora exigia uma segunda versão mais condizente com sua pessoa. O problema é que o Sr. McCall tem a cara e os olhos de um peixe, o rosto é salpicado de cicatrizes de varíola e o sorriso é tão sinistro que, diante dele, uma vaca cairia morta de tanto medo. Tentei explicar que, dadas as circunstâncias, tinha feito o meu melhor, mas o facínora não quis nem ouvir, sacou a arma e começou a atirar a esmo no estúdio até que eu aceitasse fazer gratuitamente uma nova tentativa.

Na nova foto, ele quis fazer outra pose. Preferiu o queixo apoiado na mão, imitando um grande pensador ou um acadêmico não exatamente viril, algo muito diferente da sua realidade de matador. Tentei convencê-lo a mudar, mas ele bateu o pé, então acabei cedendo. Já no quarto escuro, pude ouvir quando ele acintosamente recarregou o revólver, deixando bem claro o que pretendia fazer caso não ficasse satisfeito com meu novo trabalho. Assim são os críticos de arte em Deadwood. Por sorte me saí bem, ultrapassando as minhas próprias expectativas, mas confesso que verti uma boa quantidade de suor até receber a aprovação final de Sarah e Nariz Quebrado.

Aparentemente Johnson tinha alguma noção das técnicas de retoque fotográfico: com o uso inteligente do lápis, era possível não só suavizar cicatrizes como também fazer ajustes bem menos sutis.

MAS NEM TODO MUNDO se dispunha a ser fotografado.

No dia 12 de setembro, Johnson foi contratado para fotografar o interior do Deadwood Melodeon Saloon, um misto de taberna e cassino na ponta sul da rua principal. De modo geral, os ambientes internos eram escuros, e muitas vezes ele precisava esperar alguns dias até que tivesse luz suficiente para realizar sua encomenda. Assim foi com a taberna. No instante em que o tempo melhorou e o sol apareceu, por volta das duas horas, ele chegou para montar seu equipamento e dar início aos trabalhos.

O Melodeon Saloon era um lugar penumbroso, com um balcão comprido nos fundos e três ou quatro mesas bem rústicas para a jogatina. Johnson foi até as janelas e abriu as cortinas para deixar entrar a luz forte da tarde. Os clientes resmungaram e xingaram. Leander Samuels, o proprietário, tentou apaziguá-los, dizendo:

– Paciência, senhores, paciência!

Assim que Johnson se meteu debaixo do pano da câmera, alguém berrou:

– Ei, Foggy, que diabo você está fazendo aí?

– Fazendo uma foto, ora!

– Isso é o que você pensa.

Johnson olhou para ver com quem falava. Black Dick Curry, “o melhor amigo dos garimpeiros”, estava de pé, junto de uma das mesas de carteados, a mão pousada no revólver.

– Ah, Dick – disse o Sr. Samuels. – É só uma fotografia.

– Que está perturbando a minha paz.

– Ah, Dick...

– Já disse o que tinha a dizer – interrompeu o pistoleiro. – Estou no meio de uma partida, não quero ninguém fotografando atrás de mim.

– Talvez o senhor prefira esperar na rua enquanto faço meu trabalho – sugeriu Johnson.

– Talvez o senhor queira me acompanhar até a rua para que a gente possa conversar melhor – rebateu ele.

– Não, muito obrigado, senhor.

– Então acho melhor seguir o meu conselho, rapaz. Pode sair e levar essa sua geringonça. E não volte mais aqui

– Puxa, Dick, eu contratei Foggy. Quero um retrato para pendurar na parede atrás do balcão, acho que vai ficar bonito.

– Tudo bem – disse o homem. – O garoto pode voltar quando quiser, desde que eu não esteja aqui. Ninguém tira retrato meu – acrescentou ele, apontando um dedo para Johnson e deixando à mostra a serpente tatuada no antebraço, da qual se orgulhava tanto. – Espero que você tenha entendido. Agora saia daqui.

Johnson foi embora.

ESSA FOI A PRIMEIRA indicação de que Black Dick Curry era um foragido da polícia, de que estava com a cabeça a prêmio. Ninguém em Deadwood ficou surpreso com a novidade, e o mistério só fez aumentar a reputação do homem na cidade.

O episódio na taberna também foi o começo dos problemas de Johnson com os três irmãos Curry (Dick, Clem e Bill), origem das muitas dores de cabeça que estavam por vir. Outro problema era que, por mais que os negócios fossem bem, ele não dispunha de muito tempo para juntar o dinheiro de que precisava. No dia 13 de setembro, escreveu:

Todos por aqui dizem que, perto do Dia de Ação de Graças, às vezes até antes, as estradas fecham por causa da neve. Preciso estar pronto para ir embora antes do fim de outubro, caso contrário serei obrigado a esperar até a próxima primavera. Todo santo dia faço minhas contas de ganhos e despesas. Que Deus me ajude: não há a menor possibilidade de reunir a tempo a quantia de que preciso para sair deste buraco.

Seu diário ainda receberia inúmeros comentários de desespero. Mas logo seu destino deu mais uma extraordinária guinada. “Minhas preces foram atendidas!”, escreveu. “O Exército chegou à cidade!”

A chegada do Exército

No dia 14 de setembro de 1876, dois mil garimpeiros se espremeram na rua principal de Deadwood, disparando para o alto com seus revólveres e gritando vivas para receber o general George Crook, que vinha cavalgando à frente da sua coluna, o Segundo Regimento de Cavalaria do Exército americano. “Difícil imaginar uma visita mais aguardada ou festejada”, escreveu Johnson, “pois todos aqui temem os índios, e desde a última primavera o general Crook vem obtendo grande sucesso na luta contra eles.”

Após muitos meses passados nas planícies, o aspecto dos soldados não era dos melhores. Assim que Crook se instalou no Grand Central Hotel, Sam Perkins, pisando em ovos para não ferir os brios de ninguém, sugeriu que o general visitasse o banheiro público da cidade e que, antes, passasse pelo empório, caso quisesse comprar roupas novas. Crook acatou a sugestão, e já estava completamente limpo quando se empoleirou na varanda do hotel para fazer um discurso aos garimpeiros que ainda esperavam por ele na rua.

Foi sob outra perspectiva que Johnson acompanhou as festividades que durariam até o anoitecer: “Aqui está, finalmente, a minha passagem de volta para a civilização!”, escreveu ele.

Johnson procurou o intendente de Crook, um tenente chamado Clark, e perguntou se poderia juntar-se à marcha da cavalaria rumo ao sul. Clark disse que não via problema, mas que Johnson teria de falar pessoalmente com Crook. Perguntando-se o que fazer para se aproximar do homem, Johnson achou que talvez pudesse se oferecer para fazer um retrato dele.

– Não faça isso. O general odeia retratos – alertou Clark. – Vá até ele e pergunte sem rodeios.

– Ótimo – disse Johnson.

– Mais uma coisa – informou Clark. – Não aperte a mão dele. O general detesta apertos de mão.

– Certo.

O general George Crook era um militar típico: cabelos cortados rente à nuca; olhos penetrantes; barba comprida e cheia; postura exemplar na cadeira em que estava sentado no restaurante do hotel, o tronco mais reto do que o cano de uma espingarda. Johnson esperou até que ele terminasse o café e que alguns de seus admiradores se afastassem; só então se aproximou e explicou sua situação.

Crook ouviu a história com paciência, mas já balançava a cabeça antes que Johnson tivesse terminado, dizendo que não podia incluir civis numa campanha militar tão perigosa quanto aquela. Sentia muito, mas não seria possível. Johnson mencionou então os fósseis que precisava levar para casa.

– Ossos fossilizados?

– Sim, general.

– Você andou escavando ossos fossilizados?

– Sim, general.

– E estuda em Yale?

– Sim, general.

A atitude do militar mudou completamente.

– Então deve conhecer o professor Marsh – disse ele.

Após um segundo de hesitação, Johnson fez que sim com a cabeça.

– Um homem maravilhoso... – prosseguiu Crook. – Agradável, inteligente... Nós nos conhecemos em 1872, durante uma caçada em Wyoming. Um homem notável... Um homem fora do comum.

– Realmente – concordou Johnson. – Como ele não há muitos.

– Você está na expedição dele?

– Estava. Acabei me perdendo do grupo.

– Uma lástima, uma lástima... – disse Crook. – Bem, pelo professor eu faço o que for preciso. Partiremos depois de amanhã, à primeira luz do dia. Será um prazer tê-lo conosco.

– Obrigado, general!

O último dia em Deadwood

No dia 15 de setembro, seu derradeiro na cidade, Johnson se desincumbiu de duas últimas encomendas fotográficas.

Pela manhã, cavalgou até Negro Gulch para fotografar os seis garimpeiros de cor que haviam feito uma impressionante descoberta de ouro naquela região. Fazia semanas que vinham extraindo quase 2 mil dólares por dia, mas já haviam despachado o metal para casa e vendido a concessão. Para posar para a fotografia, vestiram as velhas roupas de trabalho, posicionaram-se junto da calha de lavagem, depois vestiram roupas novas e queimaram as velhas.

Estavam animadíssimos, e queriam levar aquela recordação para St. Louis. De sua parte, Johnson gostou de saber que havia garimpeiros disciplinados o bastante para não perder o que haviam encontrado. Muitos deixavam todo o seu ouro no balcão das tabernas ou no feltro das mesas de cartado, mas aqueles eram diferentes. “Nunca vi gente tão alegre”, escreveu ele, alegre também. “Desejo-lhes uma ótima viagem de volta para casa.”

À tarde, ele fotografou a fachada do Grand Central Hotel a pedido do proprietário, Sam Perkins.

– Você fotografou todo mundo nesta cidade – disse o velho. – Já que está indo embora, nada mais justo que fotografe meu hotel também.

Johnson foi obrigado a montar sua câmera o mais longe possível, do outro lado da rua, de modo que a lama levantada por carroças e cavalos não respingasse nas lentes. O trânsito em si, pelo menos em princípio, obstruía a vista do hotel, mas Johnson sabia que objetos em movimento não deixavam mais do que um borrão fantasmagórico nas imagens de exposição mais longa. Para todos os efeitos, o hotel pareceria ter sido fotografado numa rua deserta.

Realmente era um problema quando os fotógrafos tentavam captar a atividade das ruas de uma cidade grande, pois o movimento de cavalos, carroças e pedestres era rápido demais para ser registrado pela emulsão de halogeneto das placas.

Johnson tinha duas placas prontas para usar. Usou a primeira para fotografar com os ajustes habituais (F11 para a abertura; 22s para o tempo de exposição), mas, na segunda, já que o sol estava especialmente forte, decidiu fazer uma experiência: tentaria capturar o movimento da rua principal de Deadwood com uma abertura de F3.5 e exposição de apenas 2 segundos.

Voltou ao estúdio para revelá-las no quarto escuro e, enquanto as placas secavam, saiu à rua para comprar uma carroça grande o bastante para os ossos que transportaria junto com o regimento do general Crook. Isto feito, voltou ao hotel para colocar as caixas na carroça nova e saborear seu último jantar em Deadwood.

Chegou a tempo de ver um cadáver sendo carregado para fora.

Norman H. “Texas Tom” Walsh havia sido estrangulado dentro de seu quarto, no segundo andar do Grand Central Hotel. Texas Tom era um baixote de pavio curto que, segundo diziam, fazia parte da quadrilha de Black Dick Curry e já havia assaltado inúmeras diligências.

É claro que o suspeito do crime era Curry, que também estava hospedado no hotel; mas ninguém era valente o bastante para acusá-lo do que quer que fosse. De qualquer modo, ele já havia informado que passara a tarde inteira no Melodeon Saloon e, portanto, não fazia a menor ideia do que poderia ter acontecido a Texas Tom.

E o assunto poderia ter morrido aí se Sam Perkins não tivesse resolvido passar pela mesa de Johnson durante o jantar e perguntar sobre a fotografia do hotel.

– Conseguiu fazê-la hoje?

– Consegui.

– Então, como ficou?

– Muito boa – respondeu Johnson. – Amanhã trago a revelação.

– A que horas foi tirada? – quis saber Perkins.

– Por volta das três da tarde.

– Não ficou muito escura, com muitas sombras? Não quero que ninguém veja meu hotel assim, escuro e deprimente.

– Tem algumas sombras, sim – disse Johnson, explicando que elas deixavam a fotografia ainda melhor, conferindo-lhes mais profundidade e personalidade.

Foi então que Johnson reparou que Black Dick acompanhava a conversa com visível interesse.

– De onde foi que você bateu a chapa? – perguntou Perkins.

– Do outro lado da rua.

– Onde? Diante da loja do Donohue?

– Não. Mais para o sul. Perto da lavanderia do Sing.

– Sobre o que vocês estão proseando aí? – interveio Black Dick.

– Foggy bateu uma chapa do hotel hoje à tarde – respondeu Perkins.

– Uma chapa – repetiu o bandido, em tom seco. – E quando foi isso?

Johnson percebeu imediatamente o perigo da situação, mas o dono do hotel, não.

– Por volta das três – respondeu ele. – Não foi isso que você disse, Foggy?

– Sim, por volta das três.

Dick inclinou a cabeça e, encarando Johnson, disse:

– Foggy, pensei que tinha sido claro. Falei que era para você não fotografar quando eu estivesse por perto, não falei?

– Mas você não estava por perto, Dick – protestou Perkins. – Foi você mesmo quem disse ao juiz Harlan que tinha passado a tarde toda no Melodeon, não foi?

– Sei muito bem o que eu disse ao juiz – resmungou Dick. Virando-se devagar para Johnson, perguntou: – De onde foi que você bateu essa chapa, Foggy?

– Do outro lado da rua.

– E então? Prestou?

– Não. Para falar a verdade, ficou completamente inutilizada – informou Johnson, chutando Perkins por debaixo da mesa. – Amanhã vou ter que bater outra.

– Pensei que as chapas do retratista sempre ficassem boas.

– Nem sempre.

– Onde está a que você bateu hoje?

– Raspei toda a emulsão da placa. Não tinha nada que eu pudesse aproveitar.

Dick assentiu.

– Tudo bem, então – disse, retornando para sua mesa.

– ESTÁ PENSANDO o mesmo que eu? – perguntou Perkins depois.

– Estou – respondeu Johnson.

– O quarto de Texas Tom dava para a rua. Meio da tarde... Dia de sol... Por acaso você teve a oportunidade de examinar com atenção a foto que tirou?

– Ainda não.

Nesse momento, o juiz Harlan chegou, ofegante, e se juntou a eles. Perkins e Johnson rapidamente o colocaram a par da conversa com Black Dick.

– Não tenho como indiciar o homem – disse Harlan. – Todos no Melodeon juram de pés juntos que ele passou a tarde inteira jogando faro por lá, exatamente como disse.

– Deve ter comprado a língua deles!

– São uns vinte ou mais. Duvido que tenha comprado todo mundo.

– Então quem foi que matou Texas Tom?

– Vou deixar para me preocupar com isso amanhã – disse o juiz –, durante a minha investigação.

A INTENÇÃO DE JOHNSON era arrumar a bagagem depois do jantar, mas, levado pela curiosidade, e pela urgência de Perkins, ele acabou voltando para sua Black Hills Art Gallery.

– Onde elas estão? – perguntou Perkins, assim que Johnson trancou a porta.

Eles examinaram juntos as duas chapas.

Na primeira delas, tal como Johnson se lembrava, hotel e rua pareciam desertos, ninguém à vista. Na segunda, cavalos e pedestres chapinhavam na lama.

– Está vendo aqui? – mostrou Perkins. – Nesta janela?

– Não, não estou vendo nada – disse Johnson, estreitando os olhos para enxergar melhor enquanto erguia a chapa na direção da luz de uma lamparina.

– Acho que tem alguém ali – insistiu Perkins. – Você tem uma lupa?

Johnson pegou uma lupa e reexaminou a chapa. Só então viu os dois vultos do outro lado da tal janela, o primeiro sendo claramente estrangulado pelo outro às suas costas. Perkins também viu.

– Minha Santa Maria! – exclamou o dono do hotel. – Você fotografou o assassino!

– Não dá para ver muita coisa do rosto dele.

– Então faça uma ampliação.

– Preciso arrumar minhas coisas – disse Johnson. – Vou embora amanhã cedo com a cavalaria.

– A cavalaria está se embebedando nas tabernas da cidade – informou Perkins. – Ninguém vai sair daqui tão cedo. Vamos, amplie isso aí.

Johnson não possuía o equipamento adequado para fazer ampliações, mas conseguiu improvisar. E agora eles mantinham os olhos fixos na bandeja de revelação, aguardando a imagem que surgia aos poucos.

Na janela, Texas Tom se debatia com o tronco arqueado para trás, o rosto contorcido numa careta, o pescoço cingido pelas mãos do assassino. Infelizmente a cortina da esquerda escondia o corpo do homem e uma sombra cobria o rosto.

– Bem melhor – observou Perkins –, mas ainda não dá para saber quem é.

Eles fizeram uma segunda ampliação, depois uma terceira ainda maior. Com o passar das horas, o trabalho ia ficando cada vez mais lento, pois o sistema improvisado por Johnson era sensível ao mais leve dos movimentos e Perkins, aflito, não conseguia ficar parado durante o tempo necessário à revelação das imagens ampliadas.

Faltava pouco para a meia-noite quando enfim conseguiram o que queriam. Apesar da granulação maior, agora se via um pequeno detalhe no antebraço do estrangulador: a tatuagem

de uma serpente enroscada.

— TEMOS QUE MOSTRAR isso ao juiz Harlan — disse Perkins.

— Preciso arrumar minhas coisas — repetiu Johnson. — E dormir um pouco antes da viagem.

— Mas estamos falando de um assassinato!

— Estamos falando de Deadwood! — retrucou Johnson. — Todo dia alguém é assassinado nesta cidade.

— Você simplesmente vai embora?

— Vou.

— Então me dê a fotografia. Eu mesmo mostro ao juiz.

— Como quiser — disse Johnson, passando-lhe a chapa.

Já de volta ao Grand Central Hotel, Johnson passou por Black Dick Curry no salão da entrada e viu que ele estava bêbado.

— Noite, Foggy...

— Boa noite, Dick.

Johnson subiu para o quarto e, antes de qualquer outra coisa, registrou em seu diário os acontecimentos da sua última noite na infame Deadwood.

FAZIA MEIA HORA que ele estava empacotando suas coisas quando Perkins bateu à porta do quarto, trazendo Harlan consigo.

— Foi você quem tirou esta foto? — perguntou o juiz.

— Sim, senhor.

— Por acaso retocou a imagem de alguma forma? Com lápis ou... qualquer outra coisa?

— Não, senhor.

— Ótimo — afirmou Harlan. — Ele agora não tem escapatória.

— Que bom.

— Começo meu inquérito amanhã de manhã. Esteja lá às dez, Foggy.

Johnson explicou que estava partindo com a cavalaria do general Crook.

— Infelizmente não vai poder ir — disse Harlan. — Aliás, está correndo um grande risco só de passar a noite neste hotel. Acho que vou ter que levá-lo comigo. Apenas como medida de proteção.

— Me levar com o senhor? *Para onde?*

— Para a cadeia — informou Harlan.

O dia seguinte em Deadwood

O que Harlan chamava de cadeia era o buraco de uma mina abandonada na periferia da cidade, acrescido de barras de ferro e um bom cadeado. Depois de passar a noite no frio congelante do lugar, Johnson avistou através das grades a coluna liderada pelo general George Crook, em sua marcha para o sul. Gritou para eles até ficar rouco, mas ninguém lhe deu ouvidos.

Era quase meio-dia quando o juiz finalmente deu as caras para soltá-lo. Resmungava consigo mesmo, balançava a cabeça.

– O que foi? – perguntou Johnson.

– Ontem à noite bebi demais. Você está livre agora.

– E o seu inquérito?

– Não tem mais inquérito.

– *O quê?*

– Isso mesmo que você ouviu. Black Dick Curry se mandou da cidade. Ficou sabendo que estava com o pé na forca e achou melhor dar o fora. Como já dizia Shakespeare: “O maior quinhão da valentia é o juízo.” Sem a presença do acusado, um inquérito não faz sentido. Portanto... pode ir atrás da sua cavalaria.

– Mas a esta altura eles já estão a muitas horas daqui! – choramingou Johnson. – Não vou conseguir alcançá-los!

– É verdade – concordou o juiz. – Sinto muito pelo transtorno, filho. Mas acho que você vai ter que ficar em Deadwood mais um tempinho.

NÃO DEMOROU PARA que a cidade inteira ficasse sabendo da fotografia incriminatória e do infortúnio de Johnson ao perder sua chance de ir embora com a cavalaria. As consequências de tudo isso seriam graves.

Em primeiro lugar, dali em diante as relações do fotógrafo com o bandido, já não muito boas, ficariam ainda piores. Os irmãos Curry queriam ver Johnson pelas costas, principalmente agora que o juiz Harlan havia abortado o inquérito e não dava nenhum sinal de que pretendia reabri-lo. Quando estavam na cidade, ou seja, quando não tinham nenhuma diligência para assaltar nos dias seguintes, os irmãos ficavam hospedados no Grand Central e, quando comiam, o que era raro, faziam suas refeições por lá mesmo.

Black Dick se irritava com Johnson, com o ar de superioridade que o jovem parecia ter, com os modos de almofadinha que ele trouxera de sua querida Filadélfia. “Pode me passar a manteiga, por gentileza?” “Insuportável!”, dizia o bandido.

A certa altura, Dick passou a espezinhar Johnson regularmente, para grande deleite de seus dois irmãos. Johnson preferia não reagir. Não havia muito que pudesse fazer diante do péssimo hábito do bandido de resolver seus conflitos com um duelo no meio da rua. O homem mantinha a mão firme ao atirar, mesmo quando estava bêbado, e não passava uma semana sem matar alguém.

Em Deadwood, ninguém que conhecesse Black Dick Curry se dispunha a confrontá-lo, e com Johnson não era diferente. As coisas haviam chegado a tal ponto que ele saía do restaurante assim que via o homem entrar, ainda que não tivesse terminado de comer.

Mas o pior de tudo era a questão com a Srta. Emily.

Emily

As mulheres na cidade eram poucas, e não mais respeitáveis do que precisavam ser. A maioria vivia em uma casa chamada The Cricket, na ponta sul da rua, onde faziam seu trabalho sob o olhar severo da Sra. Marshall, que fumava ópio e era a proprietária do estabelecimento. Outras eram independentes, como Calamity Jane, que nas semanas anteriores havia pranteado abertamente a morte de Bill Hickock, para grande desgosto dos amigos do defunto. Calamity Jane era tão masculinizada que por vezes trajava a farda azul dos soldados para viajar despercebida entre eles e servi-los em plena campanha: fizera isso mais de uma vez com o Sétimo Regimento de Cavalaria do general Custer. Não tinha vergonha dos seus modos abrutalhados. “Me deem um consolo de viúva e um quarto escuro”, gostava de dizer, “e nenhuma mulher há de saber que não está com um homem de verdade na cama.” Para muitos era difícil entender como alguém podia ver nela alguma graça, algum atrativo.

Alguns garimpeiros haviam levado mulher e filhos com eles, mas estes raramente apareciam na cidade. A esposa do coronel Ramsay era uma indígena gorda chamada Sen-alise. O Sr. Samuels também tinha mulher, mas ela quase não saía de casa por causa da tuberculose. Assim sendo, em Deadwood o contingente feminino provinha essencialmente das mulheres da casa Cricket e das moças que trabalhavam nas tabernas. Nas palavras de um visitante, “eram mulheres de certa idade, muito simpáticas, mas com um aspecto tão pouco acolhedor quanto o daquele antro de mineradores e bandidos. As que serviam as mesas nas tabernas fumavam e tinham a boca tão suja quanto o mais rústico dos homens do local; além disso, eram tão ardilosas que os jogadores mais veteranos procuravam evitá-las, dando preferência às mesas em que havia apenas homens no carteador”.

Pois, nesse mundo de sordidez, a Srta. Emily Charllotte Williams despontava como uma exceção de grande charme e beleza.

Ela chegou a Deadwood por volta do meio-dia, a bordo da caleça de um garimpeiro, vestida de branco da cabeça aos pés e com os cabelos presos de um modo engenhoso na nuca. Além de jovem (devia ser apenas alguns anos mais velha que Johnson), era delicada, linda, doce, impecável. E tinha curvas que saltavam aos olhos. Assim que pediu um quarto no Grand Central, tornou-se a pessoa mais interessante a pisar naquele hotel depois que o fotógrafo Foggy ali surgira, com suas caixas misteriosas e dois cadáveres na traseira da carroça.

A notícia da chegada da adorável Srta. Emily se espalhou rápido pela cidade, junto com sua comovente história. O restaurante de Perkins, em geral vazio, naquela noite encheu-se de curiosos, que apareceram para dar uma espiada nela.

Emily era órfã, filha de um pastor que morrera na cidade vizinha, Gayville, durante a construção de sua igreja. De início, especulou-se que o reverendo Williams fora assassinado por um bandido diabólico, mas a verdade não tardaria a aparecer: o homem havia quebrado o pescoço ao despencar de um andaime.

Pelo que diziam, Emily, ainda arrasada com a morte do pai, recolhera seus poucos pertences e saíra à procura do irmão, Tom Williams, garimpeiro em algum lugar na região de Black Hills. Já passara por Montana City e Crook City, mas ainda não o encontrara. Agora estava em Deadwood, onde pretendia ficar por três ou quatro dias, talvez mais.

NAQUELA NOITE, todos os homens hospedados no Grand Central tomaram banho e vestiram suas roupas mais limpas antes de chegarem para o jantar. Johnson registrou em seu diário: “Foi engraçado ver aqueles homens rudes estufando o peito enquanto tentavam tomar a sopa sem assobiar na colher.”

Mas também havia no restaurante uma certa tensão, que só fez aumentar quando Black Dick Curry se aproximou da mesa da Srta. Emily, que jantava sozinha sob os olhares de todo o salão. O bandido se apresentou e se ofereceu para acompanhar a moça num passeio pela cidade mais tarde. Com admirável firmeza, ela agradeceu o convite, dizendo que pretendia se recolher cedo. Então ele se ofereceu para ajudá-la a procurar seu irmão; ela agradeceu novamente e disse que não precisava, pois já contava com a ajuda de muita gente.

Dick sabia que estava sendo observado. Suando e com o rosto muito vermelho, ele rosnou:

– Pelo visto, não tem nada que eu possa fazer para agradar a moça, não é?

– O senhor é muito gentil, fico muito grata por sua preocupação – disse ela com tranquilidade. – Muito gentil mesmo.

Isso pareceu apaziguar o homem, que marchou de volta para sua mesa e retomou a conversa com os irmãos, queixando-se com eles.

E tudo teria terminado aí se a Srta. Emily não tivesse abordado Johnson para dizer na mais doce das vozes:

– Ah, você não é o fotógrafo de quem tanto tenho ouvido falar?

– Ele mesmo – respondeu Johnson.

– Gostaria muito de ver sua galeria de retratos. Talvez encontre meu irmão em algum deles.

– Amanhã de manhã, se a senhorita quiser – propôs Johnson. – Será um prazer.

– Ótimo – disse ela com um sorriso amável.

Black Dick não gostou nem um pouco do que viu e ouviu. Parecia pronto para matar alguém. Johnson em especial.

“NÃO HÁ NADA MELHOR do que conquistar aquilo que todos almejam”, escreveu Johnson em seu diário. Sentia-se um homem feliz quando foi se deitar. Àquela altura, já se acostumara à pilha de caixas no quarto, à poeira fina que elas acumulavam, ao breu tumular que davam ao ambiente, ao prazer estranho que sentia por estar próximo daquelas criaturas tão extraordinárias. Entre os inúmeros ossos, tinha especial apreço pelos dentes gigantescos daquele dragão que um dia havia pisado a superfície da Terra. Sentia-se inusitadamente bem ao lado deles.

E, no dia seguinte, teria um compromisso com Emily.

Mas sua felicidade não teve vida longa: Emily ficou desapontada quando não encontrou vestígio do irmão nas fotografias que viu.

– Não quer olhar de novo, com mais atenção? – sugeriu Johnson, achando que ela as examinara com muita pressa.

– Não, não. Sei que ele não está aí – disse Emily, começando a perambular pelo estúdio e olhando à sua volta com inquietação. – Você me mostrou tudo que tem?

– Todas as que tirei aqui em Deadwood.

– Ainda não mostrou aquelas – falou a moça, apontando para a estante do canto.

– Foram tiradas na bacia do rio Judith. Seu irmão não está nelas, posso garantir.

– Mesmo assim, eu gostaria de ver. Pegue-as, por favor, depois sente-se a meu lado e conte-me tudo sobre a sua aventura.

Johnson não teria como negar um pedido tão encantador. Buscou as chapas e, ao mostrá-las, teve a impressão de que aquilo tudo havia acontecido numa outra vida.

– Quem é este homem, com a ferramenta tão pequenina?

– É o professor Cope, com um martelo de geólogos.

– E isto ao lado dele, o que é?

– O crânio de um tigre-dentes-de-sabre.

– E este homem?
– Russell Hill. Nosso carroceiro e cozinheiro.
– E este, ao lado do índio?
– Charlie Sternberg. E o índio é Vento Brando, nosso guia. Era da tribo snake. Morreu.
– Puxa... E estas são as famosas Badlands, imagino. Parece um deserto.
– Sim. É um relevo moldado por muitos anos de erosão.
– Quanto tempo vocês ficaram por lá?
– Seis semanas.
– Mas por que escolheram um lugar tão árido?
– Justamente por causa das erosões. Os ossos perfuram a argila das encostas, o que facilita a extração.
– Vocês estavam procurando... ossos?
– Claro.
– Estranho... Imagino que tenha sido muito bem remunerado pelo seu trabalho.
– Pelo contrário – disse Johnson. – Arquei com todas as minhas despesas.
– Arcou com suas despesas? *Pagou* para ir até lá? – perguntou Emily, apontando para a paisagem triste de uma das chapas.
– É uma longa história – explicou ele. – É que... bem, perdi uma aposta que fiz em Yale, então fui obrigado a ir.

Mas Johnson podia ver que a moça não estava mais ouvindo. Ela agora erguia as chapas de vidro para examiná-las melhor contra a luz, passando de uma para a outra com rapidez.

– O que exatamente você espera encontrar nestas fotografias? – perguntou, observando-a.
– Tudo isso me parece tão estranho... – declarou Emily. – Eu estava curiosa a seu respeito, só isso. Tome, pode guardá-las. – Esperou que ele retornasse da estante e perguntou: – Então? Encontraram muitos ossos?

– Ah, sim, muitos.
– E onde eles estão agora?
– A metade embarcou num vapor no rio Missouri. A outra metade está comigo.
– Com você? Onde?
– No hotel.
– Posso vê-los?

Algo no jeito da moça deixou Johnson desconfiado.

– Por quê? – questionou.
– Depois que você falou deles, fiquei curiosa.
– Todo mundo nesta cidade tem a mesma curiosidade, todos querem ver esses ossos.
– Claro, se for muito incômodo...
– Não, não – disse Johnson. – Incômodo nenhum.

NO QUARTO DO HOTEL, ele abriu uma das caixas imundas para que Emily pudesse ver o conteúdo. Deparando com os blocos de xisto, ela exclamou:

– Não são ossos! É um monte de pedra velha!

– São fósseis! Veja isto aqui – afirmou Johnson, apontando o contorno de uma perna de dinossauro, um espécime perfeito.

– Mas pensei que vocês tivessem encontrado ossos, não pedras.

– Ossos fossilizados são pedras – declarou ele, impaciente.

– Também não precisa gritar.

– Desculpe, Emily. É que... essas coisas não têm valor aqui em Deadwood. São ossos que permaneceram enterrados durante milhões de anos, restos de animais que já deixaram de existir há muito tempo. Este, por exemplo, é o fêmur de um animal com um chifre na testa, não muito diferente de um rinoceronte, só que muito maior.

– Jura?

– Sim.

– Mas isso é maravilhoso, Bill! – exclamou ela, já se sentindo à vontade para abandonar o William e chamá-lo pelo apelido.

Johnson ficou comovido com o entusiasmo da moça. Emily era a primeira pessoa em muito tempo a olhar para aqueles ossos com os mesmos olhos que ele.

– Eu sei. Mas ninguém acredita em mim. Quanto mais tento explicar, menos as pessoas acreditam. Se eu não sair logo desta cidade, cedo ou tarde alguém vai entrar aqui no quarto e arrebentar estas caixas.

Uma lágrima rolou pelo rosto de William, e ele se virou rapidamente, para que Emily não visse.

– O que foi, Bill? – perguntou ela, sentando-se na cama ao lado dele.

– Não foi nada – respondeu ele, dando-lhe as costas para secar a face. – Só que... nunca quis realmente participar dessa expedição. E agora estou preso nesta cidade com os ossos sob minha responsabilidade. Preciso protegê-los para que o professor possa estudá-los mais tarde, mas ninguém acredita em mim.

– Pois eu acredito.

– Então é a única em Deadwood.

– Posso revelar um segredinho meu também? – arriscou Emily. – Não sou órfã, como contei a todo mundo.

Johnson virou-se para encará-la.

– Vim de Whitewood, onde moro desde o último verão.

Johnson continuou mudo, e ela, constrangida, explicou:

– Foi Dick quem me fez fazer tudo isso.

– Fazer o quê? – perguntou ele, pensando em como alguém como ela poderia conhecer alguém como Dick.

– Ele achou que você confiaria numa mulher e acabaria dizendo a ela o que tinha dentro das caixas.

– Então você se encarregou de me perguntar? – disse, magoado.

Ela baixou os olhos, envergonhada.

– Eu também estava curiosa.

– Todas as caixas contêm ossos, como eu sempre disse.

– Pois é, agora eu sei.

– Eu não quero os ossos para mim, não tenho o que fazer com eles. Acontece que estão sob minha responsabilidade.

– Acredito em você. – Emily franziu a testa, preocupada. – Mas vou ter que convencer Dick. É um homem difícil, você sabe.

– Sei.

– Mas vou falar com ele. Vejo você no jantar.

NAQUELA NOITE, havia no restaurante do Grand Central dois novos hóspedes. Davam a impressão de ser gêmeos, de tão parecidos que eram: ambos muito altos e magros, na casa dos 20 anos, com o mesmo bigode grosso e vestindo a mesma camisa imaculadamente branca. Eram arredios, calados, mas emanavam calma e segurança.

Tomando seu café, Perkins perguntou a Johnson:

– Sabe quem são?

– Não.

– Wyatt Earp e o irmão, Morgan Earp. Wyatt é um pouco mais alto.

Ao ouvir o próprio nome, os dois homens olharam para a mesa de Johnson e acenaram discretamente.

– Este é Foggy Johnson – apresentou Perkins. – Um fotógrafo de Yale.

– Prazer – disseram os irmãos, voltando a seu jantar.

Johnson nunca tinha ouvido falar deles, mas deviam ser pessoas conhecidas, a julgar pelo comportamento de Perkins.

– Quem são? – sussurrou ele.

– São de Kansas – disse Perkins. – Abilene e Dodge City.

Johnson balançou a cabeça. Continuava sem saber.

– São pistoleiros famosos – falou baixinho o dono do hotel. – Os dois.

Johnson realmente nunca ouvira falar deles, mas via em qualquer recém-chegado a oportunidade de oferecer seus serviços de fotógrafo, e foi o que fez após o jantar.

– Por acaso os senhores gostariam de fazer um retrato? – perguntou.

– Retrato? Pode ser – respondeu Wyatt Earp, que de perto tinha um aspecto quase infantil. Tinha gestos comedidos, um olhar parado, uma calma quase sonolenta. – Quanto custa?

– Quatro dólares – informou Johnson.

Os irmãos trocaram um olhar silencioso.

– Não, obrigado – disse Wyatt.

Johnson não se furtou de registrar em seu diário sua primeira conversa com os famosos irmãos Earp, por mais banal que tivesse sido.

A novidade de Emily

— Não adianta – sussurrou ela para Johnson na varanda do hotel, pouco antes do jantar. – Os irmãos Curry estão nervosos e apreensivos com a chegada dos dois Earp. Então resolveram pegar os seus ossos hoje à noite. Estavam se vangloriando disso.

– Não vão pegar osso nenhum – disse Johnson.

– Na verdade, acho que eles têm o hábito de pegar o que bem entendem.

– Não dessa vez.

– Por quê? O que você pretende fazer?

– Vou ficar de guarda a noite inteira – respondeu Johnson, levando a mão ao revólver que trazia na cintura.

– Eu não faria isso.

– O que acha que devo fazer?

– Acho que o melhor é cruzar os braços e deixar que eles levem todos os ossos.

– Não posso fazer uma coisa dessas, Emily.

– Aqueles três são muito perigosos.

– Eu sei. Mas preciso defender os ossos.

– São apenas ossos!

– Não, não são apenas ossos – declarou Johnson, e viu uma centelha se acender nos olhos dela.

– Quer dizer então que eles são valiosos?

– Têm um valor incalculável, como eu disse antes.

– Ah, fale a verdade. O que são realmente aquelas pedras?

– Emily, aquelas pedras são ossos. Como eu já disse um milhão de vezes.

– No seu lugar – afirmou ela, inconformada –, eu jamais arriscaria minha vida por causa de um monte de ossos velhos.

– Mas você não está no meu lugar e aqueles ossos são muito mais do que “velhos”. São históricos. São importantes para a ciência.

– Os irmãos Curry nem sabem o que é ciência. Não vão pensar duas vezes antes de fazer muitos furos na sua testa.

– Eu sei. Mas preciso defender os ossos.

– Então vai precisar de ajuda, Bill.

JOHNSON ENCONTROU o célebre pistoleiro Wyatt Earp no Melodeon Saloon, numa mesa de blackjack. Puxou-o de lado e falou:

– Sr. Earp, será que posso contratar seus serviços esta noite?

– Imagino que sim – afirmou Earp. – Para que função?

– Como guarda – explicou Johnson, contando sobre os fósseis, o quarto em que estavam e o que pretendiam fazer os irmãos Curry.

– Muito bem – disse Earp ao fim da história. – Meu preço é 5 dólares.

Johnson concordou.

– Adiantados.

Johnson pagou o pistoleiro ali mesmo na taberna.

– Posso contar com o senhor?

– Claro que pode – confirmou Wyatt Earp. – Encontro você às dez no quarto do hotel. Traga munição e muito uísque, e não se preocupe. Agora você tem Wyatt Earp do seu lado. Seus problemas acabaram.

JOHNSON JANTAVA com Emily no hotel quando ela disse:

– Eu queria muito que você desistisse dessa loucura.

Johnson queria a mesma coisa, mas falou:

– Não posso, Emily.

Ela deu um beijinho rápido no rosto dele.

– Então, boa sorte. Espero vê-lo vivo amanhã, Bill.

– Verá, fique tranquila – afirmou Johnson, sorrindo com valentia.

Emily subiu para o quarto. Johnson também subiu para o dele, trancando-se lá dentro.

Eram nove da noite.

DEZ HORAS E NADA. Dez e meia. Johnson sacudi o relógio de bolso, receando que não estivesse funcionando direito. Por fim, destrancou a porta e desceu até a recepção do hotel.

Àquela hora quem estava ao balcão era Edwin, um rapazote com o rosto todo coberto de espinhas.

- Boa noite, Sr. Johnson.
- Como vai, Edwin? Por acaso viu o Sr. Earp?
- Esta noite? Ainda não. Mas sei onde ele está.
- Onde?
- No Melodeon, jogando blackjack.
- Estava lá hoje à tarde, mas...
- Ainda está.

Johnson conferiu as horas no relógio de parede, que também marcava dez e meia.

- Tínhamos um encontro marcado aqui no hotel.
- Provavelmente ele esqueceu – disse Edwin.
- Tínhamos um acordo.
- Ele está bebendo, então...
- Você poderia dar um pulo até lá e chamá-lo para mim?
- Infelizmente não. Não posso sair daqui. Mas fique tranquilo. O Sr. Earp me parece uma pessoa responsável: se disse que vem, deve estar chegando por aí.

Johnson assentiu e voltou para o quarto. Trancou a porta e ficou esperando. Alguns instantes depois, pensou: “Preciso estar preparado.” Então colocou dois revólveres carregados dentro do par de botas e deixou-o ao pé da cama.

O TEMPO PARECIA SE ARRASTAR. À meia-noite, calçando apenas as meias de lã, Johnson desceu novamente para indagar sobre Earp, mas encontrou Edwin cochilando no balcão, as chaves do quarto de Earp penduradas na parede atrás dele. O pistoleiro ainda não voltara da taberna.

Johnson retornou ao quarto e esperou.

O hotel estava mergulhado no silêncio.

Tirou o relógio do bolso e ficou olhando para os ponteiros até ouvir o primeiro *tic* da engrenagem. E continuou esperando.

Às duas da madrugada, escutou o ruído de algo arranhando a parede do quarto. Levantou-se assustado e pegou um dos revólveres.

De novo o mesmo ruído.

– Quem está aí?

Ninguém respondeu. Mais ruídos.

– Vá embora! – disse com a voz trêmula.

Então ouviu um chiado baixo e um certo movimento. Enfim se deu conta do que era:

– Ratos.

Jogou-se de volta na cama, tenso, ensopado de suor. As mãos tremiam. Sabia que não nascera para aquilo. Não possuía a frieza necessária. E Wyatt Earp? Por onde andaria o maldito?

– NÃO VEJO MOTIVO para tanta irritação – disse o pistoleiro na manhã seguinte.

– Tínhamos um acordo – falou Johnson, impaciente e exausto após passar a noite em claro.

– Motivo bastante para estar irritado, não acha?

– É verdade, tínhamos – concordou Earp. – Você pediu que eu protegesse os seus fósseis dos irmãos Curry.

– E paguei adiantado.

– Sim, pagou.

– E onde foi que você se meteu?

– Estava fazendo aquilo que fui pago para fazer – respondeu Earp. – Passei a noite jogando blackjack. Com os irmãos Curry.

Johnson apenas bufou, cansado demais para argumentar.

– Ora, o que esperava que eu fizesse? – perguntou o outro. – Que deixasse os homens livres para lhe fazerem uma visitinha noturna no hotel?

– O problema é que... eu não sabia.

– Você está um trapo – disse Earp, condoído. – Precisa dormir.

Johnson assentiu e se dirigiu à saída, para voltar ao hotel.

– Quer me contratar outra vez esta noite? – gritou Earp às costas dele.

– Quero – confirmou Johnson, virando-se.

– Então são mais 5 dólares.

– Não vou pagar para você ficar jogando blackjack a noite inteira.

– Como quiser – disse Earp, dando de ombros.

À NOITE, JOHNSON tornou a esconder suas armas dentro do par de botas, junto com algumas balas adicionais. Acabou pegando no sono, mas, por volta da meia-noite, foi acordado pelo som da porta sendo arrombada. Um vulto entrou no quarto e fechou a porta novamente. Não se via nada no cômodo, pois as caixas bloqueavam a janela.

– Foggy? – sussurrou o intruso.

– Wyatt? – sussurrou Johnson de volta.

No escuro, o estalo nítido de um gatilho armado; um passo à frente; chiados de respiração. Dando-se conta de que era um alvo fácil, Johnson escorregou para debaixo da cama, pegou a arma na bota mais próxima e arremessou-a, vazia, contra a parede.

Assustado, o intruso disparou na direção do barulho, uma língua de fogo lampejando na escuridão. Alguém gritou em algum lugar do hotel.

– Saia já daqui, seja lá quem for! – gritou Johnson, inalando a fumaça que empestava o quarto. – Estou armado também, vá embora!

Silêncio. Outro passo adiante. Respiração.

– É você que está aí, Foggy Boy?

A porta se abriu novamente, outro homem entrou.

– Ele está na cama – disse um deles.

– Foggy, preste bem atenção: vamos acender uma lamparina. Se você não fizer besteira, a gente resolve esse assunto rapidinho.

Ninguém acendeu lamparina nenhuma. Ambos dispararam contra a cama, rachando a madeira do catre. Num gesto rápido, Johnson pegou seu segundo revólver, ergueu as duas armas e começou a atirar a esmo, esvaziando os tambores com a pouca prática que tinha.

Ouviu o estrago das balas nas paredes, os gemidos de dor, o baque seco de uma queda, o ranger da porta que aparentemente alguém abriu. Tateando no breu, pegou as balas adicionais e começou a recarregar um dos revólveres, apavorando-se ao ouvir que alguém ainda ofegava por perto. Imaginou o intruso espreitando cada um de seus movimentos, usando o ruído das balas contra o tambor para localizar seu alvo no escuro.

Johnson terminou de recarregar a arma. Nada.

– Sinto muito, Carmella... – disse o homem com uma voz triste e cansada. – Sei que não tenho sido um... – Ele agora respirava com muita dificuldade. – Mas, se ainda me sobrar algum ar nos pulmões, eu...

Tossiu, engasgou e estrebuchou.

Silêncio.

EM SEU DIÁRIO, Johnson escreveu:

De repente constatei que havia matado um homem, mas o quarto estava escuro demais para saber quem era. Fiquei esperando debaixo da cama, pronto para atirar no segundo intruso, caso ele resolvesse voltar: atiraria primeiro, faria perguntas depois. Mas logo em seguida ouvi a voz do dono do hotel, chamando por mim no corredor. Gritei de volta, dizendo que ele podia entrar, e não demorou para que o Sr. Perkins abrisse a porta com sua lamparina em punho, iluminando o cadáver estirado no piso do quarto, um grandalhão deitado de bruços sobre uma poça de sangue.

Apesar da luz trêmula da lamparina, viam-se com nitidez os três furos que as balas tinham aberto nas costas largas do homem. Perkins rolou o corpo e deparou com os olhos vidrados de

Clem Curry.

– Mortinho da silva – resmungou.

Do corredor vinha o vozerio dos curiosos que chegavam para espiar através da porta aberta. Alguém esbravejou com eles.

– Para trás, pessoal, para trás!

E quem surgiu poucos instantes depois foi o juiz Harlan, visivelmente mal-humorado. “Deve ter sido arrancado da cama”, pensou Johnson. Pensou errado.

– Tive que abandonar uma mão ótima na minha partida de pôquer para vir ver que confusão era essa – reclamou ele, examinando o cadáver. – É Clem Curry, não é?

Johnson confirmou.

– Querem saber de uma coisa? – prosseguiu o juiz. – A comunidade não perdeu nada com a morte desse aí. O que ele veio fazer neste quarto?

– Me roubar – disse Johnson.

– Eu já imaginava. – Harlan deu um gole no cantil que trazia na cintura e passou-o para Johnson. – Quem atirou?

– Eu mesmo.

– Bem, por mim está tudo certo – declarou o homem. – O único problema é que... você atirou nele pelas costas.

– O quarto estava escuro, não dava para ver nada – explicou Johnson.

– Claro, claro. Só que você atirou três vezes nas costas.

– Não era minha intenção matar ninguém.

– Claro que não, claro que não. Por mim está tudo bem, mas acho que você pode ter problemas quando Black Dick ficar sabendo do que aconteceu aqui.

Isso já havia ocorrido a Johnson, mas ele preferiu não pensar no assunto.

– Você pretende ir embora de Deadwood? – quis saber Harlan.

– Ainda não – respondeu Johnson.

– No seu lugar – disse Harlan, dando mais um trago em seu cantil –, eu partiria antes do dia clarear.

OS CURIOSOS JÁ TINHAM saído quando Sam Perkins, avaliando o estrago do tiroteio nas paredes do seu hotel, disse:

– É, Sr. Johnson... o senhor realmente não deixou barato.

– Ninguém levou os meus ossos.

– Pois é, mas todos os meus hóspedes foram tirados da cama por causa da sua baderna, Sr. Johnson.

– Sinto muito.

– Edwin, o balconista, mijou nas calças de tanto medo. É sério, Sr. Johnson, não estou brincando.

– Sinto muito.

– Não posso permitir uma coisa dessas no meu estabelecimento. O Grand Central Hotel tem uma reputação a zelar. Quero todos os ossos fora daqui ainda hoje.

– Mas, Sr. Perkins...

– Ainda hoje, Sr. Johnson, e estamos conversados. E o conserto das paredes será por sua conta, fique o senhor sabendo.

– Mas para onde vou levar tudo isso?

– É problema seu.

– Sr. Perkins, esses fósseis têm um valor incalculável para a ciência...

– A ciência está a muitas léguas daqui, rapaz. Não quero mais essa tralha no meu hotel.

Transferindo os ossos

Na manhã seguinte, com suas caixas na traseira da carroça, Johnson foi primeiro ao banco de Deadwood, mas eles não tinham espaço para armazenar outra coisa que não fosse ouro em pó. Depois tentou o empório do Sr. Sutter, onde havia um quarto grande nos fundos, uma espécie de caixa-forte para o armazenamento das armas que o homem vendia. Ouviu um sonoro “não” do proprietário, porém, já que estava ali, comprou mais munição para seus revólveres.

As regras do National Hotel eram bem menos rigorosas que as do Grand Central, e o dono era muito mais tolerante que o Sr. Perkins, mas o sujeito na recepção informou que eles não dispunham de um guarda-volumes.

Também havia a taberna e o salão de jogos do Sr. Fielder, que ficavam abertos dia e noite. O lugar era palco de tantas brigas que sempre havia um guarda armado de plantão para manter a ordem. Fielder possuía um quartinho nos fundos grande o bastante para acomodar as caixas, no entanto, recusou-se categoricamente a recebê-las.

– São apenas ossos, Sr. Fielder – tentou argumentar Johnson.

– Não sei o que o senhor tem dentro dessas caixas, só sei que os irmãos Curry estão atrás delas. E eu não quero confusão para o meu lado.

O coronel Ramsay era um homem valente, durão e tinha espaço mais do que suficiente em seu estábulo. E, como os outros, balançou a cabeça quando ouviu a proposta de Johnson.

– Será que nesta cidade todo mundo tem medo dos irmãos Curry?

– Todo mundo que tiver um pouco de juízo, sim – disse Ramsay.

A tarde chegava ao fim, e a temperatura caía com tanta rapidez quanto a luz do sol. Johnson rumou para seu estúdio de fotografia, mas encontrou-o às moscas. Ao que parecia, da

noite para o dia ele havia se tornado uma pessoa bastante impopular na cidade. Estava medindo o espaço à sua volta, imaginando se conseguiria guardar as caixas ali, quando seu locador, Kim Sing, saiu da lavanderia para falar com ele. Estava acompanhado do filho, o tal que recolhera o cadáver da rua. O homem cumprimentou-o com a cabeça, sorriu, mas como sempre não disse nada. Foi o filho quem falou:

– Você está procurando um lugar para guardar suas coisas?

O inglês do garoto era muito bom.

– Estou. Qual é o seu nome?

– Kang.

– Gostei de suas botas, Kang.

O garoto sorriu. Os chineses de sua idade não costumavam usar calçados de couro. Ele ouviu do pai alguma coisa e disse:

– Pode guardar em Chinatown.

– Posso mesmo?

– Pode.

– Mas preciso de um lugar bem seguro.

– Eu sei. Ling Chow tem barracão de ferramenta. Barracão forte, novo, com tranca na porta e nenhuma janela grande, só as pequeninas do alto.

– E onde fica esse barracão?

– Atrás do restaurante de Ling Chow.

Bem no centro de Chinatown. Seria perfeito. Johnson ficou profundamente agradecido.

– É muito gentil da parte de vocês – disse. – A sua oferta caiu do céu. Ninguém na cidade quis...

– Dez dólar por noite.

– *O quê?*

– Dez dólar por noite. Ok?

– Não posso pagar 10 dólares por noite!

– Pode sim – rebateu o outro, resolutivo.

– Isso é um absurdo!

– Preço é esse. Ok?

Johnson refletiu um instante e disse:

– Ok, ok.

MAIS TARDE, ele recordaria:

Àquela altura, eu ainda tinha quase 500 quilos de fósseis: dez caixas pesando cerca de 50 quilos cada uma. Contratei Kang, o filho de Kim Sing, para me ajudar a tirá-las da carroça, e o garoto fez por merecer os 2 dólares que recebeu de pagamento. Volta e meia ele perguntava: “O que tem aqui?” Eu dizia que eram ossos antigos, mas via que ele, como os outros, não acreditava muito em mim.

Foi uma grande surpresa constatar que havia tantos chineses em Deadwood. Minha impressão era de que aqueles rostos jovens e plácidos estavam por toda parte, observando o que eu fazia, comentando uns com os outros, cercando o barracão sem nenhum pudor, espiando através das janelas das lojas vizinhas.

Por fim, com as caixas já empilhadas no barracão, Kang olhou para elas e perguntou: “Por que você cuida tanto disso tudo?” Respondi que já nem sabia mais.

Fui jantar no hotel, mas, assim que anoiteceu, voltei ao barracão para vigiar meus ossos de dinossauro.

Johnson não precisou esperar muito. Por volta das dez, assustou-se com o vulto escuro que surgiu do outro lado da janela, no alto do barracão. Pelos sussurros que ouviu em seguida, constatou que o homem não estava sozinho. Engatilhou o revólver.

Passados alguns instantes, a pequena janela se abriu com um rangido e uma cabeça passou através dela.

Johnson apontou a arma e berrou:

– Bando de vagabundos! Fora daqui!

E levou outro susto quando ouviu os risinhos do lado de fora. Não eram homens que estavam ali, mas crianças. Crianças chinesas. Ele baixou a arma e disse:

– Fora daqui! Fora daqui, já!

Os risinhos prosseguiram, mas logo ele se viu sozinho outra vez. E respirou aliviado: por sorte não atirara contra os garotos.

De repente, mais ruídos na madeira do barracão.

– Não me ouviram? Saiam já daqui! – berrou novamente.

“Talvez não falem inglês”, pensou. Mas a verdade era que ele sabia que a maioria dos chineses mais jovens tinha um conhecimento razoável da língua e que os mais velhos eram bem mais fluentes do que gostavam de admitir.

Outra cabeça surgiu na janela.

– Saiam, crianças!

– Sr. Johnson...

Era Kang.

– Sim?

– Tenho péssima notícia pro senhor.

– O que foi?

– Acho que todo mundo sabe que senhor está aqui. Pessoal na lavanderia falou: todo mundo viu senhor trazendo caixa aqui.

Johnson sentiu um frio na espinha. Claro que todo mundo sabia. Ele não fizera mais do que trocar um problema por outro.

– Kang... você se lembra da minha carroça?

– Lembro, lembro.

– Ela está no estábulo. Acha que pode trazê-la para mim?

– Sim.

Johnson teve a impressão de que o garoto não demorou mais que alguns minutos para voltar com a carroça.

– Vamos tirar as caixas daqui o mais rápido possível. Peça ajuda aos seus amigos.

Kang fez o que ele pediu, e em dois tempos as caixas já estavam na carroça. Johnson deu um dólar a cada menino e dispensou-os.

– Kang, você fica.

O quarteirão chinês era maior do que aparentava, com novas ruas surgindo a cada dia. Kang conduziu Johnson pelo labirinto de ruelas, até que ambos se viram obrigados a frear diante dos quatro cavaleiros que vinham em disparada em sua direção.

– Procuram o senhor, acho – disse Kang.

Eles tomaram um desvio e em poucos minutos alcançaram o pinheiro alto junto do qual Johnson enterrara Vento Brando. Trabalhando juntos, e procurando respirar o mínimo possível, Johnson e Kang desenterraram o corpo do índio. Por sorte, a terra em torno da cova ainda estava fofa, mas o problema era que as dez caixas precisariam de um espaço três vezes maior. Por isso, apesar do cheiro insuportável, eles continuaram cavando até conseguir acomodá-las com certa folga. Em seguida deitaram Vento Brando sobre elas. “Se fosse dia e minha câmera estivesse aqui”, pensou Johnson, “eu faria disso uma bela fotografia.”

Em seguida eles fecharam a cova, retiraram o excesso de terra e, para que o trabalho ficasse ainda menos perceptível, salpicaram por cima algumas folhagens do pinheiro vizinho.

– Este é o nosso segredo – disse Johnson a Kang.

– Sim, mas segredo pode ficar melhor.

– Entendi – concordou Johnson, já tirando 5 dólares do bolso. – Não conte nada a ninguém.

– Não, não.

Mas Johnson não confiava na discrição do chinesinho.

– Quando eu for embora, Kang, pagarei mais 5 dólares se você tiver ficado de bico calado.

– Mais 5 dólares?

– Sim, no dia em que eu for embora de Deadwood.

O duelo

De manhã, à hora do café, Black Dick irrompeu furioso no restaurante do hotel.

– Onde se meteu o fedelho?

Não demorou para localizar Johnson.

– O fedelho aqui não é um pistoleiro – disse Johnson, o mais calmamente possível.

– Nenhum covarde é.

– Pense como quiser.

– Você atirou no meu irmão pelas costas, sua cobra peçonhenta.

– Ele pretendia roubar minha propriedade.

Dick cuspiu no chão e disse:

– Vamos acertar nossas contas agora mesmo, lá na rua. Senão vou lá naquele barracão e destruo aquelas caixas todas. Não vai sobrar nenhuma. E, se me der na telha, explodo aqueles chineses que ajudaram você também.

– Você não faria uma coisa dessas.

– Quero ver quem vai me impedir. E você, quer ver seus preciosos ossos virarem pó, quer?

Johnson se viu tomado de uma súbita fúria, que trouxe à tona todas as frustrações e dificuldades daquelas últimas semanas em Deadwood. Por sorte ele havia mudado as caixas de lugar. Começou a respirar devagar, os pulmões se enchendo a cada inspiração, os músculos do rosto estranhamente rijos.

– Não – respondeu, já se levantando. – Vamos para a rua, Dick.

– Ótimo – disse o bandido. – Espero você lá.

Dick saiu do restaurante, batendo a porta às suas costas.

Johnson permaneceu onde estava, sob o olhar curioso dos hóspedes que o cercavam. Ninguém disse nada. O sol da manhã entrava pelas janelas. Um passarinho cantarolava por perto. Na casa vizinha, alguma criança fazia suas escalas numa aula de piano com a Srta. Wilson. Na rua, as pessoas já começavam a gritar, alertando umas às outras sobre a confusão que estava por vir. Carroças transitavam de um lado para outro, apressadas.

Para Johnson aquilo chegava a ser surreal.

Wyatt Earp entrou no restaurante minutos depois, dizendo:

– Que história é essa entre você e Dick Curry?

– É tudo verdade.

Earp encarou-o por um instante e falou:

– Caia fora antes que seja tarde. Ouça o que estou dizendo.

– Não vou cair fora.

– Sabe atirar?

– Mais ou menos.

– Isso não é nada bom.

– Mas vou enfrentar o homem de qualquer forma.

– Quer um conselho? Ou prefere morrer do seu jeito?

– Todo conselho é bem-vindo – afirmou Johnson, os lábios tremendo tanto quanto as mãos.

– Sente aí – ordenou Earp. – Já passei por isso uma penca de vezes, e é sempre a mesma coisa. Conheço muito bem gente feito Dick. O sujeito é um pistoleiro profissional, se acha melhor que os outros, já matou muitos. É rápido. Mas em geral suas vítimas estavam bêbadas ou apavoradas, ou as duas coisas ao mesmo tempo.

– Apavorado eu estou.

– Não importa. Basta você se lembrar de uma coisa: a maioria desses pistoleiros não passa de um bando de covardes, de valentões de meia-tigela. Eles sempre usam os mesmos truques, porque funcionam. O que você tem que fazer é evitar esses truques.

– Truques? Como o quê, por exemplo?

– Alguns tentam apressar, outros tentam distrair: dão uma tragada, depois jogam o charuto para o lado, achando que você vai olhar na mesma direção, como seria natural. Outros puxam conversa. Outros bocejam, achando que você vai bocejar também. Truques.

– E eu faço o que, então?

O coração de Johnson batia tão forte que ele mal conseguia ouvir a própria voz.

– Quando sair lá para a rua, não se apresse, vá com calma. Nunca tire os olhos do sujeito. Talvez ele tente atirar enquanto você estiver saindo. Fique atento, sempre. Vá para o seu canto da rua, firme bem as pernas para não perder o equilíbrio. Se ele puxar conversa, ignore. Observe apenas o que ele está fazendo. O que quer que faça, não tire os olhos de cima dele. Leia os olhos do homem. Ele vai dar algum sinal antes mesmo de mexer as mãos.

– Como é que vou saber?

– Vai saber, fique tranquilo. Deixe que ele dispare primeiro. Assim você terá tempo de pensar no que está fazendo na hora de sacar, mirar e meter uma bala bem no meio da barriga dele. Não tente nada de muito mais complicado que isso, como atirar na cabeça, por exemplo. Liquide a fatura logo de uma vez: atire na barriga e mate o infeliz.

– Santo Deus...

Johnson sentiu um calafrio ao antever a realidade do que o aguardava.

– Tem certeza que não quer pular fora? – perguntou Earp.

– Tenho!

– Ótimo. Sei que você vai sair dessa. Dick é um sujeito presunçoso, acha que você é presa fácil. Não tem nada melhor do que enfrentar um fanfarrão num duelo.

– Folgo em saber.

– Você vai sair dessa – repetiu Earp. – Seu revólver está carregado?

– Não.

– Então, moleque, é melhor carregá-lo.

JOHNSON SAIU DO HOTEL para a luz da manhã. A rua principal de Deadwood estava deserta. O silêncio seria completo se não fossem as escalas monótonas que vinham da aula de piano da Srta. Wilson. Black Dick esperava na extremidade norte da rua, pitando seu charuto, o rosto quase inteiramente escondido sob a sombra do chapéu de aba larga.

Johnson parou onde estava, preocupado. Não conseguia enxergar os olhos do homem.

– Vem logo, Foggy – chamou o pistoleiro.

Johnson deixou o alpendre do hotel e seguiu caminhando pela rua. Podia ouvir os pés chapinhando na lama, mas em nenhum momento olhou para baixo.

“Nunca tire os olhos do sujeito.”

Foi para o meio da rua e parou.

“Firme bem as pernas para não perder o equilíbrio.”

Ouviu claramente quando a Srta. Wilson disse:

– Não, não, Charlotte. Atenção ao andamento!

Ele e Dick estavam a cerca de 10 metros um do outro.

“Observe apenas o que ele está fazendo.”

– Mais perto, Foggy! – gritou Dick, rindo.

– Aqui está bom – declarou Johnson.

– Mal consigo enxergar você!

“Se ele puxar conversa, ignore. Fique atento.”

– Pois eu enxergo você muito bem.

Dick deu outra risada, que aos poucos resvalou para o silêncio.

“Leia os olhos dele. Leia os olhos dele.”

– Algum último pedido, Foggy?

Johnson não respondeu. Seu coração retumbava no peito.

Black Dick arremessou o charuto na lama da rua.

“O que quer que ele faça, não tire os olhos de cima dele.”

Dick sacou a arma.

Foi tudo muito rápido. Dick desapareceu em meio a uma nuvem de pólvora. Duas balas passaram zunindo por Johnson enquanto ele ainda sacava seu revólver, e uma terceira atingiu seu chapéu no instante em que ele enfim conseguiu mirar e atirar. A arma ainda coiceava em sua mão quando ele ouviu um grito de dor.

– Filho de uma égua! Você me acertou!

Mais confuso do que qualquer outra coisa, Johnson estreitou os olhos para enxergar melhor em meio à fumaceira. De início não viu nada. Teve a impressão de que Dick havia desaparecido.

Mas, assim que a fumaça se dissipou, viu o homem se contorcendo na lama.

– Você me acertou! Diabo, você me acertou!

Johnson ficou observando de longe enquanto seu algoz, enlameado da cabeça aos pés, tentava se levantar ao mesmo tempo que protegia o ombro ferido. Pensou em terminar o serviço naquele momento, porém, tendo matado um homem antes, não encontrou coragem para matar outro. Apenas continuou observando Dick cambalear até seu cavalo e montar nele.

– Filho de uma égua! Vai pagar caro por isso! – berrou o pistoleiro, e saiu galopando rua afora.

Assim que ele sumiu de vista, começaram os aplausos e vivas daqueles que espreitavam a cena. Johnson sentiu-se tonto, mal se aguentando de pé.

– VOCÊ SE SAIU MUITO BEM – disse Earp. – Mas devia ter matado o sujeito.

– Não sou pistoleiro como ele.

– Concorde, mas... devia ter matado. Pelo que vi, Dick não vai morrer daquele ferimento, e agora você tem um inimigo para o resto da vida.

– Eu não podia matá-lo, Wyatt.

Earp encarou-o por alguns segundos e falou:

– Você é da cidade grande, esse é o problema. As pessoas lá do leste não têm juízo. Agora não tem jeito: você vai ter que ir embora o mais rápido possível.

– Por quê?

– Porque você, meu rapaz, agora tem uma reputação.

Johnson riu e disse:

– Todo mundo nesta cidade sabe quem eu sou.

– Agora é diferente.

De fato, quis o destino que Foggy Bill Johnson, o homem que havia apagado Clem Curry para depois enfrentar o irmão dele, Dick Curry, acabasse se tornando uma figura célebre no povoado de Deadwood. Todos que se achavam bons de gatilho queriam medir forças com ele.

Após dois dias tentando se esquivar de mais duelos, Johnson se deu conta de que Earp tinha razão. Por sorte, o dinheiro que tinha era suficiente para pagar sua passagem mais o frete da carga, e ele decidiu que partiria no dia seguinte. Assim que anoiteceu, pegou um de seus cavalos e foi até a cova de Vento Brando para ver se suas caixas ainda estavam lá. Estavam. A terra havia endurecido com o frio, apagando qualquer vestígio que ele pudesse ter deixado para trás; mesmo assim, tratou de sair logo dali, por medo de que alguém o visse.

Earp, por sua vez, já começava a se cansar das mesas de jogo e dos galanteios inúteis que vinha fazendo à Srta. Emily. Imaginara que fosse conquistar o posto de xerife de Deadwood, mas até então ninguém tocara no assunto, e ele já planejava seguir para o sul, onde pretendia passar o inverno.

– Quando pretende partir? – perguntou Johnson.

– Por que você quer saber?

– Talvez possamos ir juntos.

– Eu? Com você e seus ossos? – Earp riu. – Preste atenção, rapaz: todos os bandidos e ladrões daqui até Cheyenne estão apenas esperando que você saia de Deadwood com as suas caixas.

– Se você for junto comigo, tenho certeza de que chegaremos vivos do outro lado.

– Acho que vou esperar mais um pouco. E fazer companhia à Srta. Emily.

– Talvez Emily queira partir amanhã também – argumentou Johnson –, principalmente se souber que você vai junto.

Earp cravou os olhos nele.

– O que eu ganho com isso, rapaz?

– Aposto que a companhia de diligências vai querer pagar pelos seus serviços de mensageiro.

Mensageiro era o nome que eles davam à pessoa armada incumbida de proteger passageiros e cargas durante a viagem. Pagavam um bom dinheiro por isso.

– É a sua melhor proposta? – perguntou Earp.

– Acho que sim.

Seguiu-se um demorado silêncio, até que Earp disse:

– Pois a minha é a seguinte: se eu for junto, e conseguirmos chegar vivos a Cheyenne, você me paga com metade da sua carga de ossos.

– *Metade dos meus ossos?*

– Isso mesmo – confirmou Earp, piscando enquanto sorria de orelha a orelha. – Metade dos seus ossos. Que tal?

NA NOITE DE 28 DE SETEMBRO, Johnson escreveu:

Só então me dei conta de que o Sr. Earp, como os demais, não acreditava que eu levasse apenas ossos em minhas caixas. Então me vi diante de um dilema moral. Até aquele momento, o pistoleiro se comportara como um amigo, vindo em meu socorro em mais de uma ocasião. Eu estava lhe pedindo que enfrentasse um perigo real, e ele, por sua vez, pensava que do outro lado desse perigo havia um tesouro a ser embolsado. Era minha obrigação esclarecer as coisas e demovê-lo dessa ilusória ambição. Acontece que minha passagem pelo Oeste me proporcionara um grande aprendizado – maior do que em Yale – e uma das lições que aprendi foi: cada um que procure salvar a própria pele. Então falei: “Sr. Earp, negócio fechado!”

A diligência sairia de Deadwood na manhã seguinte.

JOHNSON ACORDOU no meio da madrugada. Precisava pegar as caixas. Contrataria o chinês Kang para ajudá-lo novamente, ciente de que nenhum branco iria se dispor a desenterrar o corpo de um índio. Eles buscaram a carroça, saíram com ela da cidade e mais uma vez abriram a cova de Vento Brando. Por causa do frio, o fedor era bem menos intenso.

Uma a uma as caixas voltaram à carroça. Estavam úmidas e sujas de terra, mas, fora isso, pareciam intatas. Johnson preencheu boa parte do buraco antes de colocar Vento Brando de volta dentro dele, depois parou um instante para refletir: o mais grotesco de tudo não era que ele estivesse ali, diante do semblante cadavérico daquele índio, mas que aquela fosse a terceira vez que ele enterrava o infeliz. Vento Brando morrera para protegê-lo, e ele, em retribuição, não o deixava descansar em paz.

A viagem para Cheyenne

De volta à cidade, Johnson foi direto para a estação. A diligência já estava lá. Começara a nevar outra vez, e um vento gelado uivava pelo vale de Deadwood. Johnson não via a hora de sair daquele lugar. Com o máximo de cuidado, foi colocando as caixas no alto do coche. Logo constatou que, ao contrário do que havia afirmado o agente, o bagageiro não era grande o bastante para acomodar toda a carga, em razão, principalmente, da farta circunferência do cocheiro, Tiny Tim Edwards, que de *tiny*, ou miúdo, não tinha nada. Então foi obrigado a comprar uma passagem adicional para levar parte delas no compartimento dos passageiros, que por sorte eram apenas ele e a Srta. Emily.

Depois foi preciso esperar pela chegada de Wyatt Earp, de quem ainda não se tinha notícia. Parados na neve, Johnson e Emily volta e meia corriam os olhos pela rua principal de Deadwood, procurando pelo homem.

– É bem possível que ele não venha – disse Johnson.

– Acho que vem, sim – falou Emily.

E então um garoto ruivo se aproximou.

– Sr. Johnson?

– Eu mesmo.

O garoto entregou-lhe um bilhete e se escafedeu. Johnson desdobrou o papel, leu rapidamente o que estava escrito nele e o amassou.

– O que foi? – perguntou Emily.

– Apenas um bilhete de despedida do juiz Harlan.

Por volta das nove eles avistaram os irmãos Earp vindo ao seu encontro pela rua. Pareciam trazer uma bagagem pesada. “Quando chegaram mais perto”, escreveria Johnson, “vi que eles

carregavam nas costas uma coleção inteira de armas de fogo. Até então eu nunca tinha visto Wyatt Earp armado em público, mas agora ele vinha com um verdadeiro arsenal.”

Os irmãos haviam se atrasado porque tiveram que esperar que Sutter abrisse o empório para lhes vender as armas de que precisavam: duas espingardas de cano serrado, três outras com mecanismo de alavanca, quatro revólveres Colt e dezenas de caixas de munição.

– Pelo visto, vocês estão esperando uma viagem bem animada – disse Johnson.

Wyatt ofereceu a mão para que a Srta. Emily subisse na diligência, esperou que ela se acomodasse e só então falou:

– Não quero que ela fique mais assustada do que já está. Mas a viagem vai ser animada, sim, não vamos nos iludir. É melhor estarmos preparados.

Johnson mostrou o bilhete a Wyatt Earp:

PROMETO QUE OJE VOCÊ É UM OMEN MORTO

OU NÃO ME CHAMO DICK CURRY.

– Tudo bem – disse o outro. – Estamos prontos para enfrentá-lo.

Morgan, o irmão, fechara um acordo lucrativo numa operação de transporte de lenha e planejava passar o inverno em Deadwood, mas se dispusera a acompanhar Wyatt e a diligência até Custer City, que ficava a cerca de 80 quilômetros ao sul.

– Os cavalheiros vão ficar de prosa o dia todo ou já estão prontos para pegar estrada? – gritou Tiny Tim.

– Estamos prontos – respondeu Earp.

– Então subam logo nesta carroça! Não vão a lugar nenhum se ficarem parados aí na rua!

Johnson sentou-se ao lado da Srta. Emily e pela décima vez naquele dia ajeitou suas caixas, firmando as cordas que as prendiam. Morgan Earp empoleirou-se no bagageiro e Wyatt se acomodou na boleia, ao lado do cocheiro.

Olhando pela janela, Johnson avistou um garoto chinês correndo na direção da diligência com suas botas de caubói. Reconheceu Kang e, percebendo a aflição no rosto dele, lembrou-se do que havia prometido. Imediatamente pegou 5 dólares no bolso, equilibrou-se à porta da diligência e arremessou a moeda de ouro para o menino, que saltou para pegá-la no ar, demonstrando grande agilidade. Johnson despediu-se dele com um simples aceno da cabeça, sabendo que nunca mais voltaria a vê-lo.

Tim estalou o chicote para incentivar os cavalos, e lá se foram eles, deixando Deadwood para trás, galopando neve afora.

SERIAM TRÊS DIAS de viagem até Fort Laramie: um dia até Custer City, no centro da região onde ficavam as Black Hills; outro para atravessar o traiçoeiro Red Canyon e chegar à estação de diligências de Red Canyon, na borda sul da cordilheira; e um terceiro para atravessar as planícies de Wyoming até a ponte de ferro recém-construída sobre as águas do rio Platte, em Laramie.

Earp afirmava que eles ficariam cada vez mais seguros à medida que a viagem avançasse, e que estariam completamente seguros se conseguissem chegar a Laramie, pois a estrada dali até Cheyenne era patrulhada pela cavalaria do Exército.

Se eles conseguissem chegar a Laramie.

Johnson escreveria depois:

Tínhamos pela frente três obstáculos: o primeiro era Black Dick com sua gangue de malfeitores, e o mais provável era que topássemos com eles na parte inicial da viagem; o segundo era Persimmons Bill com seu bando de saqueadores indígenas, e o mais provável era que tivéssemos que enfrentá-los em Red Canyon; e o terceiro, e mais perigoso de todos, era algo que eu jamais poderia ter imaginado.

JOHNSON SABIA de antemão que a viagem não seria fácil, mas não havia contado com os riscos naturais.

As estradas na região de Black Hills eram bastante precárias e estreitas, obrigando-os a seguir bem mais devagar. Muitas vezes eram ladeadas por precipícios vertiginosos, e toda vez que a diligência roçava a borda argilosa de um deles, sacolejando com sua carga de ossos, o coração de todos vinha à boca. Diversos riachos – Bear Butte, Elk, Boxelder – já haviam se transformado em rios caudalosos por conta das nevascas recentes, e as travessias eram especialmente arriscadas em razão do excesso de peso que eles levavam.

– Se a carroça atolar no meio da água, não vai ter outro jeito: alguém vai ter que voltar e buscar mais uma ou duas parelhas para ajudar a puxar. Não vai ter outra saída, escutem o que estou dizendo – explicou o cocheiro Tim.

Além dessas dificuldades, eles viviam sob a constante ameaça de um ataque repentino. A tensão era grande. Eles ficavam ainda mais vulneráveis quando precisavam parar por algum motivo. E, por volta do meio-dia, a diligência parou. Colocando a cabeça para fora da janela, Johnson perguntou:

– O que foi dessa vez?

– Coloque agora mesmo essa cabeça para dentro, moleque, se não quiser ficar sem ela – esbravejou Earp. – Tem uma árvore caída no caminho.

– E daí?

Do alto do bagageiro, Morgan Earp olhou para dentro da diligência e disse:

– Srta. Emily? Eu ficaria muito grato se a senhorita se abaixasse e assim ficasse até partirmos outra vez. Agradecido.

– É só uma árvore caída! – exclamou Johnson.

A camada de terra era muito fina em diversos pontos daquela região; era natural que uma árvore tombasse.

– Pode ser que sim, pode ser que não – disse Morgan, apontando para as colinas altas que margeavam a estrada. Bosques cobriam as encostas quase inteiramente, dando aos possíveis bandidos um excelente esconderijo. – Se alguém estiver atrás de nós, é aqui que nos atacará.

Tiny Tim desceu da carroça e caminhou até o tronco caído para examiná-lo de perto. De dentro da diligência, Johnson ouviu o tilintar metálico dos rifles sendo engatilhados pelos irmãos Earp.

– Acha que realmente estamos correndo perigo? – perguntou Emily, que não parecia nem um pouco aflita.

– Imagino que sim – respondeu Johnson.

Ele sacou o revólver, examinou o cano, girou o tambor. A seu lado, Emily chegou a estremecer de empolgação.

Mas a árvore não era tão grande assim e havia tombado por causas naturais. Tim arrastou-a para o lado, voltou à boleia e tocou os cavalos adiante. Uma hora depois, nas imediações de Silver Peak e Pactola, eles depararam com mais um obstáculo na estrada: as pedras que haviam rolado de um barranco. Repetiram o procedimento e, de novo, seguiram em frente sem maiores problemas.

“Quando o ataque finalmente aconteceu”, escreveu Johnson, “foi quase um alívio.”

– VOCÊS AÍ EMBAIXO! Cabeças para dentro! – berrou Wyatt Earp, disparando um primeiro tiro, que ecoou pela ravina.

E foi respondido por outros, que vinham de trás.

Eles estavam no corredor de Sand Creek Gulch, onde a estrada era reta, larga o bastante para que cavaleiros ladeassem a diligência para atirar dentro dela. Morgan Earp se arrastou imediatamente para a parte traseira do bagageiro e se posicionou ali, pronto para abrir fogo.

Mais disparos.

– Abaixе, Morg! – berrou Wyatt. – Estou atirando!

Mais disparos.

Tim chicoteava os cavalos ao mesmo tempo que os xingava.

Quando uma ou duas balas furaram a madeira da diligência, Johnson e Emily se jogaram no chão para se proteger, mas as caixas de fósseis, precariamente amarradas ao banco, ameaçavam soterrá-los a qualquer instante. Ajoelhando-se, Johnson tentou firmá-las, e então

viu um cavaleiro surgir do outro lado da janela, mirando nele. Ouviu uma explosão e depois viu o homem desaparecer da montaria. Assustado, olhou pela janela.

– Foggy! Para dentro! Estou atirando!

Ele recuou rapidamente, colocando-se a salvo do tiro de Earp e da chuva de balas que vinha de trás e arrancava lascas da porta da diligência. Passados alguns segundos, ele ouviu um berro.

Tiny Tim seguia urrando e chicoteando os cavalos enquanto a diligência sacudia de um lado para outro, passando em disparada pelos buracos da estrada. No compartimento de passageiros, Johnson e Emily sacolejavam também, colidindo um contra o outro “de um modo que afrontaria a decência se as circunstâncias não fossem tão radicais”, escreveria ele mais tarde. “Os instantes seguintes (que pareceram horas, mas que na verdade não passaram de alguns poucos minutos) foram uma aflitiva cacofonia no qual se misturavam a explosão das espingardas, o ruído das balas, o galope dos cavalos e os gritos de ambas as partes. Até que dobramos uma curva e finalmente saímos do corredor de Sand Creek Gulch. A perseguição cessou, e só então pudemos retomar nossa viagem com relativa tranquilidade. Tínhamos sobrevivido ao ataque da célebre gangue dos irmãos Curry!”, completaria Johnson.

– SÓ UM TOLO COMO VOCÊ pensaria uma coisa dessas – disse Wyatt quando eles pararam para descansar os cavalos na estação de Tigerville.

– Por quê? Não foram os Curry que nos atacaram? E não saímos vivos do confronto?

– Moleque, sei que você é do Leste, mas ninguém pode ser tão burro assim – declarou o pistoleiro, recarregando suas armas ao mesmo tempo que falava.

Johnson não entendeu nada. Foi Morgan Earp quem explicou:

– Black Dick quer ver você pelas costas. Não arriscaria suas fichas com um ataque tão malfeito.

– Malfeito por quê? – rebateu Johnson, para quem o ataque havia sido tão bem-feito quanto apavorante.

– Esse tipo de ataque a cavalo é o mais arriscado que existe. Ninguém consegue atirar direito no lombo de uma montaria, sobretudo contra um alvo em movimento. Se não conseguirem matar um dos animais, o mais provável é que tudo vá por água abaixo. Ninguém tem certeza de nada num ataque a cavalo.

– Então... por que atacar?

– Para nos fazer baixar a guarda depois – interveio Wyatt. – Escute o que estou dizendo: eles sabem que a gente teria que parar para trocar de parelhas em Tigerville. Nesse exato momento, devem estar correndo feito o diabo para armar a próxima tocaia.

– Próxima tocaia? Onde?

- Eu adoraria saber. O que você acha, Morg?
- Em algum lugar entre Tigerville e Sheridan, imagino – respondeu Morgan Earp.
- Eu também – concordou Wyatt, travando o cano da espingarda. – E dessa vez não vão facilitar.

O segundo ataque

Após meia hora na estrada eles pararam à beira de um riozinho chamado Spring Creek. Quase 100 metros separavam uma margem da outra, ambas arenosas, e as águas que corriam pelo leito sinuoso eram bem menos rasas do que pareciam. O sol da tarde rebrilhava na leve correnteza e do outro lado via-se um bosque de pinheiros, denso e escuro.

Por um bom tempo eles não fizeram mais do que observar o rio em silêncio, até que Johnson, colocando a cabeça para fora da janela, indagou sobre o motivo da demora. Inclinando-se na boleia, Morgan Earp deu um tapa na testa dele e gesticulou para que fechasse o bico.

Johnson se recostou no banco, esfregou a testa ainda quente e lançou um olhar interrogativo na direção da Srta. Emily, que deu de ombros e em seguida matou um mosquito.

Seguiram-se muitos minutos até que Wyatt Earp perguntou a Tiny Tim:

– Então, o que você acha?

– Sei lá – respondeu o cocheiro.

Wyatt apontou para os rastros deixados na areia da margem.

– Muitos cavalos passaram por aqui recentemente.

– O que é comum. Sheridan fica a poucos quilômetros daqui, do outro lado do rio.

Eles se calaram e ficaram esperando, ouvindo apenas o gorgolejar tranquilo da água, o soprar do vento no pinheiral. Foi Tim quem quebrou o silêncio.

– Estranho. Geralmente a gente escuta passarinhos por aqui.

– Acha que está silencioso demais?

– Isso. Silencioso demais.

– E a travessia? Acha que vai dar?

– Só pagando para ver. Quer fazer uma tentativa?

– Acho que sim.

Earp saltou da boleia, foi até a janela da diligência e disse aos dois passageiros:

– Vamos tentar atravessar. Se chegarmos do outro lado, ótimo. Se encontrarmos alguma encrenca, baixem a cabeça e não levantem em hipótese alguma. Morg sabe o que fazer. Deixem que ele cuide de tudo. Ok?

Ambos assentiram. Com a boca seca, Johnson perguntou:

– Acha que é uma arapuca?

– Não sei. Mas o lugar é perfeito para isso.

Wyatt subiu na carroça e armou a espingarda. Tim chicoteou os cavalos, que arremeteram furiosamente, a diligência derrapando na areia fofa até invadir o leito pedregoso do rio, espalhando água para todo lado.

Então começou o tiroteio. Johnson ouviu os relinchos assustados dos cavalos e sacolejou com Emily quando a diligência parou de forma brusca no meio do rio.

– Salve-se quem puder! – gritou Tim.

Então Morgan começou a atirar com rapidez, berrando afirmativamente para o irmão.

– Vou dar cobertura para você Wyatt!

Johnson e Emily se jogaram no chão. Balas zuniam por toda parte. A diligência balançava com a agitação dos homens na boleia e no bagageiro. Espiando com cautela, Johnson viu Wyatt Earp correndo na água, seguindo para a outra margem.

– Wyatt está abandonando a gente! – gritou, recuando rápido para se proteger de mais uma saraivada de tiros.

– Ele não faria uma coisa dessas – disse Emily.

– Já fez! – afirmou Johnson, lívido de pavor.

De repente, William viu a porta da diligência se abrir com força e berrou quando o cocheiro se jogou para dentro, aterrissando bem em cima dele e de Emily. Ofegante, já sem nenhuma cor nas faces, Tiny Tim se reergueu com agilidade e fechou a porta do veículo antes que fosse tarde demais.

– O que está acontecendo? – perguntou Johnson.

– Meu lugar não é lá fora.

– Sim, mas o que está acontecendo?

– Estamos ilhados no meio da porcaria do rio, isto é o que está acontecendo. Mataram um dos cavalos, então não temos como sair daqui. Os irmãos Earp estão atirando a torto e a direito. Wyatt se mandou.

– Eles têm um plano?

– Espero que sim – respondeu Tim. – Porque eu não pensei em nada.

Em meio ao tiroteio, ele juntou as mãos, fechou os olhos e começou a resmungar baixinho.

– Mas que diabo você está fazendo?

– Rezando – disse o outro, trêmulo. – E sugiro que faça o mesmo. Porque se Black Dick conseguir chegar mais perto, vai mandar bala em todo mundo.

A DILIGÊNCIA PERMANECIA no meio rio, encalhada sob o vermelho do entardecer. Morgan Earp, de algum lugar do bagageiro, atirava na direção do bosque, na margem oposta. Wyatt chegara vivo ao outro lado, embrenhando-se no pinheiral.

Não demorou para que o tiroteio começasse a diminuir: aparentemente os irmãos Curry e sua gangue tinham algo mais com o que se preocupar.

De repente, um tiro foi disparado entre as árvores; alguém gritou alto, agonizando de dor. Silêncio. Em seguida, outro disparo, outro grito abafado.

Ninguém atirava mais contra a diligência.

Alguém suplicou:

– Por favor, Wyatt, não me mate! Não...

Mais um disparo, seguido de uma gritaria no meio do bosque. Cavalos saíram galopando em fuga, e depois disso não se ouviu mais nada.

Morgan Earp bateu no teto da diligência, dizendo:

– Acabou! Eles foram embora. Vocês já podem respirar outra vez.

Johnson, Emily e Tim se ergueram com cautela, limpando a sujeira das roupas. Johnson olhou pela janela e avistou um sorridente Wyatt Earp, vindo sem nenhuma pressa na direção deles, carregando displicentemente sua espingarda de cano serrado.

– Primeira regra do combate em mato cerrado – explicou ele assim que se aproximou do grupo. – Nunca fuja do fogo; corra na direção dele.

– Quantos você matou? – perguntou Johnson. – Todos eles?

– Nenhum – respondeu Earp, rindo.

– Nenhum?

– Aquele pinheiral é muito denso, não dá para enxergar um palmo diante do nariz. Eu jamais encontraria aquela gente lá dentro. Mas sabia que eles estavam espalhados pela margem e provavelmente não viam uns aos outros. Só precisei atirar algumas vezes e gritar desesperado, como se tivesse sido baleado.

– Wyatt é muito bom em gritos desesperados – afirmou Morgan.

– Sou mesmo. E os homens de Curry ficaram apavorados e fugiram.

– Quer dizer então que... você passou a perna neles? – disse Johnson, quase desapontado, por mais estranho que isso pudesse parecer.

– Escute aqui – disse Wyatt Earp –, se estou vivo até hoje é porque não ando por aí cortejando o perigo. Esse pessoal é meio ruim da cabeça, tem uma imaginação fértil. Mas

agora temos um problema muito maior do que ficar livre dos Curry.

- Problema? Que problema?
- Precisamos tirar essa diligência do rio.
- E por que isso seria um problema?

Earp suspirou.

- Já tentou carregar um cavalo morto, moleque?

ELES LEVARAM UMA HORA para se desvencilhar do animal morto. Johnson ficou observando a carcaça negra boiar correnteza abaixo e sumir de vista. Com os cinco cavalos restantes, eles conseguiram desatolar a diligência e atravessar para o outro lado. Àquela altura já estava escuro, e o grupo seguiu o mais rápido possível para Sheridan, onde trocou de cavalos.

Sheridan era um povoado pequeno, com cerca de cinquenta casinhas de madeira, mas Johnson teve a impressão de que toda a população local havia saído à rua para recebê-los. Espantou-se quando viu os homens trocando dinheiro uns com os outros, reparando que boa parte das cédulas e moedas ia parar nas mãos de Earp.

- O que está acontecendo? – perguntou.

– Todo mundo apostou se a gente conseguiria chegar aqui ou não – explicou Earp. – Eu mesmo apostei uns trocados.

- Apostou que chegaríamos ou que *não* chegaríamos?

Ele sorriu, apontou o queixo na direção de uma taberna e disse:

– Quer saber de uma coisa? Acho que seria simpático da sua parte me pagar uma rodada de uísque naquela espelunca ali.

- Acha prudente beber numa situação dessas?

– Não vamos encontrar mais nenhuma encrenca até Red Canyon – respondeu Earp. – E estou com sede.

Red Canyon

Por volta das dez da noite eles alcançaram a cidade de Custer. A noite estava escura, e Johnson ficou desapontado porque não pôde ver muita coisa do marco mais famoso da região: Gordon Stockade, o forte Gordon, nas imediações de French Creek.

Apenas um ano antes, em 1875, John Gordon chegara ali com seu grupo de vinte e poucos seguidores para garimpar – ilegalmente, pois o lugar era protegido pelos acordos territoriais com os índios. Eles construíram meia dúzia de barracões de madeira e depois os cercaram com paliçadas altas, criando um pequeno forte para mantê-los a salvo dos ataques indígenas. Como na época os acordos ainda eram respeitados, fora preciso que o Exército enviasse um destacamento da cavalaria de Fort Laramie para retirá-los de lá. O forte de Gordon permanecera abandonado desde então.

Pois agora não se falava de outra coisa em Custer que não fosse o novo tratado com os índios. Embora o governo ainda combatesse os sioux campos afora, o custo deste embate era alto – já ultrapassara a casa dos 15 milhões de dólares –, e naquele ano haveria eleições: tanto os gastos com a guerra quanto a legitimidade da posição do governo eram temas quentes na campanha em curso na capital. Assim, o presidente Ulysses S. Grant (ou o Grande Pai Branco, como era chamado pelos índios) vinha propondo um novo tratado, que pudesse dar ao problema uma solução pacífica. E era para esse fim que os negociadores do governo haviam convocado os chefes sioux para uma conversa em Sheridan.

No entanto, até mesmo os chefes mais maleáveis haviam ficado escandalizados com as novas propostas. E a maioria dos homens do governo não os culpava por isso. Um deles, já no caminho de volta para Washington, dissera a Johnson que aquilo fora “a coisa mais difícil” que ele havia sido obrigado a fazer na vida. E continuara: “Não importa quantas penas um homem

traz na cabeça: ele ainda é um homem. Perna Vermelha, um dos chefes, olhou para mim e perguntou: ‘Você acha isso justo? Assinaria um papel desses?’ Não consegui encarar o sujeito. Aquilo me deixou de estômago embrulhado.” Depois acrescentara: “Sabe o que Thomas Jefferson disse em 1803? Disse que o Oeste americano levaria mais de mil anos para ser inteiramente colonizado. Mas na realidade será colonizado em menos de cem. Isso é o progresso.”

Johnson registrou em seu diário que “ele me parecia um homem honesto incumbido de fazer algo desonesto, e agora não se perdoava por ter levado a cabo as ordens de seu governo. Estava bêbado quando falei com ele e mais bêbado ainda quando foi embora”.

ELES SEGUIRAM ADIANTE sem a companhia de Morgan Earp, que dali voltou para Deadwood. Depois da meia-noite já haviam passado por duas estações em direção a Pleasant Valley. E começava a amanhecer quando enfim chegaram à entrada do Red Canyon.

Da estação local restavam apenas as cinzas. Todos os cavalos haviam sido roubados. Moscas revoavam sobre meia dúzia de corpos escarpados. Persimmons Bill certamente havia passado por ali.

– Com certeza não ficaram sabendo do novo tratado – disse Earp laconicamente. – Acho que não vai dar para comermos aqui.

E assim lá se foram eles, cânion adentro. Como não puderam trocar os cavalos, a viagem dali em diante foi lenta e tensa, mas felizmente sem nenhum sobressalto. Na outra ponta do cânion, seguiram pela margem do Hawk Creek até encontrarem Camp Collier, que demarcava a entrada sul das Black Hills.

Com o dia já claro, pararam por uma hora para dar pasto aos cavalos e soltar um demorado suspiro de alívio.

– Agora falta pouco, Sr. Johnson – disse Earp. – Metade desses ossos será minha muito em breve.

Johnson decidiu que já era hora de dizer a verdade.

– Sr. Earp? – começou ele, timidamente.

– Sim?

– Sou muito grato, claro, por tudo que o senhor fez para nos tirar de Deadwood...

– Imagino que sim.

– Mas tem algo que preciso explicar.

– Não está pensando em furar nosso acordo, está? – perguntou Earp, franzindo a testa.

– Não, não – respondeu Johnson, balançando a cabeça. – É que... nestas caixas realmente só há fósseis.

– Eu sei.

- Fósseis são apenas ossos.
- Claro.
- Só têm valor para os cientistas. Para os paleontólogos.
- Por mim, tudo bem.

Johnson abriu um sorriso murcho.

- Só não quero que o senhor fique desapontado depois.

– Vou fazer o possível para não ficar desapontado – disse Earp, piscando para o rapaz. E, com um tapinha no ombro de Johnson, acrescentou: – Só não vá se esquecer de uma coisa, moleque: metade desses ossos é minha.

“ATÉ ALI, ELE VINHA SENDO um ótimo amigo”, escreveu Johnson, “mas imagino que seria terrível como inimigo. Portanto, foi com certa inquietação que retomei a viagem para Fort Laramie, o primeiro solo de civilização em que pisaria depois de muitos meses.”

Fort Laramie

Fort Laramie havia sido apenas um entreposto do Exército antes de se tornar uma cidade, mas ainda não perdera os ares de caserna, e naquele momento em particular a caserna não andava lá muito satisfeita. Fazia oito meses que eles guerreavam com os índios, as perdas tinham sido significativas, principalmente no massacre da coluna do general Custer em Little Bighorn. Também haviam ocorrido outros conflitos sangrentos, como os de Powder River e Slim Buttes, e a vida nunca era fácil, mesmo nos hiatos entre as batalhas. No entanto, todas as notícias que chegavam do Leste davam conta de que seus esforços não eram exatamente aplaudidos em Washington ou no resto do país: vários artigos criticavam a conduta do Exército naquela sua campanha contra “o povo nobre e indefeso dos peles-vermelhas”. Para os soldados que tinham presenciado a queda de seus companheiros, que haviam retornado ao campo de batalha para enterrar os cadáveres escarpados e mutilados dos amigos, que tinham visto corpos com a genitália decepada e enfiada na boca, os comentários que chegavam do outro lado do país não eram fáceis de engolir.

No entender do Exército, as ordens eram para empreender aquela guerra. Em nenhum momento haviam sido consultados sobre suas chances de êxito e muito menos sobre os aspectos morais. Vinham cumprindo seu dever da melhor maneira possível, não sem algum sucesso, e agora estavam revoltados com a falta de apoio e a obrigação de darem sequência a uma guerra tão impopular.

Os políticos de Washington haviam subestimado a dificuldade de uma campanha contra “meros selvagens” e não haviam previsto a grita que ela provocaria nas cidades mais liberais do Leste (geralmente encabeçada por jornalistas desinformados que nunca tinham visto um índio de verdade), mas nada disso era culpa do Exército. Como observou certo capitão: “Eles

querem que os índios sejam eliminados e que suas terras sejam franqueadas aos colonizadores brancos, mas não querem que ninguém se machuque no processo. Impossível.”

Somava-se a isso o fato indigesto de que a guerra contra os índios passara para uma nova fase: a adoção de táticas de guerrilha, entre elas a de matar todos os rebanhos de búfalo para que cedo ou tarde a fome levasse os nativos à rendição. Mesmo assim, as expectativas eram de que o conflito se arrastasse por mais três anos, ao custo de outros 15 milhões de dólares – muito embora ninguém em Washington quisesse ouvir isso.

Os argumentos, contra e a favor, repercutiam na estação de diligências nas cercanias da cidade. Johnson almoçara um mísero e pouco apetitoso pão com bacon e agora se aquecia ao sol, diante da estação, de onde podia avistar a ponte de ferro sobre o Platte.

Por mais de uma década, o vale do rio Platte vinha sendo festejado nos panfletos da Union Pacific como “uma florida campina de grande fertilidade, coberta de gramíneas nutritivas e irrigada por inúmeros riachos”. Na realidade, tratava-se de uma paisagem árida e pouco convidativa, embora os colonos não parassem de chegar.

Desde os primórdios da marcha colonizadora, o rio propriamente dito era visto como um obstáculo traiçoeiro, difícil de ser transposto, e aquela nova ponte de ferro era uma das pequenas melhorias que vinham facilitando a vida dos colonos no Oeste.

Johnson acabou cochilando sob o sol e despertou quando alguém se aproximou para dizer:

– É bonito de se ver, não acha?

Abrindo os olhos, ele deparou com um homem alto, que fumava um charuto enquanto admirava a ponte.

– Acho – respondeu.

– Lembro-me do ano passado, quando essa ponte ainda era só conversa – declarou o outro, virando-se.

Só então Johnson viu a cicatriz que cortava uma das faces dele. Achou que já tinha visto aquilo antes, e de repente se deu conta: o homem era Navy Joe Benedict, o braço direito do professor Marsh.

Rapidamente ele se endireitou. Mal tivera tempo de pensar sobre o que o sujeito estava fazendo ali quando um vulto familiar e avantajado emergiu da estação e veio ao encontro de Benedict, parando ao lado dele.

Marsh olhou de relance para Johnson e, com seu jeito empolado de falar, disse:

– Muito bom dia para o senhor.

Não deu nenhum sinal de que o havia reconhecido. E, virando-se para Benedict, perguntou:

– Qual o motivo de tanto atraso, Joe?

– Ainda estamos trocando os cavalos, professor. Acho que em quinze ou vinte minutos poderemos partir.

– Veja se consegue adiantar as coisas – pediu Marsh.

Assim que Navy Joe se afastou, Marsh olhou mais uma vez para Johnson e, de novo, não o reconheceu. Porque, na verdade, Johnson mudara bastante: estava mais magro e mais forte, tinha a barba espessa e o cabelo grande – que não viam tesoura havia mais de três meses, desde a partida de Filadélfia – e vestia roupas imundas, cobertas de lama.

– Apenas de passagem? – perguntou Marsh.

– Sim.

– Indo para onde?

– Cheyenne.

– Vindo das Black Hills?

– Sim.

– De onde exatamente?

– Deadwood.

– Procurando ouro?

– Sim – mentiu Johnson.

– Encontrou algum?

– Não. E o senhor?

– Na realidade, estou indo na direção contrária à sua, subindo para as Black Hills.

– Procurando ouro? – devolveu Johnson, divertindo-se com a conversa.

– Em termos. Sou professor de paleontologia em Yale – informou Marsh. – Estudo ossos fossilizados.

– Verdade? – disse Johnson, mal acreditando que o homem ainda não o tivesse reconhecido.

– Verdade. E, segundo ouvi dizer, Deadwood está repleta de fósseis a serem encontrados.

– Deadwood? É mesmo?

– Foi o que ouvi por aí – confirmou Marsh. – Aparentemente estão sob os cuidados de um rapazote. Quero esses fósseis para mim. Estou disposto a pagar por eles.

– Pagar?

– Isso mesmo. – Marsh tirou do bolso um maço gordo de cédulas de um dólar, inspecionando-o contra a luz do sol. – Também estou disposto a pagar por qualquer informação que me leve a esse rapaz. – Olhando nos olhos de Johnson, disse: – Se entende o que quero dizer.

– Acho que não.

– Bem, você acabou de mencionar que veio de Deadwood. Talvez possa me dizer alguma coisa sobre o camarada.

– E ele tem nome?

– Chama-se William Johnson. Um sujeito sem escrúpulos. Já trabalhou para mim.

– É mesmo?

– Sim. Mas abandonou meu grupo para se juntar a uma horda de vagabundos e ladrões. Creio que está sendo procurado por homicídio em outros territórios.

– É mesmo?

Marsh fez que sim com a cabeça e perguntou:

– Sabe alguma coisa a respeito dele?

– Nunca ouvi falar. E como o senhor pretende adquirir os tais ossos?

– Comprando, se necessário. Mas serão meus de um jeito ou de outro.

– O senhor quer muito esses ossos, não quer?

– Quero sim. Sabe por quê? – Foi o próprio Marsh quem, após uma pausa de efeito, respondeu: – Porque na realidade esses ossos são meus. Foram roubados por William Johnson.

Johnson precisou se conter para não explodir. Até então ele estava se divertindo com o jogo, mas agora espumava por dentro, tamanha a sua raiva. Com todo o autocontrole que conseguiu manter, falou de modo lacônico:

– É mesmo?

– Esse Johnson é um espertalhão, um mentiroso, quanto a isso não há dúvida.

– Pelo que o senhor está dizendo...

Nesse instante, Wyatt Earp surgiu na esquina e gritou:

– Ei, Johnson, chega de prosa! Estamos partindo!

Marsh olhou para Johnson, abriu um sorriso e disse:

– Seu patifezinho miserável...

Os ossos vendidos em Laramie

“Em Deadwood se faz, em Laramie se paga”, escreveu Johnson em seu diário.

Boa parte da cidade se preocupava com outra figura do passado de Johnson: Jack McCall, também conhecido como Nariz Quebrado. Jack escapara de Deadwood para Laramie, onde se gabava de ter matado Wild Bill Hickok. Falava abertamente do seu crime, porque já havia sido julgado e absolvido por uma corte de garimpeiros em Deadwood, alegando que não fizera mais do que se vingar de Wild Bill, que matara seu irmão caçula muitos anos antes. Tinha certeza de que não podia ser julgado duas vezes pelo mesmo crime.

Mas o que ele não sabia era que a tal corte de garimpeiros de Deadwood não tinha nenhum valor legal, e não demorou para que fosse jogado numa cela e levado a novo julgamento pelo assassinato de Hickok. Já confessara o crime em público, portanto foi sumariamente condenado à forca, uma guinada do destino que, em suas palavras, era “uma injúria dos diabos”.

Enquanto Jack era julgado, outro episódio muito mais relevante para William Johnson se desenrolava mais adiante, na mesma rua, numa taberna chamada Sutter’s Saloon. Era ali que Wyatt Earp bebia seu uísque e negociava, com Othniel C. Marsh, a venda da metade da carga de ossos, sua por direito. Ambos eram duros na queda, e a negociação consumiu boa parte do dia. Earp parecia estar se divertindo com a situação.

Johnson acomodou-se com a Srta. Emily na mesa vizinha e ficou escutando a conversa dos dois.

- Mal posso acreditar no que está acontecendo – disse.
- Por que tanta surpresa? – perguntou Emily.
- As chances de que eu encontrasse Marsh aqui eram... de uma em um milhão; ou menos.

– Acho que não – falou a moça. – Wyatt sabia que o professor estava por aqui.

Johnson sentiu um frio na espinha.

– Sabia?

– Claro que sabia.

– Como?

– Estávamos jantando na mesma mesa quando ele ouviu os boatos de que havia um professor universitário comprando fósseis em Cheyenne e fazendo perguntas sobre uma carga de ossos em Deadwood. Os garimpeiros riram da história, mas um brilho se acendeu nos olhos de Wyatt.

– Então foi por isso que ele se dispôs a me ajudar a tirar os fósseis de Deadwood e levá-los para Cheyenne... – disse Johnson, perplexo.

– Exatamente – concordou Emily. – Saímos no dia seguinte.

– Você está dizendo que desde o início Wyatt tinha a intenção de vender os meus fósseis para Marsh?

– Acho que sim – falou ela baixinho.

– E eu aqui, achando que ele era meu amigo – disse Johnson, fulminando o pistoleiro com o olhar.

– Não, você achava que ele era ingênuo – corrigiu Emily. – Mas ele realmente é seu amigo.

– Como você pode dizer uma coisa dessas? Não está vendo ele barganhando com o professor, pechinchando dólar por dólar? Nesse ritmo, vamos ficar aqui o dia todo.

– Exatamente – ressaltou Emily. – Mas acho que Wyatt poderia ter fechado negócio em cinco minutos, se quisesse.

Johnson a encarou.

– Está sugerindo que...

Ela fez que sim com a cabeça.

– Ele está distraindo o professor para você. E deve estar se perguntando por que continua parado aqui.

– Emily, eu poderia beijá-la agora!

– Eu ia adorar – sussurrou ela.

NO DIÁRIO DE JOHNSON:

Muitas coisas estavam acontecendo ao mesmo tempo. Minha mente girava com o excesso de novidades. Corri para fora com Emily e adiei nosso beijo ao despachá-la para comprar uma saca de 50 quilos de arroz, um rolo de lona e uma pá. Nesse meio-tempo, rapidamente juntei um monte de pedras grandes, que por sorte encontrei ali perto mesmo, restos da explosão realizada para a construção da ponte nova.

Foi em outra lavanderia chinesa que ele encontrou o socorro que buscava: pagou alguns trocados para usar o caldeirão de ferro no qual eles ferviam a água do estabelecimento. Em seguida, consumiu três horas no preparo de uma papa de arroz gelatinosa o bastante para revestir as pedras e mergulhou-as ali com as pinças de bambu da própria lavanderia. Esperou que as pedras secassem, o que não demorou muito, depois salpicou-as de poeira, deixando-as com um aspecto bem rústico e sujo. Por fim, tirou das caixas o seu tesouro de fósseis e colocou no lugar as pedras revestidas, fechando as tampas com cuidado para que ninguém percebesse a troca. Estava exausto quando, lá pelas cinco da tarde, terminou o serviço.

Àquela altura os fósseis estavam escondidos, e em total segurança, nos fundos do estábulo, embrulhados com lona e enterrados sob um monte de esterco fresco, a pá escondida sob a palha vizinha. Johnson tomou o cuidado de cobrir as caixas adulteradas com a mesma lona de antes.

Earp e Marsh chegaram pouco depois. Marsh sorriu para Johnson e disse:

– Imagino que este seja nosso último encontro, Sr. Johnson.

– Espero que sim – respondeu ele, com uma sinceridade que o professor nem sequer poderia imaginar.

Então começou a divisão do falso tesouro. Marsh queria abrir as dez caixas para inspecionar o conteúdo, mas Johnson bateu o pé, dizendo que a divisão seria feita aleatoriamente entre ele e Wyatt Earp.

Marsh resmungou, mas acabou concordando. Mais ou menos na metade do processo, disse:

– Acho justo que eu dê uma olhada em pelo menos uma das caixas.

– Não tenho nenhuma objeção – declarou Earp, encarando Johnson.

– Pois eu tenho.

– Ah é, Sr. Johnson? – disse Marsh. – E qual seria?

– Estamos com pressa. Além disso...

– Além disso...?

– Além disso, tem o seu pai – adiantou-se Emily, intervindo na conversa.

– Pois é, tem o meu pai – concordou Johnson. – Wyatt, quanto foi que o professor Marsh ofereceu pelos fósseis?

– Duzentos dólares – respondeu Wyatt.

– Duzentos dólares? Isto é um absurdo!

– Duzentos a mais que o nada que você tem no bolso, acredito eu – disse Marsh.

– Ouça, Wyatt – disse Johnson. – Tem um telégrafo aqui em Laramie. Posso escrever para meu pai e pedir a ele que faça uma transferência bancária. A essa mesma hora amanhã terei nas mãos 500 dólares para comprar sua parte nos ossos.

Marsh não gostou nem um pouco do que ouviu.

– Já fechamos nosso negócio, Sr. Earp.

– É verdade – observou o pistoleiro. – Mas esses 500 dólares são como música para meus ouvidos.

– Dou 600! – gritou Marsh. – Agora mesmo.

– Setecentos e cinquenta – disse Johnson. – Amanhã.

– Sr. Earp, pensei que nosso negócio já estivesse fechado.

– É impressionante – disse Earp – como as coisas vivem mudando neste mundo.

– Mas o senhor nem sabe se este garoto vai conseguir o dinheiro como está dizendo!

– Tenho a impressão de que vai.

– Oitocentos – propôs Johnson.

Meia hora depois, Marsh enfim concordou em ficar com os fósseis de Earp, sem fazer nenhuma inspeção nas caixas, pela quantia de mil dólares em espécie.

– Mas vou levar aquela ali – decretou subitamente, olhando para a caixa marcada com um X. – Isto deve significar alguma coisa.

– Não! – gritou Johnson.

Marsh sacou o revólver.

– Tudo indica que o conteúdo desta caixa é especialmente valioso. E, se o senhor der algum valor à própria vida, Sr. Johnson, um valor que eu mesmo não dou, sugiro que me entregue essa caixa sem mais rodeios.

Marsh ordenou que todas as caixas recém-compradas fossem colocadas em sua carroça de imediato, depois foi embora com Navy Joe Benedict, seguindo para Deadwood, onde pretendia buscar o resto dos fósseis.

– O que ele quis dizer com “o resto dos fósseis”? – perguntou Johnson, observando de longe a carroça que sacolejava na direção do poente.

– Eu disse que tínhamos deixado muitas outras caixas em Deadwood, escondidas com os chineses, mas que você não queria que ele soubesse da existência delas – explicou Earp.

– É melhor sairmos logo daqui – falou Johnson. – Não vai demorar muito para que ele abra uma das caixas e veja que comprou um monte de pedras sem valor. Vai voltar atrás da gente, cuspiendo marimbondos.

– Por mim saímos agora mesmo – disse Earp, contando seu rico dinheiro. – Estou muito satisfeito com o resultado desta viagem.

– Mas antes, claro, temos que resolver mais um problema.

– Você precisa arrumar algumas caixas pra substituir as que Marsh levou – disse Earp. – Não deve ser difícil. O pessoal do Exército deve ter várias sobrando. Caixas de provisões.

Uma hora depois, eles já tinham conseguido as caixas de que precisavam, mais ou menos do mesmo tamanho das outras. Johnson desenterrou os fósseis e os guardou o mais rápido possível. Exultante, marcou com outro X aquela na qual guardou os dentes de dragão.

Poucos minutos depois, eles partiram para Cheyenne.

EARP JÁ ESTAVA NA BOLEIA ao lado de Tiny Tim. No compartimento de passageiros, Emily virou-se para Johnson e disse:

– E então?

– Então o quê?

– Acho que tenho sido muito paciente.

– Achei que você fosse a garota de Wyatt...

– Eu? Garota de Wyatt? De onde foi que você tirou um absurdo desses?

– Bem, foi o que pensei.

– Wyatt Earp é um pistoleiro, um nômade. Só quer saber de se divertir, de jogar, de brincar com o seu revólver. Não faz nada que seja realmente importante.

– E eu?

– Você é diferente. É corajoso, valente, mas sem deixar de ser refinado. Aposto que o beijo é refinado também – arriscou ela.

E ficou esperando.

Johnson anotaria depois:

Ali mesmo aprendi uma importante lição: o interior de uma diligência sacolejante não é o melhor lugar para se beijar uma moça. Levei uma mordida no lábio inferior, que sangrou muito, atrapalhando bastante as coisas, mas não a ponto de me fazer recuar.

Espero que Emily não tenha percebido que, a não ser por aquela única vez com Lucienne, eu nunca havia beijado alguém assim, tão apaixonadamente, e com aquela profusão de línguas da qual ela parecia gostar tanto. Mas que fique registrado: se percebeu alguma coisa, não disse nada, e por isso (e por todas as outras experiências que teríamos juntos em Cheyenne) eu serei eternamente grato a ela.

Cheyenne

Por vários dias, no esplendor inimaginável de um quarto no Inter-Ocean Hotel (que antes considerava uma espelunca infestada de baratas), Johnson não fez mais do que saborear a companhia de Emily. No entanto, logo ao chegar e se registrar na recepção, certificou-se de que o hotel contava com uma caixa-forte, equipada com um daqueles cadeados de combinação, a mais nova invenção dos bancos para coibir a ladroagem. Depois chamou os carregadores, pediu que trancafiassem os fósseis e comprou a discrição dos rapazes com uma generosa gorjeta, receando que eles comentassem sobre as caixas com outros companheiros mal-intencionados.

No primeiro dia, tomou quatro banhos sucessivos, pois constatava, ao fim de cada um, que o corpo continuava encardido. Chegou a temer que a poeira das pradarias ficasse para sempre impregnada na sua pele.

Foi ao barbeiro, que cortou seu cabelo e aparou sua barba. Achou assustador sentar-se numa cadeira e olhar para o próprio rosto no espelho. Não reconheceu as novas feições e teve dificuldade para se acostumar com elas. Ali estava o rosto de outra pessoa, bem mais magra do que ele, mais calejada, mais segura de si. Além disso, agora havia uma cicatriz no lábio superior, da qual ele até gostava. Emily também.

Tesoura e pente em punho, o barbeiro recuou um passo e perguntou:

– Satisfeito, senhor?

Assim como ele, todos em Cheyenne vinham tratando Johnson com o mais absoluto respeito. Não porque o rapaz fosse rico (ninguém na cidade sabia disso), mas por causa de algo em sua nova postura, em seu novo semblante. Embora não fosse sua intenção, Johnson agora tinha o aspecto de alguém capaz de matar outro homem. Porque já havia matado.

– Senhor? – insistiu o barbeiro. – Acha que ficou bom?

De início Johnson não soube o que responder, mas depois disse:

– Muito bom, muito bom.

À noite levou Emily para jantar no melhor restaurante de Cheyenne. Eles pediram ostras californianas, beberam vinho francês (Johnson não deixou de notar quando Emily reconheceu o rótulo da garrafa) e devoraram um prato de *poulet à l'estragon*. Após o jantar, deram-se os braços e fizeram um passeio pelas ruas da cidade. Johnson lembrou-se da última vez que pisara ali, de como havia achado o lugar perigoso. Agora enxergava Cheyenne como um pacato vilarejo à beira de um entroncamento ferroviário, povoada por fanfarrões e jogadores que se compraziam em fazer cara de mau. Dessa vez, todos os locais, até mesmo os mais carrancudos, abriam caminho para que ele passasse com Emily.

– Eles veem que você está carregando uma arma e sabe como usá-la – observou ela.

Satisfeito consigo mesmo, Johnson levou-a mais cedo para o hotel e para a cama, de onde eles não saíam tão cedo. Ambos estavam adorando aquele idílio. Lá pelo terceiro dia, Emily perguntou:

– Daqui você vai para onde?

– De volta para a Filadélfia.

– Nunca estive na Filadélfia.

– Vai adorar – disse Johnson, sorrindo.

Ela sorriu de volta, feliz.

– Quer mesmo que eu vá com você?

– Claro que sim.

– Jura?

– Deixe de bobagem.

No entanto, Johnson começou a notar que a garota estava sempre um passo à sua frente. Tinha a impressão de que ela conhecia o hotel mais do que devia, de que tratava os funcionários com uma estranha familiaridade, tanto os recepcionistas quanto os garçons do restaurante. Achou até que alguns a conheciam. Além disso, quando passava diante de alguma vitrine, parecia estar totalmente a par das novidades da moda nas cidades grandes do Leste.

– Gosto muito deste vestido... – comentou ela certa vez.

– Parece meio exagerado para este lugar – disse Johnson. – Não que eu entenda do assunto.

– Que nada. As moças do Oeste também gostam de saber o que está se usando.

Johnson teria motivo para ponderar sobre esse comentário mais tarde.

Naquele mesmo dia, na passarela de madeira que fazia as vezes de calçada, ela perguntou:

– E sua mãe, como é?

Fazia tempo que Johnson não pensava na mãe. Chegou a estranhar quando a imagem dela lhe veio à mente.

– Por que quer saber? – perguntou de volta.
– Estava aqui pensando... no dia em que nos conhecermos.
– Como assim?
– Será que ela vai gostar de mim?
– Ah, claro que vai.
– Acha mesmo?
– Deixe de bobagem – repetiu Johnson, tomando-a pelo braço.
– Que tal voltarmos ao hotel? – disse ela, lambendo furtivamente a orelha dele.
– Não faça isso.
– Qual é o problema? Pensei que você gostasse.
– Gosto, mas não aqui. Não em público.
– Por quê? Não tem ninguém olhando!
– Eu sei, mas não é correto.
– Que diferença faz? – argumentou ela, séria. – Se não tem ninguém olhando, que diferença faz?
– Não sei, mas continuo achando que não é correto.
– É como se você já estivesse de novo na Filadélfia – afirmou ela, afastando-se para encará-lo.

– Ora, Emily...
– É verdade.
Mas tudo que ele disse foi:
– Deixe de bobagem.
– Não é bobagem – rebateu ela. – E quer saber de uma coisa? Não vou mais para a Filadélfia.

Johnson não sabia o que dizer.
– Não vou me adaptar por lá – disse Emily, secando uma lágrima.
– Emily...
Agora ela chorava acintosamente.
– Sei muito bem o que você está pensando, Bill. Faz dias que nos conhecemos!
– Emily, por favor... – suplicou ele.
Johnson não conseguia entender o que estava acontecendo. Achava que aqueles últimos três dias haviam sido absolutamente maravilhosos, tanto para ele quanto para ela.
– Não vai dar certo... – insistiu Emily. – Por favor, não me toque. Não vai dar certo, só isso.

Caminhando lado a lado, em silêncio, eles foram voltando para o hotel, Emily com a cabeça ereta, fungando de vez em quando, ele sem saber o que dizer ou fazer, constrangido

com a situação. Lá pelas tantas, Johnson olhou-a discretamente e viu que Emily não estava mais chorando: parecia furiosa.

– Depois de tudo que fiz por você... – disse ela. – Sem minha ajuda, você já estaria debaixo da terra há muito tempo, morto pelas mãos de Dick; nem sequer teria saído de Deadwood se eu não tivesse convencido Wyatt a ajudá-lo; teria perdido todos os seus preciosos fósseis em Laramie se eu não tivesse mostrado a você o que fazer...

– Tudo isso é verdade, Emily...

– E é assim que me agradece? Livrando-se de mim como se eu fosse um trapo velho?

Johnson podia ver que ela estava realmente furiosa. Mas, no seu entender, era *ela* quem estava se livrando *dele*.

– Emily...

– Não encoste em mim, já disse!

Foi um alívio quando o xerife local se aproximou, tirou o chapéu para cumprimentar Emily e perguntou a ele:

– Você é William Johnson? Da Filadélfia?

– Sou.

– Está hospedado no Inter-Ocean?

– Estou.

– Tem algum meio de provar quem é?

– Claro que tenho.

– Ótimo – disse o xerife, sacando sua arma. – O senhor está preso. Pelo assassinato de William Johnson.

– Mas eu *sou* William Johnson.

– Impossível. Porque William Johnson está morto. Portanto, seja lá quem você for, certamente não é William Johnson, não é mesmo?

Já algemado, Johnson virou para o lado e pediu:

– Emily, conte a ele...

A moça lhe deu as costas e foi embora sem dizer uma palavra.

– Emily!

– Adiante, rapaz! – ordenou o xerife, empurrando Johnson na direção da cadeia.

DEMOROU UM TEMPO até que tudo se esclarecesse.

No seu primeiro dia em Cheyenne, Johnson enviara um telegrama para o pai na Filadélfia, pedindo a ele que lhe fizesse uma transferência de 500 dólares. O pai enviara imediatamente um telegrama para o gabinete do xerife, dizendo que alguém na jurisdição dele andava se fazendo passar por seu filho morto.

Tudo que Johnson mostrara ao homem da lei (seu anel de Yale, algumas cartas amassadas, um recorte do *Black Hills Weekly Pioneer*, o semanário de Deadwood) havia sido interpretado como prova de que ele roubara um morto, se é que não o tinha matado com as próprias mãos.

– Este tal de Johnson é um universitário lá do Leste – afirmou o xerife, olhando o rapaz de cima a baixo. – Não poderia ser você, poderia?

– Não só poderia como é! – insistiu Johnson.

– Também é rico.

– E eu sou.

O xerife riu e disse:

– Essa é boa! Se você é um universitário rico do Leste, então eu sou Papai Noel!

– Pode perguntar à garota. O nome dela é Emily.

– Já perguntei – rebateu o homem. – Falou que ficou muito desapontada com você, com a enxurrada de mentiras que contou para ela, e que só agora enxerga quem você realmente é. Está fazendo a festa lá naquele quarto de hotel. Disse que vai vender todas aquelas caixas que você trouxe para a cidade, não importa o que tenha dentro delas.

– O quê?

– A moça não é muito sua amiga, rapaz.

– Ela não pode vender minhas caixas!

– Não vejo por quê. Falou que são dela.

– São minhas!

– Não adianta ficar nervosinho – avisou o xerife. – Conversei com um pessoal que também chegou de Deadwood. Parece que você apareceu por lá com dois mortos no lombo, um índio e um branco. Sou capaz de apostar que o branco era William Johnson.

Johnson tentou explicar a história toda, mas o xerife o calou com um gesto da mão.

– Tenho certeza de que você tem um monte de justificativas. Todo impostor tem – disse o homem, e saiu para rua.

Johnson ouviu quando o subxerife perguntou:

– Quem é o sujeito?

– Um vigaristazinho metido a besta. Vou ali tomar um trago.

O SUBXERIFE ERA UM garoto de 16 anos. Johnson ofereceu as botas como propina para que ele enviasse um segundo telegrama para a Filadélfia.

– O xerife vai ficar furioso se souber – disse o rapaz. – Quer que você vá para Yankton e seja julgado por homicídio.

– Faça o que estou pedindo, por favor – implorou Johnson.

E escreveu rapidamente:

QUERIDO PAI:

SINTO MUITO TER DESTRUÍDO IATE. LEMBRA ESQUILO QUE TROUXE CASA VERÃO 71? FEBRE MAMÃE QUANDO EDWARD NASCEU? BOLETIM DO DIRETOR ELLIS EM EXETER? REALMENTE ESTOU VIVO. E O SENHOR CAUSANDO MUITOS PROBLEMAS. ENVIE DINHEIRO E INFORME XERIFE.

DO FILHO QUE TE AMA, PINKY

O subxerife leu o texto como pôde, destacando as palavras. Então ergueu a cabeça e perguntou:

– Pinky?

– Ande logo, mande o telegrama.

– *Pinky*?

– Era o meu apelido quando bebê.

O rapaz balançou a cabeça, mas fez o que Johnson pediu.

– VEJA BEM, SR. JOHNSON – disse o xerife, destrancando a cela algumas horas depois. – Foi um equívoco mais do que compreensível. Eu só estava cumprindo minha obrigação.

– Recebeu o telegrama?

– Recebi três telegramas. Um do seu pai, outro do senador Cameron, da Pensilvânia, e outro do Sr. Hayden, da Geological Survey de Washington. Parece que vem mais por aí. Como eu disse antes, tudo não passou de um equívoco.

– Tudo bem.

– Sem mágoas?

Mas Johnson tinha outra coisa na cabeça.

– Onde está o meu revólver?

ELE ENCONTROU EMILY bebendo vinho no saguão do Inter-Ocean Hotel.

– O que você fez com minhas caixas?

– Não tenho nada a lhe dizer.

– Emily, o que você fez com minhas caixas?

– Nada – respondeu ela. – Quem vai querer saber de ossos velhos? Ninguém.

Aliviado, Johnson deixou o corpo cair na cadeira mais próxima.

– Não entendo por que dá tanta importância a esses fósseis – prosseguiu Emily.

– São importantes e ponto final.

– Bem, espero que consiga algum dinheiro com eles, porque o hotel já está perguntando sobre a conta, e os meus sorrisos não estão adiantando muito.

– Tenho dinheiro. Meu pai...

Emily não estava mais ouvindo. Olhava fixamente para os fundos do saguão, e foi com um brilho no olhar que ela chamou:

– Collis!

Johnson virou-se para ver quem era. Às suas costas, um senhor grandalhão, muito sério em seu terno escuro, registrava-se no hotel. Ele também se virou. Tinha as feições tristonhas de um cão basset hound.

– Miranda? Miranda Lapham?

– *Miranda?* – espantou-se Johnson.

Radiante, Emily se levantou, exclamando:

– Collis Huntington! Que diabo está fazendo aqui em Cheyenne?

– Santo Deus! Miranda Lapham!

– Miranda... Lapham? – repetiu Johnson, perplexo ao se dar conta de que nem sequer conhecia a real identidade da sua companheira de viagem e já se perguntando que motivos ela teria para mentir.

O grandalhão abraçou Emily com o carinho e a falta de pressa de quem conhece bem a pessoa abraçada.

– Puxa, Miranda, você está ótima, simplesmente maravilhosa!

– Que prazer revê-lo, Collis.

– Deixe-me olhar direito – disse ele radiante, dando um passo atrás. – Não mudou nada! Fique sabendo que sinto muitas saudades de você, Miranda!

– Também sinto muitas saudades suas, Collis.

Virando-se para Johnson, o basset disse:

– Esta moça linda é a melhor lobista que o setor ferroviário já teve em Washington!

Johnson ficou em silêncio, tentando concatenar as ideias. Collis Huntington, Washington, setor ferroviário... “Caramba! *Collis Huntington!*”, pensou ele, enfim se dando conta. O homem era um dos quatro magnatas que haviam juntado recursos para construir a primeira linha transcontinental do país, um dos Quatro Grandes, como o grupo acabara ficando conhecido. Era também um notório corruptor de senadores e deputados; todo ano ia a Washington com uma mala cheia de dinheiro para comprar os favores de que precisava. E já tinha sido descrito por alguém como um homem “escrupulosamente desonesto”.

– Todos sentem muito sua falta, Miranda – prosseguiu ele. – Todos ainda perguntam por você. Bob Arthur...

– Ah, o querido senador Arthur...

– Jack Kearns...

– O comissário Kearns, que pessoa adorável...

– Até o general...

– O general? Ele ainda pergunta por mim?

– Sim – confirmou Huntington. Balançou a cabeça com tristeza, depois quis saber: – Por que você não volta, Miranda? Washington sempre foi o seu primeiro amor!

– Está bem, então – disse ela de repente. – Você me convenceu.

– Mas... não vai me apresentar seu companheiro? – falou ele, olhando para Johnson.

– Ele não importa – retrucou Miranda Lapham, girando a cabeça com desdém, movendo graciosamente os cachos do cabelo. Tomou o braço do magnata e disse: – Venha, Collis, almoce comigo e me conte todas as novidades de Washington. Também temos muito a combinar: você vai ter que encontrar uma casa para mim, claro, e vou precisar da sua ajuda com a...

Eles foram saindo, de braços dados, na direção do restaurante.

Johnson ficou onde estava, boquiaberto.

ÀS OITO HORAS da manhã seguinte, certo de que tinha vivido uma década inteira em apenas alguns meses, Johnson tomou o trem da Union Pacific e foi embora com suas dez caixas devidamente acomodadas no vagão de carga. Não se incomodou com a monotonia da viagem: gostou de acompanhar o crescente verdejar da paisagem, a chegada do outono nas folhas mais altas dos carvalhos, bordos e macieiras. A cada parada, descia para comprar os jornais locais e, ao lê-los, notava que os editoriais sobre as Guerras Indígenas, ou sobre qualquer outro assunto, iam ficando cada vez mais subordinados ao ponto de vista do Leste.

Na manhã do quarto dia, em Pittsburgh, telegrafou a Cope para dizer que havia sobrevivido e que gostaria de se encontrar com ele; não falou nada sobre os fósseis. Em seguida, telegrafou aos pais, pedindo que colocassem um lugar a mais na mesa de jantar daquela noite.

Chegou à Filadélfia no dia 8 de outubro.

Quatro encontros

Na estação de trem, Johnson contratou o carroceiro de um mercado para levá-lo até a casa de Cope na Pine Street, que não ficava longe. Lá chegando, constatou que o professor era proprietário de dois casarões geminados, ambos com três pavimentos e fachada de pedra: morava no primeiro e no segundo mantinha escritórios e uma espécie de museu particular. O mais surpreendente de tudo era que ele morasse a menos de dez quarteirões da Rittenhouse Square, onde naquele exato momento a Sra. Johnson, mãe dele, se preparava para a chegada do filho.

– Qual das casas será a que procuro? – perguntou ele ao carroceiro.

– Não sei, mas acho que aquele ali vai saber dizer – respondeu o homem, apontando.

Era o próprio Cope quem saía por uma das portas.

– Professor!

– Johnson! – gritou Cope radiante. Então desceu para a calçada, correu ao encontro do rapaz e apertou sua mão antes de puxá-lo para um abraço forte. – Você está vivo e... – Só então avistou as caixas na traseira da carroça. – Será possível que...?

– Bem, impossível não é. Talvez seja essa a minha melhor resposta.

As caixas foram levadas diretamente para o museu na casa vizinha. A Sra. Cope serviu limonada e biscoitos, e eles se sentaram um pouco para conversar. Cope ficou scandalizado com as histórias que ouviu de Johnson, com sua nova aparência e com o milagre de aqueles ossos estarem ali.

– Vou pedir a um assistente que registre por escrito toda esta sua aventura – declarou ele. – Precisamos provar que os ossos que escavamos em Montana são os mesmos que agora estão aqui na Filadélfia.

– É possível que alguns tenham quebrado no transporte – disse Johnson. – Ou que tenham sido furados ou lascados por alguma bala perdida. Mas pelo menos estão todos aí.

– E os dentes de *Brontosaurus*? – perguntou Cope, torcendo as mãos de tanta ansiedade. – Estão nas caixas também? Sei que não é lá muito cristão da minha parte, mas fiquei preocupado com esses dentes depois que dei você por morto.

– Estão bem aqui, professor – falou Johnson, levantando-se para pegar a caixa assinalada com um X.

Cope abriu a caixa e foi retirando os dentes um a um, enfileirando-os no chão do mesmo modo que havia feito várias semanas antes no acampamento, a mais de 3 mil quilômetros de distância. Por um bom tempo, não fez mais do que admirá-los em silêncio, como se estivesse hipnotizado por eles.

– É realmente um colosso – disse afinal. – Marsh vai levar anos para superar este nosso achado.

– Edward – interveio a Sra. Cope –, não acha que já é hora de deixarmos o rapaz ver a família?

– Claro, claro – concordou Cope. – Seus pais devem estar ansiosos para revê-lo.

O SR. JOHNSON RECEBEU o filho com um abraço emocionado.

– Agradeço a Deus por tê-lo trazido de volta, meu filho.

– Esta barba lhe dá um aspecto terrivelmente vulgar, William – lamentou a Sra. Johnson, do alto da escada. – Livre-se dela o mais rápido possível!

– E o seu lábio? – quis saber o pai. – O que aconteceu?

– Índios – respondeu Johnson.

– Parece marca de mordida – falou Edward, seu irmão mais novo.

– Como assim? O índio mordeu sua boca? Estava tentando beijá-lo?

– Eles são selvagens e imprevisíveis – explicou Johnson.

– Beijado por um índio! Beijado por um índio! – gargalhou Edward, aplaudindo a situação.

Johnson arregaçou a perna da calça e mostrou à família a cicatriz deixada pela flecha que o atingira na altura das canelas. Mostrou também o toco de haste que havia trazido como recordação, mas achou por bem não dar muitos detalhes, assim como preferiu não dizer nada sobre Emily Williams (ou Miranda Lapham ou quem quer que fosse a garota). Mas contou sobre Sapo e Vento Brando, os companheiros que fora obrigado a enterrar com as próprias mãos. Edward começou a chorar e subiu para o quarto.

– Que bom tê-lo de volta, filho – disse o pai, subitamente envelhecido.

AS AULAS JÁ HAVIAM começado em Yale, mas o reitor permitiu que Johnson se matriculasse assim mesmo. Johnson, por sua vez, não perdeu a oportunidade de causar um impacto dramático nos colegas: vestiu suas roupas de explorador, enfiou o revólver na cintura, e foi assim que entrou no refeitório da universidade.

O silêncio foi total. Até que alguém gritou:

– É Johnson! É William Johnson!

Ele caminhou até a mesa de Harold Marlin, que almoçava na companhia dos amigos. Na sua melhor voz de pistoleiro, disse:

– Acho que temos contas a acertar.

– Muito elegante o seu figurino. – Marlin riu. – Depois me passe o endereço do alfaiate, por favor.

Johnson não disse nada.

– Devo depreender que o caubói aí teve muitas aventuras no Oeste selvagem? – prosseguiu o outro, alto o suficiente para que todos ouvissem. – Ou que matou um monte de gente como nos folhetins de meia-pataca?

– É isso mesmo que você deve depreender – afirmou Johnson.

O sorrisinho de sarcasmo foi se apagando lentamente do rosto de Marlin. Ele não sabia ao certo como interpretar o que acabara de ouvir.

– Como eu disse antes – insistiu Johnson –, temos contas a acertar.

– Não tenho conta nenhuma a acertar com você, meu caro. Se bem me lembro dos termos de nossa aposta, você deveria acompanhar o professor Marsh na expedição dele, mas todos aqui sabem que foi expulso do grupo como um escroque, um patife.

Num gesto único e rápido, Johnson ergueu o colega pelo colarinho e jogou-o contra a parede mais próxima.

– Seu almofadinha arrogante! – rugiu. – Ou você diz que vai pagar os mil dólares que me deve ou racho sua cabeça oca ao meio!

Marlin mal conseguia respirar. Notando a cicatriz na boca de Johnson, disse:

– Nem sei mais quem você é.

– Mas continua me devendo. Agora diga bem alto que é para todo mundo ouvir: o que você pretende fazer?

– Pagar os mil dólares que devo...

– Mais alto.

– *Pagar os mil dólares que devo!*

Todos no refeitório gargalharam. Johnson deixou o colega cair no chão feito um saco de batatas e foi embora.

OTHNIEL MARSH morava sozinho na mansão que construía no alto de uma colina nas imediações de New Haven. Ao subir essa colina, Johnson teve uma boa medida da vida solitária que o homem levava e compreendeu a necessidade que ele tinha de aprovação e reconhecimento público. Ao entrar na casa, foi conduzido até o escritório, onde Marsh trabalhava num ensaio que estava escrevendo.

– Mandou me chamar, professor?

Marsh fulminou-o com o olhar.

– Onde eles estão?

– Os fósseis? É disso que o senhor está falando?

– *Claro* que é disso que estou falando! Onde eles estão?

Johnson não precisou desviar o olhar. Já não tinha medo de Othniel Marsh.

– Os fósseis estão com o professor Cope na Filadélfia. Todos eles.

– É verdade que vocês encontraram os ossos de um dinossauro ainda não catalogado? Um espécime de dimensões gigantescas?

– Não cabe a mim dizer, professor.

– Quanta ingenuidade, quanta burrice... – falou Marsh. – Você jogou no lixo a única oportunidade que tinha de entrar para a história da ciência! Cope não vai publicar nada; mas, se publicar, fará de um modo tão superficial e tão cheio de incorreções que ninguém na comunidade científica lhe dará crédito. Você deveria ter trazido aqueles fósseis para Yale, onde seriam estudados com o devido rigor. Você é um tolo, Johnson, traiu a sua própria instituição.

– É só isso, professor?

– Sim – respondeu Marsh. E em seguida acrescentou: – Só mais uma coisa.

– Pois não, professor.

– Imagino que você não possa pegar aqueles ossos de volta... Ou será que pode?

– Não, não posso, professor.

– Então está tudo perdido. Tudo perdido – suspirou Marsh, voltando aos seus escritos, a caneta arranhando o papel.

Johnson saiu do cômodo. A caminho da porta, passou pelo esqueleto diminuto de um *Eohippus*, um cavalo do período Cretáceo. Uma bela montagem, os ossos no mais perfeito estado. Por algum motivo, Johnson se entristeceu. Deu as costas para o animal pré-histórico e voltou apressado para o campus da universidade.

Adendo

COPE

Edward Drinker Cope morreu pobre em 1897, na Filadélfia, depois de gastar todo o patrimônio da família, e toda a sua energia, em disputas com Marsh. Ainda era relativamente novo, tinha apenas 56 anos, mas pôde ver o primeiro esqueleto de brontossauro montado no Peabody Museum de Yale. Com um acervo de mais de 1.400 publicações, é responsável pela descoberta e pela catalogação de mais de mil espécies vertebradas e mais de cinquenta tipos de dinossauros. A um desses últimos ele deu o nome de *Anisonchus cophater*, em homenagem, segundo ele mesmo disse, aos vários “Cope *haters*”, ou “pessoas que odeiam Cope”, a seu redor. Doou seu corpo à ciência e, fiel à crença de que o tamanho do cérebro era um determinante da inteligência, deixou instruções para que o seu fosse comparado ao de Marsh, que não aceitou o desafio.

MARSH

Othniel Charles Marsh morreu dois anos depois de Cope, sozinho e amargurado na casa que construía para si. Foi enterrado no cemitério de New Haven, Connecticut. Com a ajuda de sua equipe de caçadores de fósseis, descobriu cerca de quinhentos animais diferentes, entre eles, oitenta dinossauros que catalogou com o próprio nome.

EARP

Wyatt Earp morreu em 13 de janeiro de 1929, num casebre alugado próximo ao cruzamento das avenidas Venice e Crenshaw, em Los Angeles, após ter atuado em algumas películas do cinema mudo e vendido para a Columbia Pictures os direitos sobre a sua biografia.

No final da vida, foi bastante influenciado pelas vontades de sua mulher, Josie. Dois anos antes de morrer, contou toda a verdade sobre sua história (ou parte dela) a Stuart N. Lake, um escritor de Pasadena. Publicado sob o título de *Wyatt Earp, Frontier Marshall*, o livro de Lake causou grande impacto e serviu para sedimentar a fama que desde então cerca o nome de Earp.

STERNBERG

Charles Hazelius Sternberg tornou-se um célebre colecionador de fósseis e paleontólogo amador. Escreveu sobre as experiências que teve com Cope e ainda trabalhava para o professor quando este morreu; soube do falecimento apenas três dias depois, mediante um telegrama enviado pessoalmente pela viúva. Escreveu dois livros: *The Life of a Fossil Hunter* (1909) e *Hunting Dinosaurs in the Badlands of the Red Deer River, Alberta, Canada* (1917). Foi responsável pela descoberta do *Monoclonius*, o popular “dinossauro chifrudo”. Segundo ele, foi Cope quem disse: “Não faz sentido alguém dizer que nos ama se ao mesmo tempo destrói a nossa obra; não faz sentido dizermos que amamos a Deus se destruimos, desgovernadamente, a sua obra.” Os fósseis colecionados por Sternberg estão hoje em exibição em museus de todo o mundo.

Nota do autor

“A biografia empresta à morte um novo terror”, disse Oscar Wilde. Mesmo numa obra de ficção sobre indivíduos há muito falecidos, o pensamento do escritor irlandês continua válido.

Os leitores com pouca intimidade com esse período da história americana talvez se interessem em saber que os professores Marsh e Cope foram pessoas reais, e que a rivalidade entre eles foi descrita aqui sem nenhum exagero, ou até com alguma moderação, já que, diante dos padrões atuais, poucos acreditariam no caráter *ad hominem* que as discussões científicas costumavam tomar no século XIX.

Cope realmente foi para as Badlands de Montana em 1876, onde descobriu os dentes de um brontossauro, mais ou menos como está no livro.*

* Em *The Life of a Fossil Hunter* (as memórias que escreveu em 1909), Charles H. Sternberg atribui a descoberta dos brontossauros a Cope. Outros a atribuem a Marsh.

Os dez anos de antagonismo entre Cope e Marsh foram aqui condensados em apenas um verão, e não sem algumas mudanças: foi Marsh, por exemplo, quem fabricou o falso crânio para que Cope o encontrasse. Mas é verdade que em diversas ocasiões os funcionários dos dois paleontólogos trocaram tiros entre si, muito menos ingenuamente do que sugerimos nesta história.

O personagem de William Johnson é totalmente fictício. Não seria sensato ler este livro como um romance histórico. Os que quiserem história, podem ler *The Life of a Fossil Hunter*,

no qual Charles Sternberg faz um detalhado relato sobre a expedição de Cope às Badlands de Montana.

E que fique aqui registrada a minha gratidão a E. H. Colbert, eminente paleontólogo e curador do Museu Americano de História Natural, não só por ter chamado minha atenção para a história de Marsh e Cope, mas por ter sugerido, numa de suas cartas sempre tão gentis, que eu escrevesse sobre ela. Também foi Colbert quem me apresentou a seus próprios livros.

Por fim, os leitores que, como eu, têm o hábito de examinar coletâneas de fotografias, devem ler com bastante critério o que vem escrito abaixo delas. Há por aí uma nova fornada de livros sobre a colonização do Oeste americano cujas fotos são legítimas, mas os textos explicativos muitas vezes não condizem com a verdade dos fatos: falam de uma realidade triste e árdua, mas essencialmente anacrônica. Cidades como Deadwood podem parecer deprimentes aos olhos de hoje, mas na época eram lugares fervilhantes e animados. Com frequência, os redatores das legendas se deixam levar pela própria ideia fantasiosa que têm da realidade fotografada.

Todos os eventos de 1876 ocorreram como foram narrados aqui, exceto pelos seguintes fatos: Marsh não foi para o Oeste nesse ano (embora tenha ido nos seis anteriores, em 1876 ficou em New Haven para se encontrar com o biólogo inglês T. H. Huxley); todos os fósseis de Cope voltaram em segurança em um vapor tomado em Missouri e ninguém ficou em Deadwood; Robert Louis Stevenson só iria para o Oeste no ano de 1879. Mas as descrições das Guerras Indígenas infelizmente são verídicas e, revendo os fatos com um distanciamento de mais de cem anos, é razoável dizer que o Oeste descrito nestas páginas, assim como o mundo dos dinossauros, não tardaria a evaporar do mundo.

Posfácio

Michael entregou-se a seu ofício com uma dedicação sem limites: ao longo de uma carreira de aproximadamente 40 anos, escreveu 32 livros que inspiraram diversas adaptações para o cinema. Ele próprio, na qualidade de diretor, roteirista e produtor, criou inúmeros programas e filmes icônicos para a televisão. Estava sempre trabalhando; não no seu próximo projeto, mas nos seus próximos projetos, assim mesmo, no plural. Vivia lendo, recortando os artigos que achava interessantes, reunindo material para um novo trabalho, ora observando o passado ou o presente, ora refletindo sobre o futuro. Adorava contar histórias que mesclavam realidade e conjectura. Não há quem termine um livro seu e não fique com uma sensação de “quero mais”; não há quem veja um de seus filmes ou programas de televisão e não se sinta mais inteligente depois. Porque o trabalho de Michael é tão bem fundamentado em pesquisas que, para nós, leitores ou espectadores, é fácil acreditar que, sim, talvez seja possível trazer os dinossauros de volta mediante uma amostra de DNA encontrada num mosquito bem preservado, ou que nanorrobôs possam desenvolver inteligência própria e se voltar deliberadamente contra seus criadores humanos ou o universo em geral.

A obra de Michael é mais relevante e atual do que nunca, como demonstra o sucesso estrondoso tanto da franquia *Jurassic Park* quanto da adaptação de *Westworld*, realizada pela HBO.

Preservar o legado de Michael tem sido minha missão desde o seu falecimento. Ao organizar os seus arquivos, logo percebi que era possível localizar o nascimento deste livro numa carta escrita em 1974 para o curador do departamento de paleontologia de vertebrados do Museu Americano de História Natural. Ao ler este manuscrito, vi que se tratava de “puro Crichton”. Ali estavam a voz de Michael, o amor que ele tinha pela história, as pesquisas, a

mistura perfeita de ciência com ficção. Lá se vão 40 anos desde que ele teve a ideia de escrever sobre os perigos e aventuras dos primórdios da paleontologia, mas a história continua tão interessante e atual quanto na época. *Dentes de dragão* foi um livro importante na sua obra, o precursor de todas as outras “histórias de dinossauro”, e sua publicação é uma oportunidade maravilhosa não só de apresentar Michael às novas gerações de leitores no mundo todo, como também de presentear seus fãs inveterados.

Publicar esta obra foi um trabalho de amor, e eu gostaria de agradecer a contribuição das seguintes pessoas: Laurent Bouzereau, meu parceiro de criação; Jonathan Burnham, Jennifer Barth e toda a equipe da Harper; Jennifer Joel e Sloan Harris, da ICM Partners; a extraordinária equipe da Michael Crichton Archives; Michael S. Sherman e Page Jenkins; e, claro, nosso adorador filho, John Michael Crichton Jr.

— SHERRI CRICHTON

Bibliografia

- Barnett, Leroy. "Ghastly Harvest: Montana's Trade in Buffalo Bones". *Montana: The Magazine of Western History*, vol. 25, n. 3 (verão, 1975): 2-13.
- Barton, D. R. "Middlemen of the Dinosaur Resurrection: The 'Jimmy Valentines' of Science". *Natural History* (maio, 1938): 385-87.
- _____. "The Story of a Pioneer 'Bone-Setter'." *Natural History* (março, 1938): 224-27.
- Colbert, Edwin H. "Battle of the Bones. Cope & Marsh, the Paleontological Antagonists". *Geo Times*, vol. 2, n. 4 (outubro, 1957): 6-7,14.
- _____. *Men and Dinosaurs: The Search in Field and Laboratory*. Nova York: Dutton, 1968.
- _____. *Dinosaurs: Their Discovery and Their World*. Nova York: Dutton, 1961.
- Connell, Evan. *Son of the Morning Star: Custer and the Little Big Horn*. Berkeley, Califórnia: North Point Press, 1984.
- Dippie, Brian W. "Bold but Wasting Race: Stereotypes and American Indian Policy". *Montana: The Magazine of Western History*, vol. 25, n. 3 (verão, 1975): 2-13.
- Eiseley, Loren. *The Immense Journey: An Imaginative Naturalist Explores the Mysteries of Man and Nature*. Nova York: Vintage Books, 1959.
- Fisher, David. "The Time They Postponed Doomsday". *New Scientist* (junho, 1985): 39-43.
- Grinnell, George Bird. "An Old-Time Bone Hunt." *Natural History* (julho-agosto, 1923): 329-36.
- Hanson, Stephen e Hanson, Patricia. "The Last Days of Wyatt Earp." *Los Angeles Magazine* (março, 1985): 118-26.
- Howard, Robert West. *The Dawnseekers: The First History of American Paleontology*. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1975.

- Jeffery, David. "Fossils: Annals of Life Written in Rock". *National Geographic*, vol. 168, n. 2 (agosto, 1985): 182-91.
- Josephson, Matthew. *The Robber Barons: The Great American Capitalists 1861-1901*. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1934.
- Lake, Stuart. *Wyatt Earp: Frontier Marshall*. Nova York: Houghton Mifflin Company, 1931.
- Lanham, Url. *The Bone Hunters*. Nova York: Columbia University Press, 1973.
- Marsh, Othniel Charles. "The Dinosaurs of North America". *Annual Report of U.S. Geological Survey* (janeiro, 1896).
- Mathew, W. D. "Early Days of Fossil Hunting in High Plains". *Natural History* (setembro-outubro, 1926): 449-54.
- Mountfield, David. *The Railway Barons*. Nova York: W. W. Norton, 1979.
- Nield, Ted. "Sticks, Stones and Broken Bones". *New Scientist* (dezembro, 1985): 64-67.
- O'Connor, Richard. *Iron Wheels and Broken Men*. Nova York: Putnam, 1973.
- Osborn, Henry Fairfield. *Cope: Master Naturalist: The Life and Letters of Edward Drinker Cope*. Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 1931.
- Ostrom, John H. e McIntosh, J. S. *Marsh's Dinosaurs*. New Haven, Connecticut: Yale University Press, 1966.
- Parker, Watson. *Gold in the Black Hills*. Norman: University of Oklahoma Press, 1966.
- Plate, Robert. *The Dinosaur Hunters: Othniel C. Marsh and Edward D. Cope*. Nova York: D. McKay Co., 1964.
- Reinhardt, Richard. *Out West on the Overland Train*. Nova Jersey: Castle Books, 1967.
- Rice, Larry. "Badlands." *Adventure Travel* (julho-agosto, 1981): 38-44.
- _____. "The Great Northern Plains". *Backpacker* (maio, 1986): 48-52.
- Romer, A. S. "Cope Versus Marsh". *Systemic Zoology*, vol. 13, n. 4 (1964): 201-7.
- Scott, Douglas D. e Connor, Melissa A. "Post-mortem at the Little Bighorn". *Natural History* (junho, 1986): 46-55.
- Shor, Betty. *The Fossil Feud Between E. D. Cope and O. C. Marsh*. Hicksville, Nova York: Exposition Press, 1974.
- Stein, Ross S. e Bucknam, Robert C. "Quake Replay in the Great Basin". *Natural History* (junho, 1986): 28-36.
- Sternberg, Charles H. *The Life of a Fossil Hunter*. Nova York: Henry Holt and Company, 1909.
- Taft, Robert. *Photography and the American Scene*. Nova York: Dover Publications Inc., 1964.
- West, Linda e Chure, Dan. *Dinosaur: The Dinosaur National Monument Quarry*. Jensen, Utah: Dinosaur Nature Association, 1984.

Wolf, Daniel. *The American Space*. Middletown, Connecticut: Wesleyan University Press, 1983.

Sobre o autor



MICHAEL CRICHTON (1942-2008) foi um escritor, roteirista, diretor de cinema, produtor e médico americano, mais conhecido por seu trabalho nos gêneros ficção científica, ficção médica e thriller. Escreveu, entre outros tantos títulos, *O enigma de Andrômeda*, *O grande roubo do trem*, *Jurassic Park*, *Revelação*, *Presa*, *Estado de medo* e *Next*. Seus livros venderam mais de 200 milhões de exemplares no mundo todo, foram traduzidos para 38 idiomas e inspiraram 15 longas-metragens.

Crichton atuou como diretor nos filmes *Westworld – Onde ninguém tem alma*, *Coma*, *O primeiro assalto de trem* e *O domínio do olhar*, entre outros. Foi o criador da série televisiva *E.R.* e o único autor a ter um livro, um filme e uma série de TV no primeiro lugar de vendas e audiência em um mesmo ano.

Dentes de dragão foi descoberto pela mulher de Crichton nos arquivos dele após sua morte, e ela logo o identificou como “puro Crichton”.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



Sumário

[Créditos](#)

[Introdução](#)

[PARTE I – A expedição para o oeste](#)

[O jovem Johnson parte numa expedição para o Oeste](#)

[Marsh](#)

[Aprendendo a fotografar](#)

[Filadélfia](#)

[“Pronto para escavar em nome de Yale?”](#)

[Chicago](#)

[A caminho do Oeste](#)

[O Oeste](#)

[Uma noite em Cheyenne](#)

[Manhã em Cheyenne](#)

[A expedição de Cope](#)

[No Oeste com Cope](#)

[Fort Benton](#)

[PARTE II – O mundo perdido](#)

[Noite nas planícies](#)

[Incidentes nas planícies](#)

[As Badlands](#)

[O povoado indígena](#)

[A terra dos ossos](#)

[Em torno do fogo](#)

[Água ruim](#)

[O jantar de Cope e Marsh](#)

[“Durmam armados esta noite, rapazes!”](#)

[Levantando acampamento](#)

[Os dentes](#)

[Em torno da fogueira](#)

[Saindo das Badlands](#)

[PARTE III – Dentes de dragão](#)

[Nas planícies](#)

[Nas Badlands](#)

[Deadwood](#)

[A vida em Deadwood](#)

[Black Hills Art Gallery](#)

[A chegada do Exército](#)

[O último dia em Deadwood](#)

[O dia seguinte em Deadwood](#)

[Emily](#)

[A novidade de Emily](#)

[Transferindo os ossos](#)

[O duelo](#)

[A viagem para Cheyenne](#)

[O segundo ataque](#)

[Red Canyon](#)

[Fort Laramie](#)

[Os ossos vendidos em Laramie](#)

[Cheyenne](#)

[Quatro encontros](#)

[Adendo](#)

[Nota do autor](#)

[Posfácio](#)

[Bibliografia](#)

[Sobre o autor](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)

Pode o amor resistir
às mais duras provocações?

Da autora
de **DESEJO
PROIBIDO**

eternamente
 você

SOPHIE JACKSON



Eternamente você

Jackson, Sophie

9788580414820

80 páginas

[Compre agora e leia](#)

Eternamente você é um e-book gratuito que se passa entre os livros 1 e 2 da trilogia que se iniciou com Desejo proibido. Quando conheceu o arrogante presidiário Wesley Carter em Desejo proibido, a professora Kat Lane sentiu um misto de atração e ódio. Mas, à medida que o relacionamento entre eles se intensificou, ela descobriu um novo lado de seu aluno e se apaixonou por ele. Agora os dois resolvem se casar, mas a mãe de Kat não fica nem um pouco satisfeita com a notícia do noivado. Além disso, Carter acaba de assumir a presidência da empresa da família, uma grande responsabilidade em sua nova vida fora da prisão, e precisa apoiar seu melhor amigo, que não consegue se livrar das drogas. Equilibrar problemas pessoais, da família e de um negócio de bilhões de dólares não deixa muito tempo para o casal aproveitar a vida a dois. Em meio a esse turbilhão, será que Carter e Kat vão conseguir manter a chama da paixão acesa?

[Compre agora e leia](#)

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

OUTLANDER

UM SOPRO DE NEVE E CINZAS

LIVRO SEIS

DIANA GABALDON



Outlander, um Sopro de neve e cinzas

Gabaldon, Diana

9788580418064

1168 páginas

[Compre agora e leia](#)

América, 1772. Poucos anos antes da guerra de independência, o caos reina na colônia. Cadáveres espalham-se pelas ruas, vizinhos lutam entre si e grupos de salteadores aterrorizam a população por toda parte. Na Carolina do Norte, o incêndio de uma cabana e o assassinato de uma família inteira anunciam mudanças perturbadoras no cotidiano dos habitantes da Cordilheira dos Frasers. Nesse cenário, Jamie Fraser recebe uma mensagem do governador Josiah Martin. Ele pede sua ajuda para conter os rebeldes e manter o domínio da Coroa britânica sobre as terras americanas. Mas Jamie já sabe o que está por vir. Sua esposa Claire, uma viajante no tempo nascida no século XX, conhece perfeitamente o destino reservado aos súditos leais do rei da Inglaterra: exílio ou morte. Além disso, Claire surge com uma nota de jornal de 1776 que relata a morte dos dois num incêndio. Pela primeira vez, Jamie espera que ela esteja errada sobre o futuro. Em meio às tensões, é chegado o momento de fazer uma escolha difícil, porém inadiável. À medida que se formam as linhas de combate e lealdades são testadas, Jamie e Claire sentirão na pele que absolutamente ninguém está seguro nesse novo país. "Triunfal... A maneira como Diana Gabaldon faz uso dos detalhes históricos e sua representação de uma história de amor verdadeiramente madura a confirmam entre os grandes autores do gênero." – Publishers Weekly "Uma série cultuada, um fenômeno editorial." – Kitchener-Waterloo Record

[Compre agora e leia](#)



OS BRIDGERTONS — 9

Julia Quinn

E VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE



E Viveram Felizes para Sempre

Quinn, Julia

9788580416381

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Julia Quinn tem um toque inteligente e divertido." – Time Alguns finais são apenas o começo... Era uma vez uma família criada por uma autora de romances históricos... Mas não era uma família comum. Oito irmãos e irmãs, seus maridos e esposas, filhos e filhas, sobrinhas e sobrinhos, além de uma irresistível matriarca. Esses são os Bridgertons: mais que uma família, uma força da natureza. Ao longo de oito romances que foram sucesso de vendas, os leitores riram, choraram e se apaixonaram. Só que eles queriam mais. Então começaram a questionar a autora: O que aconteceu depois? Simon leu as cartas deixadas pelo pai? Francesca e Michael tiveram filhos? O que foi feito dos terríveis enteados de Eloise? Hyacinth finalmente encontrou os diamantes? A última página de um livro realmente tem que ser o fim da história? Julia Quinn acha que não e, em *E viveram felizes para sempre*, oferece oito epílogos extras, todos sensuais, engraçados e reconfortantes, e responde aos anseios dos leitores trazendo, ainda, um drama inesperado, um final feliz para um personagem muito merecedor e um delicioso conto no qual ficamos conhecendo melhor ninguém menos que a sábia e espirituosa matriarca Violet Bridgerton. Veja como tudo começou e descubra o que veio depois do fim desta série que encantou leitores no mundo inteiro.

[Compre agora e leia](#)

Julia Quinn
MAIS FORTE
QUE O SOL

Irmsã Lyndon
2



Mais forte que o sol

Quinn, Julia

9788580418002

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando Charles Wycombe, o irresistível conde de Billington, cai de uma árvore – literalmente aos pés de Ellie Lyndon –, nenhum dos dois suspeita que esse encontro atrapalhado possa acabar em casamento. Mas o conde precisa se casar antes de completar 30 anos, do contrário perderá sua fortuna. Ellie, por sua vez, tem que arranjar um marido ou a noiva intrometida e detestável de seu pai escolherá qualquer um para ela. Por isso o moço alto, bonito e galanteador que surge aparentemente do nada em sua vida parece ter caído do céu. Charles e Ellie se entregam, então, a um casamento de conveniência, ela determinada a manter a independência e ele a continuar, na prática, como um homem solteiro. No entanto, a química entre os dois é avassaladora e, enquanto um beijo leva a outro, a dupla improvável descobre que seu casamento não foi tão inconveniente assim, afinal... "Julia Quinn é nossa Jane Austen contemporânea." – Jill Barnett, autora de Tudo por um beijo

[Compre agora e leia](#)



Tentação sem limites

Glines, Abbi

9788580412468

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

DA LISTA DE MAIS VENDIDOS DA REVISTA VEJA."Tentação sem limites é o tipo de história que fica na cabeça do leitor. É cativante, sedutor e nos deixa com gostinho de quero mais." – The Autumn Review A vida de Blaire Wynn não foi nada fácil. Sua irmã gêmea morreu muito cedo, seu ex-namorado e melhor amigo a traiu e ela precisou cuidar da mãe doente até o último dia de sua vida. Depois de tanto sofrimento, o que ainda seria capaz de machucá-la? O terrível segredo de Rush Finlay. Depois de se apaixonar perdidamente por ele, Blaire descobriu algo cruel que destruiu para sempre o mundo que conhecia. Agora ela está mais sozinha do que nunca e precisa recomeçar a vida longe de todos que a feriram. O único problema é que não consegue deixar de amá-lo. Rush Finlay também não sabe o que fazer. Apesar das tentativas dos amigos e da família para animá-lo, o rapaz segue desolado. Ele já não quer saber da vida que levava, regada a festas, bebidas e mulheres. É atormentado pelas lembranças de um sentimento que jamais imaginara que fosse conhecer e que não pôde ser vivido plenamente. Nem Rush nem Blaire imaginavam que seus universos pudessem se transformar de forma tão radical. Porém, a maior reviravolta das suas vidas ainda está por vir. E ela será tão intensa que obrigará Blaire a engolir o orgulho, voltar a Rosemary, na Flórida, e enfrentar seus inimigos. Rush por sua vez, terá que lutar para consertar seus erros e se provar digno da confiança e do amor dela.

[Compre agora e leia](#)